

"Desde o primeiro linha até o final maravilhoso, *A garota na neve* é um thriller angustiante com um ritmo perfeito."

PAULA HAWKINS, autora de *A garota no trem*

A GAROTA NA NEVE

DANYA KUKAFKA



Harper
Collins



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



DANYA KUKAFKA

A
GAROTA
NA
NEVE

Tradução
Alice Klesck



Rio de Janeiro, 2022

Copyright © 2017 por Danya Kukafka. Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © 2022 por Casa dos Livros Editora LTDA.

Título original: *Girl in snow*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Victor Almeida*

Assistência editorial: *Anna Clara Gonçalves e Camila Carneiro*

Copidesque: *Anna Beatriz Seilhe*

Revisão: *Thaís Carvas*

Capa: *David Litman*

Adaptação de capa: *Julio Moreira [Equatorium]*

Crédito de imagem de capa: *David Aaron Troy*

Diagramação: *Abreu's System*

Conversão para ePub: *SCALT Soluções Editoriais*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kukafka, Danya

A garota na neve / Danya Kukafka ; tradução Alice Klesck. — Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2022.

Título original: *Girl in snow*

ISBN 978-65-5511-245-0

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana I. Título.
21-87223

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro
Rio de Janeiro, RJ – CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.harpercollins.com.br

Para Doris Kukafka

SUMÁRIO

Primeiro dia

Segundo dia

Terceiro dia

Semanas depois

Agradecimentos

Sobre a autora

PRIMEIRO DIA

QUARTA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 2005

Cameron

QUANDO CONTARAM QUE LUCINDA Hayes estava morta, Cameron pensou nas clavículas dela, na forma como elas emolduravam sua coluna nua, como um par de pulmões estáticos.

Uma reunião foi convocada.

Os professores cochichavam junto à parede dos fundos do ginásio, olhando os relógios e esticando os pescoços. Cameron estava sentado ao lado de Ronnie, num canto superior das arquibancadas. Roía as unhas e observava a movimentação de pessoas. A cutícula de seu dedo mindinho, já rachado e seco, começou a sangrar.

— Você acha que isso é pra quê? — perguntou Ronnie, que nunca escovava os dentes ao acordar. Espinhas cheias de pus pontuavam os cantos de sua boca. Cameron se recostou, se afastando.

O diretor, sr. Barnes, estava em pé, na tribuna, no centro da quadra, endireitando o paletó. A turma do nono ano, espalhada em grupinhos, estourava bolas de chiclete e ria, apoiando suas mochilas nos colos e rangendo as solas dos tênis coloridos no chão do ginásio.

— Todos conseguem me ouvir? — perguntou o diretor, segurando a tribuna. Ele usou a manga para limpar um filete de suor da testa e fechou os olhos com força. — A Jefferson High está passando por uma tragédia.

Ontem à noite, fomos obrigados a nos despedir de uma de nossas alunas mais talentosas. É com grande pesar que informo o falecimento de sua colega de classe, a srta. Lucinda Hayes.

O microfone chiou, crepitou.

Nos dias que se seguiram, Cameron se lembraria desse momento como o instante em que ele a perdera. O zunido das luzes fluorescentes do teto criou um ritmo em compasso com os sussurros que surgiram por toda parte. Se aquele instante fosse uma canção, pensou Cameron, seria uma canção tranquila — o tipo de canção que o afoga em sua própria tristeza. Seria surpreendente e delicada. Ela caía, estilhaçava, e Cameron só conseguia sentir o peso dessa melodia, dessa canção, que parecia igualmente devastadora e suave.

— Porra — sussurrou Ronnie.

A canção estava aumentando, aumentando, numa onda contínua.

Cameron levou mais de seis segundos para notar que ninguém tinha rosto.

Ele se debruçou na beirada da arquibancada e vomitou por cima das grades.



Ontem à noite:

Olhos castanhos olhando para o gramado lá fora. Uma mão rosada espalmada na tela da janela do quarto de Lucinda. As nuvens acima, deslocando-se depressa, num lençol cinzento estendido por cima da camurça da meia-noite.



— A enfermeira falou que você vomitou — disse a mãe de Cameron quando foi buscá-lo, mais tarde, naquele dia.

Ele empurrava farelos de biscoitos do carpete da minivan com a lateral da bota de neve, formando montinhos. A mãe deu um gole no café de sua

caneca térmica.

Depois do drama inicial, todos se reuniram do lado de fora do ginásio para especular. Os meninos do beisebol disseram que ela tinha sido estuprada. As garotas babacas falaram que ela tinha se matado. Ronnie concordava. *Ela deve ter se matado, não acha? Estava sempre escrevendo naquele diário. Aposto que deixou um bilhete. Cara, você está vomitando no meu tênis, porra.*

— Cameron... — A mãe tentou, novamente, três ruas depois, usando aquela voz de compaixão. Falando com aquela voz indulgente que Cameron odiava, que saía da garganta dela em jatos açucarados. Ele detestava imaginar a própria tristeza passando pra ela. A mãe não merecia. — Sei que é difícil. Isso não deveria acontecer com gente da sua idade, ainda mais com meninas como a Lucinda.

— Mãe. Para.

Cameron encostou a testa na janela embaçada. Ficou imaginando se a marca da testa era como uma digital. Provavelmente era menos identificável, porque as testas não são necessariamente diferentes de uma pessoa para a outra, a menos que você olhasse a marca em nível microscópico... E será que desperdiçariam tempo com isso?

Ele ficou imaginando como seria beijar alguém através de um vidro. Uma vez, ele tinha assistido a um filme sobre um cara que beijava a esposa através do vidro, na janela de uma sala de visitação, numa cadeia, e ficou imaginando se era a sensação de um beijo de verdade. Ele achava que um beijo tinha mais a ver com a intenção do que o ato, portanto, não fazia muita diferença se a saliva encontrasse o vidro, ou a saliva de outra pessoa.

Já que estava pensando em lábios, ele estava pensando em Lucinda Hayes e se odiando, porque Lucinda Hayes estava morta.

Quando chegaram em casa, a mãe o sentou no sofá. Ligou a televisão. *Pra distrair a cabeça dele.* Esvaziou uma lata de canja de galinha numa tigela, mas a voz do apresentador do jornal retumbava acima do barulho do micro-ondas.

— Uma tragédia recaiu sobre o nordeste do Colorado esta manhã. O corpo de uma menina de quinze anos foi encontrado no playground da

Jefferson High. A vítima foi identificada como Lucinda Hayes, aluna do primeiro ano do ensino médio. O funcionário que fez a descoberta horrenda não quis comentar o assunto. A investigação será conduzida pelo tenente Timothy Gonzalez, da Delegacia de Polícia de Broomsville. Pede-se para a população denunciar qualquer comportamento suspeito.

A foto da sorridente Lucinda, tirada para o anuário do ano anterior, surge no canto da tela do televisor, com seu rosto inexpressivo e pixelado. O controle remoto escapa da mão de Cameron e cai na mesa de centro — a tampa salta, as três pilhas AAA rolam ruidosamente pela mesa e caem no tapete.

— Cameron? — chama a mãe da cozinha.

Ele conhecia o parque da escola de ensino fundamental, no fim do quarteirão. Ficava logo atrás do contorno sem saída, no fim da rua deles, na metade do caminho entre a casa dele e a de Lucinda.

Antes que a mãe pudesse alcançá-lo, Cameron estava cambaleando pelo corredor, abrindo a porta de seu quarto. Ele nem se deu ao trabalho de acender a luz — já estava tirando os lençóis da cama, puxando seu caderno de desenho e os lápis de carvão, a borracha amassada, tirando tudo de seu esconderijo debaixo do colchão.

Foi arrancando as folhas do caderno, uma a uma, espalhando-as em círculo pelo chão, em volta da cama. Seus olhos levaram um momento para se acostumarem à escuridão do quarto, mas, quando enxergou direito, ele estava cercado por Lucinda Hayes.

Na maioria dos desenhos, ela estava feliz. Na maioria dos desenhos, estava ensolarado e um dos lados do rosto dela era mais claro que o outro. O esquerdo, sempre o esquerdo. Na maioria dos desenhos, ela estava sorrindo inteiramente — não como no anuário, onde o fotógrafo a clicou antes que ela pudesse ser ela mesma.

O rosto de Lucinda era fácil de desenhar de memória. As maçãs de seu rosto eram altas e iluminadas. As rugas perto de sua boca lhe davam uma aparência de felicidade natural. Seus cílios eram grossos e curvos, portanto, se Cameron desenhasse o formato de seus olhos, ou os posicionasse muito abaixo da linha da sobrancelha, ainda dava pra ver que era Lucinda. Na

maioria dos desenhos, ela estava com a boca aberta, rindo; dava pra ver a fresta entre seus dentes da frente. Cameron adorava aquela fresta. Era um vão que a despia.

Ele pressionou os olhos sobre os joelhos. Não conseguia olhar para Lucinda assim, porque tinha perdido suas partes mais importantes: a forma como suas pernas flutuavam quando ela corria, por causa de todos aqueles anos de balé. Como seu cabelo ficava frisado na frente, quando ela caminhava para a casa, no calor. O jeito como se sentava junto à mesa da cozinha, depois da escola, ouvindo música em seu aparelhinho de MP3 rosa brilhante, tamborilando no mármore, com as unhas pintadas de branco. Ele sempre imaginou que ela ouvia músicas antigas, por achar que combinavam com ela. *Toda bonitinha*. Cameron tinha perdido o jeito como ela estreitava os olhos quando não conseguia enxergar o quadro, na sala de aula, as rugas nos cantos de seus olhos, como persianas plásticas que ela abria para deixar entrar a luz do sol.

Ele já não podia olhar mais para Lucinda assim, porque agora ela estava morta e ele só tinha coisas inúteis — uma íris borrada de lápis-carvão. Um dedo mindinho desenhado rapidamente, que saiu fino demais.

— Ai, meu Deus, Cam. — A mãe sussurrou da porta. — Meu Deus.

A mãe dele ficou ali, em pé, com as mãos no portal, olhando seu círculo de desenhos, parecendo prestes a desabar. Seu suéter rosa listrado parecia falso e triste, e Cameron queria fundi-la a ele para que não parecesse tão velha. A forma como as mãos da mãe agarravam o portal fez Cameron se lembrar de quando era pequeno e a mãe fazia balé no porão. Ela usava o parapeito sujo da janela como barra e colocava suas fitas de Mozart no tocafitas. Sussurrava consigo mesma. *E um e dois e três e quatro. Jeté, jeté, pás de bourrée*. Cameron olhava por entre a grade da escada que levava ao porão. Sua velha coluna nunca ficava ereta e seus velhos dedos dos pés nunca ficavam nas pontas, e ela parecia um pássaro com um corpo de ossos quebrados. Ele ficava triste em olhá-la dançar, porque ela parecia tão frágil e tão expressiva e tão feliz e tão fragmentada, tudo ao mesmo tempo. A mãe parecia ela mesma quando dançava; ele sempre achou isso.

Cameron queria dizer à mãe que lamentava por tudo isso. Mas, pela forma horrorizada como ela olhava sua coleção de Lucinda, não conseguiu.

Ele pousou a cabeça de volta nos joelhos e ficou ali, até ter certeza de que a mãe havia saído.

Coisas que Cameron não podia pensar:

1. A arma calibre .22, no cofre, embaixo da cama da mãe.

Gandhi foi assassinado com uma Beretta M1934 — com três tiros no peito. Lincoln levou um tiro de uma pistola derringer calibre .44. Um rifle de caça .30-06 matou Martin Luther King Jr., e John Lennon foi assassinado com uma pistola calibre .38. A única pessoa famosa a ser alvejada com uma arma calibre .22 foi Ronald Reagan, que saiu muito bem desse calvário. Isso fazia com que Cameron se sentisse ligeiramente melhor; se ele ou a mãe tivessem de usar a pistola, as probabilidades de realmente matarem alguém eram menores do que, digamos, se a mãe tivesse uma 9 mm.

2. O dr. Duncan MacDougall.

Em 1907, o dr. Duncan MacDougall alegou que a alma humana pesava 21 gramas. Cameron tinha lido essa estatística alguns anos atrás, depois que a vovó Mary morreu. Ele pensou onde estava no exato momento em que ela faleceu: na cozinha, lavando um prato com crosta de macarrão. Houvera um corpo existindo na Terra e então não havia mais — isso não precisava ser subtraído, de alguma forma? Mas depois que a vovó Mary morreu, a Terra passou a pesar menos 21 gramas e Cameron continuou a lavar a louça. Nada parecia estar mais leve.

Cameron tentava relembrar o local exato onde ele estava, ontem à noite, quando Lucinda morreu, no playground. Ele não conseguia recordar — como acontece quando você tenta se lembrar do que comeu no café da manhã e, ao tentar buscar a verdade, acaba afastando-a ainda mais e, no

fim das contas, pode ter comido panquecas ou pizza, ou uma refeição de cinco pratos, mas matutou tanto que nunca saberá.

3. Hum. Lucinda devia estar lá, agora, em pé, diante de uma porta pintada de azul, imaginando como um lugar podia trazer tanta paz.
4. As faixas de pelos translúcidos nas canelas de Lucinda, onde ela se esquecia de raspar.



Naquela tarde, antes que a mãe buscasse Cameron na escola, Ronnie e ele tinham caminhado juntos para a aula de história. Ronnie estava vestindo a mesma roupa desde a última quinta-feira: uma calça de moletom verde-floresta e uma camiseta branca amarelada nas axilas. Uma jaqueta preta de esqui enorme, com o zíper aberto. A cabeça dele sobressaía como um caixa de papelão em cima de um lápis fino.

— Cara — disse Ronnie. — Essa merda é papo bem sério.

Policiais circulavam no fim do corredor. À distância, pareciam formigas.

Cameron tinha completado quinze anos no mês anterior, mas não ia fazer aulas de direção. Ele jamais aprenderia a dirigir. Não queria correr o risco de ser parado e ter que olhar nos olhos de um policial. *Ei*, diria o policial, *você não é o filho de Lee Whitley?*

O fato de serem parecidos não ajudava muito. Cameron e o pai eram ambos magros, com braços compridos que balançavam quando caminhavam. Tinham o mesmo cabelo castanho-claro (Cameron deixou de ter, porque o pai fez um corte militar). Nariz pontudo, pele pálida, olhos castanhos. Ombros estreitos que Cameron escondia com várias versões do mesmo casaco largo com capuz. Joelhos que apontavam para dentro. Pés tímidos.

As pessoas diziam que Cameron e o pai tinham a mesma risada, mas Cameron não gostava de se lembrar disso.

Ronnie foi andando para a aula e Cameron o ignorou. Ronnie Weinberg era seu melhor amigo — seu único amigo — porque nenhum dos dois sabia

o que dizer, ou quando. Ronnie era odioso, enquanto Cameron era quieto, e ninguém falava com nenhum dos dois.

Beth DeCasio, melhor amiga de Lucinda, há muito tempo havia decidido que Ronnie era fedorento e Cameron, estranho. As pessoas tendiam a acreditar nela. Uma vez, Beth disse ao sr. O, o professor favorito de Cameron, que ele era o tipo de garoto que levaria uma arma para a escola. Fora ter que lidar com todo o imbróglio que se seguiu — as entrevistas com a psicóloga da escola, as ligações que fizeram para sua mãe, as reuniões de funcionários —, Cameron teve o mesmo sonho durante quatro meses seguidos. Nele, levava uma arma para a escola e atirava em todo mundo, sem ter a intenção de fazê-lo. Mas essa não era a pior parte. No sonho, ele tinha que viver o resto de sua vida sabendo que aquelas famílias estavam lá, sentindo falta de seus filhos. A mãe teve muitas reuniões com os conselheiros da escola e, depois, voltava para casa zangada. *Infundados, nada profissionais*, dizia ela, que fazia chá para o filho e lhe garantia que ele jamais faria uma coisa dessas. Além disso, era fisicamente impossível acidentalmente atirar numa escola inteira cheia de gente.

De vez em quando, Cameron ainda pensava nisso. Não de um jeito que o fizesse querer atirar em alguém — ainda assim, ele sentia como se aquilo fosse uma toxina na corrente sanguínea.

Agora, Beth DeCasio passava na sua frente, de braços dados com Kaylee Walker e Ana Sanchez. Ela estava vestindo roxo, a cor predileta de Lucinda. Isso fez com que Cameron se lembrasse do diário de Lucinda — a capa era de camurça roxa, com uma tira elástica branca para fechar. As meninas choravam de ombros caídos, lenços de papel nas mãos.

Lucinda geralmente saía de casa entre 7h07 e 7h18. Às vezes, o pai dela tirava a manhã de folga de seu escritório de advocacia e eles iam tomar café da manhã no Golden Egg, mas isso acontecia menos de uma vez ao mês, e Cameron sempre calculava segundo as improbabilidades. Nesse momento, enquanto as amigas de Lucinda choravam diante da vitrine de troféus, ocorreu-lhe que essa manhã havia sido diferente e ele nem percebera — Lucinda não tinha descido a rua, atrás ou na frente dele. Ela não tinha

escovado os dentes, nem comido um croissant ou gritado com a mãe, ela não tinha enfiado os braços no casaco amarelo.

Cameron estava com pena de Beth, Kaylee e Ana, embora achasse que ninguém tinha o direito de ser mais triste que qualquer outra pessoa. Uma garota estava morta, uma linda garota, e isso era uma tragédia. E, de qualquer forma, alguns tipos de amor eram mais quietos que outros.

— Aposto que foi alguma coisa excêntrica que a matou — disse Ronnie, quando eles se sentaram na aula de história. — Tipo um estrangulamento, algo assim. Todo mundo está falando do ex-namorado, aquele jogador de futebol, Zap. O escroto parece gostar dessas coisas estranhas. — Ele fez um movimento de estrangulamento.

A srta. Evan colocou um filme sobre a Guerra de Cem Anos e apagou a luz.

Cameron tinha medo do escuro. Resumia-se a pensar e mudar de ideia — uma vez, ele imaginou as possibilidades que acompanhavam a escuridão absoluta, convencia-se e desconvencia-se de todos os tipos de horrores: um derrame durante o sono e a subsequente paralisia. Caminhando, sonâmbulo, até a gaveta de facas, na cozinha. Todas as coisas horrendas que o corpo pode fazer a si mesmo. Ele revolia em seu cérebro infeliz, até se exaurir e pegar no sono, ou abria a tela da janela de seu quarto e saía correndo. Nenhuma das opções ajudava muito.

— Com licença — disse uma voz rouca, da porta.

O cheiro... O pai dele tinha exatamente aquele cheiro. Cigarro, café e correntes enferrujadas.

— Podemos falar com um de seus alunos?

— É claro — concordou a srta. Evans.

— Cameron Whitley? — A silhueta do policial estava contornada na fresta de luz fluorescente que entrava do corredor. — Você precisa vir conosco.

Jade



EU TENHO UMA TEORIA: fingir choque é mais fácil que fingir tristeza. O choque é um sentimento mais básico — é apenas uma versão inflada da surpresa.

— Os detalhes foram divulgados — diz o vice-diretor. Ele enlaça as mãos, todo sério. — A vítima era aluna aqui da Jefferson High, Lucinda Hayes. A turma do nono ano está agora no auditório, onde o diretor Barnes está dando a notícia. Será realizada uma missa na sexta-feira. Haverá psicoterapeutas na secretaria. Nós incentivamos todos vocês a se manterem alerta.

Ele sai apressado da sala de aula, num farfalhar da calça cáqui.

Eu belisco o osso do meu nariz. Estou com cara de boba, mas todos estão. Metade da turma parece verdadeiramente triste — constrangedoramente triste — e a outra metade está quicando, com o tipo de divertimento proporcionado apenas por um drama desse tipo.

Imagino a expressão de choque de Zap, mas não me atrevo a virar para trás.

Zap tem um jeito próprio de se sentar. Ele reclina nas cadeiras, abre os joelhos e deixa os membros fazerem o que quiserem. Não é arrogante, ou preguiçoso. É intencional. Confortável. Zap recosta e deixa seu corpo ocupar o espaço, como se ele tivesse mandado a cadeira compor-se sob ele e ela tivesse obedecido.

Hoje, Zap está sentado na carteira quebrada de canhoto, perto da janela, três fileiras atrás. Está usando um moletom e calça de veludo cotelê com

buracos nos joelhos. A calça está curta porque Zap cresceu treze centímetros no último inverno. Seus óculos ainda estão embaçados por atravessar a Willow Square no frio gélido de fevereiro.

Sei dessas coisas sem olhar.

O restante fica por conta da minha imaginação — como o choque sobre Lucinda Hayes recai cuidadosamente sobre ele. Em princípio, tudo errado, disperso em sua percepção. Mas a ficha vai cair. O choque vai passar dos ombros de Zap para seu pescoço, ao sinal de nascença em sua segunda costela esquerda. Dali, irá se espalhar para todos os lugares que não dá para enxergar.

O choque é apenas tristeza que não chegou às entranhas.

Claro que já sei que Lucinda Hayes está morta.

Descobri antes de ir para a escola, esta manhã, comendo um strudel torrado sem recheio. Minha mãe joga fora os sachês de glacê para não ficarmos gordas, deixando nossos strudels num tom simples de marrom, com as marcas da grelha do forno na parte de trás.

— Sentem-se, meninas — diz minha mãe. Ela bate a cinza do cigarro dentro da pia da cozinha. Um chiado. De manhã, as rugas no rosto dela são sulcos profundos.

Amy entra oscilante na cozinha e joga sua bolsa gigante em minha cadeira. Ela recentemente concluiu que mochilas são algo imaturo para meninas do sétimo ano, então, em vez disso, carrega uma bolsa marrom de couro falso. Seu livro de matemática é tão pesado que a faz mancar.

— É sobre Lucinda — avisa minha mãe. — Eu lamento muito, benzinho. Ela... ela morreu. — Minha mãe dá aquele suspiro de pena, geralmente reservado para o atendente do correio, ou para o menino da sala de Amy, com câncer recorrente.

O lábio inferior de Amy treme. Então, vem o grito agudo e rouco. Num gesto dramático, ela recua até a porta de correr, esparramando os dedos com

unhas cor-de-rosa no vidro, as mãos tão presas nele que pareciam estrelas-do-mar.

Minha mãe apaga o cigarro num prato de papel sujo de pizza e agacha, com sua calça de moletom, ao lado de Amy, que desliza até o chão. Ela afaga seu cabelo, desfazendo o embaraçado sem notar.

— Eu lamento muito, meu bem. Vão comunicar hoje na escola.

Ela está com pena de Amy. Não sente pena de mim. Nunca chorei desse jeito tão frenético e sufocado. Não estou tentando ser corajosa, ou impassível, nem nada. Só nunca gostei de ninguém a esse ponto. Minha mãe sabe disso. Ela me encara, a cabeça de Amy ainda na dobra de seu cotovelo. Um filete de ranho escorre do nariz de Amy no braço sardento da minha mãe.

— Meu Deus, Jade — diz, desviando o olhar para minha barriga, que está aparecendo por baixo da minha camiseta do Crucibles, por baixo da minha parka com o zíper aberto. — Vá vestir uma blusa decente. Hoje você vai levar sua irmã pra escola.

Eu me debruço na bancada da cozinha, pousando os cotovelos numa lista telefônica antiga.

Os sentimentos não deveriam ter nome. Não sei por que nos importamos em falar sobre eles, porque sentimentos nunca são o que deveriam ser. Você poderia dizer que eu me sinto extasiada, ou culpada, ou com repulsa de mim mesma. Poderia dizer todas as alternativas anteriores. Minha irmã está aos prantos, mas eu identifico apenas uma leveza estranha: como se alguém tivesse tirado todo o peso das minhas pernas, afastado todos os pensamentos terríveis da minha cabeça, abrandado as pontadas agudas nas minhas costelas. Eu não sei.

Está tudo tão calmo.



— Você é sequer humana? — pergunta Amy.

A Escola Madison é um retângulo à distância.

— Alienígena — respondo. — Surpresa.

— Você nem está triste.

— Estou, sim.

— Não está nada. A mamãe disse que você tem sérios problemas de “empatia” e “autocontrole” e “tendências tristes”.

— A palavra é sadismo — digo a ela.

— A Lucinda está morta e você nem liga.

Amy ergue a bolsa e seu casaco de estampa de oncinha se abre à sua frente. Ela veste sutiã tamanho 32 e, independentemente de como esteja se sentindo, está sempre bem bonitinha. Isso é fruto de uma combinação de sorte: seu cabelo ruivo e as milhões de sardas salpicadas em suas bochechas, como grãos de areia.

— Isso é bem escroto, Jade — diz. Ela faz uma pequena pausa, antes da palavra “escroto”, para pensar. — Nós a conhecemos, e agora ela está morta e você nem finge estar triste.

Eu enfio a ponta da língua na argola de prata que uso no lábio. Faço isso quando quero que alguém pare de falar. Sempre funciona.

Amy sai batendo o pé, os braços cruzados apertados, os ombros balançando, enquanto ela prende mais choro. Sempre a rainha do drama. Ela nunca foi próxima de Lucinda, só de Lex, a irmã caçula de Lucinda. Quando éramos pequenas, minha mãe nos submetia a encontros semanais para brincar — Lex e Amy passavam horas brincando de princesas no porão dos Hayes, enquanto Lucinda e eu éramos obrigadas a ficar sentadas, constrangidas, até que minha mãe voltasse para nos buscar. Lucinda trançava pulseiras de amizade e eu lia gibis, e nos ignorávamos mutuamente de propósito, enquanto nossas irmãs brincavam de faz de conta. Lex e Amy eram inseparáveis, mas, agora, só se veem quando minha mãe combina.

Fico imaginando como Amy se sentiria se eu morresse. Talvez ela dormisse em minha cama por algumas noites. Talvez fizesse um cobertor com as minhas camisetas velhas, que ela deixaria guardado numa caixa, para mostrar aos filhos, quando eles fizessem dezesseis anos. Talvez se sentisse aliviada. De repente, percebo os três metros entre nós, os quatro quadrados de calçada que me separam de Amy. Quase saio correndo para

alcançá-la. Mas, tão subitamente quanto chega, a vontade passa, deixando um ódio leve, em algum lugar onde não consigo alcançar.

O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

TRAJETO ENTRE A PINE RIDGE DRIVE E BROOMSVILLE, COLORADO
BEM CEDINHO, PELA MANHÃ

CELLY (17 anos, ombros caídos, cabelos tingidos de preto) e IRMÃ (13 anos, seu oposto) caminham para a escola. Celly está sussurrando uma musiquinha animada.

IRMÃ

Será que você é sequer humana?

CELLY

Sou alienígena. Surpresa.

IRMÃ

Você nem está triste.

CELLY

Não, não estou.

IRMÃ

Isso é muito escroto.

CELLY

Como pode dizer que está triste? Você mal a conhecia.

IRMÃ

Quem se importa com o quanto eu a conhecia? Isso não é uma competição de popularidade.

CELLY

Tudo é uma competição de popularidade. Essa tristeza a que você se refere. Sei como parece. Hoje você vai pra escola e vai aceitar abraços de todas as suas lindas amiguinhas. Você lhes dirá como Lucinda lhe emprestou esmalte, uma vez, cinco anos atrás.

Irmã caminha mais depressa, se distanciando de Celly.

CELLY (continuação)

Ninguém vai dizer que é papo furado. Todas as suas lindas amiguinhas vão se aglomerar em volta, tentando ficar mais perto da tristeza.

Irmã vira subitamente a esquina, agora já quase correndo. Celly grita atrás dela.

CELLY (continuação) — (falando mais alto)

Você vai sorrir, mesmo sem querer. Os professores vão deixar que você não entregue seus deveres. Diga-me que não é uma competição de popularidade. Diga-me, irmã. Vá em frente.

Irmã praticamente dispara subindo os degraus da frente da escola. Celly para de andar e observa a irmã sumir dentro do prédio.

CELLY (continuação) — (bem baixinho)

Fale-me sobre a minha tristeza.

Zap tinha um mapa de constelações preso no teto, com durex. Eu ficava deitada em sua cama e olhava todos os espaços escuros entre as estrelas, pensando em como meio centímetro, no pôster, eram milhões de quilômetros, na realidade. Eu ficava me imaginando flutuando pelo espaço, com um suprimento contínuo de oxigênio falso. Dessa forma, você pode se esquecer que, de volta à Terra, existe essa forma de existência superficial e mirrada. Penso nisso enquanto tento me desligar das meninas junto ao espelho — como a vida seria sem ar, e como a falta de ar seria sem gente. Silêncio.

— Ouvi dizer que Zap foi pra casa. Não disse nada, simplesmente saiu andando, depois da primeira aula.

— Ele deve estar arrasado.

Dou descarga para que as garotas saibam que estou ali. Não faz diferença. Elas continuam, as vozes mais parecem gralhas, me despertando de um sono de zumbi. Eu me concentro nos cadarços frágeis dos meus sapatos pretos pesados, até que a porta é aberta — um filete de falatório escapa para dentro do banheiro, vindo do corredor lotado lá fora. A porta fecha. Silêncio cavernoso.

Zap adorava aquele pôster. Sua constelação predileta era a de Libra, porque parecia uma pipa, o que o fazia se lembrar de quando era pequeno e morava em Paris. Lembrava do Sena, disse — ele tinha uma pipa quadriculada em azul e branco, que ele soltava perto da margem do rio, nos dias de verão. Ele me deu uma concha, anos atrás, de uma praia da Riviera Francesa, onde passou férias. *Um dia, vamos dar o fora daqui*, disse. *Tem um mundo enorme lá fora, você vai ver*. A concha tem uma ondulação bege, em formato de orelha. Eu a guardava embaixo do meu travesseiro.

Seu nome de verdade não é Zap, claro. É Édouard, pronunciado com ênfase na segunda metade. Seus pais são franceses — eles se mudaram para os Estados Unidos quando tinham dezoito anos. Conheceram-se na Sociedade Francesa de Graduação, em Yale, e, desde então, são apaixonados — de verdade. O sr. Arnaud compra flores para a sra. Arnaud no caminho do trabalho para a casa e, às vezes, eles ficam de mãos dadas em público. A mãe dele parece uma criatura da floresta, magra, de olhos verdes.

Ninguém consegue pronunciar “Édouard”, então ele passou a ser “Zap” desde o quarto ano, porque um dia foi para a escola vestido com uma fantasia gigante de raio que ele mesmo fez com o papelão da caixa da geladeira. Foi na semana depois da enchente de 1998, que matou três pessoas em Longmont, cidade vizinha. Ele pintou um raio amarelo e prendeu num par de suspensórios. E passou o dia todo dizendo zap, zap, zap, distribuindo barras de chocolate. Ele dizia ser uma força da natureza, só que do tipo que trazia alegria em vez de danos. Achei aquilo ótimo.

Todos acharam. Depois da escola, ele e eu fomos para o campo atrás da minha casa e ficamos vendo as nuvens se deslocarem em direção às montanhas, se rendendo.

Naquele verão, a sra. Arnaud trouxe chocolate quente em garrafas térmicas e o sr. Arnaud carregou o equipamento de camping — nós arrumamos os sacos de dormir no meio do campo, para vermos a chuva de meteoros. A grama pinicava através do nylon. Estava nublado demais para ver os meteoros, mas não ligamos. Os sacos de dormir tinham o cheiro da casa dos Arnaud: sabão em pó. Velas natalinas. Ficamos deitados de barriga para cima, e Zap falava todas aquelas coisas inúteis sobre o espaço, tipo, você sabia que só dá para ver 59% da superfície da lua de nosso ponto de observação de merda, aqui da Terra?

Pensar nele me deixa enjoada. Eu me curvo sobre o vaso e faço uma porção de sons violentos de vômito. Soam forçados. Alguém abre a porta do banheiro, me ouve e vai embora. Não sai nada de mim.

Na pia, fico pensando se jogo água no rosto, mas estou com muita maquiagem. Vai borrar o contorno preto dos meus olhos — vai parecer que andei chorando e não posso chorar hoje. Meu delineador é extra denso, do jeito que a minha mãe detesta.

Geralmente, evito espelhos. Mas hoje estou torcendo para que a visão do meu próprio corpo me coloque no universo recém-modificado. Meus braços ainda estão vigorosos. Minha pele é de um tom de branco doentio. Pústulas irrompem em toda superfície, apesar da receita do remédio da minha mãe e das minhas idas mensais ao dermatologista. *Pare de cutucar*, diz minha mãe, mas gosto de arrancar a casquinha. Gosto de deixar à mostra a parte vermelha, brilhosa que tem por baixo.

Russ

POR QUE VOCÊ SE tornou policial?

Aconteceu quando Russ era criança, ele conta. Um ato de violência impactante. Ele se recusa a dar detalhes. As pessoas assentem solidárias, mas Russ não sente qualquer satisfação ao vê-las sacudindo a cabeça — admiração, respeito, a pequena porção necessária de pena.

Na verdade, Russ tornou-se policial porque ele não podia pagar a faculdade e lhe disseram os benefícios de portar uma arma.



Russ recebe a ligação às 5h41.

Alô, diz ele.

Sua boca está grudenta e seca.

Russ, diz o tenente pelo fone com som falhado, temos um corpo.



Russ pega a cueca que usou no dia anterior e a veste. Geralmente, ele rolaria para o lado por cima de Ines, a caminho do banheiro — ele se permite três segundos desse calor familiar, da pele salgada e quente por baixo da camiseta de algodão gasta que ela usa para dormir. Ines continua

dormindo, então, Russ tira um tempo para se odiar no chuveiro, enquanto se ensaboa com sabão barato.

Hoje, ele rola para fora da cama pelo próprio lado.

“Temos um corpo.” Russ nunca tinha ouvido essas palavras. Bem, ouviu em programas e filmes de suspense. E, claro, ouviu no período que passou na academia de polícia local e ao longo de seu treinamento para a corporação policial de Broomsville. Na época em que seu emprego ainda tinha potencial, antes que ele soubesse que ficaria 90% do tempo olhando carros passando zunindo, dez quilômetros acima do limite de velocidade.

Às 5h54, ele está em sua viatura, ouvindo a estática do rádio. Ainda está escuro. Suas mãos estão dormentes enquanto seguram o couro gélido do volante.

Russ passa a língua pelos dentes. E lamenta. Crosta: sua mãe dizia a palavra como se fosse um palavrão, curvando os cantos da boca com aversão. Ele tinha se esquecido de escovar os dentes.



São 6h03 e Russ é o último a chegar.

O corpo está na escola. As cinco viaturas policiais estão estacionadas no meio da rua, como se tivessem sido varridas do meio-fio num dilúvio apocalíptico; o caminhão dos bombeiros e a ambulância estão com as luzes vermelhas piscando, no cruzamento. Russ estaciona na esquina e seus pneus rangem, comprimindo a neve. Uma nova camada de neve derretida desfigura o concreto.

Fletcher, diz alguém, quando Russ se aproxima. Foram meses até que Russ se acostumasse a ser chamado assim. Fletcher era seu pai. Mesmo depois de um ano na corporação, ainda não havia gravado em sua memória. Fletcher! Alguém chamava e Russ continuava datilografando os relatórios dos casos, como se ninguém precisasse dele.

Agora, a equipe está aglomerada em volta do carrossel do playground. Todos esfregam os olhos embaçados por conta do chamado tão cedo: o

sargento Capelli, o tenente Gonzalez, o detetive Williams e cinco policiais. Estão todos em pé, num círculo fechado, no centro da manhã escura, que tem como fundo um tom cinzento no horizonte, onde o sol vai acabar surgindo.

O detetive Williams conduz Russ à frente, as mãos enfiadas nos bolsos, perguntando por que aquela demora, ele tem que ver isso — é bem ruim, eles a acharam desse jeito, vá dar uma olhada.

É o corpo de uma garota jovem. Uns quinze anos, talvez dezesseis. Agora ela está coberta com uma camada fina de neve fresca, e sua pele está amarelada sob o foco da lanterna do perito. Sangue e neve congelaram juntos na lateral de sua cabeça (o cabelo, louro, tem poucas partes intocadas, junto ao couro cabeludo). Seu pescoço está quebrado, virado em um ângulo lateral horrendo. Os olhos da menina estão fechados — pós-morte, pensa Russ, porque não havia neve na testa dela, alguém passou as mãos desajeitadas por ali. Ela está com uma saia roxa e legging preta cintilante, com o nylon pontilhado de glitter.

Mais tarde, Russ verá fotos dessa menina viva e ela parecerá com as adolescentes que já conheceu. Como as meninas em que ele e seus amigos de escola pensavam quando se masturbavam no começo da tarde, ansiosamente atentos ao rangido da porta da garagem. Novidades de crianças.

Lucinda Hayes, diz alguém.

É o detetive Williams. Ele pousa uma mão peluda no ombro de Russ e prossegue: a família deu queixa de seu desaparecimento na noite anterior. Ouviram algo no pátio, os pais checaram e ela não estava na cama. O corpo casa com as descrições. Vamos precisar que você e os rapazes fiquem aqui, protegendo a cena, depois que a perícia for feita. Depois, dê uma volta pela vizinhança. Bata em algumas portas, pergunta por aí.

Esse é seu primeiro corpo?

Russ não responde. Ele volta a olhar para baixo, para a menina morta. Ela não parece em paz. Ele pensa em Ines e na forma como ela dorme, mudando de posição; Ines tem sete, talvez oito modos de dormir, pelos

quais ela passa, a cada noite, indecisa do que a deixa confortável. Aparentemente, nada.

O corpo — Lucinda Hayes — lembra sua esposa. Ela não sabe como se posicionar. Põe as pernas de qualquer jeito. Parece insatisfeita.

Russ mal tinha completado 21 anos quando começou nesse emprego. Ele tinha passado três anos, desde a conclusão do ensino médio, no sofá dos pais, fazendo abdominais no carpete, esperando ficar mais velho. Frequentava as aulas ocasionais de justiça criminal na faculdade comunitária e, depois do jantar, seu pai bebia uísque e lhe contava sobre o tempo em que ele próprio teve seu treinamento. O sargento pegava a caixa de relíquias, com seu velho distintivo e o antigo revólver, e falava até ficar corado. Quando o pai de Russ se aposentou, o departamento passou a bandeja infame de queijos e frios, e fez um brinde com champanhe barata.

Quando finalmente chegou a hora, Russ tinha sido aprovado em todos os seus testes com notas medíocres: serviço civil, prova escrita, exame oral, avaliação psicológica, teste de condicionamento físico. Então, veio o treinamento, passando vinte horas como sombra de um oficial de patrulha mais velho e experiente.

Foi-lhe designado Lee Whitley — o oficial pálido e ossudo sobre quem o restante do pessoal da patrulha cochichava, membro mais fraco do departamento de polícia de Broomsville. Um homem a quem deram quatro anos inteiros para se provar inteiramente não notável.

Russ não permite que as lembranças venham com frequência. Porém, nesses raros momentos de recordação, fica imaginando se sempre soube — em algum lugar escondido, lá no fundo — o que seria de Lee Whitley.

Eles se encontraram do lado de fora do escritório do tenente no primeiro dia de treinamento de Russ. Uma tarde sombria, há dezessete anos — em 1988. Seu cabelo era mais comprido e cigarros não eram tão ruins, e todos eles usavam jeans desbotados e tênis com solado de espuma.

Lee era a coisinha mais magra do mundo. Seu olhar se moveu rapidamente abaixo e à esquerda quando ele falou. Um narigão enorme, pés virados para dentro. Olhos castanhos com pupilas minúsculas. Seu peito côncavo fazia um som oco quando você lhe dava um peteleco, de brincadeira.

Certo, disse Russ, e isso foi tudo que ele conseguiu dizer.

Certo, repetiu Lee.

Russ lhe deu uns tapinhas nas costas, daquele jeito jovial que os rapazes fazem. Lee tossiu. Deu um sorriso malicioso e torto. Amassou um copo plástico e os filetes de café instantâneo escorreram até seu cotovelo. Russ gostou dele, desse moleque esquelético tentando parecer gente grande, enquanto o café descia por seu antebraço.

E foi assim que começou: essa dupla brilhante e improvável. Ambos atentos demais que essa parceria, em apenas alguns minutos, já tivesse começado a se expandir para um formato escorregadio, água no piso de madeira, uma massa eternamente em movimento que nenhum dos dois poderia conter.



Quem a encontrou?, pergunta Russ a um dos outros policiais de patrulha.

O zelador da noite, responde o policial, depois usa o dedo médio para apontar. Russ segue o dedo, embora já saiba quem vai ver.

Claro. O zelador da noite.

Ivan está com uma das mãos no bolso de seu uniforme de zelador. Um cigarro pendurado na outra. Quando ele dá uma tragada com seus pulmões poderosos, a respiração é duplicada e espessa — nicotina e dióxido de carbono. A brasa do cigarro de Ivan tem um tom vivo alaranjado, reluzindo

em contraste com um mar de jaquetas pretas policiais. Uma neve cinzenta desanimadora. Russ não fica surpreso pela presença do zelador no playground. Ivan trabalha no turno da noite na escola primária — Ines pediu que Russ mexesse uns pauzinhos; Ivan estava tendo muita dificuldade. Então, ele o fez.

Russ ama muito a esposa. A quieta Ines. Mas Russ não ama o irmão dela. Na verdade, gostaria profundamente que Ivan não existisse.

Agora, sozinho com o corpo, Russ ergue o rádio até os lábios e fala. O microfone está desligado.

Você está aí?, murmura Russ junto ao plástico, mantendo os olhos no cabelo da menina, louro ensanguentado. Pode me ouvir?

Russ pressiona o rádio junto aos lábios ressecados, mas não consegue pensar em mais nada a dizer. Ivan sorri, um sorriso aberto e pernicioso, uma massa tosca de testosterona, e o cigarro reluzindo pendurado, como um desafio.

Cameron

— **V**OCÊ QUE PERSEGUIA A garota morta, não é?

A menina na poltrona rangente, do lado de fora do escritório do diretor Barnes, estava falando com Cameron.

— Oi?

— Você é o aluno do primeiro ano, de quem todos estão falando. O garoto que andava perseguindo a garota que morreu. Não é?

Ela estava com a cabeça recostada na parede atrás da poltrona, falando entediada e sem esforço. Cameron havia reparado nela. Ela morava no bairro e estava sempre sozinha. Seu jeans tinha correntes penduradas dos bolsos. Os olhos eram contornados de preto; cabelo preto e oleoso caía sobre um dos olhos, e ela estava com uma camiseta ostentando um nome que Cameron não conhecia. A camiseta estava mal cortada pouco acima de seu diafragma, expondo quatro centímetros da pele branca da barriga dela, acima do cós da calça, apesar de ser inverno. Ela devia estar com frio. Havia um borrão de espinhas que se estendia entre seu queixo e testa.

Ela ergueu uma das sobrancelhas oblíquas para Cameron. Ele também queria erguer apenas uma sobrancelha em resposta, mas, toda vez que tentava, a outra subia junto e ele não queria parecer imbecil.

— Tudo bem — disse ela. — Eu só estava perguntando. De um jeito ou de outro, não importa.

— Ah.

— A menina que morreu e eu trabalhamos de babá para a mesma criança.

— Lucinda.

— Tanto faz. É ilegal o que eles estão fazendo. Não podem interrogar menores sem o consentimento ou a presença de um dos responsáveis. Acham que, por não haver policiais na sala, podem classificar como terapia pelo luto, mas é conversa, se quer saber. Eles fizeram os policiais nos acompanharem pelo corredor. Uma tática bem assustadora, eu acho.

Ela assentiu, satisfeita com a própria rebelião. Seus olhos eram perfeitamente redondos. Cameron adorava os olhos puxados de Lucinda, e esses eram o oposto: bolas de gude, redondos e vidrados.

— Sou Jade — disse ela. — Como a pedra preciosa. Sou do terceiro ano.

— Nome legal.

— Até que me dei bem. — Ela deu de ombros. — O nome da minha irmã é Ametista. E você é Cameron Whitley, do primeiro ano. Mora na mesma quadra de Lucinda. Estão todos muito preocupados com sua saúde mental, porque seu pai é o policial que...

— Por favor, não.

— Isso não aconteceu há tipo... muito tempo?

Cameron gostaria de se sair melhor numa conversa. Ele não gostava de falar com as pessoas porque nunca sabia o que dizer. Mesmo com as perguntas mais simples, ficava oprimido pelo número de potenciais respostas — o que soaria melhor, ou o que era apropriado, ou o que faria com que a outra pessoa se sentisse menos constrangida.

Ele poderia perguntar a Jade por que ela estava vestida daquele jeito. Poderia perguntar qual era a primeira coisa que ela pensava, pela manhã — ou por que os pais haviam lhe dado aquele nome, pois era único e ele gostava e queria nomes interessantes para seus filhos, algum dia, também. Ele poderia perguntar se ela já se apaixonara, mas tinha bom senso suficiente para saber que isso era pessoal demais.

— Isso doeu? — perguntou Cameron, porque Jade o olhava fixamente, um olhar áspero, cheio de expectativa. Ele apontou para a argolinha fina em seu lábio inferior.

— Aham, doeu um pouquinho.

— Ah.

— Quer ver minha tatuagem?

— Claro.

Jade estendeu o punho esquerdo. O contorno de um dragão tinha sido gravado em preto, com as asas abertas sobre a pele branca. A tinta dançava sobre as veias azuladas.

— É de verdade? — perguntou Cameron.

— Normalmente, eu diria que sim. Digo à maioria das pessoas que é. Mas você fica me olhando com essa cara intensa, então, não, não é de verdade. Eu desenho, todas as manhãs.

Cameron não conseguia decidir se essa foi a coisa mais legal ou mais cruel que já lhe disseram.

— Então — disse ela —, você realmente ficava perseguindo a garota que morreu?

— Lucinda.

— Ah, eu nem ligo pro nome.

Cameron detestava a palavra “perseguir”. Ele tinha outras palavras para seu relacionamento com Lucinda, mas eram palavras que ninguém mais entenderia. Palavras como vibrante, frenético, cintilante, dolorido...

A porta do gabinete do diretor Barnes abriu e uma mulher de cabelo bem preso saiu.

— Jade? — disse ela. — Estamos prontos para recebê-la.

Jade revirou os olhos para Cameron, como se eles estivessem compartilhando a mesma piada. Quando ela levantou, Cameron sentiu um perfume de xampu de uva e lhe ocorreu que ele deveria ter revirado os olhos em resposta, mas Jade já ia se afastando. Ele não esperava que ela olhasse para trás.



Cameron tinha começado a jogar Noites de Estátua quando tinha doze anos de idade. No verão depois do sexto ano, ele percebeu que sabia tirar a tela da janela de seu quarto. O salto até o canteiro abaixo era possível se ele dobrasse os joelhos no momento certo.

O jogo de Noites de Estátua começou com os Hansen, vizinhos ao lado. Cameron ficava no meio-fio, do lado de fora da casa deles, durante horas, observando, enquanto eles comiam comida de micro-ondas e discutiam. A sra. Hansen colocava os bobs de cabelo, como uma mulher de seriado cômico dos anos 1950, e o sr. Hansen ficava andando de cueca, com a pele flácida pendurada, de um jeito que Michelangelo teria apreciado. Dava para ver os ossos do sr. Hansen. Eles deixavam todas as luzes acesas — era impossível não olhar. O olho humano era naturalmente atraído pela luz — Cameron havia lido sobre a retina em *O guia da anatomia humana*.

Naquele primeiro verão, Cameron seguiu lentamente pela Pine Ridge Drive. Se ficasse perfeitamente imóvel, ele não seria visto. Cameron adorava as pequenas coisas: a sra. Hansen mantinha o sr. Hansen numa dieta severa, mas ele guardava barras de chocolate na panela elétrica, ao lado da geladeira.

Ao lado da casa dos Hansen, Cameron uma vez viu os Thornton transando na mesa da cozinha, depois que o bebê adormeceu. Primeiro, pareceu violento e fora de controle, como uma briga de cachorros, depois, íntimo e rítmico — um barco balançando. E então, o sr. Thornton ficou por cima, beijou lentamente a testa dela. Em algumas noites, a esposa ficava acordada até tarde, balançando o bebê pela sala, enquanto o marido levava a cachorrinho manco para caminhadas, às dez da noite, com sua estranha presença na rua fazendo com que Cameron voltasse para casa.

Enquanto esperava para ser interrogado, Cameron tirou sua massinha favorita do bolso e a moldou em formatos diferentes. O sr. O lhe dera a massinha, para quando ele precisasse desemaranhar, o que era frequente. Ele tentou moldá-la num quadrado perfeito, em cima da coxa.

Cameron tinha começado a observar Lucinda por volta da mesma época em que o sr. O começara a ensinar em sala de aula uma matéria sobre desenho de silhueta humana. Ele começou a ver montanhas nas bochechas das pessoas, e pernas de aranhas em cílios e a traduzir isso em tons distintos de preto, branco e cinza. Ele adorava o modo como o rosto de Lucinda ondulava e deslizava.

Quando a observava, ele jogava Noite de Estátuas. Ele gostava de se imaginar como uma das imagens de Michelangelo, imóvel no papel, gravado numa posição, por toda eternidade. Porém, num determinado momento, ele ouvia o próprio batimento cardíaco ou sua expiração inevitável. Uma dessas certezas romperia o silêncio e ele seria forçado a reconhecer que, por mais que ficasse imóvel, ele existia.

Ele nunca sabia quanto tempo havia se passado, mas o sentido de jogar Noites de Estátua era que isso não importava.

Em 11 de fevereiro de 2004, praticamente há um ano, o pai de Lucinda abriu a porta de correr. *Sei que você está aí*, a voz dele ecoou pelo gramado vazio. *Sei que não tem má intenção. Mas precisa ir embora. Se voltar, vou chamar a polícia.* Cameron correu para casa, na outra ponta da Pine Ridge Drive, e se aninhou sob as cobertas, com sua cópia surrada de *O guia da anatomia humana*. Ele memorizou as funções do fígado humano, porque imaginou que, em algum lugar, perto desse órgão, era onde o corpo armazenava essa sensação oca: culpa.

Ele torceu para que a polícia não perguntasse sobre aquela noite, no pátio de Lucinda. Cameron era terrível mentindo e não podia lhes contar a verdade — que ele achava as pessoas fascinantes quando pensavam que ninguém estava olhando. Ele não podia lhes contar sobre a sinceridade da vida através das janelas — que ele se odiava por isso, mas não conseguia parar. Ele não queria.



Broomsville dá essa sensação, com todos os prédios baixos, em tons pastel, e suas áreas abertas. A cidade apareceu em quinto lugar dos Locais mais Amigáveis para se Viver, no ranking da CNN, e isso não foi uma surpresa para ninguém. Broomsville foi uma rua sem saída que se estendeu, com seus gramados quadrados, ressequidos pelas estiagens do Colorado. Não era o tipo de lugar para cercas brancas de madeira, mas tinha boas escolas públicas, com atividades extracurriculares em que se pode participar se

you don't have money. Median families live in houses exactly like Cameron's, with two floors and three bedrooms, and windows with a view of the mountainous Rocky Mountains. The people drove vehicles made for off-road driving, SUVs, pickups or utility vehicles with stickers on the bumpers that said "BUSH CHENEY 2004!"

E, além do horizonte, as montanhas. Sempre de sentinela.

The air in Colorado is so fresh it stings your nose. One day, a friend of my mother's, from Florida, came to visit, and on the first day she fainted from altitude sickness. They called an ambulance and everything. They took off her blouse and bra, to get better access to her lungs, and her breasts fell out to the sides, on the floor of the room. Cameron tried not to look.

After one or two days, she was fine, and her mother took her for small hikes on the foot of the mountains — the small mountains that form the base of the Rockies. Colorado has a particular smell in the summer, the smell of pine trees recovering from a miserable winter and the red earth and heat sliding down the steep slopes.

That's why she went to Pine Ridge Point under the tree, and that's why Cameron chose that specific tree. That's why she leaned against the trunk and looked up, at the hill that surrounds Pine Ridge Point, where her father took her for the first time when she was six years old.

The sun was setting. There were natural phenomena that passed without being noticed (flocks of snow kissing the ledge of the window, unripe lemons in the shell of an orange), but Cameron could understand why people made so much fuss about the sunset. The sunset at Pine Ridge Point always made her feel so humanly devastated, caged without her own self.

Pine Ridge Point was a cliffhanger above a reservoir forming a perfect 90-degree angle. The reservoir had no waves. She waited, motionless and complacent, for a pool of blood to spread from a wound.

Do outro lado do despenhadeiro — o lado que não estava de frente para a água —, ficava a cidade de Broomsville, com todas as suas casinhas singulares e quadradas, seus gramados com regadores automáticos, completamente diferentes da região das Rochosas. Dava para ver a rua de Cameron, a minúscula Pine Ridge Drive, e tudo mais que convergia com esse platô. Do horizonte de Pine Ridge Point, Broomsville parecia uma cidade de papelão cheia de gente de papel. As mãos de Cameron podiam reorganizá-la do jeito que ele quisesse.

Ele sempre sonhava acordado em trazer Lucinda até aquele lugar.

Olhe, diria. Você não vê como somos leves?

— Olá, Cameron.

O cabelo da assistente social estava puxado para trás, preso num coque molhado. Seus olhos eram túneis. Seu sorriso era duro.

— Oi.

— Meu nome é Janine. Lembra-se de mim? — Ela estava sentada com um caderno no colo, pernas cruzadas, sacudindo um dos tamancos.

— Aham.

— Essa é uma entrevista voluntária, conduzida pela escola, está bem? Só estamos checando como nossas crianças estão. Você tem liberdade para sair a qualquer momento. Tem liberdade para não responder a qualquer coisa que o deixe desconfortável. Você compreende e concorda em prosseguir?

Uma vez, quando estava folheando um livro de receitas na cozinha, Cameron encontrou um poema. Lord Byron. Sua mãe às vezes fazia essas coisas — colocava fragmentos de poemas em locais inesperados. Cameron levou o poema de Byron para seu quarto e colou do lado de dentro da porta do armário. Sua mãe tinha transcrito numa folha de caderno, com sua letra garranchada, usando uma caneta que deixava borrões de tinta.

— Sim.

— Certo. Cameron, por que você não me conta sobre seu relacionamento com Lucinda Hayes?

(Ela caminha lindamente, como a noite de céu claro e estrelado;)

— Cameron?

(E tudo do melhor, do escuro e do claro, Encontra-se em seu aspecto e em seus olhos.)

— Está tudo bem. Vamos começar com uma pergunta mais fácil — disse Janine. — Onde você estava ontem à noite, 15 de fevereiro?

— Em casa — respondeu Cameron.

— Havia alguém com você?

— Minha mãe.

Na verdade, Cameron não se lembrava de 15 de fevereiro. De ontem à noite. *Em casa; minha mãe* pareceu uma resposta simples e crível. De alguma forma, ele tinha perdido essa noite — ela tinha casualmente escapado para dentro das Noites de Estátua de sua coleção. Era assustador perder o tempo dessa forma, embora isso não fosse novidade para ele. Se pudesse tatuar todos os momentos de sua vida no corpo, ele o faria, só para provar que eles aconteceram.

— Cameron. — Janine fez uma pausa, bem séria, com sua blusa de gola rolê. Ele só queria que ela parasse de dizer seu nome daquela maneira. Ela se debruçou na mesa do diretor Barnes, bafejando café bem perto do rosto dele. — Como você descreveria seu relacionamento com Lucinda Hayes?

(Uma sombra a mais, um raio a menos, Tinham meio que enfraquecido a graça inominável.)

Cameron sempre temia que o batimento de seu coração pudesse subjugar o pequeno espaço que este ocupava. Sua mãe dizia que o coração dele era grande demais para seu peito — ela dizia isso como um elogio, mas Cameron começou a imaginar seu coração tão inchado que entupia suas

vias aéreas. Ele estava sentindo isso naquele exato momento, o coração crescendo e encolhendo, crescendo e encolhendo. Ele tinha certeza de que isso o mataria algum dia.

— Cameron?

Ele queria lhe dizer como era a aparência de Lucinda de manhã. Como o sol iluminava seu rosto, como o sono se coagulava nos cantinhos de seus olhos, como seu cabelo louro e comprido ficava grudado atrás de sua cabeça. Suas pernas bronzeadas, na calça do pijama xadrez de algodão, deslizando para fora do edredom roxo. Ele queria lhe contar como o travesseiro deixava marcas na lateral do rosto dela, rios num mapa de espaço vazio.

*(Que ondas em cada cacho preto,
Ou suavemente ilumina seu rosto;)*

— Ele não está respondendo — disse Janine ao diretor. — Vamos ter que falar com um dos pais. Podemos trazê-lo para um interrogatório voluntário, se eles concordarem.

Subitamente, num momento devastador, ocorreu-lhe o motivo para que o tivessem tirado de uma aula e estivessem fazendo essas perguntas: achavam que ele tinha matado Lucinda Hayes.

Tudo aconteceu muito rápido.

Cameron estava de pé, derrubando a cadeira plástica com a parte traseira de seus joelhos; estava abrindo a porta; podia estar chorando, não tinha certeza, mas seu rosto estava quente, sua pele queimava; estava emaranhado, estava muito emaranhado.

Uma pasta de papelão pardo estava em cima do balcão da recepcionista, do lado de fora do escritório do diretor Barnes. Policiais se reuniam em uma meia roda, a alguns metros de distância, conversando com vozes abafadas. Cameron sabia o que havia na pasta — afinal, seu pai fora policial. Ele já tinha visto muitas pastas como aquela. Seu pai costumava ficar debruçado sobre elas, na mesa, tomando uísque numa caneca de café, com as costas curvas, piscando depressa com os olhos vermelhos.

Lucinda Hayes estava dentro da pasta.

— Não — disse o diretor Barnes, diretamente atrás de Cameron. — Não...

Ela estava esparramada, em ângulos terríveis, sobre o carrossel do playground da escola primária. Alguém a machucara, alguém realmente a machucara, porque sua cabeça estava virada de lado e seu perfil, junto ao metal vermelho com neve, estava destroçado, torcido. Um braço estava sob seu peito e o outro jogado por cima da beirada do carrossel. Ela estava com sua saia favorita, a roxa, do dia da foto da escola. Com legging cintilante. E o sangue — ele pingava de um lado da cabeça dela, borrando a neve limpa.

Aquela não era Lucinda — em vez disso, uma versão esmagada e violada dela, algo doentio que ele não reconhecia, uma foto de sua infância, que ele não se lembrava de ter tirado.

Tudo latejava. Cameron estava desabando — estava convergindo. Ele não se atrevia a desviar os olhos, embora tivesse certeza de que não conseguiria ver outra coisa por muito, muito tempo. Sentia o coração encolhendo e crescendo, encolhendo e crescendo. Aquela versão de Lucinda não era cintilante — ele não entendia como alguém havia tirado isso dela.

*(Onde os pensamentos expressam a meiguice serena
Quão puro, quão querido seu lugar de moradia.)*

Numa noite, há quase um ano, Lucinda estava diante do espelho.

Ela estava só de sutiã e jeans. O sutiã era branco, com um lacinho no meio dos dois bojos triangulares. Lucinda mudava o peso de um pé para o outro. Ajustou as alças do sutiã, até o máximo que subiam, apertando os seios juntos com as palmas das mãos para parecerem maiores. Não fazia diferença. Cameron adorava suas costas nuas viradas para a janela — suas omoplatas, lisas e suaves. Seus pulmões. Os humanos têm 33 vértebras, mas ele só contava seis em Lucinda, uma cadeira de morrotes expostos e transitórios.

Essas eram as lembranças favoritas de Cameron, e ele as guardava numa pasta mental especial, para pensar nelas tarde da noite. Sua Coleção de Noites de Estátua — no gramado, olhando para dentro, perplexo pela complexidade pura da forma dela.

Lucinda tinha um sinal de nascença no quadril direito. Tinha o formato de um cisne e a cor de pimenta vermelha apodrecida por ficar tempo demais na bancada.

Jade



MINHA MÚSICA PREFERIDA SE chama “Morte na escada rolante”. É sobre uma garota que cai na escada rolante e bate a cabeça no último degrau — a cabeça dela é esmagada no sulco metálico, atingida por cada novo degrau que surge.

Se eu me sentar no ângulo certo, embaixo da árvore deformada no pátio da escola Jefferson High, ninguém consegue me ver. Hoje a neve está derretendo de forma tímida em alguns trechos, então, me sento na bandeja plástica do almoço. Danny Hartfeld é a única outra pessoa aqui fora. Ele está lendo *O hobbit*, com as mãos enluvadas. Danny e eu às vezes acabamos no mesmo lugar, mas ele me odeia e está tudo bem.

Pego o sanduíche de mortadela que minha mãe fez e aumento o volume do meu headphone. Já faz tempo que estou obcecada pelo primeiro álbum do Crucibles, de 1986. É punk pauleira, não tanto *screamo*. Mas, hoje, “Morte na escada rolante” me faz pensar no corpinho bronzeado de Lucinda caído por cima do carrossel. Como eu imagino: suas unhas brilhosas mergulhadas na terra, o sangue emplastado em seu cabelo, seus lábios arroxeados e gélidos...

Tiro o headphone. Tento respirar normalmente, mas não consigo me lembrar do que é normal. Uma garota loura saltitante do conselho estudantil do primeiro ano aborda Danny Hartfeld com um pedaço de papel. Ele assente. Assina.

Ela começa a vir em minha direção. Com o headphone distante dos meus ouvidos, “Morte na escada rolante” é só estática. O baixo, a bateria, tudo: já

era. Perdido nesse zunido distante.

— Oi — diz a garota, entusiasmada. Ela estende um envelope pardo e uma caneta Sharpie hidrográfica roxa fluorescente. — Vamos enviar um cartão para a família de Lucinda Hayes. Gostaria de assinar, para demonstrar seu apoio?

— Não, obrigada.

— Tem certeza? Só seu nome?

— Não, obrigada — repito. E olho fixamente até ela ir embora.

Só vi fotografias da cidade de Nova York ao pôr do sol. A luz cor de mel empalidecida banha os prédios, um manto dourado. As luzes dos arranha-céus vão acendendo, uma a uma — amostras irritantes de todo tipo de vida possível, além dessa.



É culpa de Lucinda Hayes que eu tenha que trabalhar em dois empregos: de babá, para os Thornton, e de faxineira, no Hilton Ranch.

As pessoas deixam traços de si mesmas em quartos de hotel. Lenços de papel amassados, plugues de ouvido grudentos de cera, um preservativo ocasional. Mês passado, encontrei uma câmera digital. Semana passada, uma carta de amor.

Querida, querida,

Você é um oceano e eu só sonho com sal. Quando acordo, você é areia nos vãos dos meus dentes.

Madly

Eles vêm toda terça-feira. Madly chega às seis e meia, Querida chega logo depois, às sete. Acho que eles têm vinte e tantos anos, mas quem sabe? Minha mãe diz que o amor rejuvenesce muito a pele de uma mulher.

Toda terça-feira, eles pegam um quarto — a tia Nellie dá a Madly uma chave rápida, mastigando chiclete, com um sorriso conspirador. Ele espera

na poltrona de couro falso, perto da janela, até que Querida apareça, com sua bolsa surrada pendurada no ombro. Querida é bonita, à maneira de uma mulher que não tenta ser bonita. Ela não usa maquiagem, mas está com um gorro de tricô meio encaroçado, e suas camisetas são apertadas demais (embora pareça não intencional). Também é bonito seu jeito de sorrir — primeiro, de maneira tímida enquanto enrosca, compulsivamente, um cacho do cabelo preto comprido. Quase dá para ver seu coração pulando para fora do peito.

Eles entram no elevador, silenciosamente, tímidos. Madly ergue o queixo dela com cautela, com um dedo, e Querida fica vermelha como um pimentão. Eles conversam numa distância segura — como se temessem irromper em chamas.

Na noite em que Lucinda morreu, a tia Nellie e eu sacudimos nossas cabeças, do balcão da recepção, até que as portas do elevador se fecharam. Tia Nellie se virou para mim, como se subitamente tivesse lembrado que eu estava ali.

— Jade, nós pagamos você para ficar aqui de fofoca?

Eu não estava fofocando, porque não tínhamos falado nada, mas peguei meu carrinho de limpeza mesmo assim. Eu tinha passado as duas horas anteriores construindo uma pirâmide de rolos de papel higiênico e agora tinha que tomar cuidado ao passar pelas portas. A pirâmide oscilava, precária. Empurrei o carrinho passando pelo armário de suprimentos e entrei no elevador de serviço, onde vi um lampejo de mim mesma nas portas espelhadas enquanto fechavam.

Eu era a coisa mais distante de uma mulher apaixonada. Afogada nas dobras da minha camisa polo de serviço, avental manchado de água sanitária e apertado demais na cintura. Meu cabelo soltando do rabo de cavalo e a maquiagem toda borrada embaixo dos olhos.

Toda terça-feira, empurro meu carrinho para dentro do quarto ao lado do quarto de Querida e Madly, e prendo a respiração até ficar meio cega. Nunca ouço nada. Só posso imaginar o som deles, ofegos sussurrantes, o silêncio cuidadoso de pele com pele. Na noite em que Lucinda morreu,

fiquei num quarto que já tinha sido limpo, imaginando qual seria a sensação de ser tocada assim. Ávida e desesperada.

O psicólogo da minha mãe acha que eu sofro de uma falta de direção debilitante. Na maior parte do tempo, isso não parece tão ruim como soa. Porém, às vezes, eu acordo no meio da noite aterrorizada, sem qualquer motivo. Uma vez, sonhei com *O nascimento de Vênus* e acordei chorando, por causa de sua pele de mármore. O declive de sua curva. Tomei um gole de água de um copo plástico, embora ele estivesse na minha mesinha de cabeceira havia dias.

Querida, querida, pensei, e isso melhorou as coisas.

Gosto de quartos de hotel. Os humanos são repulsivos, cada um deles. Até Querida. Depois que encontrei a carta de amor no Quarto 304, tirei um chumaço de cabelo preto do tamanho de uma barata do ralo do chuveiro.



Quando chego da escola, três horas mais cedo, minha mãe não deveria estar lá. Às quartas, ela é voluntária no resgate de animais de rua, para poder se autodenominar enfermeira no clube de leitura.

— O que está fazendo em casa? — pergunto.

O relógio do forno marca 12h47. Minha mãe está sentada com as pernas apoiadas na mesa da cozinha, lendo *HGTV Magazine*. A fumaça do cigarro se desenrola sob a luz do começo de tarde em espiral parecido com DNA, se erguendo acima de seu cabelo tingido de castanho.

— Dia de folga — diz. — É tudo tão triste. Você voltou pra casa por causa da notícia?

Minha mãe apaga o cigarro num porta-copo de mármore e deixa a guimba ali, manchada de batom vermelho gorduroso.

— Que notícia?

— As pessoas passaram a manhã toda ligando. Acreditam que encontraram o puto que fez isso.

— Quem foi?

— Sabe aquele garoto que mora no fim da rua? Cameron Whitley? O pai dele era Lee Whitley, aquele policial malandro, de uns anos atrás.

Ela sorri. Minha mãe adora saber da informação. Sinto aversão de seu batom desbotado por cima dos dentes amarelados de cigarro. Ela está vestindo um roupão de seda revelador, com um respingo de sopa na frente, estampado com bambus japoneses, e dá para ver o contorno de seus seios caídos por baixo do tecido fino. Muitas vezes, acho a minha mãe a pior pessoa do mundo. Nas outras vezes, sinto pena dela.

— Ah — diz ela. — Chris Thornton ligou. Ele sabe que é de última hora, mas disse a ele que você tinha folga no hotel. Pode ficar de babá pra ele esta noite?

— Não.

— Eu já disse a ele que você ficaria. Ele pareceu apressado. Você poderia ir agora.

— Não quero ir.

— Isso não é resposta.

— Não fode, mãe.

— Muito bem, você está de castigo. E vai ficar de babá. A esposa daquele homem está muito doente, você sabe disso melhor que ninguém. Não sei como pude criar uma pessoa tão mimada e egoísta.

— É preciso ser pra reconhecer.

— Vá.

Chris Thornton atende a porta de camiseta e jeans. Eu só o vejo de terno e gravata (ele tem um emprego bacana, no centro de Denver). Eve não está em casa — ela geralmente está no hospital, ou em Longmont com os pais, ou trancada lá em cima, com as cortinas fechadas. Há cerca de um ano e meio logo após o nascimento do bebê, Eve Thornton foi diagnosticada com algo sério. Câncer, eu acho, embora as pessoas sempre sussurem quando falam a respeito.

— Muito obrigado, Jade — diz o sr. Thornton, e gesticula para a porta dos fundos, em direção ao playground. — A babá diurna de Ollie cancelou e não consegui trabalhar.

Ele entrega Ollie — apelido de Olivia — casualmente, como se fosse uma jarra d'água, e murmura algo sobre colocá-la na cama às sete. Ele voltará mais tarde. Pendura uma sacola esportiva no ombro e corre para fechar a porta.

Ollie não é uma bebê bonita. O rosto dela parece um tomate mole, vermelho e enrugado, como uma recém-nascida alienígena, embora ela agora já tenha quase um ano e meio. Quando o carro de Chris Thornton está seguramente fora da entrada da garagem, carrego o bebê lá para cima, onde o corredor ainda está abarrotado de caixas esvaziadas pela metade, da mudança deles, há dois anos. Puddles, a terrier cinzenta e caída, vai mordiscando meus tornozelos escada acima. As sobrancelhas de Puddles são tão compridas que ela quase nem enxerga direito, e deve ser mais velha que eu. Não consigo imaginar por que alguém daria o nome de Puddles a um cão — especialmente uma cadela tão depressiva como essa. Eu me sento na cadeira de balanço perto da janela do quarto da bebê e Ollie chora, pulando e se contorcendo e murmurando. Ela fica perambulando pelo quarto, enquanto Puddles se deita a meus pés. A janela está com uma fresta aberta. O ar frio entra pela tela, soprando as cortinas rosa-bebê para dentro do quarto, como se fosse uma saia.

Do outro lado do gramado dos Thornton, além da cerca e passando o velho carvalho, está o playground, como sempre esteve. Agora, três policiais estão perto do carrossel.

Zap e eu costumávamos sentar no meio daquele carrossel. Eu enlaçava as pernas no mastro pintado de vermelho e me encostava na superfície desnivelada de metal. A gente começava devagar. Os tênis de Zap batiam na grama e o céu começava a girar, um ventilador de teto de azul e branco. Quando ganhávamos velocidade suficiente, Zap pulava para dentro, ao meu lado — ele não gostava de deitar. Ele recostava no ferro central, seus braços de espantalho estendidos para os lados, capitão da própria nave girante.

Ollie olha para cima, para mim, com uma peça babada de Lego na mão, finalmente calma. Seus olhos castanhos estão arregalados, molhados como os de uma vaquinha, os cílios de penugem se projetam das pálpebras.

Vá em frente, eu penso. Diga a eles como eu sou horrível.

Ela abre a boca gengivuda e solta outro grito.

Na mesma época em que tudo começou a desmoronar com Zap — há mais de um ano —, encontrei um livro chamado *Bruxaria moderna: Um guia para mortais*. É baseado na história da bruxaria pagã, compilada por um grupo de pesquisadores renomados. Agora, não posso pôr o pé na biblioteca pública de Broomsville, porque o livro já acumulou centenas de dólares de multas. Não tenho a menor intenção de devolver.

Aconteceu em maio. Lucinda foi a razão para que eu tivesse que pegar o emprego no hotel, o motivo para que os Thornton parassem de me pedir para ficar de babá. Isso foi quase um ano depois da merda toda — e, ainda assim, eu passava minhas noites vasculhando as fotos de infância, desenhando bigodes de caneta hidrográfica em mim e no Zap para não ficar tão triste. Foi inútil, eu sei. Você não pode mudar as pessoas. Não pode impedir que elas parem de crescer. Não pode fazer com que elas tenham a aparência que tinham: como um garoto magricela de óculos fundo de garrafa e um corte de cabelo ridículo de cuia.

Na semana que peguei o livro, eu deveria ficar de babá. Um turno de dez horas e Eve Thornton ia me pagar cem dólares — ela raramente coordena o serviço, mas ficaria fora do hospital por alguns dias e seria bom ter um par de mãos para ajudar. Fiquei feliz porque ia passar o sábado fora de casa, onde minha mãe estava fazendo discurso por causa da conta de luz. Naquela manhã, ela tinha atirado um prato na lareira.

Quando eu estava caminhando para a casa dos Thornton, o celular da família, que minha mãe me deixa usar para o trabalho, tocou. Uma

mensagem de texto de Eve Thornton: DEIXA PRA LÁ. MARQUEI DUAS PESSOAS. VC NÃO PRECISA VIR. OBRIGADA.

Quando me viro para ir embora, cruzo com Lucinda subindo a entrada da garagem dos Thornton. Ela sorriu quando passamos uma pela outra, com seus dentes retinhos. Lucinda tinha uma covinha do lado esquerdo do rosto. Mesmo quando seu sorriso era falso, a covinha surgia. É claro que os Thornton estavam se referindo a Lucinda Hayes — ela provavelmente sabia fazer a Ollie dormir sem que a bebê desse um ataque. Aposto que tinha até curso de primeiros socorros.

— Oi — disse ela, do jeito que se fala com um velho conhecido que você sabe que deveria lembrar, mas não lembra.

O ar pelo qual ela flutuava cheirava a xampu de morango. Eu virei a esquina, com a barriga revirando como se eu tivesse comido alguma coisa estragada. Era como se fosse aquela noite, tudo outra vez, como se eu estivesse naquele beco estreito, ouvindo os fogos estourando acima do lago e deixando Lucinda Hayes levar tudo de mim.

Mais tarde naquela noite, montei o negócio todo, exatamente como dizia em “A arte do ritual”, capítulo seis, de *Bruxaria moderna: Um guia para mortais*. Passo a passo. As velas, as ervas, o altar.

Não me arrependo do ritual, nem mesmo agora, que Lucinda está realmente morta.

Eu desejei que ela sumisse.



O sr. Thornton me paga em dinheiro, um pacote gordo, com duas notas de vinte a mais no meio. Provavelmente, foi sem querer — a única coisa que fiz hoje foi pôr Ollie para dormir e comer uma massa de biscoito crua da geladeira dele. Não consegui encontrar a coleira para dar uma volta com Puddles, então a levei até o canto da cerca dos fundos e fiquei de guarda enquanto ela fazia xixi, pronta para pegá-la, caso ela tentasse correr. Vou embora antes que o sr. Thornton perceba que pagou a mais.

Quando chego em casa, está tudo quieto. São 22h19.

Depois de trabalhar de babá, geralmente vou ver Howie — um mendigo que mora atrás da biblioteca. Mas hoje estou curiosa demais. Eu me troco e visto um short masculino e uma camiseta limpa do Crucibles. Empurro minha cadeira plástica até a janela. Apago a luz e uso meu isqueiro rosa para acender uma vela de camomila na mesa de cabeceira. Minha mãe diz que há perigo de incêndio, porque meu quarto é entulhado demais. Não tenho permissão para acender velas até que eu me livre de toda a tralha inútil, mas tenho dificuldade de saber o que é irrelevante e o que não é.

Pego um CD do meio da pilha que balança, no pé da minha cama. São trilhas gravadas em casa, para humores diferentes — essa é intitulada *Caminhadas Noturnas*, que está rabiscado de forma desleixada no lado opaco. A lista de bandas: Misfits, Green Day, Bad Religion, Crucibles e Blink-182. “Letters to God”, de Box Car Racer, começa a tocar e, quando o vocal nasal começa a lamuriar, me permito só uma ponta de satisfação.

Sento na janela, como sempre, mas sei que Cameron não virá esta noite. O capuz de seu moletom sempre o entrega, destacando-o, na sombra — os cadarços brancos em seu peito ficam iluminados pelo luar. O gramado atrás da casa de Lucinda tem uma subida — a construção fica no pé de uma colina de subúrbio. De onde Cameron fica, perto da cerca, nós dois conseguimos ver dentro do quarto dela.

Faz quase 24 horas que Lucinda Hayes desapareceu e, esta noite, a grama está imóvel. Uma viatura está parada com as luzes apagadas, sorrateiramente, ao lado da casa. Os Hayes estão na sala de estar, mas, da minha cadeira, olhando para baixo e para o outro lado da grama entre nossas casas, os rostos deles ficam pouco visíveis. Alguns parentes estão visitando — avós, tias, tios —, e eles entram e saem da cozinha com copos fumegantes de chá e comida que ninguém toca. Uma rotatividade contínua. Lex está sentada no chão, com as costas junto às pernas do sofá — ela parece ela mesma, só que mais nova, como a irmã gêmea princesa de Amy, no joguinho de faz de conta das duas. Só que agora ela está com um jeans salpicado de pedrinhas e chora baixinho, enquanto a avó trança seu cabelo.

Eu procuro o branco dos tênis de Cameron e, em vez disso, encontro as raízes dos arbustos que perfilam a cerca dos fundos, cordas que se desenrolam pela grama da meia-noite. Por um momento ignorante, temo ser tragada por esse crepúsculo interminável.

Lucinda se foi. Cameron não terá ninguém para observar. Ninguém para deixá-lo de mãos trêmulas. Ninguém para pensar antes de pegar no sono, enquanto ele olha as rachaduras no teto ou conta os cotovelos de Órion.

Como Zap costumava me olhar:

De olhos bem abertos, como alguém pego de surpresa por uma câmera. Geralmente rápido. De passagem. Em momentos mais demorados, que se estendiam além de seu tempo apropriado. *O quê? Um de nós diria. Como assim, o quê?*

Nada.

Você está me olhando engraçado.

Não estou, não.

O que está pensando?

Sabia que Marte leva 686 dias para dar uma volta ao redor do sol?

Não era nisso que você estava pensando.

Prove.

Cala a boca.

Russ

RUSS E DOIS POLICIAIS receberam ordens para bater em todas as portas do quarteirão. Eles começam com as casas que perfilam o playground, as casas com cercas para o carrossel.

Ouviu algo, ontem à noite?

Eles falam com Greg e Rhonda Hansen, o casal mais velho que faz exercícios de calistenia na sala de estar. Falam com a professora de balé de Lucinda, que insiste em servir um chá morno. Falam com Chris Thornton, que se esforça para manter uma bebê agitada em seu colo. Falam com Kelly Dixon-Burns, que está com um robe de seda e olha para Russ por tempo demais enquanto dá uma tragada robusta em seu cigarro, e com Sherry DeCasio, que cai em prantos no instante em que dizem o nome de Lucinda. Nesse caso — assim como foi com a família Weinberg, a família Sanchez e qualquer um que tivesse filhos na Jefferson High —, Russ pergunta: Podemos voltar, depois da escola? Adoraríamos falar com seu filho. A maioria assente solenemente.

Quando Russ volta à delegacia, já é fim de tarde e ele não espera ver o menino.

A foto do anuário escolar de Cameron está pendurada num quadro de avisos, onde eles já prenderam os rostos dos primeiros suspeitos. É

impressionante a semelhança com o pai. Ninguém comenta isso. Ninguém nem menciona Lee.

Mas aqueles olhos castanhos: uma serpente se retorce nas vísceras de Russ. Nostalgia, um punhal.

Todo o departamento de polícia da cidade foi convocado à sala principal de reuniões para ser brifado sobre o caso. Se alguém se lembra que Russ é parente do zelador, Ivan — outro suspeito no quadro de avisos —, ninguém diz nada. Talvez tenham se esquecido do cunhado de Russ. Mais provável que nem se importem.

O caso já está ganhando o noticiário nacional, avisa o chefe. Vocês não devem fazer qualquer comentário para a imprensa.

Uma lista curta de indivíduos suspeitos:

Ivan Santos, o zelador que encontrou o corpo.

Édouard Arnaud, ex-namorado da vítima.

Os pais — Joe e Missy Hayes.

Howard Morrie, o mendigo que vive no parque, atrás da biblioteca.

Cameron Whitley, o garoto da mesma rua que perseguia a vítima.

Russ foi visitar Ivan na prisão — somente uma vez. Sem avisar. Ivan, de 1,88 metro, era imenso do outro lado da mesa metálica na sala de visitas. Russell o cumprimentou com um aperto de mão firme, sentando-se confortavelmente em sua cadeira.

Na prisão, Ivan não brigou com ninguém, não fez amigos. Em vez disso, lia livros: filósofos latino-americanos, junto com resumos de um aluno de artes liberais, do primeiro ano, que Ines encontrou on-line. O tipo de livros que Russ não conseguiria ler se tentasse. *O banquete*, de Platão, os discursos franceses incompreensíveis de Foucault sobre poder. José Martí, Juan Montalvo, Leopoldo Zea e os escritos de Sor Juana Ines de la Cruz, por quem Russ buscou no Google e descobriu ter sido a primeira escritora latino-americana feminista. Ivan copiou, na íntegra, o Novo Testamento em blocos pautados que Ines comprou e enviou para ele. No fim, a única prova

do tempo que Ivan passou em cana foi sua religião da Nova Era Cristã, uma combinação notável de filosofia estudiosa, catolicismo e discurso motivacional. Isso e uma tatuagem de prisão malfeita no punho direito — uma Virgem de Guadalupe sangrando, com um buquê de flores de quatro pétalas murchando ao lado.

Agora um homem livre, Ivan dá sermões filosóficos à comunidade de língua hispânica que ocupa cadeiras plásticas na igreja de um cômodo na Fulcrum Street. Ele prega de camisa branca e calças bem passadas, incentivando-os a ampliar sua pesquisa espiritual por meio da leitura e, em lugar da Bíblia, ele lhes dá *O banquete*, de Platão, e fala de emancipação.

Acreditem na própria bondade, grita Ivan. Confiem na própria bondade. Confíe en su propia bondad.

Ines se senta na frente. Ela canta de olhos abertos e orgulhosos. As idosas da igreja preparam comidas para ela e entregam em casa — enquanto Russ está no trabalho, Ines caminha até o outro lado da cidade e devolve as panelas vazias. Frequentemente, Russ fica imaginando se Ines sente falta daquele lado de Broomsville, com suas casas tortas e carros com tinta descascando, e todas aquelas mulheres que respondem à sua linguagem intensa. Às vezes, dormindo, Ines murmura num espanhol suplicante. Russ mantém caneta e papel em sua mesinha de cabeceira, para poder escrever as palavras e frases e procurar no Google, de manhã.

Quando o detetive Williams questiona Ivan, na sala dos fundos da delegacia, este não demonstra nada daquela fúria messiânica. Russ observa rapidamente, por trás do vidro, enquanto o detetive aplica todos os truques de interrogatório que conhece. Eles o interrogam por seis horas e Ivan não demonstra nada, além de uma calma ressonante que aterroriza Russ, que pensa nas centenas de blocos pautados — a Bíblia escrita à mão — empilhados no chão, ao lado de um colchão de casal.

Eu não sei de nada, diz ele, repetidamente.

Eu só a encontrei, diz ele, repetidamente.

Confíe en su propia bondad.

Russ e Ines se conheceram no verão. Os verões do Colorado são secos — o calor oprime, é lento e insuportável como uma cortina abaixada sobre um palco ardente. Poeira vermelha. Cloro. Cimento branco quente.

Russ estava de folga. Garotas com vestidos de alcinha circulavam descalças pelo parque, onde os meninos jogavam frisbees e deixavam o sol penetrar em suas camisas.

Russ havia estacionado o carro e observava a multidão sob a imensa tenda celeste sem nuvens. Ele pretendia dar uma corrida montanha acima, mas estava quente demais, então, parou no Main Street Park. Não podia voltar para casa, onde ficaria fritando diante da televisão, bebendo Bud Light. Não era raro que Russ passasse suas 48 horas de folga sem falar com ninguém, exceto o entregador de pizza cheio de espinhas.

Então, fora até o parque para ver os empurrões e gritinhos de outras pessoas, reconhecer a existência delas. O dia cheirava a sonho de filtro solar e Russ seguiu pelo caminho de pedestres até passar por um carrinho de sorvete. Entrou na fila, pediu uma casquinha e caminhou em direção a um banco que tinha uma metade vazia.

A casquinha derreteu mais depressa do que ele pôde comer, o sorvete açucarado de cereja pingando do cone de papel e por cima de seus dedos, escorrendo em seu short cáqui e penetrando, marcando como pequenos botões cor de sangue.

Aqui, disse ela.

Ines estava sentada a seu lado no banco, um livro no colo. Ela estendia um pacotinho de lenços de papel.

Obrigado, disse Russ enquanto se limpava.

De nada, respondeu ela.

Ela tinha um sotaque. Reluzia sob o sol, as páginas de seu livro tinham um tom cegante de branco, e ela estava com um short jeans e uma camiseta larga.

O que você está lendo?, perguntou Russ.

Ela ergueu a capa. *O amor nos tempos do cólera*, ele leu em voz alta, tropeçando na palavra “cólera”, porque não se lembrava do que queria dizer, nem como pronunciar. Ela tinha marcado a página inteira com lápis. Russ não se lembrava da última vez que havia lido um romance. Ele nem tinha certeza se chegou a terminar um.

É bom, quis saber ele.

Sim. Eu li muitas vezes na escola, mas essa é a primeira vez que leio em inglês. É bem diferente.

Como?

O frasear. Assim que se fala, certo? Quando uma frase tem interpretações diferentes?

Sim. Assim que se chama.

Quer ver?, disse ela ao folhear o livro, depois arrancou uma página.

Um som de quem arranca um Band-Aid — antes que Russ pudesse protestar, ela lhe entregou a página com a borda irregular, com uma única frase sublinhada. Ele estreitou os olhos para ler.

“Ele ainda era jovem demais para saber que a memória do coração elimina o que há de mal e amplifica o que há de bom, e que, graças a esse artifício, conseguimos suportar o fardo do passado.”

Legal, não é?, disse ela.

Muito.

Ele foi lhe devolver a página — como se ela pudesse reinseri-la no livro —, mas ela fez um gesto com a mão, descartando. Quando ela sorriu, ele ficou imaginando se Ines estaria paquerando. Havia anos que ele não paquerava.

Pode ficar, disse ela, antes de erguer o livro ao rosto e se acomodar novamente em seu lugar, mergulhando nas palavras. Russ enfiou a folha no bolso e se levantou para jogar fora o cone de papel da casquinha. Ele foi seguindo de volta, em direção a seu carro, torcendo para que ela lhe pedisse para ficar, ou que ele tivesse coragem de fazê-lo.

O detetive Williams tem quase a mesma idade do pai de Russ, que serviu como mentor ao detetive, nos anos 1960. Ah, Fletcher, o detetive está sempre se lembrando do passado. Seu pai realmente me deu o empurrão na corporação, sabia? Ele acreditou em mim quando ninguém mais acreditava.

Você não vai querer ser patrulheiro para sempre, certo?, pergunta o detetive Williams a Russ. Quer subir de cargo em algum momento, né?

Russ não consegue se imaginar como detetive. Ele gosta da tranquilidade de sua viatura, do véu suave do turno da madrugada. Do reflexo das luzes dos faróis nas ruas asfaltadas e sonolentas. Do zunido do aquecedor na vasta escuridão que o cerca, o único acordado, o único vivo.

É claro, responde Russ. Claro que quero subir.

Depois do interrogatório de Ivan, Russ observa seus colegas saindo, enquanto o detetive Williams pousa uma mão no ombro de Russ. Aproxima seu rosto envelhecido. Seu hálito cheira a salame.

Preste muita atenção a esse caso, o detetive Williams cospe no pescoço de Russ. Você pode aprender uma coisinha ou outra.

A verdade é que Russ não quer nada além do que tinha antes, e não desistiria de seu emprego como patrulheiro por medo de perder sequer a menor lembrança.

Ivan deixou a delegacia antes da chegada da família de Lucinda. Não há espaço suficiente e, legalmente, não podem mantê-lo detido — ele cooperou com a polícia. Quando Ivan vai embora, faz um pequeno cumprimento a Russ, que não consegue calcular a sinceridade do gesto.

Eles começaram entrevistando o pai de Lucinda. Russ observa do outro lado do vidro espelhado.

Joe Hayes está sentado do outro lado da mesa, de frente para o detetive Williams e o tenente. Seu cabelo grisalho, ralo e escasso, reflete a luz fluorescente. Ele passa uma das mãos nos olhos como se fosse um pano — a camisa de abotoar do sr. Hayes já parece uma reminiscência de uma versão anterior dele, de alguém antes da morte da própria filha. A camisa de um homem que tinha prazer em encher uma caneca térmica antes de entrar no carro e dirigir para o trabalho. Ele usa óculos de armação metálica, que remove, intermitentemente, e dobra nas mãos, para ter o que fazer com elas. Russ sabe que a tragédia é bandida. Ela irá comer os dias e meses do sr. Hayes, irá devorar seus anos de vida.

O detetive Williams pergunta: Há algo que o senhor saiba que possa nos ajudar com a investigação?

O pai de Lucinda lhes conta sobre o menino, ano passado — o menino no quintal. O menino que eles pegaram junto à cerca, a quem ele disse para ir embora e nunca mais voltar. O menino que eles frequentemente sentiam estar lá, uma presença do lado de fora da casa. Porém, na hora em que as luzes eram acesas, o quintal estava vazio, noite após noite.

Sabe o nome desse menino?, pergunta o detetive.

Ele era da turma de Lucy, o pai lhes diz. Cameron Whitley. Os outros vizinhos também o viram, caminhando tarde da noite.

Até o som do nome de Cameron leva Russ a lugares onde ele preferia não ir. O nome é dito em voz alta: Whitley. Um afundamento em areia movediça. Veloz e sem salvação.



A mãe de Lucinda gira um anel prateado em seu dedo indicador, as mãos tremendo tanto que ela não consegue segurar o copo d'água que colocaram à sua frente. Seu cabelo tem o mesmo tom de dourado dos cabelos das duas filhas.

O detetive Williams pergunta: Há algo que a senhora saiba que possa nos ajudar na investigação?

Uma mistura de choque e pesar vem à tona. Um gemido incompreensível, um breve ataque de falta de ar. Uma assistente social senta ao lado da mãe de Lucinda, esfregando suas costas em afagos metódicos.

Russ nunca sentiu algo tão forte. Nível oito. O outro policial patrulheiro recua lentamente, constrangido por estar espionando um espetáculo tão infeliz. Mas Russ não está constrangido. Ele está fascinado, ligado e, de alguma forma incompreensível, invejando. Aquele pesar — tão puro.

E, por último, a irmã caçula. Enquanto eles entrevistam Lex, o pai se senta amuado na cadeira ao lado dela, de cabeça baixa.

Lex está usando um gorro de lã com listras da cor do arco-íris, com um pompom no alto. Ela está de luvas de esqui, puxando o tecido em cada dedo, desde o mindinho até o polegar.

Eu amo minha irmã, diz Lex, com os olhos arregalados e molhados. Ela faz coisas normais, do ensino médio, eu acho. Passa bastante tempo em seu quarto mandando mensagens no celular. Eu ainda não tenho celular, mas terei um, quando eu fizer catorze anos, como a Lucy...

A voz de Lex falha e seu pai se levanta.

Já chega.

O detetive Williams agradece aos dois e os conduz até a saída, retorcendo as mãos, como se tivessem ficado dormentes pelo frio.

Não temos nada, murmura distraidamente para Russ.

Russ chega tarde em casa.

Ines está na poltrona perto da lareira, sentada sobre as pernas cruzadas. Há um interruptor ao lado da pedra da lareira que acenderia o fogo a gás, mas, nos três anos de casados, nem Russ nem Ines o acenderam.

As unhas claras de Ines manobram as agulhas de tricô — elas tilintam batendo uma na outra, único som naquela casa grande. Uma trança emaranhada pende sobre seu seio esquerdo. Geralmente, quando Russ chega em casa, Ines está no computador, no canto da sala, sorrindo consigo mesma enquanto lê um e-mail de uma de suas irmãs, rindo alto enquanto responde, digitando um espanhol escrito sem sotaque, no teclado em inglês de Russ.

Russ e Ines vivem numa casa eternamente de solteiro. A sala é fria, com um tapete bege velho, um sofá, uma mesa de centro lascada e muito espaço vazio. Os móveis são de antes de eles se casarem. A única coisa que Ines inseriu na decoração foi uma foto dos membros da família, em pé num jardim, um emaranhado de braços felizes. Do lado de fora da janela, as montanhas são picos de brinquedo — seus topos pintados de branco —, minúsculas.

Russ joga a jaqueta no encosto do sofá.

Oi.

Oi, diz Ines, tricotando.

Tem cerveja?, pergunta ele.

Dá uma olhada na geladeira, diz ela, e Russ percebe que Ivan não ligou para a irmã, que Ines não ligou a televisão hoje.

Russ encontra uma lata de Bud Light pela metade, na porta da geladeira. Ele bebe depressa, mas está sem gás e ficou aguada. Habitualmente, Russ perguntaria como foi a aula, mas hoje é quarta-feira e as crianças têm a quarta de folga. Em qualquer outro dia, ele perguntaria pela aluna preferida de Ines, a menina que conta histórias engraçadas e não consegue aprender sequer uma palavra em espanhol. Em qualquer outro dia, Ines falaria animadamente, repetindo as fofocas adolescentes com um sotaque americano exagerado, como as garotas irritantes nos shoppings. Ai, meu Deeeeus, diz ela.

Russ gostaria de falar com Ines em espanhol. Então, talvez, ela erguesse os olhos do tricô. Ele ainda se lembrava um pouquinho das aulas obrigatórias de espanhol que teve na academia de polícia, e baixou um app de línguas, quando o Google se provou ineficaz. Mas seus boletins de

ensino médio deixaram claro que Russ não era nenhum estudioso. Ele memoriza uma palavra atrás da outra — *la mesa, el coche, ocho, nueve, diez* —, mas no dia seguinte é como se o espanhol tivesse um alfabeto completamente diferente.

A aluna predileta de Ines tem um nome que parece vir de uma novela antiga. Foi a primeira coisa que Russ reconheceu esta manhã: Lucinda. Russ não conta a Ines sobre o irmão, encontrado na cena de outro crime. Ele a prefere assim — tricotando. Sua esposa, plácida e serena.

Cameron

COISAS QUE CAMERON NÃO gostava de lembrar:

1. O couro cabeludo do pai. Como o cabelo do pai havia escasseado na frente, com a careca avançando para trás, revelando cada vez mais a pele rosada.
2. Os ossos do dedo. O distal, intermediário e o proximal. E como os de Lucinda eram especialmente longos. E finos.
3. O show de talentos do segundo ano do fundamental — única vez em que Cameron se apresentou num palco.

Cameron tinha ensaiado durante semanas. Ele seguia dedilhando o piano na sala, aperfeiçoando “Für Elise”. Mas no momento do show de talentos, naquela hora de expectativa e terror, o palco do ginásio pareceu estranho demais. Cameron detestava todos aqueles olhares — suas mãos escorregavam nas teclas, estavam suadas demais. Ele tocou três notas, o começo da melodia, antes que a onda tomasse vulto à frente e o tragasse em sua espuma. Ele apagou.

As professoras disseram que ele foi ótimo. O intervalo entre o coro e a ponte foi comovente, ele tinha um senso natural de lirismo. Disseram que ele estava tão envolvido na música que seu corpo inteiro balançava — ele tinha que continuar, tinha talento. Quando Cameron ficou em silêncio no jantar naquela noite, a mãe e o pai disseram: “Cameron, o que foi?” Ele não sabia. Não era Cameron, lá em cima, tocando “Für Elise”. Era outra pessoa. Um corpo inabitado.

Aqueles três minutos lhe escaparam, com toda sua glória e pânico.

Naquela noite, ao voltar da *Árvore*, Cameron deitou na cama. Os seus dedos dos pés estavam azulados dentro das meias de lã. A mãe havia voltado ao trabalho, embora isso fosse *contra o seu bom senso*, e ele prometeu que ficaria bem ali no sofá, certo?

A *Árvore* era o espaço sagrado e secreto de Cameron.

A *Árvore* assumia a forma de um homem, e por isso Cameron escolhera esse álamo específico: tronco grosso como um dorso, com cerca de 1,80 metro de altura. Quando Cameron estreitava os olhos, podia imaginar uma coluna, as vértebras empilhadas, umas sobre as outras, uma torre inconsequente de blocos. Podia imaginar o coração — o álamo tinha um nó na casca de seu peito, com um naco saltado no local exato da aorta. Geralmente, era ali que ele mirava. Às vezes Cameron mirava nas duas rótulas, mas essa era a coisa mais cruel a se fazer e, ao lembrar-se disso — lembrar-se do quão reais aquelas pernas haviam sido em sua cabeça, quando ele apertara o gatilho —, a culpa o penetrou, espalhando-se pelo seu corpo como se fosse tinta.

Hoje, Cameron havia montado o revólver calibre .22 no chão como um sacrifício, com o cilindro pousado num punhado de neve suja. Ele gostava de pensar que estavam cantando, de lábios fechados, todas aquelas pessoas imaginárias da *Árvore*, aqueles objetos de ficção de sua mente, a quem ele realmente havia ferido. E agora Lucinda também estava ali. Ele torcia para que, de manhã, os pássaros cantassem suas canções gorjeadas para ela.

Seguro em seu quarto, Cameron tinha pensamentos que eram como o cordão de um ioiô esquecido — todos enroscados, torcidos de forma inconveniente. O psiquiatra que ele vira por alguns meses, depois que tudo aconteceu com o pai, lhe dera uma palavra de segurança para momentos como esse, momentos que beiravam ataques clínicos de pânico, mas pareciam diferente, tão específicos para Cameron e sua balbúrdia interna. Desemaranhar. Essas doze letras costumavam acalmá-lo, costumavam

afugentar o apagamento que dava a sensação de desmaio. Desemaranhar. Dar uma volta, conversar com as pessoas, tocar piano ou o que ele estivesse fazendo antes, só que com o cérebro tão oprimido que tinha apagado completamente. Desemaranhar.

Aos poucos, a palavra de segurança perdera o significado. Ele pensou demais nela, como acontece quando você fica olhando fixamente para uma palavra e ela deixa de parecer uma palavra e passa a ser uma formação estranha de letras sem um significado real.

Desemaranhar não traria Lucinda de volta à vida e não amorteceria a maldade da Árvore. Ele queria se lembrar como o carvão desbotava no contorno do maxilar de Lucinda. Sua simetria numa folha de papel de 9 por 12. Urgente. Cameron enfiou a mão entre sua cama e a parede, onde ele escondia a revista pornográfica que Ronnie lhe dera em dezembro (Rayna Rae no encarte do meio, com seu cabelo preto que mal cobria seus mamilos).

Ao enfiar a mão embaixo do colchão, o polegar de Cameron tocou em algo sólido, preso entre a cama e a parede.

Antes de puxar, sob a luz fraca da tarde, ele já sabia no que estava tocando. A camurça era inconfundível. A tira elástica o mantinha fechado, numa acusação que sussurrava em seu ouvido, antes que ele sequer tivesse visto a coisa: *você fez algo errado*, aquilo lhe dizia. *Você fez algo muito errado*.

Cameron o pousou como um corpo na mesa do legista. Estava de pé, acima de sua cama, examinando a estranha combinação de formatos sinônimos: a cama retangular, os lençóis retangulares, o edredom retangular, o travesseiro retangular e, no meio, o diário retangular de Lucinda.

Desemaranhar não explicaria como o diário de Lucinda acabou ali em sua cama. Desemaranhar não lhe diria o que fazer com aquilo. Desemaranhar não o ajudaria a lembrar-se da noite de 15 de fevereiro — a noite passada. Não a traria de volta à vida.

Vinte e três minutos se passaram e Cameron só conseguia pensar: nunca estivera tão perto dela.

Sem nem mesmo abrir o diário, ele sabia que o que ela escrevera deveria ter sido registrado com empenho meticuloso. Ele se lembrava de suas anotações na escola, como o “y” e o “g” se curvavam abaixo da linha azul. Cameron esticou o elástico para o lado, pensando que ele só conhecera Lucinda através de janelas e da aula de educação física, sorrindo por cima de seu ombro, ela, com sua camiseta de ginástica da Jefferson High, “LUCINDA” escrito com hidrocor e em letra de forma na altura da barriga.

Cameron passara a gostar da família Hayes — do jeito que eles picavam cebolas para o jantar e esfregavam os olhos de manhã. Penteavam o cabelo depois de um banho de chuveiro. O pai lavava a louça; a irmã caçula secava. Cameron recusava-se a formar uma opinião sobre os milhões de modos que eles escolhiam para se mover pela casa; isso não era função dele. Ele era apenas uma testemunha.

O diário roxo era a única coisa que restara de Lucinda. Cameron não deveria ser a pessoa a abri-lo. Não parecia justo. Então, ele colocou o diário na prateleira do alto de seu armário, junto com a Coleção de Lápis e a Coleção de Pessoas Que Faziam Coisas Terríveis, ambas em pastas pardas escondidas atrás de uma pilha de suéteres que há muito ficaram pequenos nele.

Cameron tinha muitas coleções diferentes, todas escondidas na prateleira do alto de seu armário. A Coleção de Lápis, a Coleção de Canetas, a Coleção de Fotos de Quando a Mamãe era Jovem. A única escondida em sua cabeça era a Coleção de Noites de Estátua — essa era sua predileta, porque era repleta de Lucinda.

Cameron não escondeu o diário por medo de ser pego.

Ele simplesmente não queria destruí-la.



Sua mãe estava sempre cansada depois do trabalho. Seus dias eram longos, porque ela os passava discutindo o preço da lã com idosas e cortando tecido com uma fita métrica especial, na loja de artesanato.

Esta noite, a porta da geladeira abriu e fechou. A gaveta de talheres tilintou com garfos e facas. Cameron ficou ouvindo, até que a mãe bateu devagarzinho na porta de seu quarto.

— Por que você está no chão? — perguntou a mãe, abrindo a porta rangente.

Ela estava segurando um prato com maçãs cortadas em fatias sorridentes, com um naco de manteiga de amendoim orgânica na borda.

— Fiz um lanchinho. Vamos lá fora, você parece precisar de um pouco de ar.

Cameron vestiu o casaco e o gorro e foi atrás da mãe. Eles se sentaram nos degraus da varanda, que ainda estavam secando. A jaqueta da mãe era num tom claro de roxo. Ela a usara em todos os invernos, desde que Cameron podia se lembrar, e seu gorro era de loja de departamentos, não parecia aquecer muito.

— Sei que foi um dia difícil — disse a mãe.

Ela mordeu uma fatia de maçã. Cameron adorava olhar as pessoas comendo frutas. Pêssegos, principalmente, pareciam beijos. Molhados e grudentos.

— Preciso falar com você — disse a mãe. — Sobre ontem à noite. Quando Lucinda... — Ela ergueu o rosto para o céu e fechou os olhos, como fazia quando tinha dor de cabeça. — Quando Lucinda foi assassinada. Lembra-se de quando o diretor Barnes me puxou de canto, quando fui buscá-lo hoje?

— Sim.

— Ele perguntou se você estava em casa ontem à noite. Eu disse que sim. A polícia nos pediu pra ir até a delegacia, mas eu queria falar com você primeiro. Cameron, meu bem, olhe pra mim — disse ela. — Você não estava em casa ontem à noite.

Cameron pegou as palavras e tentou formá-las num molde em que pudesse compreendê-las melhor: *Você não estava em casa*. Se ele não estava em casa e Lucinda estava morta... A mãe jamais mentiria.

— Eu estava em casa — disse Cameron.

— Eu tinha tanto medo disso — retrucou a mãe. Ela pressionou os dedos sobre o osso do nariz. — Eu ouvi um barulho vindo do seu quarto. Você não estava lá, mas a janela estava aberta. Sei que você já fez isso... Andar por aí, à noite. Preferi não me preocupar.

Cameron tossiu, porque pareceu a coisa lógica a fazer.

— Mãe, eu estava em casa.

— Querido...

Ele não conseguia olhar para a mãe, porque dava para sentir, pela maneira como sua cabeça estava abaixada, que ela estava chorando. Ele a arrastara lá para fora e a fizera dizer aquelas palavras horríveis — *Você não estava em casa; você não estava*. Cameron sentiu o começo do emaranhado chegando. Sua cabeça mal se sustentava em pé; seu interior estava inchado e furioso. Sua visão periférica estava obscura, a respiração parecia cimento em seu peito. Ele pressionou a palma da mão com tanta força no chão que os ciscos de pedra se alojaram em sua pele, lançando rajadas de dor pelo seu braço inteiro, e isso fez com que ele se sentisse um pouquinho melhor.

— Onde eu estava? — perguntou Cameron.

— Eu estava torcendo para que você pudesse me contar — disse a mãe.

— Eu não me lembro — contou Cameron, e era verdade.

— Você não pode ter se esquecido. Foi ontem à noite.

— Eu não me lembro de nada — disse Cameron, sem saber identificar no rosto da mãe, que tinha a expressão mais amedrontada e penosa que ele já vira, se ela acreditava nele.

O nariz dela estava escorrendo, formando um pequeno rio acima de sua boca, mas ela não se mexeu para limpar. Em vez disso, pegou a mão grudada de Cameron e entrelaçou seus dedos leves aos dele. Cameron ficou constrangido porque estava muito velho para coisas daquele tipo, mas ele gostava demais da sensação para soltar. Era como se alguém tivesse pousado uma vareta trêmula sobre as cordas de um violino e começasse a tocar uma nota vibrante e longa nas costelas dele e nas dela. Os dois estavam completamente imóveis.

Cameron não se permitia chorar havia quase três anos, porque temia a represa: quando começasse, não conseguiria parar. Então, em vez de chorar,

ele deixou que a tristeza se espalhasse por dentro de sua garganta, deixou que ela se dissolvesse em suas glândulas, queimando espessa. Ele e a mãe estavam curvados, anestesiados sobre o concreto que secava do lado de fora da casa bege, se agarrando um ao outro com tanta força que as palmas doíam. Esse tipo de pesar era insuportável, mas era bom compartilhá-lo com alguém, mesmo que aquilo deixasse seu pescoço incrivelmente pesado.

Cameron tinha pensado em manter suas coleções no armário do pai, porque a mãe jamais entraria ali. Ficava no fim do corredor, do lado de fora do quarto deles. O armário cheirava ao pai: couro gasto, as páginas do jornal da manhã. Aquele armário era o local para onde ele ia quando ficava mais emaranhado — desde que o pai partiu, Cameron só havia entrado ali duas vezes, quando a saudade parecia grande demais. Ele ficava em meio às camisas ásperas e calças dobradas em cabides, imaginando como seria vestir aquelas roupas todos os dias, como seria se sentir uma pessoa ruim.

A Coleção de Pessoas Que Fizeram Coisas Terríveis era uma pasta parda. Por princípio, o pai pertencia a ela, embora Cameron se sentisse mórbido em colocá-lo junto com Andrea Yates.

Tudo começou com Andrea Yates. *Você ouviu falar daquela mulher do Texas que matou os próprios filhos?*, disse alguém na aula. *Ela os afogou na banheira. Achou que os estivesse salvando do demônio.*

Cameron pesquisou no computador da família. Ele imprimiu tudo que pôde encontrar: matérias dos noticiários, fóruns em blogs, fotos de família. Queria saber como tanto amor tinha sido narrado, queria possuir aquilo de alguma forma, nem que apenas para se sentir triste pelas crianças mortas ou pelo marido e até por Andrea Yates. Embora ficasse nauseado em olhar as coisas terríveis que a mulher tinha feito, ele queria cada detalhe. Queria saber o que as crianças comeram no café da manhã naquele dia, o que estavam vestindo e como o marido se sentiu quando encontrou os corpinhos deitados na cama de casal king size. Se as crianças estavam com xampu na

boca, se o xampu fez bolhas entre os dentinhos dos bebês, se eles tentaram gritar, mas só gorgolejaram. E se Andrea Yates fez algo tão terrível por amor. Se você podia contar um amor assim — cinco corpinhos magros, encharcados em água sombria que vazava através do colchão. Ele leu que um deles era um bebê. Ficou imaginando como um amor desses morreu afogado. Ou pior, como ele secou.

Então, a Coleção de Pessoas Que Fizeram Coisas Terríveis começou com Andrea Yates e, uma vez que ele passou a olhar tudo aquilo, o restante da coleção veio rapidamente e com a mesma curiosidade causticante. Em seguida, veio o assassino da casa da irmandade do Sul. Depois, Jack, o Estripador. E no fundo da pasta, o pai.

Com a Coleção de Pessoas Que Fizeram Coisas Terríveis espalhada no chão, Cameron começou a se sentir emaranhado. Ele tirou a massinha do bolso e a apertou nas palmas das mãos até ficar chata como uma panqueca. Seus pensamentos eram como beija-flores de desenho animado, voando em círculos ao redor de sua cabeça, bicando os lóbulos de suas orelhas, cutucando seus ombros. Eles não o deixavam. Geralmente, ele ficava grato por aquela companhia, mas o diário de Lucinda estava em seu armário e ela estava morta, e ali estava Cameron, sentado no chão, com o pai e Andrea Yates.

Cameron tirou a tela da janela do quarto e deixou que o ar de fevereiro lambesse seu rosto.



A vizinhança estava em penumbra pelo choque. A neve já tinha derretido quase toda. Lucinda morreu na noite anterior e as sombras pareciam mais longas. Os faróis eram cegantes. Cameron observava, de seus locais invisíveis.

Os Hansen estavam assistindo à televisão. Seus rostos caídos, a luz azul piscando sobre a pele pegajosa.

O sr. Thornton estava sentado sozinho na poltrona da sala, com os brinquedos da bebê Ollie espalhados no tapete. A essa hora da noite, ele geralmente saía para passear com o cachorro, tirando a coleira retrátil azul de um gancho perto da porta. Geralmente, quando o sr. Thornton prendia a correia na coleira do cão, Cameron começava a caminhar de volta para casa — ele não gostava de compartilhar seu refúgio das ruas sombrias. Mas, essa noite, o cão estava dormindo junto aos pés do sr. Thornton. Ele tinha deixado uma luz acesa — a luminária de vitral, no canto dos fundos da sala de estar. Isso enfatizava os detalhes em silhueta: o contorno do paletó de seu terno, ainda passado. As dobras de sua camisa. A gravata, pendendo em volta de seu pescoço, como um laço abandonado.

Uma vez, o conselheiro da escola perguntou a Cameron se ele se sentia mais feliz sozinho do que com outras pessoas. Foi uma pergunta boba. Outras pessoas não estavam tentando desesperadamente se manterem desemaranhadas, elas não estavam pensando em suas coleções e nas complexidades nos corpos nelas intrínsecos, nem em Lucinda Hayes e nas mechas individuais de seu cabelo, com glândulas nas pontas, secretando óleo ceroso. Elas não estavam imaginando os ossos dos quadris de Rayna Rae, no encarte central, nem no espaço plano entre aqueles quadris, como o interior limpo de uma pia de mármore. Mesmo quando Cameron estava com outras pessoas, ele estava sozinho, e isso o fazia se sentir tanto cosmicamente sortudo, quanto inútil para o mundo.

Lucinda estava morta e o fato recaía sobre as casas como a neve da noite anterior. Primeiro, parecia suave e logo derreteria negligentemente, mesclando-se ao modo das coisas. Mas, para Cameron, não: Lucinda estava morta e o lembrete o estapeava constantemente, ondas oceânicas gélidas batendo em suas coxas. Ele só podia adentrar mais fundo. Mais fundo, até que a verdade borbulhasse em sua boca, salgada, infeliz. Mais fundo, até que não fizesse mais sentido buscar pela costa, porque ele sabia que Lucinda não estaria ali.

SEGUNDO DIA

QUINTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO DE 2005

Jade



CAMERON TIRA UMA MAÇÃ de um saco de papel. Morde, hesitante. Mesmo do pátio, reconheço aquele constrangimento familiar quando ele se senta sozinho numa mesa perto da janela.

As pessoas passaram o dia todo cochichando: agora, os policiais estão só procurando provas. Ele era obcecado por Lucinda. Ele a perseguia.

Não acho que tenha sido assim, com Cameron e Lucinda. Eles eram amigos. Mesmo. E as pessoas não sabem como ele olhava, em pé, patético, no gramado dela, toda noite. Olhares derretidos. Adorando.

Uma vez, ouvi Beth dando um gritinho ridículo, provocando ele — ela e Lucinda estavam caminhando de braços dados pelo corredor de ciências, quando Cameron passou, de cabeça baixa.

— Psicopata — falou Beth, alto o suficiente para que ele ouvisse.

Cameron se camuflou com facilidade, rapidamente se misturando ao enxame de alunos. Lucinda parou de andar, sacudiu o braço para se soltar e segurou o caderno junto ao peito — tinha uma pintura impressa de Degas colada na capa. Uma bailarina apoiada num banco, amarrando as fitas da sapatilha, com um tutu na cintura.

— Você nem conhece o garoto — disse Lucinda a Beth. — Deixe ele em paz. Ele não é maluco.



O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

COLÉGIO JEFFERSON HIGH — REFEITÓRIO — MEIO-DIA

CELLY se aproxima de AMIGO (15 anos, pária social) na mesa do refeitório. Ele ergue os olhos para a massa que é ela, com olhos de caça.

AMIGO (assustado)

É... oi.

CELLY

Nós nos encontramos ontem. No escritório do diretor.

AMIGO

E-eu sei.

CELLY

Posso sentar?

Amigo enfia a maçã comida pela metade no saco de papel, corando, enquanto Celly se senta de frente para ele.

CELLY (continua)

Eu não vou entregar você. Pelo que vi na outra noite.

AMIGO (gaguejando)

Não sei do que você está falando.

CELLY

Da noite em que Lucinda morreu. Vi você no gramado dela. Eu sempre o vejo ali.

AMIGO

Eu não...

CELLY

Está tudo bem, você não a matou.

Amigo olha em volta, depois olha para o colo.

AMIGO

Você nem me conhece.

CELLY

Eu tenho uma teoria, sabe? Toda pessoa é apenas um conglomerado de observações e insights. É impossível conhecer alguém de verdade. De qualquer forma, acho que você não machucaria Lucinda.

Amigo engole em seco com força.

CELLY (continua)

Eu tenho observado. Você não é o único capaz de observar as pessoas.

Amigo levanta depressa, amassando o saco de papel, fazendo uma bola. Ele olha de volta para Celly.

AMIGO

Obrigado, eu acho.

Amigo sai apressado, deixando Celly sozinha. Ela ri, sacode a cabeça.

CELLY

Deus me ajude, se eu estiver me tornando uma otimista.

Eu não abordo Cameron. Em vez disso, eu me sento embaixo da árvore do pátio, tracejando a minha tatuagem com uma canetinha hidrocor Sharpie. Um dragão de cauda pontuda e espirais de fogo.

O Capítulo Dois de *Feitiçaria moderna* é sobre os sinais dos mortos. Você recebe três sinais se alguém o estiver contatando do pós-morte: a Imagem, o Sonho e o Sinal.

Um serial killer matou a esposa de um homem de Oklahoma. Ela lhe mandou esses três sinais, repetidamente, que ele registrou em seu blog: a Imagem, o Sonho e o Sinal. *A Imagem, o Sonho, o Sinal. Sinais dos mortos*, escreveu ele no blog, *são apenas sinais de sua mente. Isso não é possível*. Eles continuaram, em conjuntos de três, até que o homem chamou a polícia. Sem dúvidas, alguém estava brincando com ele.

Os policiais o encontraram pendurado no ventilador de teto, com uma das camisolas da velha esposa amarrada ao pescoço. Pelo posicionamento do laço da forca, confirmaram que não foi suicídio. Mas todas as portas da casa estavam trancadas por dentro.

Da primeira vez que li esse capítulo, eu estava sentada na cama, em cima de uma montanha de camisetas sujas, lendo junto à luz da minha vela de camomila. Subitamente, tudo em meu quarto era um sinal: minhas tabelas da lua. Bonecas duendes com cabelo cor-de-rosa eriçado. Minha coleção de obituário. Minha coleção de pedras que parecem outras coisas (corações, cachorros, Jesus). A Imagem, o Sonho, o Sinal. A Imagem: uma representação visual do falecido. O Sonho: exatamente como soa. E o Sinal: algo seu que o falecido clamou como dele. Como você pode reconhecer um Sinal quando recebe um? Senti um aperto no peito — um medo paranoico, tolo.

Meu único alívio: eu nunca tinha conhecido ninguém que houvesse morrido.

A primeira magia que fiz foi para Amy. Eu queria que ela voltasse da escola para que minha mãe não notasse que matei aula, então misturei um saco de ervas e escondi na roupa suja de Amy, exatamente como *Feitiçaria moderna* instruía. No dia seguinte, ela acordou com febre. Prometi nunca mais praticar magia. Claro que isso só durou um tempo.

O sinal alertando sobre o término do intervalo toca e eu deixo metade do sanduíche de manteiga de amendoim embaixo da árvore do pátio, para os passarinhos comerem. Ao sair, penso em ir até a mesa de Cameron, interpretando o cenário improvável que imaginei. Mas a vida real não se desenrola assim, em ondas que você pode prever, conforme se erguem e chegam ao pico. Nem o amor. Não sei como o amor se dá, mas o meu palpite? Algo totalmente diferente. Avalanche.

Todos também falam de Zap, é óbvio. Porém, ele não é suspeito como Cameron — Zap não é esquisito, nem oleoso, nem pequeno. Não, Zap brilha demais para esse tipo de desprezo público. Em um ano e meio, todos nós teremos nos formado, e Zap estará jogando futebol em alguma grande universidade. Embora eu tenha jurado não pensar na faculdade até ano que vem, quando terei de fazê-lo — bolsas são difíceis de conseguir e Terry não ganha dinheiro o suficiente para me mandar para nenhuma instituição de qualidade —, eu encontro algum alívio nessa imagem. Todos nós estaremos em nossos quartos, no alojamento, bebendo cerveja barata, com vidas novinhas em folha. Talvez, na desordem da distância e do tempo, todos irão se lembrar de Zap, por quem ele realmente é.

Eu presenciei a mais verdadeira crueldade de Zap. Vi seu lado sombrio. Vi o ódio nos olhos de Zap Arnaud — e mereci aquilo.

O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

COLÉGIO JEFFERSON HIGH — ALA MUSICAL — À TARDE

CELLY se senta na banquetta do piano da sala de ensaio, com instrumentos espalhados pelo ambiente. MENINO (17 anos, magro e bonito) limpa o boquim de seu trombone brilhoso com um pano branco limpo.

Celly o observa.

CELLY

Lembra quando nós éramos pequenos e a mágoa era reservada às canções pop e aos bichos de estimação mortos?

Menino não reage.

CELLY (continua)

Quando éramos tão pequenos e imbecis, quando podíamos passar o dia todo pesquisando um quadrado de grama num campo aberto, cavando, à procura de insetos.

MENINO

Eu lembro.

Celly espera que ele prossiga, mas ele não o faz. Em vez disso, Menino guarda o trombone no estojo e o tranca.

CELLY

Você me reconhece, não? Nós ainda somos aquelas crianças. Claro, fazemos menos disputas de quem come mais chantili. Cochichamos menos no ouvido um do outro. Mas ainda somos nós.

Menino olha de volta para ela antes de sair da sala.

CELLY (continua)

Sempre seremos nós.

Zap e Lucinda terminaram pouco antes do Natal. Dois meses atrás. Pelo menos, isso era o que circulava pela escola. Eles nunca tinham namorado oficialmente — eram só boatos, aqui e ali —, mas Zap estava livre. As meninas falavam a respeito no vestiário, depois da aula de educação física. Eu ficava num canto, relutando para conseguir puxar meu jeans pelas minhas pernas ainda úmidas do banho. *Ouvi dizer que ela o dispensou, falou alguém. Sem nem dar um motivo.*

A última aula do dia de Zap era a banda. Ele toca trombone. Isso é um novo acréscimo, uma exigência da escola que eu acho que ele secretamente gosta. Uma vez, vi uma partitura espetada para fora de sua mochila: a capa de uma canção pop para trombone. Imaginei Zap sentado em seu quarto, com um tripé dobrável para partituras, lábios vibrando junto a um boquim gélido.

Naquele dia, fiquei perambulando pelo corredor da ala musical, com um livro nos braços, o pescoço esticado como se estivesse procurando alguém. Eu não estava. Através da janela da sala de ensaio, Zap desmontava o trombone e guardava num estojo estofado, limpando o boquim com um pano branco. Respirei fundo algumas vezes e abri a porta, segurando o livro como desculpa.

— E aí? — disse eu. — Você viu a Emma?

— Emma? — perguntou Zap. Ele dobrou o pano e pôs na boca do instrumento. Meu coração, um tamborim.

— É.

— Emma Kazinsky? Não. Ela não faz essa aula.

— Ah. — Eu ergui o livro, em resposta. Não importava. Zap colocou a partitura numa pasta, pegou o estojo do trombone pela alça e seguiu rumo à porta, do outro lado da sala. Sentei timidamente na beirada da banquetta do piano, o livro ao lado da minha perna. A sala de ensaio cheirava a bronze e polidor.

— Como você tem passado? — perguntei. As palavras saíram depressa demais.

— Bem. E você?

Esse meio plano que eu tinha arquitetado era ridículo.

— Fiquei sabendo o que aconteceu — contei.

Zap já estava com uma das mãos na porta, a oito metros de distância de mim.

— Eu só queria ter certeza de que você está legal — comentei.

Ele inclinou a cabeça para o lado e estreitou os olhos. Ele fazia isso quando ficava com raiva e tentava não demonstrar.

— Valeu — disse ele.

Ele empurrou a porta para abri-la.

— Bom dia pra você — disse Zap, como se fosse um recepcionista de restaurante.

O estojo do trombone esbarrou na parede quando ele saiu.

Você não se lembra! Deu vontade de gritar. *Não se lembra de antes de ficarmos velhos!* A sala de ensaio era gigantesca, vazia, exceto pela bateria junto à parede, coberta de lonas para proteger da poeira. Passei os dedos nas teclas de marfim do piano — cheia demais de vergonha explosiva e familiar, para fazer qualquer tipo de barulho.

Fomos ao Hangman's depois de um desafio. No verão depois que as aulas começaram. Louis Travelli chamara Zap de mariquinha, então ele teve que ir, teve que acender três velas e entoar um cântico. Eu sabia que ele não queria fazer isso sozinho. Eu era melhor que Zap nesse tipo de coisa: filmes de terror, ir a lugares que não devia.

O Hangman's Hut é somente metade de uma casa. O lado direito foi incendiado — uma bagunça de vigas e colunas de concreto caídas. A casa foi construída no começo do anos 1900. A família Hangman provavelmente morou ali durante os anos 1930. Essa estimativa era baseada nos ossos: os ossos da família inteira agora ficavam no museu de ciência, no centro da cidade, onde você pode olhar réplicas numa sala especial, se solicitar.

Entrei primeiro, mas só para provar pro Zap que eu era corajosa. Zap deu uma olhada por cima do ombro e suspendeu as alças da mochila. Ele estava com uma blusa azul que dizia “EU AMO BACON”. Eu lhe disse que era bobo e sem graça, mas, secretamente, eu gostava de como fazia sua pele parecer ainda mais morena. As garotas da escola já gostavam dele. Ele tinha os olhos de um tom bem claro de azul. Seus olhos pareciam franceses — sempre achei, embora francês não seja realmente um modo de aparentar.

— Deus, que negócio arrepiante — disse Zap, da porta lascada do Hangman's Hut. Ele chutou um monte de folhas amarronzadas murchas. Elas tinham caído da árvore do quintal e foram trazidas pelo vento para dentro da casa, porque não havia telhado.

— Venha. Não seja um mariquinha.

— Minha mãe disse que essa palavra é depreciativa — comentou ele.

— Você está me dizendo para não dizê-la?

— Não. Eu estou cagando.

— Não diga “cagando”.

Ele sorriu, aquele sorriso imenso. Os dentes de Zap são meio acavalados na frente e tem um buraquinho do tamanho de uma semente de gergelim.

Todo mundo sempre diz que ele está com algo entre os dentes.

— Vamos — disse eu.

Ele me seguiu, hesitante, por entre as ruínas. Passamos por baixo de vigas desabando até estarmos no que já havia sido uma cozinha. Havia pedaços de louça por entre os destroços, cacos tão pequenos que mal dava para notar o desenho floral azul. O céu de setembro se desfraldava sobre nós. Os cantos da sala estavam cheios de latas amassadas de cerveja e guimbas de cigarro. Sacos de biscoitos salgados desbotados.

— Então, onde foi que eles morreram? — perguntou Zap.

— Na parte da casa que queimou. Idiota.

Zap cruzou as pernas e sentou no meio do chão, abrindo sua mochila e tirando as velas.

— Você é bem engraçada, Jay.

Eu sentei de frente para ele, e nós arrumamos as velas numa linha reta.

— Tipo, você age toda malvada e corajosa, entra aqui marchando, como se nem ligasse, quando eu sei que você não é assim.

— Cala boca.

— Está vendo? Sorte que conheço você tão bem, se não, eu a odiaria.

Ele riu. Eu tentei rir junto, mas algo tinha ficado preso na minha garganta. Alojou-se ali. Expandiu.

Zap usou uma vareta para desenhar um pinto no chão, com bolas e tudo. Nós dois caímos na gargalhada e a tensão passou. A luz clara da tarde recaía sobre nós. O vento seco do Colorado soprava. Éramos infantis demais para estarmos começando o ensino médio, mas não tínhamos a menor vontade de lidar com isso.

Foi nessa época que Zap começou a notar tudo com minha mãe: os hematomas que surgiam em minhas coxas, os lábios rachados. O jeito como minhas mãos sempre tremiam, procurando alguma coisa para segurar. Zap passou a me observar com atenção, achando que eu não notava. Tentei dizer a ele que era eu quem provocava, e que as coisas acabavam assim. Culpa minha, era sempre culpa minha. Eu não precisava de pena. Ainda assim, ele me observava como se observa um animal selvagem.

— Nós deveríamos ter vindo aqui à noite — disse Zap.

— Por causa das estrelas?

— Não, da lua. É uma noite de quarto crescente. Há um desenvolvimento vertical nas nuvens.

— Que isso, porra?

— Que provavelmente a noite será muito bonita. Nós podemos ver muita coisa lá fora.

— Você fala com todo mundo assim? Tipo desenvolvimento vertical?

— Não. Só com você.

— Por quê?

— Porque você também é uma aberração. Um dia, vamos nos mudar pra longe, eu e você. Vamos encontrar uma colônia de outros malucos e nunca mais voltaremos pra essa cidade. Nova York, talvez. Nós vamos pra Nova York.

E pronto. Não me lembro do restante da tarde. Arrumamos as velas e entoamos o cântico e nada aconteceu. Amassamos um monte de latas de cerveja. Tocamos fogo numa pilha de folhas. Só me lembro de fragmentos — como a fumaça subia serpenteando incessantemente, rumo ao azul do Colorado.

Mas posso lhe dizer que aquele foi um dos melhores dias da minha vida. Houve outro motivo. Foi tão livre. Eu podia existir naquela casa com Zap, por mais assombrada que fosse. Eu poderia ser o quão rude eu quisesse, e ele podia ser nerd, e estava tudo bem, porque nos conhecíamos, queríamos passar nossos dias um com o outro. Éramos sem limites, radiantes.

Uma constelação ganhando forma.

Russ

DOS TRAÇOS MAIS MARCANTES de Lee, Russ se lembra precisamente de suas sobrancelhas. Minhoquinhas arqueadas, prudentemente pousadas na beira da testa. Feitas. Uma vez, Russ perguntou a Lee sobre aquilo — Você faz as sobrancelhas toda manhã? Não tem um fio fora do lugar — e Lee não falou com ele durante horas. Eles seguiram no carro numa mudez hostil, tão tensos que Russ foi para casa e tomou três doses de tequila só para se livrar do desamparo. Aquelas sobrancelhas precisas e cautelosas.

Segundo dia: é a vez do ex-namorado.

Lucinda Hayes quebrou o pescoço. Partiu na beirada do carrossel. Primeiro, Russ ficou imaginando — seria possível que ela apenas tivesse saído para dar uma volta, escorregou e caiu? Mas o detetive Williams apontou o ponto ensanguentado no rosto da menina, com um azul esbranquiçado e o vermelho borrado. Um hematoma com um talho na têmpora, fonte do sangue que escorria. Lucinda Hayes foi atingida com algo, disse o detetive, provavelmente algo pequeno e sólido, como um tijolo ou uma pedra. Para falar a verdade, parece que ela só aterrissou errado: se não fosse pela beirada do carrossel, depois da força do golpe, que quebrou seu pescoço com o impacto, ela talvez ficasse só com alguns pontos e um grande hematoma.

A neve encobriu quaisquer pegadas, a neve lavou digitais. Nenhum sinal da arma do crime nem do celular de Lucinda.

Agora, o ex-namorado está aqui. Ele é um dos poucos alunos da escola que tiveram êxito em encontrar. A maioria dos pais se recusou ao interrogatório voluntário, diante da visão do detetive Williams e seu chapéu de aba larga, na porta da frente. Meu bebezinho não fez nada de errado! Eu gostaria de falar primeiro com meu advogado. Os garotos com quem eles falaram sabiam pouca coisa sobre Lucinda, além de seu lugar no alto da escada social. O detetive tinha ido de casa em casa na noite anterior, como um político em campanha, mas desistiu da maioria.

O ex-namorado veio espontaneamente, acompanhado pela mãe pernuda. O garoto parece o traste típico de ensino médio, pensa Russ. Ele anda todo se gabando, como um jogador de futebol — porque ele é bacana demais para rugby. Seus ombros largos ainda não são vigorosos, ainda estão crescendo, e ele joga a cabeleira castanha para trás de tempo em tempo, com um movimento de espasmo da cabeça.

Édouard Arnaud, diz o tenente atrás de Russ, na máquina de café. Quer dizer, a vítima parece uma garota bem legal, mas será que ela poderia ter escolhido um escrotinho maior como namorado?

Ex-namorado, corrige Russ. Eles terminaram há meses.

Russ observa o garoto. Édouard Arnaud parece menor do que deveria — achatado pela situação. Ele espera na área da recepção com a mãe, que segura sua mão. O adolescente segura forte na mão dela, os dedos entrelaçados. Um bote salva-vidas. Russ não consegue se lembrar da última vez que segurou alguém com tanta força.



Eles iam a um penhasco, ele e Lee, para tirarem um cochilo entre turnos. Dez anos antes de Lee ser preso. Era um penhasco falso — Russ gostava disso. Parecia mais perigoso do que era, se estendendo acima da reserva feita pelo homem, aterrorizante, até você olhar da beirada e ver que dava

em outro platô. Assim que eram as coisas, não? Uma série de platôs. Você só continua escorregando abaixo, seguro, seguro. Mas, uma hora, você acaba caindo na água.

Lee se esticava no banco de trás, e Russ reclinava o banco do passageiro, com os pés no painel. Eles patrulhavam ruas designadas, bebericando café. Os dedos finos e femininos de Lee tamborilavam ritmos no volante.

Nas lembranças de Russ, o rosto de Lee está sempre meio borrado, como acontece quando você acorda de um sonho só com a vaga lembrança de alguém. Lee era despretenhoso. Tinha um nariz comprido e pontudo. Uma pele pastosa, coberta de acne, embora fosse mais velho que Russ — quando se conheceram, Lee já tinha se casado com Cynthia. Ele tinha 26 anos e Russ, 21.

Isso foi antes de Ines, é claro. Eles fizeram um hábito, a contagem de quantas mulheres Russ ficava. Geralmente, eram garotas das cidades vizinhas que brotavam na rodovia, nas sombras das montanhas, que vinham até Broomsville para uma noite na Dixie's Tavern. Mas Russ tomava cerveja, cerveja, cerveja, porque ele entendia muito bem o peso de um bêbado de cerveja, quando seu estado inebriado e letárgico vai minando sua consciência. No dia seguinte, escondido por trás de um copo de isopor, Russ contava a Lee sobre a noite. E os mamilos?, perguntava Lee, sedento por detalhes. Marrons ou rosados?

Geralmente, era pura invenção. Frequentemente, Russ bolava uma história só para ver o sorriso de Lee mostrando seus dentes tortos, uma afirmação para Russ, que ia ficando mais velho. Rosa, dizia Russ, com alguns pelos em volta, e Lee gargalhava tanto que o café saía pelo nariz. Porra! Ele soltava as mãos pingando café quente, e Russ tinha que pegar o volante, levando o carro pela Interestadual 25, num torpor de ressaca, enquanto Lee limpava o colo com um bolo de guardanapos do Dunkin' Donuts.

Lee era sensível, ficava pilhado com as coisas mais irrisórias e imprevisíveis. Uma vez, um motorista bêbado o chamou de bicha e Lee bateu com a cabeça do cara na janela de seu próprio carro com tanta força que partiu o vidro.

Ele raramente falava de Cynthia. Naquela época, Russ achava que jamais se casaria, nem sequer se apaixonaria, porque qual era o sentido? Ele não queria ser como Lee. Empacado numa vida deteriorando, dizendo o nome da esposa como se estivesse escarrando, olhando em volta em pânico, procurando um lugar para cuspir.

Lee cuspiu o nome dela de vez em quando. Era como se cuspiu e ficasse olhando aquele bolo repugnante e inconsequente que ele produzira. Somente depois que tudo desmoronou que Russ ficou pensando no casamento deles, nos anos anteriores, na atração magnética que levava Lee e Cynthia para cama, para o altar.

Depois da prisão dele, Russ comprou um carro usado, pagou em dinheiro e partiu direto da concessionária, passando pelas colinas, as montanhas com picos nevados, atravessou o estado, seguindo, talvez, para um lugar mais quente. Não se despediu de ninguém. Então, tinha acabado: dez anos de companheirismo, de ver o nascer do sol no ponto preferido deles, nas montanhas.

Uma série de platôs. Você vai deslizando e acaba chegando à água. Você olha em volta, na vastidão escura ao redor, e nada, porque não conhece outra paisagem. Você tem certeza de que do outro lado da reserva há outra montanha esperando, com outros penhascos. Russ torce para que Lee esteja numa delas, preguiçosamente esticado no novo banco de trás, quepe puxado cobrindo o rosto, bloqueando o sol da manhã.



Enquanto o detetive Williams entrevista o ex-namorado, as vans de noticiários vão se multiplicando — os canais locais que se expandem pelas montanhas, na cadeia Front Range, e até uma van da CNN. Um repórter com cabelo brilhoso fala em tom reverente ao microfone.

Eles já receberam centenas de ligações de vizinhos aterrorizados e pais oprimidos: nós precisamos ter certeza de que nossos filhos estão seguros! Uma ligação anônima de um homem com sotaque de roceiro alegando

conspiração, a mesma conspiração que havia tomado o Aeroporto Internacional de Denver. Nazista da Nova Era, disse ele, um novo holocausto vindo para qualquer um que não ame a Deus, um campo de concentração sob o Terminal B. Lucinda foi um alerta, disse, assim como os gafanhotos ou os sapos. Depois, os policiais riram juntos à custa do homem, mas não com seu fervor habitual. Dessa vez, inquietos.

O detetive Williams também foi à casa dos Whitley ontem à noite. Cameron já estava dormindo e Cynthia se recusou a acordá-lo. Não houvera qualquer esperança para aquele ali, desde o começo.

Volte quando tiver um mandado, dissera ela. Ou, pelo menos, uma causa provável.

Eles não têm nenhuma dessas coisas, para ninguém. As vans das emissoras encostam e armam antenas. A televisão da esquina ameaça todas elas, com imagens de si própria, de seu prédio, das próprias cabeças carecas lustrosas, enquanto eles entram e saem. Sem comentários, sem comentários.



Depois de algumas semanas, Russ e Ines voltam a se encontrar no parque, após aquele dia de verão.

Foi uma ligação do departamento de narcóticos. A polícia de Broomsville estava procurando aqueles caras havia meses. Eles eram notórios, amigos de Ivan: traficavam em casas abandonadas, locais tão além de conserto que nenhum corretor desesperado de Broomsville chegaria perto.

Era o lado norte da cidade, onde pequenas estruturas, descascando, abrigavam famílias como latas de sardinha. Churrasqueiras quebradas e cadeiras plásticas desbotadas pelo sol se espalhavam pelos gramados. Cidade do México, era como os policiais amigos de Russ chamavam a área, debochando de dentro de seus carros com ar-condicionado. Russ ria junto, vagamente reconhecendo a própria participação nessa ignorância covarde. É óbvio que ele sabia que havia mais naquele bairro tão diferente dos

subúrbios bem cuidados, mas não conhecia a forma dessas diferenças, que gosto tinham, que sensação.

Russ tinha seguido o pelotão para dentro de um prédio, na Fulcrum Street. Do lado de fora, famílias estavam fazendo churrasco e bebendo Pacifico. Crianças corriam pelos regadores automáticos de grama, dando gritinhos em espanhol.

Os amigos de Ivan usavam sapatos do Walmart e bermudas caídas, as tatuagens subiam pelo pescoço, como se fossem doenças de pele. Mas Ivan estava com a barba feita e usava uma camisa de linho azul. Marco, o único homem de quem Ivan era próximo, tinha uma tatuagem abaixo do queixo que dizia “DAHLIA”, em letras maiúsculas, o nome como um corte no pescoço. Embora Marco nunca tivesse se envolvido com o tráfico, esse pelotão estacionava em frente à sua casa para observar.

Em todos os seus anos como policial, Russ havia prendido apenas um punhado de pessoas. Ele sempre ficava chocado e ligeiramente enjoado pela satisfação: uma onda de libertação quando as pontas de metal da algema se encontravam. Aquele tilintar. Ele havia memorizado o aviso de Miranda ainda na infância, brincando com um carrinho de polícia de brinquedo, na varanda dos fundos, o pai olhando por trás da porta de correr de vidro. Russ tinha um problema de dicção quando criança. Você tem o *dileito* de ficar em silêncio.

Depois que Ivan e seus amigos foram pegos e violentamente jogados dentro de um carro, Russ entrou na casa para recolher a tralha. A casa estava dilapidada, o telhado estava quase caindo. Tinha macarrão cru espalhado por cima da bancada imunda da pia. Cheirava a fruta podre.

Havia dois quartos. O primeiro só tinha um colchão, meio coberto com lençóis azul-marinho. Os armários estavam vazios. O segundo cômodo não tinha cama, só uma cadeira de balanço perto da janela. Faltavam três ripas na moldura. E na cadeira de balanço, estava Ines.

Ele estava com um bermuda de basquete e uma camiseta sem mangas, masculina. Seu cabelo estava grudado no rosto. O quarto estava abafado e coberto de papel de parede. Uma estampa antiga, floral. Ela não viu Russ.

Não de cara. Ela estava com os cotovelos no parapeito, o queixo apoiado na palma da mão, paralisada, enquanto levavam seu irmão embora.

Ao ouvir Russ, Ines ergueu os olhos, com o rosto redondo e gorduroso, um tom vermelho de pânico. E em seus olhos, o reconhecimento: o homem do parque. Márquez. A memória do coração elimina o que há de mal e amplia o que há de bom.

Só depois de Ines dar seu depoimento — ela não sabia sobre as drogas na casa, só estava morando havia algumas semanas lá, tendo acabado de chegar no país para visitar o irmão, com um visto de turista B-2 válido —, depois de a assistente social lhe dar uma nova camiseta (uma camiseta preta com a bandeira do Colorado ao lado de uma orgulhosa águia americana, porque a mala de Ines estava sendo levada como prova), depois de Russ levá-la até a delegacia, os dois ficaram no carro, e ela via Broomsville passando nos borrões verdes do verão. Ines disse: Eu não sabia que a polícia podia ser legal. Então Russ respondeu: Geralmente não é, mas não importa... Você está com sede? Ele comprou duas latas de Coca num 7-Eleven. Quando ela desfez a trança, sob a luz forte da delegacia, e soltou o cabelo em mechas que fediam a fumaça, ele notou que Ines estava linda. Como a garota que ele havia conhecido no parque, bronzeada pelo sol, com um leve flerte. Eles tomaram o refrigerante no carro abafado e Russ decidiu. Ele a convidaria para ir a sua casa. Ela não teria que voltar àquela casa coberta de lixo. Nada de gracinhas, prometeu ele. Gracinhas. Ines sempre o provocaria.

Russ tinha pregado a folha de *O amor nos tempos do cólera* na geladeira, presa por um ímã que também era um abridor de garrafa, um souvenir que a irmã trouxera das férias em Key West. Naquela noite, eles tomaram uísque em canecas, na mesa da cozinha, e Ines dormiu no sofá que nunca tinha sido lavado profissionalmente, mas era bem confortável.

Quando Russ disse aos caras da corporação que Ines estava ficando em sua casa — ele não especificou o sofá —, eles bateram palmas e assoviaram. Russ lhes assegurou que Ivan havia sido coagido, pago por tarefas insignificantes, pego no lugar errado, na hora errada. O detetive Williams deu um tapa em suas costas, sarcástico, mas orgulhoso. Você finalmente conseguiu, disse ele. Finalmente arranhou uma garota. É melhor trancar essa em casa, depressa.

Naqueles primeiros meses, Russ cozinhava para Ines toda noite. Ela adorava o tapete velho, como se espremia entre os dedos de seus pés. Eles cozinhavam filés com couve-de-bruxelas, ou salmão com batatas, e Russ trazia garrafas de Merlot de catorze dólares cada. Eles bebericavam de copos novinhos, no sofá, enquanto conversavam. Ines era tão linda quando falava, aquele sotaque alegre, demorando no “e”. Seu inglês era quase perfeito, embora ela derrapasse na palavra “the”, ou acrescentasse plurais a mais. Pode, por favor, me passar o frangos? Ela era de Guadalajara, uma grande cidade de catedrais góticas, pináculos cinzentos que se erguiam em direção ao céu. Mais de um milhão de pessoas, disse. Ela e a família moravam em Zapopan, um subúrbio da cidade, seis deles no apartamento acima do consultório odontológico do pai. Ela e as irmãs cozinhavam toda noite. Pozole — um guisado com angu de milho e porco. Ines frequentara a Universidad Autónoma de Guadalajara, e estava lecionando inglês numa escola de ensino médio, quando a Mamá a convenceu de seguir Ivan e ir para os Estados Unidos, porque um dos pacientes de seu pai — um paciente regular, de tratamento de canal — trabalhava no consulado. Suas irmãs também iriam, depois. Russ nunca perguntou o que ela havia estudado. Como ela chegara ali. Do que ela sentia falta.

Uma vez, Russ a encontrou no chão da cozinha, coberta de farinha de fermento, chorando pelo irmão. Ele a pegou no colo e carregou para a cama. Ela tinha ficado toda mole, não porque Russ a consolou. Ela simplesmente estava exausta e Russ estava ali. Ainda assim, ele a abraçou. Ines pegou no sono e Russ afagava o lóbulo macio de sua orelha, rolando-o por cima da superfície de seu polegar, aquele pedacinho de carne com pelos de pêssego.

Em algumas noites, quando ficavam meio altinhos, Ines perguntava sobre Ivan, que ia lentamente se adaptando à vida na prisão. Há algo que possa fazer por ele?, ela pergunta, de forma casual demais. E Russ ficou imaginando se Ines teria ficado, não por ele — embora eles estivessem sempre sorrindo e fossem gentis um com o outro —, mas pelo irmão.

Sim, disse ele. Vou ficar de olho no Ivan. Vou garantir que eles não o mandem de volta para o seu país. Alguns meses depois, o visto de turista de Ines venceria e Russ sabia que ela não voltaria para Guadalajara, não com Ivan trancado numa cela fria de cimento.

Apesar de tudo, eles se davam bem.

Naquelas noites de Merlot, Ines adormecia no colo de Russ e ele afagava seu cabelo, como vira as pessoas fazendo. Tão macio. Ela tinha comprado um novo frasco de xampu. Não cheirava mais a fumaça. Agora tinha cheiro de eucalipto.



Eles foram para San Diego, porque a Califórnia parecia a melhor coisa do mundo, depois do México. Ines se recostava na janela do lado do passageiro e ia cantarolando junto com o rádio, enquanto Russ ajustava o ar-condicionado. Eles percorreram dezesseis horas em um dia, parando somente quatro vezes para comer um lanche e ir ao banheiro. Ines ouvia atentamente aos comerciais do rádio, perguntando a Russ sobre as palavras que ela não conhecia. Liquidar? Neoprene? Indigestão?

Eles ficaram no Marriott Rewards hotel. Ines comprou um maiô, porque não queria usar biquíni. Eles tomaram daiquiris junto à piscina do hotel, e ela inclinava o rosto para cima. O sol batia em suas bochechas.

Museus de arte. Parques públicos. Jantares em restaurantes três estrelas. Numa feira de rua, Ines fez Russ experimentar manga com Tajin, e ele se curvou de tanto tossir. E ela, de rir. Uma noite, eles foram dançar salsa. Ines tentou lhe ensinar os passos numa boate lotada, com drinques excessivamente caros e homens suados de bíceps bronzeados. Russ pisou

nos pés dela, mas Ines nem ligou. Ela girava com sua saia vermelha e sacudia os quadris para ele, e Russ se sentiu querido. Jovem e desejado. Quando a boate fechou, eles foram cambaleando para casa, Russ sem camisa, por causa de todo suor, Ines abanando o pescoço com uma das mãos, segurando o cabelo com a outra.

Eles tomaram um banho e, embrulhada num robe branco e limpo do hotel, Ines puxou Russ para cima dela.

Conte-me sobre as pessoas que você amou, disse ela.

Eu nunca amei ninguém, respondeu Russ, e ele estava certo de que, naquele momento, essa era a verdade.



Eles voltaram de carro para Broomsville, onde o ar era seco como se aspirado. Naquela noite, lavaram roupa e Ines não foi para o sofá. Ela subiu a escada, com sua mãozinha na mão de Russ.

Os lençóis de Russ tinham quase dez anos. Ele não percebeu isso até estar dentro dela. Ines deitada de bruços, com o rosto no travesseiro.

Você está conseguindo respirar?, perguntou Russ.

Sim, disse ela. Com a voz abafada. Russ pressionou a mão em suas costelas, sentindo o oxigênio. Depois, tentou tirar uma mancha do lençol e disse: Você aceita se casar comigo? A Califórnia pendia entre eles, como um sonho ou um fruto. Carnudo e maduro. Ines rolou para o lado. Ela ficou olhando o teto, seu cabelo preto esparramado no travesseiro, como se estivesse submerso.

Sim, disse ela. Está bem.



Um homem sempre deve honrar sua palavra, dizia o pai de Russ. Sua palavra é sua dignidade.

Então, quando o detetive Williams puxa Russ de canto, para perguntar sobre seu cunhado — Ivan Santos, ex-presidiário e herói do bairro —, Russ mostra seu rosto mais corajoso. Sei que ele é da família, diz Williams, portanto, se alguém perguntar, você está temporariamente fora de serviço. Mas todos nós precisamos colaborar aqui. Então, cá entre nós: você acha que Ivan pode ter feito isso?

Acho que sim, diz a Williams, com um ar sinistro e nobre. Acho que ele pode ter matado a garota.

Ao dizer isso, Russ ouve a voz do pai ecoando em seus ouvidos, confirmando a bravura de sua proclamação trêmula — se sua palavra é sua dignidade, então, Russ é um herói. Além disso, ele nunca prometeu nada a Ines, exceto ser seu marido, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza. Russ sabe que se chegasse a isso, se tivesse de escolher alguém para proteger, não seria Ivan.

Cuide do meu garoto, está bem?, pedira Lee Whitley, no dia em que partiu para sempre.

Está bem, dissera Russ.

Está bem.

Russ deu sua palavra. Ele não tinha escolha, a não ser cumpri-la.

Cameron

QUANDO BETH DECASIO DISSERA que Cameron era o tipo de garoto que levaria uma arma para a escola, ele precisou conversar com a assistente social do colégio.

— Meu nome é Janine — disse ela, com um olhar isento de sentimento.
— Vou fazer algumas perguntas, está bem?

— Tudo bem.

— Você alguma vez pensou em se ferir?

Logo que descobriu a respeito de Andrea Yates, Cameron tomou um banho de banheira.

A superfície de louça da banheira era escorregadia. Cameron se abaixou com cuidado, com uma das mãos na beirada. Ele pousou a coluna na torneira metálica e foi deslizando para baixo, como uma pessoa que deita na cama depois de um longo dia andando pesadamente por ruas lamacentas e ruidosas.

Cameron mergulhou até sentir a água da banheira em seus ouvidos, subindo, uma onda que delicadamente se deslocava em direção a seu cérebro. Ele inclinou a cabeça para trás. Seus cabelos se espalharam ao redor dele em câmera lenta. Ele poderia ter dançado, pensou. Embaixo da água, ficaria legal. Ele mergulhou mais, até que as únicas partes de seu corpo expostas ao oxigênio eram seus olhos e o nariz, que pareciam bem próximos das rachaduras cobertas de teias, no teto.

Ele submergiu e ouvia um zumbido baixinho e agradável, um som pressurizado que não era desconfortável. Então abriu os olhos. As

rachaduras com as teias do teto tinham sumido. Assim como a cortina manchada do boxe, e o espelho, até sua escova de dente ao lado da pia. Mudos pelo véu de água. Ele fechou os olhos outra vez, deleitando-se na paz de fazê-lo.

Cameron pensou que até que não seria tão ruim morrer assim — ciente do próprio interior.

— Você alguma vez pensou em se ferir?

— Não — Cameron disse à Janine.

Ela rabiscou em seu caderno espiral.

— Está bacana.

O sr. O estava em pé, acima do ombro de Cameron, observando o desenho inacabado. O olho esquerdo do leão estava bem melhor. Cameron tinha terminado os cílios e eles tinham a mesma textura dos bigodes. O leão era o projeto de desenho de Cameron na aula de artes. Ele achava os leões intimidadores e graciosos — a combinação subestimada de coisas por vir.

— Tente sombrear mais ao redor do olho — sugeriu o sr. O. — Está vendo aquela área matizada? Seus tons escuros precisam ser mais escuros.

Cameron achava que seus escuros já estavam bem escuros.

— Venha comigo — disse o sr. O. — Traga suas coisas.

Conforme Cameron seguiu o professor de arte e passou pelo cortador de papel, com a mochila pendurada no ombro, o leão e os carvões na mão, a turma se agitou, os cochichos crescendo.

— Esse é o garoto?

— Aham, é ele. Assustador, não é?

— Escrotinho doente.

O escritório do sr. O era um armário de suprimentos convertido que ele havia forrado com trabalhos de alunos e mobiliado com um cavalete e uma banqueta. Havia farelos de borracha rosa espalhados pelo chão de linóleo e tinta acrílica respingada em todas as superfícies. Cameron desconfiava que

o sr. O passasse as noites ali, trabalhando nos próprios projetos. Ele uma vez vira uma pintura encostada à parede. Um par de olhos azuis sofredores sobre uma pele de algodão.

— Estou preocupado com você.

— Eu estou bem.

— Ouvi a fofoca, Cam. Os garotos sabem ser cruéis.

Surgiu um estrondo de algo quebrando do outro lado da porta. Eles tinham acabado de concluir uma disciplina de cerâmica. Seus colegas de classe gritaram, em algazarra.

— Sente falta dela? — perguntou o sr. O.

Uma vez, o sr. O disse a Cameron para tentar fotografia. Ele não havia explicado o motivo, mas Cameron deduziu: fotografar era captar momentos que as outras pessoas não tinham notado.

Fotografia nunca daria certo para Lucinda. Ela não poderia ser reduzida a um único segundo. Desenhar era diferente — as linhas eram intencionais e se espalhavam, abrangentes como ela, luz à sombra, ao suave, ao borrado e tudo que havia no meio. Ele achava que isso a descrevia de forma muito mais natural que um instantâneo.

— Sim.

O sr. O afagou seu ombro, hesitou e abriu uma fresta da porta de metal.

— Você pode trabalhar aqui dentro hoje — disse o sr. O, e as rugas ao redor de seus olhos pareceram muito bondosas.



O sr. O se apaixonou pela mãe de Cameron ano passado, quando eles começaram uma disciplina de pintura.

— Eles geralmente não permitem até o segundo ano — disse o sr. O. — Mas estão abrindo uma exceção.

— Que tipo de pintura? — perguntara Cameron.

— Realismo. Com tinta acrílica.

Quando o sr. O fez o comunicado na turma, todos gemeram, até a garota popular que estava sempre sorrindo para o professor e passando bilhetinhos falando dele.

— Acalmem-se — disse o sr. O. — Nós vamos trabalhar juntos. Fui contratado para terminar uma pintura para uma galeria de Denver. Podemos ensinar uns aos outros.

Cameron decidiu pintar uma andorinha, com pescoço vermelho e corpo azul. Ele encontrou a imagem na internet, imprimiu e fez o traço na tela. O pássaro estava pousado num galho solitário.

Na semana seguinte, o sr. O apareceu na casa de Cameron para tomar chá. Ele e a mãe tinham se encontrado em reuniões de pais e professores. *Então, a senhora é responsável por esse garoto talentoso?*, dissera o sr. O, com as mãos sujas de tinta enfiadas nos bolsos da calça de veludo cotelê.

A mãe e o sr. O se sentaram no velho sofá da sala enquanto tomavam chá de gengibre, o predileto da mãe. Cameron saiu para dar uma volta, seguindo aleatoriamente até o pé da montanha. Ficou considerando se subia ou não até Pine Ridge Point, mas não era esse tipo de noite, embora ele se sentisse terrivelmente triste. Era uma melancolia específica, o tipo de tristeza que você sente quando está no processo de perder algo. Você tem que ver aquilo indo embora, sem poder impedir que parta.

Quando Cameron voltou, a casa cheirava a acetona e aguarrás. A mãe estava cantando enquanto lavava a louça.

Alguns dias depois, o sr. O mostrou sua pintura na turma.

— Chama-se *O Lírio Calla* — disse ele, apoiando no quadro-branco.

O sr. O tinha pintado o lírio calla com tons de amarelo, as pétalas tingidas de vermelho vivo. O interior da flor foi feito com um pincel menor, em pinceladas silenciosas, nas quais você tem que se concentrar muito. A antera e o ovariano espiavam por detrás das pétalas, e o sr. O deixara pontos em vazios em todos os lugares corretos — a flor tinha buracos, mas eram intencionais. O lírio era familiar a Cameron, como uma música que você conhece quando é criança, mas não se lembra da letra.

O sr. O havia estudado a mãe. Ele compreendia todas as suas beiradas, os locais onde ela se fundia com o plano de fundo, os lugares onde ela se

destacava. Tinha pegado o som da mãe rindo consigo mesma, assistindo à televisão, tarde da noite — e transformara essas coisas em cores e pinceladas e as colocara na forma de um lírio calla.

Cameron imaginava que o sr. O tivesse mais ou menos a mesma idade da mãe, mas ele parecia dez anos mais jovem. Ele tinha cabelo preto com alguns fios grisalhos que espetavam para fora, acima das orelhas e daquele tipo de ruga que as pessoas têm com trinta anos. Ele tinha um porte esguio e magro, e fumava cigarros junto à cerca dos fundos da escola, todos os dias, às três da tarde.

Os pais do sr. O haviam emigrado do Japão quando ele tinha cinco anos. Ele aprendeu a falar inglês assistindo a programas de comédia. Tivera uma esposa, mas ela se mudou para Nova York para ser designer de cerâmica. Ele contou isso a Cameron e à mãe, de modo bem casual, na confeitaria, depois da exposição de arte de inverno, enquanto cravavam três garfos num pedaço de cheesecake.

— As pessoas mudam — disse ele, e só.

Às vezes, à noite, depois de o sr. O ir embora, a mãe se sentava nos degraus da varanda, com os braços em volta de si mesma, olhando a existência do mundo em penumbra. Cameron queria contar ao sr. O sobre a perda — o som chiado que ela fazia, como o ar saindo de um pneu, como esse som poderia continuar para sempre se você deixasse — mas, talvez, o sr. O já soubesse.



Cameron tentava trabalhar em seu projeto de arte. Ele tentava mergulhar nos espaços entre as marcas do carvão, mas hoje era quinta-feira. Lucinda tinha balé às quintas. Uma vez, Cameron a seguira e ficara olhando do restaurante chinês, do outro lado da rua, enquanto ela fazia *pliés* e *jetés*, usando um colant preto justinho. O cabelo dela estava preso num coque. Embora Cameron não conseguisse enxergar de tão longe, ele tinha certeza

de que as mechas da frente estavam encaracoladas e rebeldes junto à testa da menina.

Cameron deixou o pedaço de carvão ao lado do cavalete e limpou as mãos no jeans. Seus dedos deixaram marcas escuras no brim. Suas mãos geralmente eram firmes. Mãos de artista. Elas tinham noção de como as coisas se moviam e ele conseguia confidencialmente repetir aquele movimento. Suas mãos eram a parte favorita de seu corpo, porque falavam de formas que sua boca não conseguia.

Naquele momento, quando ele estendeu a mão para pegar a mochila, elas tremiam.

Embora soubesse que o sr. O era legal com ele porque estava apaixonado por sua mãe, ele tinha muita fé na tranquilidade do olhar do professor e no jeito como ele dava orientações em aula — *vocês precisam entender as propensões emocionais ocultas de seu trabalho se quiserem resultados genuínos.*

Por esse motivo e por não saber o que mais fazer, Cameron enfiou a mão no fundo da mochila e tirou o diário roxo de Lucinda.

O sr. O já tinha visto os desenhos que Cameron fizera de Lucinda. Cameron os mostrara em setembro daquele ano, quando o professor estava resolvendo sobre a aula de desenho avançado de silhuetas. *Você tem um olho para o realismo,* dissera o professor. Ele disse que nunca tinha visto um aluno do nono ano com as habilidades de Cameron e — *Nossa, Cam* — os desenhos eram vívidos e claros. *Majestosos.* Cameron tinha replicado precisamente o rosto dela com as pontas de seus dedos, desenhando seus traços externos e esfumando ao redor, para dar a vida e textura que o sr. O disse não ter certeza se ela possuía na vida real. Cameron o respeitava por isso.

Quando o sinal tocou, Cameron embrulhou o diário de Lucinda em seu moletom verde grandão e deixou embolado na banquetta, ao lado do leão com os olhos desenhados pela metade — um pedido de desculpas para o sr. O, com uma assinatura embaixo.

Cameron seguia cambaleante para fora da sala de arte, respirando ofegante, quando Ronnie o agarrou pelo ombro e o girou com força. Ronnie fazia aula de educação física no ginásio, enquanto Cameron tinha aula de arte, e agora ele estava com cheiro de meias sujas.

— Cara — disse Ronnie. — Qual é a sua?

Ronnie deu uma olhada para além de Cameron, na direção do escritório do sr. O. Curioso.

— O que está havendo com você? — perguntou Ronnie. — Sério. As pessoas estão comentando. E me perguntando o que você fez, se é obcecado pela Lucinda. Você é doido, cara?

Um grupo de garotos passava dando trombadas com suas mochilas e rangendo os tênis no chão liso. Cameron tentou desemaranhar — inspira, dois, três, expira, dois, três —, mas Ronnie segurou com mais força na própria mochila e uma caneta caiu no chão. O amigo não se mexeu para pegar, só passou a mão avermelhada na testa suada.

— Tudo bem. — Ronnie passou dando um tranco no ombro de Cameron. — Não responda. Quando as pessoas perguntarem, direi que sim, que você é uma porra de uma aberração.

Depois de mais uma olhada desconfiada na direção do escritório do sr. O, Ronnie sumiu no enxame de olhares. Cameron pegou a caneta que tinha caído da mochila do amigo. Uma Bic sem tampa. Estava vazando, com a tinta escorrendo pelo metal. Cameron a guardaria em sua Coleção de Canetas, onde já tinha duas outras Bics que pertenciam a Ronnie Weinberg.

Cameron guardava a Coleção de Canetas numa caixa de sapatos, no alto de seu armário. Quando se sentia preso, perfilava as canetas em ordem cronológica de aquisição e pensava na imagem de determinadas mãos segurando certas canetas. Era como fazer a curadoria de um museu de coisas que ele sabia sobre as pessoas, e as Bics e as canetas de gel o faziam se sentir como se aquelas pessoas e suas mãos estivessem bem ali, com ele.

No último verão, Ronnie e Cameron foram ao parque. Havia uma névoa chuvosa que caía em gotas tão pequenas que não dava para pegar com a palma da mão aberta. Ronnie tinha uma caneta Bic no bolso (branca, mastigada na ponta). Ele a girava compulsivamente enquanto caminhava. Usava uma bermuda xadrez caída, deixando parte dos quadris de fora. Alguns pelos pretos despontavam por cima do botão — Ronnie nunca usava cueca.

— Minha mãe está tão chata — disse Ronnie. — Menopausa, ou algo assim. Esses troços de mulher me dão vontade de me matar. Dá pra imaginar? Sangrar pelo buraco que faz xixi, todo mês?

Cameron não achava que elas sangrassem pelo buraco do xixi. Sua mãe lhe explicara uma vez, mas qualquer discussão sobre a anatomia feminina era perigosa perto de Ronnie, que realmente não se importava se Cameron falasse ou não.

Eles se sentaram nos balanços, abrindo latas de refrigerante Mountain Dew com biscoitos, bolhas, chiado de espuma fresca. Ronnie pegou seu celular e estreitou os olhos enquanto digitava uma mensagem. Ele tinha o próprio celular, um dos primeiros garotos da escola a ter tanta sorte. Um telefone Razr verde, de abrir, elegante e sofisticado. Cameron não gostava de ficar perto de gente que estava mandando mensagens quando não tinha o próprio pedaço de plástico para protegê-lo. *Temos um telefone em casa, dissera a mãe. Não precisamos de nada extravagante.* Ela comprou um celular para emergências, mas a bateria nunca estava carregada.

— Esse playground está uma droga — disse Ronnie, colocando o telefone de volta no bolso. — Lembra quando a gente era pequeno e tinha que brincar nessa merda? Parece tão triste. Meu Deus, mas bem que eu até que me acostumaria a ter um soninho da tarde e aulas de pintar novamente.

Cameron fingiu rir. Ele olhou as montanhas. Elas eram vultosas na periferia da cidade, sombras persistentes que permaneciam e observavam.

As montanhas deviam achar tudo aquilo divertido, as famílias em suas casas beges, perfiladas na rua, como soldados estacionários. As montanhas faziam Cameron se sentir tão pequeno.

— E a Beth DeCasio! Na aula de arte, lembra? Ela pintava aquelas aquarelas de cavalos que pareciam Satã. Juro por Deus, se eu pudesse botar as mãos numa daquelas agora, eu louvaria como se fossem o demônio, porra! A Beth ficou gostosa nesse verão, né?

— Acho que sim.

— Aquelas tetas cheias que nem balões de água. Dá vontade de estourar.

Ronnie tinha roído as unhas até se reduzirem a sabugos redondos, vermelhos nas pontas e marrons por baixo. Agora, ele as usava para coçar e arrancar uma casca do couro cabeludo.

— Como você transaria com ela? — perguntou Ronnie.

— Como assim?

Cameron nunca tinha pensado em transar com Beth DeCasio. Não que ela não fosse bonita. Era muito bonita, com seu cabelo preto brilhoso e blusas apertadas e o jeito que ela andava de saia.

— Você sabe — disse Ronnie. — Tipo, cachorrinho? Rude? Fervoroso? Sensual?

Ano passado, a mãe tinha encontrado uma revista pornográfica na primeira gaveta da cômoda de Cameron. Era uma edição de três anos da Playboy, que Ronnie tinha roubado do pai. A edição com Rayna Rae no encarte do meio — Cameron passou horas pensando naquele ponto rosa entre as pernas dela, tão escorregadio e borrachudo, algo que dá vontade de pegar só para sentir a textura.

Cameron voltou para casa da escola, foi até a revista, abriu na mesa de centro e cobriu as partes que a mãe reprovava com uma porção de post-its. *Não se pode esperar que uma mulher tenha essa aparência. Está vendo esse formato? Ela pagou milhares de dólares para ter esses seios.* Eles tiveram uma longa conversa sobre *corpos em mutação* e a transformação das mulheres em objeto, e Cameron não conseguia se lembrar do resto. Ele não havia olhado nem uma vez para a mãe durante a conversa, porque aquele foi o momento mais vergonhoso e infeliz de toda sua vida. Quando

terminou, a mãe não o abraçou, nem o beijou na testa. Ela deu um passo em sua direção, hesitou e deu meia-volta, murmurando algo sobre *o jantar estar pronto em vinte minutos*, para mascarar o fato de que ambos estavam mudando.

Ela era uma mulher. Ele era um homem. Isso sempre existiria entre eles. Ela podia dar o sermão que fosse — sobre seios falsos e quanto a amar as pessoas com delicadeza, de maneira diferente —, mas, fora tudo isso, nenhum deles tinha qualquer controle sobre o tipo de homem que Cameron se tornara.

Cameron tinha acabado de assistir à pornografia na internet pela primeira vez e aquilo sempre o fazia querer chorar. Aquelas mulheres brilhosas — seus corpos elásticos que faziam *plaft, plaft, plaft*. Ele assistia com um fascínio urgente e pulsante. Sabia que não era amor, porque o amor não deveria machucar ninguém, mas, de alguma forma, dava a sensação de estar relacionado. Aquilo se erguia como o amor, inchava. Sexo. O maior dos mistérios. A maior dor.

— Tipo cachorrinho — respondeu Cameron.

— Minha mãe lê *Cosmo* — disse Ronnie. — Tem uns bagulhos bem sacanas ali, cara. Quer dizer, você precisa ver, vou trazer pra escola amanhã. Tem uma matéria que fala de como você deve congelar fruta e passar no corpo de uma garota... Tipo, dá pra imaginar uma porra de uma banana congelada...

Tem um carvalho do lado direito da cerca que separa o playground do quintal dos Thornton. Mesmo à distância do conjunto dos balanços, o tronco se curva de um jeito que Cameron queria se lembrar, mergulhando as raízes no chão e serpenteando acima, em direção à base do pescoço. O carvalho parece ter centenas de anos, deslocado no playground metálico pintado, sorrindo e zombando dele, chorando e suplicando para ele, tocando Cameron em lugares onde ele nunca foi tocado.

— Mas sejamos realistas — disse Ronnie. — Beth nunca transaria com nenhum de nós dois, né?

O vento molhado empurrou os galhos para a esquerda, soprando folhas verdes molhadas no gramado dos Thornton.

Ronnie mordeu a ponta da Bic e a tinta azul vazou e escorreu até seu queixo.

Jade



— **V**OCÊ ESTÁ ATRASADA — diz tia Nellie.

— Desculpe. — Não pareço convincente.

— Você ouviu falar daquela garota?

Tia Nellie está atrás do balcão do *conciérge*, com as mãos nos quadris. Seu posto eterno. Eu juro, algum dia ela vai morrer atrás daquele balcão, com um punhado de balas Life Savers no bolso do uniforme.

— O quê?

— A garota morta.

— Claro que ouvi. Todo mundo só fala nisso.

— Acha que foi ele? Aquele garoto, vizinho dela?

— Não, não acho.

— Bem, você é uma das poucas pessoas. De qualquer jeito, está atrasada e o hóspede do quarto 208 está esperando para entrar. Manda ver.

Depois de limpar o quarto 208 (onde alguém esmagou uma trilha de M&Ms no carpete), tiro meu horário de intervalo atrás das caçambas de lixo da cozinha.

Melissa, a chefe das faxineiras, só deixa você tirar um intervalo se for fumante. Isso parece meio retrógrado para mim, mas tenho meu maço de Virginia Slims apenas para esse propósito. Hoje me esqueci de trazê-lo. Sigo pela cozinha e faço uma mímica, sinalizando que vou fumar: Melissa usa uma rede no cabelo enquanto está desempacotando os croissants do freezer, preparando o café continental. Ela assente, permitindo. Às vezes, ela me acompanha e acendo um cigarro só para disfarçar, mas sempre acabo

tossindo feito maluca. Da última vez, quase vomitei na lixeira depois que Melissa foi atender ao chamado de um quarto.

Guardei uma Coca no bolso do meu avental, para me ajudar a passar as duas últimas horas desse turno. Esta noite parece particularmente desoladora. Os carros passam pela rodovia de frente para o hotel. O vento com cheiro de lixo sopra em minha direção. Quando cheguei ali fora, o sol estava brilhando âmbar aos pés das colinas. Agora, mal dá para ver sua testa. Abro a lata de Coca e me recosto na parede.

Na metade da lata, noto que tenho companhia.

Querida está a alguns palmos de distância, tremulando sob a luz da cozinha que passa pela porta aberta. Eu limpo a garganta, me anunciando na sombra.

— Ah — diz ela. — Você me assustou.

— De-desculpe.

O jeans de Querida pende sobre suas panturrilhas, no modelo boca de sino já ultrapassado. A cintura dela está ligeiramente estufada por baixo do suéter de zíper. Ela tem um sotaque — eu nunca a ouvira falar. Espanhol, talvez.

— Tudo bem se eu fumar aqui? — quer saber ela, embora já esteja acendendo um isqueiro. Ela joga uma mecha de cabelo preto por cima do ombro e inala, abaixando os ombros, conforme a fumaça enche seus pulmões. — Quer um?

Ela me oferece o maço.

— Não, obrigada — digo, e dou um gole no refrigerante sem gás.

O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

HOTEL, À NOITE

CELLY está perto das caçambas de lixo atrás do prédio, a rodovia fica a apenas alguns palmos de distância. Os carros passam velozes, um barulho que parece o mar. Ela dá um trago no cigarro e exala a fumaça tranquilamente. MULHER

(28 anos, linda) está em pé, ao seu lado.

CELLY

Você pode me dizer qual é a sensação?

MULHER

Perdão?

CELLY exala um filete de fumaça para longe da Mulher, depois vira pra olhá-la de frente.

CELLY

De ser amada desse jeito. Qual é a sensação? Eu nem imagino.

— Perdão?

— O quê?

— Você disse alguma coisa? — Querida exala uma coluna de fumaça do canto da boca.

— Não, eu...

— Você perguntou qual é a sensação.

— Ah... Quero dizer qual é a sensação de ser amada desse jeito? Como você e aquele cara lá de cima?

Não posso acreditar que realmente fiz essa pergunta idiota para essa mulher linda, de jeans, envolta nesse manto de mistério. Querida dá outro trago. Eu gostaria de ter aceitado um cigarro. Sinto-me como uma criança, girando o último gole de Coca choca na lata.

— Nossa — diz, com uma risada. — Que pergunta.

— Desculpe. Não tive a intenção de...

— Não, tudo bem. Pra ser bem honesta, ainda não pensei o suficiente sobre isso. Depois te falo, tá?

Ela joga o cigarro na calçada imunda e pisa na brasa. Puxa o suéter bem fechado e volta para seu mundo efervescente de corações palpitantes.

— O que você me trouxe hoje? — pergunta Howie.

Howie está com uma viseira descascada e um moletom de Ann Arbor, que achou em janeiro. Ele está recostado num carrinho de supermercado, de pernas cruzadas, balançando um dos pés descalço. Da primeira vez que vi os pés de Howie, quase vomitei — eles são inchados. Rachados. Tão pretos de sujeira que quase não dá para distinguir os dedos.

— Desculpe. Feira magra — aviso.

Eu lhe entrego um pedaço de queijo cheddar, daquele bem barato, que vem pré-embalado em pedaços de meio quilo. É praticamente um plástico, o tipo de queijo que os hóspedes do Hilton Ranch não vão dar falta. Howie é bem familiarizado com o conteúdo perdido dos fundos da geladeira do hotel: meia embalagem de azeitonas que eu trouxe na última quinta-feira, os croissants ainda congelados da quinta-feira anterior.

Howie puxa a bochecha para o lado com o dedo inchado, usando os molares para morder um naco de queijo. Como um escárnio. A saliva escorre do canto de sua boca e por sua barba suja.

— Por que você come desse jeito?

— Não dói tanto. Você não entenderia. Todo aquele dinheiro que sua avó pagou pelos seus dentes daria pra me alimentar por um ano, pequena Celly.

Howie pensa que meu nome é Celeste — *me chame de Celly*. Sou órfã e moro com uma avó doente nas colinas (meus pais morreram num trágico acidente de carro). Tenho dezenove anos e sou noiva, vou me casar com o amor da minha vida. Eu justifico essas histórias com alcaçofras enlatadas — como se, ao ofertar algo, eu tivesse permissão para mentir.

— Sente-se — diz ele.

— Não, tudo bem.

Uma vez, no último inverno, eu sentei no cobertor do Howie. Depois de alguns minutos, ele enfiou um dedo gorducho por baixo da minha jaqueta de esqui e no elástico da cintura do meu jeans.

— Você ouviu falar daquela garota? — diz ele.

— Aham.

— Ela era uma garota bonita. Vi a fotografia no jornal. Eles vieram falar comigo, mas não sei nada dela. Garota bonita... “Bonita garota”, disse a eles. Mas, sabe, Celly, minha pequena Celly, você não deve nada pra ela. — O olhar de Howie desvia do meu pescoço até minhas botas. Suas pálpebras ficam caídas.

Que hábito terrível: tentar me ver através dos olhos de outras pessoas. Esse provavelmente é o motivo para que eu visite Howie às quintas, aumentando em meia milha meu trajeto para casa ao sair do Hilton Ranch. No fim do subúrbio, passando o pequeno trecho de mata, fica a biblioteca, o escudo de Howie contra o vento e a neve. Eu estaciono o carro da minha mãe na rua para que ele não possa me ver, embora metade do tempo os olhos de Howie estejam fechados — e, quando estão abertos, é impossível saber o que ele enxerga.

— Como vai indo o seu *Ed-ward*? — pergunta Howie. Ele lambe os lábios com uma fome preguiçosa.

— Na verdade, tenho grandes novidades. Édouard e eu estamos partindo em alguns meses. Vamos nos mudar para Paris antes do nosso casamento.

— Paris, é? — diz ele. — Paris, Paris, Parriiii. Que ótimo pra você, Celly. É ótimo mesmo, minha garota Celly.

Eu gostaria de não ser uma mentirosa tão boa. Juro pelo resto da minha vida que vou me lembrar dessa visão de Howie: encolhido à sombra de seu carrinho de supermercado, mordendo o naco de queijo que roubei do Hilton Ranch, balançando para lá e para cá, perdido em alguma fantasia.

Talvez ele esteja me imaginando, apaixonada, diante da Torre Eiffel. Talvez isso o deixe tanto feliz, quanto enciumado. Talvez esse tenha sido o motivo que me trouxe aqui.

Então, eu vejo: um quadro. Ele está pousado entre o carrinho de Howie e a parede grafitada da biblioteca. A parte de baixo está marrom e enlameada da neve. Mas, mesmo assim, os tornozelos — a bailarina. Ela está amarrando as sapatilhas. É o quadro de Degas, de Lucinda, a mesma

imagem que ela colou na frente de seu caderno. Não dela, é claro. Mas uma imagem gêmea, há muito perdida.

— Onde foi que você arranhou isso? — pergunto, mas ele está começando a cochilar. — Howie, onde foi que arranhou esse quadro?

— Encontrei — diz ele, e seu queixo gruda no peito. Seus olhos vão se fechando.

A noite em volta parece cercar tudo, tão espessa que poderia me engolir. Pela primeira vez, fico imaginando se falei com ele — o assassino de Lucinda, quem quer que seja. Se me sentei diante dele e tive conversas normais, nós dois ignorando o lado sombrio um do outro. Cameron. Howie. Zap. Qualquer um. Eu e meu feitiço idiota. Penso no homem de *Feitiçaria Moderna*, pendendo do teto numa casa com portas trancadas. Lucinda, segurando seu caderno com Degas na capa. E em Cameron, em pé no gramado dela, apenas minutos antes de ela ser golpeada com tanta força que caiu e quebrou o pescoço. E, claro, Capítulo Dois: “Sinais dos mortos”.

A Imagem.

Um vento glacial sopra entre Howie e eu. Eu sopro as mãos para aquecê-las. Não me dou ao trabalho de me despedir, porque Howie apagou, mergulhando em sua mente dementada. Volto rápido ao carro gélido da minha mãe. O simples barulho do motor ligado já é um alívio, uma companhia. E eu? Eu sou vidro. Um arrepio. Um gaguejo.



Eles estão à mesa de jantar. Terry está com três latas de cerveja a sua frente, o que significa que a refeição já virou discussão. Amy está sentada no sofá, encolhida, com um prato no colo e fones nos ouvidos, balançando a cabeça com seu Discman, que provavelmente está tocando Kelly Clarkson. A casa cheira vagamente a comida indiana.

— Olhem só quem chegou — diz minha mãe, de seu lugar na cabeceira da mesa. Seus lábios estão manchados de roxo, de vinho. Ela dá um gole

numa caneca com um homem de neve. Provavelmente, as taças estão sujas.
— Que bom que você resolveu nos acompanhar.

— Eu estava no hotel, trabalhando. Como faço toda quinta-feira.

Minha mãe está bêbada. Ela passa os dedos pelo cabelo arrepiado e tingido, empavonando-se para a plateia. Quando ela fica bêbada, encara o próprio reflexo na janela da cozinha, fazendo bico, tremulando os cílios. Pronta para sua estreia.

Terry inclina sua lata para ver o que tem dentro. É seu modo de evitar confronto, cata um fiapo na camisa. Esfrega um ponto na mesa. Se ninguém notar que está vivo, talvez você não esteja e talvez seja melhor assim.

Minha mãe detesta quando eu o chamo de Terry. Mas não há motivo para chamá-lo de “pai”, embora ele seja meu pai biológico. Ele está em casa toda noite, às nove horas, e some às seis da manhã, sempre usando a mesma versão de camisa azul de botões e mangas curtas, flutuando pela casa como um fantasma, ou um velho labrador.

Quando as coisas ficam ruins com minha mãe, Terry sobe sorrateiramente. Ele finge bocejar. Seus olhos percorrem os hematomas em nossos braços — *Boa noite, meninas* — diz e, em vez de nos olhar, ele remexe as reluzentes canetas-tinteiro que traz no bolso.

— Você perdeu — diz Amy, tirando o fone do ouvido e enroscando o fio no dedo indicador. Ela parece presunçosa. — Os vizinhos estão ligando a noite toda. Aparentemente, eles têm uma pista. Estão prendendo alguém na Jefferson High.

— Quem?

— Eu não sei, mas Zap esteve na delegacia pra ser interrogado.

— O quê? Vão prender Zap?

Amy dá de ombros e coloca o fone de volta no ouvido. Minha mãe dá uma golada no vinho, enroscando uma mecha de cabelo com sua unha postiça comprida. O cheiro da roupa de Howie ainda está no meu nariz, misturando-se com o cheiro da comida indiana que foi entregue horas atrás.

— Sua comida está na geladeira — avisa Terry.

— Você mesma pode esquentar — acrescenta minha mãe.

— Não estou com fome.

Lá em cima, deixo a minha luz apagada.

A garrafa está na prateleira do alto do meu armário, embaixo de um cobertor de bebê que deixa minha mãe sentimental demais para pegar. Só restam uns três dedos, porque metade da garrafa foi pagamento para o Howie, por ter comprado. Não gosto do sabor do rum, mas não bebo pelo gosto. E não bebo muito. É só pra noites como esta. Eu destampo e tomo o máximo que consigo, tentando fazer o líquido passar rápido pela minha língua, direto pela garganta abaixo. Ele desce pelo caminho errado. Em momentos assim, eu me transformo na imagem idêntica da minha mãe. Minhas mãos são como as dela, atracando o gargalo da garrafa. Nesses momentos, eu sinto pena dela.

Eu me sento amuada junto à porta do armário e espero até me sentir melhor. Culpa não é algo que sinto com frequência. É um sentimento insensato — completamente improdutivo. Detesto a forma como a culpa inflama, depois absorve.

Tento me lembrar do Cameron que vi hoje na mesa do refeitório, tão solitário. Ou do Cameron do gabinete do diretor, ontem, pressionando o cabelo na testa, frágil e nervoso. As duas imagens terminam naquela de Zap, com algemas nos punhos, as mãos atrás das costas.

A culpa me lembra: Cameron era uma sombra em forma de menino na noite em que Lucinda morreu. Ela abriu a janela de seu quarto e Cameron ficou ali, imóvel, enquanto Lucinda saía por cima do telhado da varanda. Ela pulou, aterrissando de quatro, agachada, a alguns palmos de onde ele estava.

Onde quer que esteja agora, Lucinda sabe disso. A Imagem. Ela está me perguntando algo. Mas, a essa altura, ela deve saber — garotas como eu não respondem a garotas como Lucinda Hayes.



Essa é a sensação de ser um gaguejo.

Você está caminhando pela rua e a noite ainda não caiu. Não sabe o que quer ser. Você morou nessa rua sua vida inteira. Sua família a odeia porque você é uma babaca. Você gosta de ser babaca. Por esse motivo, não tem amigos, exceto o cara sem teto que mora atrás da biblioteca.

Gente como Howie a empurra muito fundo, dentro de si mesma. Você dá esse mergulho com frequência, e há coisas que pode fazer para temporariamente acalmar sua mente: botar uma música nova para tocar, cortar sua franja na banheira, arrancar a casca de velhas feridas. Mas você ainda fica inquieta. Fica constantemente inquieta, porque, mesmo quando acha que pode ser feliz, essas verdades emergem e provam que está errada. Você é gorda. Você é zangada. Num mundo diferente, você poderia ser loura, ou bondosa, ou amistosa, ou todas essas coisas. Quando dormia, poderia ser uma boneca de porcelana. Mas esse não é um mundo diferente, esse é o seu mundo e você precisa encontrar um jeito de lidar com tal ironia.

Você caminha e passa pela casa dos Hayes, dos Thornton, dos Hansen. A noite está clara. A vizinhança cheira a limpeza. O rum revolve quente junto a suas costelas. Dashboard Confessional está estrondando em seu headphone e você deseja poder viver dentro da letra, dentro do rangido da guitarra, dessa caixa de voz violenta.

Você quer saber o que o Cameron vê quando ele caminha por essa rua, sob o manto clemente da noite. O que ele encontra é fascinante. Você quer saber como ele fica parado no mesmo lugar, por tanto tempo, com o conhecimento explícito de que seu anseio jamais será retribuído. Como ele fica com seu anseio, ali na grama, durante horas, e como volta para casa com ele, sem conseguir escondê-lo em algum lugar.

Seu minúsculo consolo: a magia não pode ser real. Isso não pode ser culpa sua.

Seus pés pesam tanto na calçada, você ocupa espaço demais.

Você quer ouvir o mar, porque nunca o ouviu.

Russ

EMBORA AGORA JÁ FAÇA seis anos, as particularidades de Broomsville ainda fazem com que ele se lembre de Lee Whitley. A charutaria da Main Street, onde eles compravam Fat Boys para fumarem na varanda. O parque onde levavam Cameron nos fins de semana, com Cynthia empurrando o carrinho, enquanto Russ e Lee arrastavam um cooler cheio de cervejas e carne de hambúrguer. Eles passavam tempo com Cynthia, óbvio, mas eram mais os dois — até quando os turnos não coincidiam, Russ e Lee acompanhavam um ao outro, em serviço. Um reforço não remunerado. Ambos gratos pela companhia tranquila.

Lugar algum guarda mais lembranças que o penhasco, mas a taberna, a Dixie's Tavern, fica em segundo lugar. As mesas grudentas. O fonógrafo quebrado, no canto, montanhas de cinzas em copos amarelados. O fedor do local, como fermentação velha — coisas deixadas para apodrecer.

Esta noite, Russ se senta numa banquetta junto ao bar. Ele dobra o casaco e as luvas numa bola em seu colo.

O que quer?, pergunta Tommy.

Tommy trabalha na Dixie's Tavern há dezenove anos — Russ costumava vir com os amigos do ensino médio. Tommy, à época poucos anos após se formar no segundo grau, os servia drinks misturados, que mais tarde

contou a Russ que eram metade água. Russ e os amigos ficavam até duas, três horas da madrugada, muito empolgados. Eles voltavam de carro para casa, meio inebriados, as cabeças para fora das janelas, como cachorros loucos — uivando para as bombas de gasolina dos postos, uivando para os vastos pastos e as montanhas, remotos e distantes, na noite.

Vou querer um uísque duplo, diz Russ.

Ivan está perto da mesa de sinuca, sozinho. No canto, há uma garrafa de chá verde descafeinado, com o rótulo anunciando paz e serenidade. Tommy cobra Ivan dois dólares por jogo, e Ivan traz o próprio taco de bilhar já com giz na ponta. Ele passa horas ali, manobrando o taco polido por cima da grama verde falsa da mesa.

Você vai jogar com seu cunhado?, pergunta Tommy.

Esta noite, não, diz Russ. Ele toma sua bebida num gole e põe o copo na mesa para ser reabastecido.

Quer outro?, indaga Tommy. O sinal em neon atrás de sua cabeça diz “CERVEJA”. Russ deveria tomar uma cerveja, mas a ideia de todo aquele líquido em seu estômago o deixa zangado. Então, ele pede mais um uísque duplo.

O terceiro uísque parece menos com o segundo e o quarto tem o mesmo gosto do interior da boca de Russ, químico e dormente.



No primeiro mês de setembro que passaram casados, Russ chegou em casa e sentiu aromas desconhecidos vindos da cozinha. Ines dançava de meias ao som de Lupillo Rivera tocando no computador do canto da sala. Tinha alguma coisa fritando no fogão e outra coisa fervendo. Ines havia pendurado enfeites vermelhos, brancos e verdes no corredor.

Dia da Independência do México, disse ela. Esse ano, vamos comemorar. Guadalajara tem a maior celebração de todo o país, sabia?

Certo, disse Russ. Ele foi para a sala, onde assistiu à reprise de um episódio de *Law and Order* até que ela terminasse de cozinhar.

Ines tinha posto a mesa com guardanapos coloridos de papel. Uma travessa de cerâmica fumegava no centro. *Birria de borrego*, disse a ele. Carneiro apimentado com queijo fundido à parte. Quando Russ deu uma garfada, a comida queimou o céu de sua boca. Tudo era apimentado demais.

Bom?, perguntou ela.

Sim, disse ele.

Lá em Guadalajara tinha até fogos de artifício, contou ela.

Legal, disse Russ, de olho na corrida de NASCAR na TV da sala, cujo volume estava sempre no máximo.

Ines observou o prato dele, que ficou quase intocado. Ela coçava um ponto no pescoço e olhava para o teto, a expressão em seu rosto parecia um para-brisa rachado. Pelo resto da refeição, ela não o olhou nos olhos. Ela bateu na mão de Russ para descartá-lo, quando ele se ofereceu para ajudar com a louça. Quando Ines terminou de limpar, foi até ele na sala.

Ines desligou a televisão e ficou na frente. Com fogo nos olhos. Russ nunca vira Ines tão zangada — ele estava quase com medo. Ela veio rapidamente até ele, que nem ergueu os braços em defesa, pois não tinha certeza se ela iria beijá-lo ou estapeá-lo.

Ela fez o último: deu-lhe um tapa no rosto. Ardeu. O rosto de Russ ficou queimando onde a palma da mão dela bateu.

Depois daquela noite, Ines nunca mais fez comida mexicana. Russ chegava tarde do trabalho e sentia cheiro de arroz e carne apimentada, mas Ines sempre escondia as provas, e os ingredientes para um queijo quente ficavam na bancada da cozinha, ao lado de um prato vazio. Punição. Russ sempre pensa naquela noite — se ele tivesse se comportado direito, feito perguntas, mostrado o mínimo de interesse verdadeiro, o casamento deles seria bem diferente. Em vez disso, Ines acalenta essas coisas no peito — receitas, histórias, canções, lembranças —, relutante em compartilhar com ele. Americano imbecil.

A raiva de Ines está ali no pão de forma em cima da bancada. Russ fica imaginando para onde vai essa raiva quando ele não está em casa. Ele imagina quais batalhas ela vence.

Algumas semanas antes de Ivan ser libertado da prisão, Ines ergueu os olhos na mesa do café da manhã. Uma rara manhã de sábado de folga — ovos e bacon. Ela lia um romance, enquanto Russ corria os olhos no jornal.

Ele já vai sair, disse a Russ.

Quem?

Ivan. Ele sai em duas semanas.

Ah, disse Russ, embora ele viesse temendo essa data há meses. Ines o observava, ansiosa.

Vou me assegurar que as pessoas certas saibam, disse Russ.

Ines sorriu e pegou novamente o livro.

Ivan tinha ultrapassado o tempo permitido por seu visto em um ano e meio, quando foi preso. Agora, já fazia três anos e meio. Russ não sabia quais seriam os procedimentos para a checagem dos papéis — para deportação após a prisão —, mas sabia que a imigração e a polícia alfandegária eram rigorosas com narcóticos. O pai de Russ era próximo de um oficial que fazia os trâmites com o pessoal da federal e o próprio Russ tinha falado rapidamente com o homem em churrascos do departamento. De qualquer forma, todos adoravam o pai de Russ. Naquela segunda-feira, Russ encontrou o escritório certo, bateu na porta certa.

Oi, disse ele ao estranho curvado sobre a escrivaninha. Preciso pedir um favor.

Em dez minutos, Ivan não receberia a cidadania, nem um Green Card, ou sequer uma ficha de inscrição — só uma promessa de que não seria checado em relação a nenhum desses documentos quando fosse libertado. Quando ele disse a Ines à noite, ela jogou os braços em volta dele e eles dançaram, quadris colados, num balanço que parecia realmente prazeroso, se não romântico.

Na noite em que Ivan saiu da prisão, Ines fez um jantar em comemoração. Encheu balões e amarrou à caixa de correio. Ela pendurou um pôster feito em casa, no hall de entrada: “BEM-VINDO AO LAR, IVAN!”

Russ grelhou filés no quintal dos fundos enquanto Ines, Ivan e Marco se reuniram na cozinha, rindo e tomando uma, duas, três cervejas. Marco visitara Ivan toda semana, entregando livros como *O Príncipe*, de Maquiavel e *A filosofia latino-americana*, de Leopoldo Zea. Marco tinha estudado com afinco e pedido empréstimos e agora estava na escola para se tornar assistente médico.

Até o filé dourar, os três estavam bêbados e discutindo alegremente num espanhol veloz. Russ despejou sua cerveja num vaso com um tomateiro. Pela janela, Ines estava radiante com o irmão finalmente em casa.

Quando a comida ficou pronta, eles se reuniram ao redor da mesa posta com toalha de linho e Russ segurou a mão de Ivan para a prece.

Vocês todos são ótima companhia, em comparação aos companheiros de cela, brincou Ivan ao cortar um pedaço civilizado de bife. Porém, devo dizer que tive muito tempo pra pensar. Aprendi muito com os outros presos, por pior que fosse a companhia. Aprendi muito sobre o mal.

Russ engoliu.

Aprendi que o mal não existe, prosseguiu Ivan. Só há meios diferentes para que as pessoas tentem ser boas. Pouquíssimas pessoas neste mundo fazem o mal intencionalmente.

Então, disse Russ a Ivan, você está dizendo que traficar drogas é um empenho em ser bom?

As palavras simplesmente saíram, em nome dos homens com quem ele havia trabalhado há anos, aquele tom supermasculino que Russ adotou sem pensar. Ines endireitou a postura. Ela e Marco trocaram um olhar. Houve uma pausa horrenda.

Não quis dizer dessa forma, tentou Russ, mas Ivan tinha empurrado o prato.

Ivan levou a cerveja aos lábios, bebeu tudo numa golada, com um filete escorrendo pelo queixo. Essa seria a última bebida que Russ o veria tocar.

O que estou dizendo é o seguinte, disse Ivan. Eu não acredito no mal, não do jeito que você e seus amigos policiais definem. Vocês são um bando de garotos de escola de classe média ignorantes, e é aterrorizante que existam às centenas, aos milhares, todos se recusando a virar e olhar o mundo pelo que ele é. Estão tão ocupados perseguindo a nós, forasteiros, que nunca param e olham para trás, nunca percebem que metade das pessoas que estão prendendo são pessoas melhores que vocês, com intenções bem menos mal intencionadas. Não acho que você seja um homem mal, oficial Russell Fletcher, e isso é o que mais me incomoda a seu respeito. Você é apenas mais um desses subordinados tropeçando no poder e, de alguma forma, deixei que uma porra de um fantoche como você se casasse com minha irmã.

Ivan se levantou e a mesa balançou. O vaso de flores que Ines havia comprado virou e uma água esverdeada derramou na toalha da mesa.

É melhor irmos, disse Marco. Obrigado pelo jantar, Russ.

Não era a raiva do cunhado que amedrontava Russ, quando Marco puxou um Ivan bêbado pelo punho porta afora. Nem mesmo o porte parrudo do homem. Eram aquelas palavras, a calma e a certeza da proclamação de Ivan: você é um fantoche. Você é tudo que está errado.

Você não tem medo dele, tem?, perguntou Ines, na cama, naquela noite. Ela tinha chorado no chuveiro e Russ fingira não ouvir. Seu cabelo molhado com cheiro de eucalipto estava espalhado no peito de Russ, enquanto ela fazia círculos em seu ombro, com o dedo indicador.

Não, não tenho, disse Russ, e a puxou para mais perto.

Ivan nem sequer pediu desculpas, embora nunca mais tivesse tomado um único drinque depois desse dia. Apesar daquela mudança, Russ sabia que Ivan era perigoso — quem poderia deixar de temer um homem que não acredita no mal?

Agora, no bar, os braços de Ivan se estendem ao longo do taco de bilhar. Sua camisa engomada está apertada. Ele morde o lábio ao se concentrar.

Russ bota uma nota de vinte na mesa e se levanta. Hesita. Dá um passo à frente.

Então veio dar um oi?, diz Ivan. Educado demais. Seu calor chega à boca de Russ: respiração quente. Dente de ouro.

Conte-me o que você fez, pede Russ.

Eu disse a seus amigos e vou repetir pra você, diz Ivan. Eu não sei nada sobre aquela pobre garota.

Eu lhe fiz uma pergunta, porra, diz Russ. O que você fez?

As palavras saem emboladas da boca de Russ. Ivan sorri de um jeito compassivo. Russ tem vontade de socá-lo.

Russ, diz Ivan. Vamos, meu irmão. Olhe pra você.

Russ murcha. Olha para si mesmo: um homem bem pequeno. A sala inteira gira como um carrossel de playground.

Agora é tarde da noite. Ines apagou no quarto de hóspedes. Há um copo descartável de macarrão instantâneo na mesinha de cabeceira. Ela dorme com as mãos enlaçadas embaixo da maçã do rosto. Acima dela, está a única fotografia que Russ comprou na farmácia, uma paisagem, um tentativa fraca de tornar esse cômodo mais alegre para quando seus pais vieram. As montanhas parecem muito pequenas na parede, Ines é um gigante adormecido abaixo.

Ela se remexe somente quando Russ está prestes a fechar a porta.

Russ?, sussurra, como uma menininha acordando à noite.

Sua maquiagem secou sob seus olhos. Na televisão está passando o noticiário.

O detetive veio aqui, diz Ines. Ele me fez perguntas. Estava com o tenente. Eu queria que você estivesse aqui. Respondi a todas as perguntas e os mandei embora.

Lamento, diz Russ, cheio de uísque e tonto. Tive que cuidar de um problema. Eles perguntaram de mim?

Não, diz Ines. Mas perguntaram sobre minhas aulas para Lucinda. E sobre Ivan. Como você pôde achar que meu irmão a matou? Como, Russ?

Não sei o que eu acho, diz Russ, com o álcool lhe subindo à garganta.

Ivan é bom, diz Ines, e começa a chorar. Meu irmão é bom.

Ines se senta, com os cabelos amassados de um lado por causa do travesseiro. Ela esfrega o rosto. Arruma a alça da camiseta, que está caída no braço. Encolhe os joelhos para junto do peito e fica olhando além de Russ, embora não haja nada atrás dele além do corredor frio que dá no andar de cima. O lençol deixou uma marca no rosto dela.

Uma vez, Russ deu uma passada após a escola. Ele ficou do lado de fora da sala onde Ines lecionava e ficou observando através da janela retangular. Ines e Lucinda debruçadas sobre um livro. Quando Ines riu, ela parecia tão cheia e arredondada — isso deixou Russ excitado. Ele imaginou outro homem ali em pé, outro homem observando sua esposa, através da janela e desejando tê-la. Lee. É, Lee. Russ foi até o banheiro masculino, onde havia uma suástica rabiscada na porta do cubículo com caneta, e bateu uma punheta acima da privada.

Ali no quarto de hóspedes, Russ se dá conta de seu fedor, do cheiro lento e entranhado de sua bebedeira. Ele está com o cheiro da colônia de Ivan, aquele tipo que se compra da caçamba de uma picape no estacionamento de uma loja de departamentos.

Venha pra cama, diz Russ.

Quando ele vai excitar Ines, ela se encolhe, seus braços molengas ficam tensos com o toque. Russ a deixa, amaldiçoando seu emprego e o quanto ele envelheceu, o quão idiota se tornou.

Enquanto escova os dentes, se olha no espelho. Sua pele faz uma dobra no queixo. Olhos pequenos e lacrimosos. Ele usa o mesmo bigode há dezesseis anos, desde que alguém disse que isso lhe dá uma aparência que

intimida. Esta noite, o bigode parece uma afronta ao seu rosto. Intruso. Está tudo caído. Ele suga a água das cerdas plásticas da escova de dente e apaga a luz.

Cameron

CAMERON TINHA SÓ UM amigo no mundo inteiro — Ronnie não contava. Não, seu único verdadeiro amigo era o zelador noturno da escola.

Quando Cameron jogava seu jogo de Noites de Estátua, ele perambulava pelas ruas sepulcrais. Silenciosas, como se essa cidadezinha fosse uma ilha no meio de um oceano inexplorado.

Cameron gostava do jeito relaxado que o zelador andava, de macacão, sob a luz da rua, do lado esquerdo dos fundos da escola. O zelador fumava um cigarro a cada hora, na hora cheia em ponto. Devia ser legal, pensou Cameron, saber que o consolo o esperava — você só precisava viver ao longo daqueles minutos.

Eles tinham uma linguagem secreta, Cameron e o zelador da noite.

Nas noites em que Cameron se sentia bem, ele assentia uma vez para o outro lado da Elm Street. O zelador sempre assentia de volta. Nas noites em que se sentia emaranhado, Cameron não assentia — apenas ficava ali em pé, pesado, dentro de si mesmo. Isso bastava para o zelador, que tirava o pé do lado de fora da escola, onde se recostava como um garoto legal, de filme antigo. O zelador sacudia seus membros compridos e volumosos. Ele se sacudia como quem diz: *Então?*

Nessas noites, Cameron se sentia menos sozinho, mesmo que seu único verdadeiro amigo não pudesse sequer ser visto do outro lado de uma rua sonolenta, à meia-noite.

Cameron começou com a parte inferior do maxilar dela.

Essa era a parte mais escura do rosto de Lucinda. O lado inferior do seu maxilar se fundindo ao pescoço, se fundindo à clavícula, se fundindo ao peito — um espectro contínuo. A luz do quarto dele era ruim. Um crepúsculo gélido. Uma mosca, de alguma forma viva no frio, batia-se contra o teto. Zunia e batia e zunia e batia. Cameron não conseguia se concentrar.

A missa seria no dia seguinte e a mãe estava passando a camisa social dele na lavanderia. Ela tinha lhe comprado aquele troço ridículo para um concerto do coral no sétimo ano e, desde então, Cameron a vestia para todas as ocasiões formais. As mangas estavam curtas demais. Mal dava para fechar os botões dos punhos, e o tecido arranhava sua pele. Mas isso não importava — a missa era só uma homenagem. Seria na Capela e Funerária Maplewood Memorial, mas o corpo de Lucinda não estaria lá. Seu corpo devia estar em algum necrotério, sobre uma mesa metálica, no porão de algum hospital, com gente olhando para ela por cima de máscaras cirúrgicas.

Cameron começou de novo a desenhar o queixo dela. Estava largo demais, mas, tudo bem, porque se você desenha o queixo de alguém largo demais, ainda pode parecer com a pessoa. Ele foi subindo e passou aos lábios dela. A mão dele estava tremendo, e sua mão nunca tremia. A beirada parecia errada. Depois que Cameron olhou errado, percebeu, com um tranco horrorizado, que ele jamais poderia olhar certo novamente, porque agora estava em cima da mesa. O maxilar e os lábios dela estavam lá, soltando dos ossos, se decompondo — a menos, talvez, que usassem algum tipo de líquido conservante.

Desemaranhar.

Ele estava tentando desenhar as maçãs do rosto dela, mas também não estavam certas e ele não conseguia se lembrar onde ficavam as suas sardas,

então, as contou — *uma, duas, três, quatro* —, mas todas elas estavam no lugar errado e ela estava começando a parecer vesga e ele não conseguia fazer os cantos de seus olhos tranquilos, ou as maçãs ressaltadas do rosto dela. Quando ele imaginava aquele rosto, só via a parede sem pintura da pele de Jade. Quando olhou, o desenho que ele tinha feito não era Lucinda, não era Jade e, de alguma forma, o dia 15 de fevereiro tinha acontecido. Para todos eles.

Cameron imaginou a si mesmo segurando uma arma, pressionando o dedo indicador no metal frio do gatilho.

Desemaranhar.

Ele imaginou a si mesmo segurando uma arma, pressionando o dedo no metal frio, pressionando o cano atrás dos cabelos louros e brilhosos de Lucinda.

Desemaranhar.

Ele imaginou a si mesmo segurando uma arma calibre .22, pressionando o dedo no metal frio, pressionando o cano atrás do cabelo louro e brilhoso de Lucinda. *Não*, ela estava dizendo, *por favor, não faça isso e paft*. Ele imaginava a si mesmo olhando Lucinda no carrossel — seus tênis sujos, o cadarço do pé esquerdo desamarrado —, olhando para sua forma contorcida, vendo o sangue minando do corte em sua cabeça, com um tipo de halo doentio.



A primeira vez que Lucinda pediu ajuda a Cameron foi num sábado ensolarado, um ano e meio antes. Era final de agosto e a vizinhança estava isolada com cones cor de laranja de trânsito — as pessoas armaram barracas de comida na frente da garagem de suas casas. As meninas do oitavo ano usavam a parte de cima de biquíni e shorts de brim. Os meninos circulavam sem camisa, bronzeados de um verão de cloro e protetor solar 15.

Cameron estava com seu moletom largo. *Tire esse troço*, dissera a mãe, enquanto colocava um pedaço de pão de banana no prato do sr. Thornton. À

época, a bebê Ollie era recém-nascida, e dormia num carrinho de automóvel perto dos pés do sr. Thornton. Sua mãe tinha colocado o pão de banana no micro-ondas, para que os vizinhos achassem que era fresco. *Você deve estar derretendo.*

Cameron foi se arrastando até o quarto e mudou de roupa, colocou uma camiseta branca comum. Ela fazia seus braços parecerem um conjunto desengonçado de ossos, espetados para fora das mangas grandes demais. Por mais que Cameron se virasse na frente do espelho, ele era uma bagunça de ângulos — cotovelos projetados, cantos que não pareciam naturais. Como um daqueles esqueletos que os professores penduram na sala de aula perto do Halloween.

Alguma coisa fez um estrondo no fim do corredor. Pareceu vidro quebrado.

Quando Cameron seguiu o som até o quarto da mãe — nos fundos, o banheiro de mármore da mãe —, Lucinda Hayes estava na frente da penteadeira. Havia um vidro quebrado de perfume no chão, e o cheiro da mãe, numa noite boa, vazava pelos ladrilhos.

Lucinda estava com a parte de cima de um biquíni amarelo e um short jeans rasgado. Fiapos brancos pendiam das bainhas dos bolsos. Pelos minúsculos se espalhavam subindo em direção a seu umbigo e, depois, aquela extensão plana de sua barriga: ela se estendia diante de Cameron, como uma planície infinita. A linha bronzeada na pele interna e macia de seus seios, onde outro biquíni a protegera do sol, era dois tons mais clara, nua, arrepiada. As tiras plásticas do biquíni criavam rastros vermelhos que atravessavam sua clavícula e por cima dos ombros.

— Desculpe — disse Lucinda, em pé, acima do vidro quebrado de perfume. — Não tive a intenção de quebrar. Eu só estava olhando.

— Tudo bem — respondeu Cameron, tirando a toalha da mãe do gancho ao lado da cortina do chuveiro, e se ajoelhou para catar os cacos de vidro na mão em concha. Lucinda ficou olhando, de seu lugar, ao lado da privada.

Cameron sabia que ela era bonita, mas nunca a vira estreitar os olhos assim. Ela o observava estreitando os olhos, sem parecer irritada ou enojada. Ela estreitava os olhos para ele como talvez fizesse com qualquer

outra pessoa, e isso, junto com o sorrisinho que se formou em sua boca, fez Cameron ter certeza: ela era gentil. Então, embora quisesse desesperadamente saber por que Lucinda estava no banheiro de sua mãe, ele não perguntou. Mais tarde, quando Cameron ficou no gramado de Lucinda e a observou pela janela, ele pensaria: por que se perguntar o motivo? Destino. O mundo simplesmente tinha empurrado Lucinda em direção a ele.

— Então? — disse Lucinda.

— O-oi?

— Quer que eu compre um novo? Um novo perfume para sua mãe?

— Não. Está tudo bem.

Lucinda puxou a cortina da janela e olhou para fora, esfregando as mãos de forma nervosa, como uma mosquinha de fruta. Seus dedos estavam bronzeados e eram afilados, magros, mas não ossudos demais.

— Posso ficar aqui, por um minuto? — perguntou ela.

— Claro.

Cameron estava ciente de cada osso de seu esqueleto. Ele desejou ser mais bonito, para que não precisasse preencher essa pausa.

— Você alguma vez já imaginou o que acontece em todas aquelas casas?

— Sim — disse Cameron.

Lucinda sacudiu a cabeça — talvez, ela o achasse esquisito, ou o tipo de garoto que levaria uma arma para a escola, como Beth dissera, mas ele não conseguia saber, e nem queria.

— Pode acreditar, eu sempre penso — comentou ela.

Uma fagulha de cristal havia se alojado no dedo indicador de Cameron, mas ele não ligava. O biquíni estava colado às costelas de Lucinda. Ele queria documentá-la em carvão, somente para guardar os detalhes específicos: o cabelo louro colado ao pescoço suado, os cílios curvos acima das pálpebras. Começava no esterno de Cameron e florescia ali, uma afeição que se espalhava e saía. Uma onda delicada.

Lucinda abriu a cortina. Fechou de novo. Ela passou a mão pelo cabelo e deixou a cabeça cair para trás.

Ela começou a tremer.

Cameron não tinha visto muita gente chorar. Só a mãe e, provavelmente, uma garota na escola, uma ou duas vezes. Mas raramente vira o começo — o aumento, o pico, o tremor inevitável de um soluço de choro.

— Você está bem? — perguntou. Ele não entendia como eles tinham passado da janela ao momento de ela estar chorando, mas, quando ela ergueu a cabeça para encarar o espelho, e Cameron estava em pé a seu lado, um fantasma que acidentalmente voltou à vida, soube.

Os olhos de Lucinda eram uma floresta e ela estava chamando lá de dentro, pedindo ajuda.

— Desculpe — disse ela, olhando novamente pela janela. Ela sacudiu a cabeça, afastando uma lembrança, e ajustou o biquíni. Pele fresca. — Desculpe pelo perfume.

Quando ela passou por ele, empurrando-o, Cameron sentiu um lampejo do perfume da mãe no cabelo dela. Lucinda tinha passado em seus punhos, talvez, na clavícula. Ouro e gardêneas.

Somente nos menores momentos de Cameron, ele conseguia admitir que nesse dia, no banheiro da mãe, foi a primeira e última vez que eles se falaram. Que o restante das conversas que tiveram foi através de olhares fugidios — na aula de educação física, quando Lucinda corria várias voltas, seis metros à frente dele, olhando para trás, de tempo em tempo, para ter certeza de que Cameron ainda estava ali. Ela respirava ofegante no pescoço dele, mesmo a seis, dez metros de distância, as pernas dos dois queimando, os pulmões gritando para que parassem. Dava para notar, pelo jeito que ela desviava, de rosto vermelho e acanhada, que ele tinha sussurrado para ela. Era um tipo bizarro de conversa que Lucinda e Cameron tinham, mas a conversa ressoava e latejava.

Cameron descobriu a arma num verão, quando a mãe estava no trabalho. Ele estava perambulando pela casa, à caça de novas imagens para acrescentar a sua Coleção de Fotos — fotografias da mãe, de antes de

Cameron nascer, quando seu pescoço de bailarina ainda era longo e gracioso.

A arma estava embaixo da cama da mãe, numa caixa polida de carvalho, com um fecho que não trancava. A cabeça de Cameron ficou quente e inchada.

Ele não tocou. Não se atreveu.

Ele tentou esquecer.

Quando a mãe saiu para o trabalho, na manhã seguinte, Cameron embrulhou a arma numa camiseta de algodão e enfiou no fundo de sua mochila. Ele foi até o campo atrás da casa de Ronnie — um espaço aberto bem vasto, com trigo alto demais e mosquitos que enxameavam em nuvens.

Quando teve certeza de que ninguém o seguira, pousou a mochila num tronco. As Montanhas Rochosas estavam frescas e amargas. Ele desembulhou a camiseta e examinou todas as peças desconhecidas — a mira, o cano, o cabo, o cilindro. Ele procuraria tudo on-line, fascinado pela forma como a coisa funcionava.

A árvore tinha as proporções gerais de um homem. Um tronco de 1,80 metro e galhos que se estendiam como braços balançando numa batida que Cameron não ouvia. Havia um buraco no tronco. Um ninho de passarinhos. Eles farfalhavam ali dentro, pulando em suas perninhas por cima de uma cama de gravetos. A arma era pesada, não natural, em sua mão.

Cameron estreitou um olho, como faziam nos filmes. Ele não parecia um ator, um braço de palito erguido a fim de apontar para o peito da árvore. Não, ele se parecia com seu eu miúdo, em pé, sozinho, na beira de uma floresta com uma arma que ele não sabia usar, ouvindo bicadas na madeira e o vento do capim e seus ossos tentando se entender dentro de sua pele horrível.

Ele fechou os olhos e atirou. Na cabeça de Cameron, a Árvore era um homem vivo, respirando, um homem feito. O barulho estrondou no céu e o corpo inteiro de Cameron ficou formigando pela força do lançamento da bala.

Ele atirou de novo. E de novo. Três balas se alojaram na axila do braço esquerdo da Árvore. Os pássaros saíram voando em frenesi, asas

desesperadas e grasnados frenéticos.

Eles batiam as asas acima, pelos galhos, corpinhos com penugem que iam ficando pequenos, rendendo-se ao ar. Cameron imaginou como ele devia parecer imbecil sob a perspectiva dos pássaros — um garoto magricela num moletom grande demais, segurando uma .22 com mãos trêmulas. O peso do que ele fizera bateu em ondas de autorrepulsa. Cameron estava com muito medo. Bem naquele ano, suas mãos haviam crescido e estavam maiores que as da mãe. Os nós dos dedos estavam secos. As linhas das palmas mapeavam uma estrada que ela não conseguia identificar. Pareciam mãos de outra pessoa. Como as de seu pai.

Cameron embrulhou novamente a arma com a camiseta. Sentou-se na terra com a arma embolada no colo e ficou ouvindo o campo em volta, porque isso era tudo que ele aguentava fazer.



O ferro chiava no outro cômodo, enquanto a mãe o deslizava sobre a camisa social de Cameron. Quando ela mudava o peso do corpo, de um lado para o outro, seus tornozelos estalavam — possivelmente a junta do astrágalo, a articulação subtalar —, um código Morse que ele não conseguia entender. Era o som mais triste que Cameron já ouvira.

Lucinda olhava para cima, para Cameron, do chão, todos os ângulos terríveis e imprecisos de sombreamento. Uma súplica. Cameron queria chorar, mas não sabia como. Então, pressionou seu rosto no desenho da garota inidentificável no chão, pensando que não havia nada pior do que amar alguém e misturar os lóbulos de suas orelhas com os lóbulos de outra pessoa.

Russ

RUSS NÃO CONSEGUE DORMIR. Ines está no quarto de hóspedes e, por duas vezes, Russ acorda tremendo: temos um corpo. Ele joga as cobertas para o lado e vai até a cozinha, de cueca. Russ se debruça sobre a pia, apoiando o peso nos cotovelos. Ele tinha torcido para ver a lua — para olhá-la e perguntar-lhe algo —, mas, em vez disso, vê nuvens. O ar lá fora perdeu seu toque nevado. Está tudo enfadonho. Algumas partes em branco derreteram e uma camada de lama é visível através do tênue véu noturno.

Russ veste uma calça e dá ré com o carro, saindo da entrada da garagem. Segue lentamente, de faróis apagados, em direção à Fulcrum Street.

Ivan aluga um quarto no andar de cima de uma casa onde duas mulheres idosas começaram o lento processo de morrer. Ele faz as compras no mercado e prepara suas refeições. À noite, ele lhes dá remédio, colocando colheres em suas bocas trêmulas.

São duas da madrugada e Russ estaciona do lado de fora com os faróis apagados.

Ivan está em pé junto à janela das idosas, por trás de uma cortina fina parcialmente aberta. Suas mãos estão nos bolsos — calça preta larga de moletom — e sua silhueta é iluminada pela luz do teto da cozinha. Ele está totalmente imóvel. Ereto e alto.

Em princípio, Russ acha que Ivan está olhando o próprio reflexo, examinando a si mesmo. Mas, da rua, vê a perspectiva do cunhado, de fora da janela: ele olha diretamente para a sala dos vizinhos dos fundos, onde

um casal idoso adormeceu no sofá, sob a luz da televisão esquecida, de mãos dadas.

Ivan está na cozinha, vendo-os dormir, e Russ está sentado no carro, vendo Ivan. Russ fica imaginando se talvez Ivan — tão forte, tão seguro de si — também se sintia como uma fração de segundo no meio de uma noite longa, infinita. Insignificante, fugaz. Perdido no escuro.

Ines levou Russ à igreja. Somente uma vez. Eles já estavam casados havia um ano e ela o convidara. Tudo bem, disse ele, e tirou do armário seu terno marrom áspero. Encantado e surpreso pelo desejo dela de compartilhar.

Ivan ia fazer o sermão.

Os discursos dominicais de Ivan haviam mudado a comunidade frequentadora da igreja. A religião de Ivan desviou do devoto catolicismo que muitos membros da comunidade haviam conhecido em seus países natais. Ela pegou os princípios básicos que eles conheciam, mas permitia mais. Era mais grandiosa. Mais profunda. Uma combinação de filosofia e religião, uma devoção que não tinha limites rigorosos; no entanto, não era menos intensa, uma introdução formal à filosofia americana, tudo sob o olhar discernente de Deus. Ines explicou que Ivan havia se tornado um símbolo, um farol de esperança: você pode mudar. Pode se educar, pode fazer perguntas. Não precisa ser um estranho dentro do próprio corpo, mesmo nesse país cruel.

Então, Russ foi. Eles se sentaram na segunda fileira de cadeiras plásticas: a igreja era um trailer convertido, uma longa caixa com carpete barato, cadeiras dobráveis e uma cruz de madeira simples. Russ se abanava, enquanto Ines fazia as honras, abraçando todas as mulheres curvadas, guiando-as delicadamente até Russ, para as apresentações. *Hóla*, Russ sabe dizer. *Cómo está usted?*

Russ sabia cumprimentar formalmente. Durante longas noites de serviço, ele ouvia o sotaque britânico em sua Rosetta Stone. Como vai você? *Cómo*

está? Mui bien gracias. Muito bem, obrigado.

Quando a missa começou, Ines fechou os olhos e cantou todas as canções de cor. Entre uma e outra, ela dava uma olhada de canto para Russ, nervoso e ansioso. Apertava a mão dele. Russ cantava junto sem realmente fazer qualquer som e, nas poucas vezes que Ines abria os olhos, tentava parecer exultante. Eles conversaram sobre o divino amor e a divina providência, e, depois que Russ tinha suado o terno inteiro — mais tarde, teve que desgrudar o tecido das coxas —, Ivan assumiu o púlpito.

Hoje estamos aqui para falar da natureza do mal, disse Ivan, primeiro em espanhol, depois em inglês. Como podemos distinguir o mal da bondade inerente de Deus?

No altar, ele gesticulava com suas mãos grandes demais e Russ reconhecia o desespero em seu olhar. Ivan não era um homem tomado pelo fervor da religião. Era um homem que havia escrito um sermão, numa folha de caderno, decorado e ensaiado, na frente do espelho. Cronometrado com perfeição o negócio todo, até o sorriso gospel e o “Amém” fervoroso. Cada inclinação da cabeça, cada aperto ardente das pálpebras fechadas, cada vez que Ivan batia palmas em louvor — tudo era um show. Lindamente interpretado.

Depois, Russ se juntou à fila que serpenteava para falar com seu cunhado.

Meu irmão, disse Ivan a Russ quando eles chegaram lá na frente. Você gostou da missa?

Muito, disse Russ.

Espero que você volte logo, disse Ivan. Deus está pronto pra ouvir seus pecados.



Para se divertirem, Russ e Lee jogavam jogos intermináveis de gin rummy no console do meio do carro, usando o velho e surrado baralho de Lee. Entre um turno e outro, assistiam a filmes na sala de descanso, na delegacia, espalhados no futon manchado e puído. O filme predileto de Lee era *Pulp*

Fiction — tempos de violência. 1994. Cameron tinha quatro anos, estava prestes a entrar no jardim de infância, e Cynthia ficava em cima de Lee, pedindo que ele ajudasse mais em casa. Eu deveria virar um assassino de aluguel, disse Lee. Pôr todo esse treinamento em prática. Ele afagava a arma, afetuosamente. Porém, apesar das conversas deles, nem Russ nem Lee jamais usaram suas armas. Enquanto Russ o conheceu, Lee nunca deu um tiro em nada vivo.

Não foi falta de tentativa. Nos dias de folga, eles vestiam o equipamento de caça do pai de Russ, que o dera para o filho como presente em seu aniversário de 27 anos — Russ conseguiu dizer um obrigado meio desanimado. Seu pai tentara ensiná-lo a caçar desde que ele tinha sete anos, mas Russ nunca conseguiu, nunca apertou o gatilho no momento certo. Nunca quis. Ainda assim, ele ia com o pai pelo menos duas vezes, todo verão. O sargento nunca falava no carro enquanto voltavam para casa.

Com Lee era diferente. Eles flanavam mata adentro, ao pé das colinas, uma região demarcada para caça, vestidos de roupas camufladas e neon laranja. Russ nunca entendeu essa combinação — uma cor tinha a finalidade de ocultar, a outra de alertar, uma camada por cima da outra. Eles se trocavam no banco traseiro do carro para que Cynthia não desconfiasse (ela era cautelosa com armas, principalmente para uso recreativo). Uma vez, Lee caiu do banco, no chão do estacionamento, tentando enfiar as pernas na calça sem mostrar a bunda para a estrada. Não estavam mentindo para a Cynthia, já que eles nunca chegaram a caçar nada. Tinha mais a ver com o calvário — a caminhada pela mata, as armas presas meio desajeitadas às calças camufladas, tentando ouvir o farfalhar dos animais nos arbustos, e ouvindo apenas a si mesmos, aquela respiração ofegante da idade chegando.

Eles pararam numa rocha para almoçar. Um lanche rápido, sanduíches de pão de forma.

Uma vez, Lee deitou na rocha com a respiração acelerada. Você já pensou em como estamos ficando velhos?, perguntou.

Claro, respondeu Russ.

Às vezes, acho que será o meu fim, disse Lee. O tempo. Será o fim pra todos nós, não é?

Russ se lembra da brisa em volta deles, de como o vento aumentou, se anunciando em cada galho de árvore. Um alerta. Ele revolveu o saco plástico do sanduíche e o levou. Quando Lee foi correndo atrás dele, Russ quase gritou: não vá! Daquela vez, Lee voltou. Ele amassou o saco na mão e o enfiou no bolso, e eles ficaram marchando pelo mato até chegar a hora de voltar para casa, ou Cynthia ficaria preocupada.

De volta à igreja de um cômodo, Ivan olhava diretamente para ele. Aqueles olhos vidrados. O sorriso inquietante. Ivan o puxou para perto, para um aperto de mão ameaçador. Naquele momento, Russ sabia que Ivan — e talvez o próprio Jesus — sabia de todos os seus segredos de pecador.

Russ entra sorrateiramente em casa, pouco antes do nascer do sol. Em algum momento, Ines voltou à cama deles. Russ beija o topo da cabeça dela e rapidamente muda de roupa, vestindo uma roupa de ginástica. Uma camiseta branca. Um gorro, para manter as orelhas quentes. Ele silenciosamente amarra os cadarços perto da porta e sai de novo na manhã que vem surgindo.

São cinco horas quando Russ começa a descer a Pine Ridge Drive. A manhã está fria, mas a maior parte da neve derreteu, e Russ ouve as próprias pegadas batendo metodicamente no asfalto. Ele passa por vizinhos adormecidos; mora ali há anos, mas é o policial, e ninguém chega muito perto. Passa correndo pela casa de Lee — agora de Cynthia e Cameron — sem desacelerar. Quando Russ corre, a casa deles é como qualquer outra da vizinhança. Uma pequena vitória.

Russ pensa: alguém por aí sabe o que aconteceu com Lucinda Hayes. É provável que ele tenha passado pela casa do assassino há apenas alguns instantes, que ele esteja passando agora, que o assassino esteja roncando numa fronha de algodão enquanto Russ passa. Ele pensa no velho quarto de

Cameron, com sua cama de solteiro e as paredes azuis-celestes, e em genética. No inevitável de sua própria herança, da maldade passada relutantemente, de pai para filho.

Em volta dele, o bairro em luto dorme profundamente. O sol é careca e laranja no horizonte e, quando chega à periferia do subúrbio, Russ ganha velocidade.

Ele logo está aos pés das montanhas, seu batimento cardíaco é de pelo menos 140 e os picos estão altivos acima dele, como feras famintas. É nesse momento que Russ melhor entende a si mesmo. Quando ele pode facilmente dizer: Meu nome é Russell Fletcher, sou um homem que vive um tipo de vida e sou feliz. Esse momento é livre de obrigações, expectativas e um passado arroxado de hematoma. É somente Russ e seu coração de homem batendo, Russ e a nuvem de sua respiração que sai esbranquiçada na manhã fria, Russ e suas pernas, queimando, queimando. A atenção minuciosa de sua mente que foca nas extremidades faiscantes. Correndo, Russ fica bem. Correndo, ele segue em frente.

TERCEIRO DIA



SEXTA-FEIRA, 18 DE FEVEREIRO DE 2005

Jade



ESTAMOS NUMA PRAIA. O sol reluz de todos os lados. Lucinda e eu estamos deitadas de barriga para cima, viradas para o céu. Estamos agasalhadas com roupas de inverno: eu, com minha parka, Lucinda com sua jaqueta amarela e calça de lycra cintilante. Uma gaiivota berra.

Lucinda está falando, mas o vento e as ondas são ruidosos demais. Ela é muito bonita na horizontal. Angelical — eu entendo o que querem dizer. Estamos deitadas como amantes, dividindo o mesmo travesseiro, mas seus lábios de concha do mar abrem e fecham, abrem e fecham, seu peito está arfando, lágrimas escorrem pelas laterais de seu rosto, acima do nariz arrebitado. *Não consigo ouvi-la!*, tento dizer, mas minha boca está fechada. Ombros grudados ao chão. *Não consigo ouvi-la!* Ela começou a gritar, mas não sai som algum, seus braços estão enlouquecidos ao se estenderem para mim. Lucinda implora e chora e suplica, mas tudo se perde na confusão de algas marinhas do oceano.

Cinco da manhã. Eu acordo tremendo. Lá fora ainda é noite, o mundo omitido.

O livro está embaixo da minha cômoda, uma força magnética. Eu o deixo ali para que Amy não encontre. Ela contaria para minha mãe, que

provavelmente me internaria num centro de reabilitação ou num acampamento de Jesus.

Depois que se passa meia hora e minhas pilhas de roupa começam a parecer rostos e pequenos animais, eu acendo a luz da mesinha de cabeceira e arrasto o livro para o colchão. Pelo tato, vou folheando até o Capítulo Dois: “Sinais dos mortos.”

“Quando recebe um sinal dos mortos, você tem de se perguntar: o que o falecido está tentando me dizer? Será que há algo que possa facilitar a transição para o mundo dos espíritos? Quando os falecidos se comunicam com os vivos, eles estão lhe conferindo uma tarefa: você deve procurar o que ficou por fazer.”

Eu fecho o livro com força. Vou Tateando meu caminho até o banheiro, com as mãos me guiando, e ligo a água fria do chuveiro. Entro ainda com a blusa do pijama e tento lavar o sonho do meu inconsciente vulnerável.



Somente ali, no chuveiro, ainda de roupa — somente ali eu me permito a lembrança do dia do ritual. A entrada de garagem dos Thorntons, Lucinda de chinelos de dedo, como esperei que minha mãe e Terry estivessem acomodadas diante da TV. Sorrateiramente subi para meu quarto, desesperada ao assimilar que os Thorntons estavam me chamando cada vez menos, de que logo eles parariam e eu teria que encontrar outro emprego, tudo por causa de Lucinda e de sua trança loura dourada perfeita pendendo nas costas. Imaginei aquela nota de cem dólares apertada no punho fechado de Lucinda, seu rosto só covinhas e cílios.

Eu junto tudo no meu quarto. Você deve ficar confortável quando faz um ritual — muita gente faz sem roupa. Mas eu me recuso a ficar nua. Jamais. Então, visto um maiô antigo com estampa do Havaí.

Primeiro, cubro a espátula com papel pardo. A varinha. Em seguida, eu monto o altar, desajeitada e veloz, usando umas velinhas da loja de um dólar — do tipo que não queima mais de vinte minutos.

No meio do altar, coloco minha foto predileta: Zap e eu no primeiro dia de aula, no segundo ano. Estamos em pé na varanda da frente, estreitando os olhos para o sol, e Zap está com uma mãozinha gorducha erguida acima da sobrancelha. Fizemos bigodes de caneta hidrocor, desenhados com precisão embaixo de nossos narizes.

Gosto dessa foto porque não parecemos felizes. Nós dois estamos congelados no movimento, presos ali. Anos depois, no chão do meu quarto, é como se Zap fosse tirar a mão do rosto para erguer as alças de sua mochila, e vou gritar com minha mãe por tirar uma foto minha. Essa foi tirada no meio de alguma coisa. Sempre posso pegá-la e testar a temperatura da minha própria lembrança.

Segui cautelosamente o restante das orientações. O colar de pentagrama, que comprei numa liquidação de garagem, foi para o meio do altar. Salpiquei sal do saleiro da cozinha (uma vaca de cerâmica). No sentido do relógio, três vezes. Repito com tomilho, que peguei do armário de temperos da minha mãe. Arrumei as velas, com um espaço de dois centímetros entre elas, e salpiquei com “água benta” de um copinho descartável.

Eles não dizem o que devemos fazer depois que o círculo está pronto.

Então, me sento de pernas cruzadas no meio do carpete, com as velas tremulando, torcendo para que eu tenha trancado a porta. O riso ensaiado que vem da TV ecoa lá em cima e uma música pop pulsa do quarto de Amy. Tentei meditar num pensamento, e tentei fazer desse pensamento algo útil. Tentei rezar para que eu fosse mais legal com os outros, que esse ano não fosse um ano ruim do cacete, como o ano passado. Mas me perdi nos círculos da minha cabeça e acabei onde sempre terminava: pensando naquela noite, com Zap e Lucinda, tentando me esquecer das mãos de massa doce dela.

Foi assim que aconteceu, eu acho. Naquele círculo suarento, rezei para uma força não especificada para que Lucinda Hayes desaparecesse.

Eu queria que ela sumisse.

Embora eu tenha adquirido tudo isso de um livro e não exista tal coisa como feitiços de morte na vida real. E eu jamais tenha acreditado que

aquilo pudesse funcionar, não acreditava, juro que não — quando abri meus olhos, ali estava. Medo. Singular e inexplicável.

Não desmontei o círculo de maneira apropriada. Em vez disso, pulei para fora, com um medo infantil, e acendi a luz do meu quarto. A cena parecia quase casual com a luz de teto acesa. Quando soprei as velas, a cera pingou nas ervas e tudo entranhou no tapete, o tomilho, o sal e a cera quente, misturando nas fibras sintéticas. Chutei o altar. Enfiei tudo num saco de lixo preto e empurrei para debaixo da minha cama, e imediatamente tentei esquecer.

Um afundamento nauseante se apossou de mim, como se eu tivesse provado a mim mesma o que Zap já tinha dito: você é uma garota descartável. Temporária. Uma bagunça de pele e banha, por cima de ossos frágeis definhando.



Duas horas depois do sonho, estou comendo sucrilhos, de pernas cruzadas no sofá, ouvindo minha mãe e Amy brigarem por causa da maquiagem da minha irmã. *Só um pouquinho mais escuro nas pálpebras*, diz minha mãe, e Amy diz *Você quer que eu fique com cara de piranha?*

O milagre é que não importa o que minha mãe me faça vestir, nunca vou ficar do jeito que ela quer.

Na verdade, ela nem nunca tentou.



As coisas são assim desde que eu me lembro. Minha mãe bebericando a partir de três da tarde. Eu e Amy subindo nas pontas dos pés, atrevendo-nos a chegar perto somente quando minha mãe nos chama, um predador atraindo a caça.

Quando éramos pequenas, era só eu. Agora, confiantemente, sou só eu. Mas quando Amy estava no segundo ano, ela ganhou peso — aquela

barriguinha rechonchuda e comum de menininha. E, durante aqueles anos, era ela também.

Era sempre pior depois que a gente ia à casa de Lucinda e Lex. O lugar transformava minha mãe num monstro irado e cuspidor: as meninas Hayes e seus cabelos dourados, as meninas Hayes e suas pernas palitos, as meninas Hayes e a casa desinfetada que habitavam, com os cantos de hospital e controle programável de luz para o lustre da sala de jantar. Minha mãe ia nos buscar e papeava alegremente com a sra. Hayes no hall de entrada enquanto amarrávamos nossos cadarços. Ela nos levava para casa — de volta ao chão da cozinha coberto de farelos de biscoito Saltine, do lanchinho que ela fazia à meia-noite, aos triângulos de pizza de microondas endurecidos, as taças de vinho pela metade que ela deixava durante dias na bancada, com um grude podre. Minha mãe nos olhava com menosprezo, suas rebentas balofinhas, as duas roliças e dentuças — até Amy, com seu lindo cabelo ruivo.

Minha mãe se servia de um copo vespertino, com fumaça saindo pelas orelhas, enquanto Amy e eu subíamos, esperando o grito estridente *Meninas!* que ela finalmente daria. *Desçam, agora!*

Num sábado, Lex Hayes ganhou o torneio de ginástica do terceiro ano. Os juízes deram as notas e Lucinda bateu palmas e gritou, enquanto a sra. Hayes filmava, ambas lacrimosas, quando Lex desceu do pódio, com uma medalha plástica pendurada no pescoço. Elas estavam muito orgulhosas. Amy e Lex pulavam e se abraçavam, como se ganhar o torneio de ginástica do terceiro ano fosse equivalente a ganhar um ouro olímpico.

Naquele dia, quando minha mãe chamou da escada, Amy ficou tensa embaixo dos cobertores da minha cama, ainda usando seu colant caro de pedrinhas, o cabelo puxado num coque sólido que nem rocha, cheio de laquê. Cílios emplastados de rímel. *Meninas!*, gritou minha mãe.

— Fique aqui — ordenei a Amy e tranquei a porta do quarto antes de descer a escada como um boxeador malfadado entrando no ringue.

— Onde está sua irmã? — perguntou minha mãe. Ela tinha mamado meia garrafa de chardonnay vagabundo e girava o pé da taça de vinho pela bancada de mármore falso.

— Lá em cima.

— Vá chamá-la.

— Ela está cansada.

Quando minha mãe levantou, dei alguns passos culpados para trás. Intuição. Claro que minha mãe notou: ela não era rápida, mas era forte, e como eu havia trancado Amy no quarto, não tinha para onde ir. A porta de Amy não fechava direito e a do banheiro não tinha tranca. Portanto, quando minha mãe disse *Pode parar, aí mesmo*, eu parei.

Ela pulou para cima de mim, com a taça de vinho na mão. Deslizou a unha plástica comprida no meu rosto e deixou um arranhão que ficaria a noite toda, mas sumiria de manhã. Beliscou meu queixo, com o polegar e o indicador, como um veterinário examinando os dentes de um cão.

— Perdida — murmurou ela, com um hálito horrendo, pútrido. — Você é uma causa perdida.

Ela deu uma golada, virando o restante que havia na taça.

— Mas a sua irmã... Sua irmã, com aquele cabelo ruivo bonito. Vá buscá-la e traga-a aqui.

— Não — disse enquanto fechava os olhos...

Minha mãe me deu um soco na barriga com tanta força que me curvei, pois seu punho pareceu um trem de carga. Quando resfoleguei, ela passou direto por mim para subir a escada.

Não me lembro da parte seguinte. Só do desfecho: de alguma maneira, depois de perder o ar, saltei atrás dela escada acima, segurei em sua blusa com as duas mãos e a puxei para trás.

A taça de vinho voou primeiro. Saiu rolando pelos degraus atapetados em câmera lenta, estilhaçando ao chegar ao pé da escada. Um caco de vidro se alojou entre meu calcanhar e o chão, mas não tive tempo de sentir dor — só de pular para o lado, quando minha mãe desceu e passou por mim, dando cambalhotas.

Ela parecia uma boneca de pano, um bolo de roupa barata gritando, a cabeça passando por cima das pernas, rolando escada a baixo.

— Fique aí! — gritei para Amy, que tinha vindo correndo ao ouvir o barulho. Ela ficou na beirada da escada, com o colant cintilante repuxado.

— Fique bem aí.

Mas Amy não precisava ter cautela, nem medo: minha mãe estava deitada sete degraus abaixo, com uma clavícula roxa e um punho quebrado, me olhando com olhos de pavor e fúria. Como se eu fosse a própria encarnação do capeta. E, pela primeira vez, fiquei imaginando se eu era — se essa talvez fosse a única dádiva que eu havia recebido.



Agora, Amy passa pisando duro de salto alto e liga a TV. Ela se senta na poltrona de frente para mim e come um Pop-Tart. Os farelos de glacê colam em seu brilho labial.

“A investigação prossegue, à medida que termina a varredura da cena do crime”, informa um repórter brilhoso. “Segundo uma declaração do delegado de polícia de Broomsville, soubemos que eles têm pistas substanciais. Ele não revelou nada além disso.”

Surge uma foto de Lucinda. A mesma foto que eles vêm mostrando desde que ela morreu — a foto do anuário.

— Muda isso — digo.

— Não.

Eu agarro o controle e mudo para o canal seguinte.

Gente pendurada em mastros. Um documentário sobre os julgamentos das bruxas de Salem. *É fevereiro de 1692 e mais de duzentas pessoas foram acusadas de praticar a magia do Demônio.*

Mais dois canais adiante, uma novela mexicana. Uma mulher peituda grita para outra.

“Você a matou!”, berra. “Você a matou!”

Eu desligo a TV. Silêncio sepulcral.

— Mas que droga — diz Amy. — Eu queria assistir àquilo.

Eu nem me dou ao trabalho de levar minha mochila. Saio marchando de casa e bato a porta da frente.

É óbvio que fui escolhida para terminar os negócios de Lucinda Hayes. Talvez isso seja uma punição pelo ritual, ou, talvez, seja por eu ter visto o que vi. Mas só há uma pessoa que pode saber o que aconteceu com ela. Cameron. E eu sei de um lugar onde a honestidade vem facilmente.

Hoje o sol está frio e o vento bate. Eu ergo a cabeça para o céu e faço um sinal obscuro com cada mão para Lucinda Hayes.

Cameron

CAMERON ABOTOOU SUA CAMISA social na frente do espelho do banheiro. Ele tentava não se amedrontar, mas não gostava de aglomerações, principalmente aglomerações de garotos da escola e, principalmente, quando todos o observariam.

Ontem à noite o telefone tocou três vezes, e desligavam quando eles atendiam. Uma das pessoas rosnou num sussurro. *Se a polícia não te pegar, Cameron Whitley, eu vou pegar.* O sr. O havia ligado duas vezes, mas, quando sua mãe bateu na porta de Cameron, ele fingiu que estava dormindo. Ele não ia conversar com o sr. O sobre o diário. Não havia nada a ser dito. Sua mãe e o sr. O murmuraram ao telefone, mas Cameron não conseguiu escutar o que estavam dizendo.

Cameron molhou um pente e passou no cabelo. Ele parecia com o pai de manhã — quando o pai saía do chuveiro e fazia café, com uma toalha enrolada em volta da cintura, o cabelo molhado e arrepiado.



Era assim:

Cameron e o pai gostavam das mesmas coisas. Eles gostavam do pôr do sol em Pine Ridge Point, tomavam café da manhã antes de escovar os dentes. Mini-Wheats e suco de laranja. Os dois assistiam à mãe ensaiando

balé, sentados juntos atrás do corrimão da escada do porão: a mãe era a coisa mais graciosa do mundo.

Durante a maior parte da infância de Cameron, ele e o pai iam para a sala após o jantar. Nada de televisão. Cameron ficava desenhando no bloco em seu colo e o pai, bebericando uísque, na poltrona, degustando. O silêncio era a linguagem praticada, e naquelas noites — as que a mãe lavava a louça, ou a roupa suja, ou lia um livro na cama — Cameron e o pai eram os mesmos. Pai, filho. Um tronco grosso de árvore e suas folhinhas.

Depois que o pai partiu de vez, Cameron ficou imaginando onde seu próprio anseio mudo encontraria seu ponto de ruptura.



A garota do escritório do diretor estava esperando na frente da casa de Cameron.

Ela estava com um vestido branco de verão — o tipo que você compra na seção infantil de uma loja de departamento — e uma jaqueta camuflada do exército. Suas pernas estavam nuas, embora estivesse fazendo pouco mais de dez graus.

— Lembra de mim? Jade. Como a pedra.

— Lembro. — Cameron estreitou os olhos. — O que você está fazendo aqui?

— Nós vamos matar aula hoje.

— Por quê?

Cameron nunca matava aula.

— Um sinal dos mortos — disse ela. — Vamos. Nós só temos metade do dia.

A Jefferson High estava mandando toda a turma do nono ano de ônibus para o Memorial de Maplewood assim que começasse o horário de almoço, às 11h45. A mãe de Cameron pareceu preocupada quando ele saiu de casa — *Você tem certeza de que quer ir à escola hoje? Pode ficar em casa.*

Poderíamos ir juntos à missa, sugeriu ela. Estou bem, disse Cameron, quero ir pra escola, e fechou o zíper da jaqueta.

Agora, Jade estava em pé na garagem de Cameron. Era preciso esforço para não encarar o peito dela, que saltava das costuras de seu vestido branco e se fundia com as espinhas salpicadas pelo pescoço. Ela tinha pintado a pele acima dos olhos de azul-claro e borrado em suas têmporas e abaixo, nas bochechas. Um queixo pequeno sumia no pescoço. Lábios rachados. Um hematoma serpenteava desde a coxa até o joelho, formando um triângulo artificial em roxo, uma montanha em aquarela feita por alguém que nunca tinha visto uma montanha.

— Tenho que ir pra escola — disse Cameron.

— Você não vai querer fazer isso. Digamos apenas que você precisa me ouvir.

Cameron tentou entender o que ela queria.

— Eu sei, Cameron.

— Sabe o quê?

— Eu sei — disse ela e, erguendo as sobrancelhas, como uma ameaça, virou na direção de Willow Square e seguiu marchando em frente. Cameron não podia deixá-la ir, não sem um resquício de resposta. Ocorreu-lhe que essa seria a intenção de Jade. Ainda assim, ele foi atrás dela.



Cameron cambaleava ao segui-la, passando por todas as boutiques e pubs fechados, onde a mãe comprava cerveja artesanal. A fonte da Willow Square estava desligada para o inverno, uma pia seca. Ninguém recebera a tarefa de tirar as luzes natalinas penduradas pela praça e, com a chegada de fevereiro, elas foram queimando, uma a uma.

Ele seguiu, até que Jade parou — a boca de Cameron estava seca de caminhar, e ele estava se esforçando muito para não entrar em pânico sobre os fatos dessa situação. Lucinda estava morta e Cameron não estava na

escola, e logo ele teria de ir à missa. Ele teria de sentar e olhar todos de luto, sozinho, enfrentando a própria perda.

Eles pararam numa edificação ao lado da sorveteria. O lugar estava abandonado, tinha uma cruz imensa e fluorescente onde deveria ficar o logo da farmácia.

— Isso é uma igreja? — perguntou Cameron.

A família de Cameron costumava ir à igreja. Ele se sentava entre a mãe e o pai, e ficava imaginando por quanto tempo conseguiria prender a respiração sem morrer. O recorde mundial de respiração presa era de 22 minutos, mas Cameron nunca chegou nem perto. E, de qualquer maneira, eles pararam de ir à igreja depois de tudo com seu pai, porque a mãe não conseguia sentar e ficar ouvindo falar de pecado.

— Bem, aqui antes era uma Rite Aid — disse Jade. — Mas agora é a Igreja do Coração Puro. Só vai abrir em agosto e eles não trabalham às sextas. Venha.

Cameron ficou em pé feito um idiota, ansioso, desejando ter ido para a escola, ou pelo menos ter ficado em casa com a mãe, enquanto Jade enfiava os dedos entre as portas automáticas de vidro. Em questão de segundos, ela tinha aberto um espaço grande o suficiente para que os dois se espremessem e entrassem e sumissem poeira a dentro.

A igreja cheirava a pó de serragem e piso arrancado. Eles estavam na entrada de uma capela de tamanho industrial — o piso era cru e os bancos estavam espalhados de um jeito estranho, temporário. O local não tinha janelas, apenas molduras, onde um dia haveria vidro. O vento uivava para dentro.

— Vou pra casa — disse Cameron.

— Você não pode. Eu ainda não disse o que sei.

Enquanto Jade seguiu saltitando pelo corredor, Cameron percebeu que queria sair correndo. Quando ela se sentou nos degraus do altar, houve um lampejo de sua calcinha, renda preta no meio das coxas brancas. Cameron não correria, em parte, por conta de Jade saber de algo misterioso — as coisas que ela podia saber eram aterrorizantes — e também pelo simples motivo de que ela, ao contrário de qualquer outra pessoa, havia olhado

diretamente nos olhos dele. Ela olhara para Cameron e ainda quis que ele ficasse.

Então, ele foi até o lugar onde Jade estava sentada, abaixo de uma cruz gigantesca de madeira, preguiçosamente encostada à parede dos fundos. Cameron ainda podia visualizar a drogaria que houvera ali antes: fileiras de xampus e sabão líquido corporal, uma liquidação de barbeadores e amendoim. Algumas prateleiras vazias foram quebradas e empilhadas com pedaços de madeira, empilhados junto à parede, e a sala vazia ecoava, luzes fluorescentes sem lâmpadas eram uma provocação que vinha do alto. Havia uma etiqueta de preço colada no sapato dele: 14,99 dólares.

— Esse lugar é demais, não é? — disse Jade. — É um dos lugares abandonados mais perfeitos pra pensar, ou ficar, ou sei lá. Todo mundo tem um lugar desses, certo? Um lugar onde se sente como se pudesse ser qualquer um, dizer qualquer coisa?

— Aham — disse Cameron, espanando gesso de uma pequena prateleira para se sentar ao lado dela.

— Pra você, onde é?

— Lugar nenhum.

— Ora, vamos. Se me disser, lhe direi por que o trouxe até aqui.

— Tudo bem — disse Cameron. Uma pausa. — É o penhasco, nas montanhas. Acima da reserva. É muito calmo.

— Tudo bem — disse Jade. — Eu o vi, na outra noite. Na noite em que Lucinda morreu. Consigo ver você da janela do meu quarto, em pé, lá fora. Observando-a. Não estou nem aí e não vou contar. Mas tenho que perguntar. Por que ela? De todas as meninas do mundo, por que Lucinda Hayes?

O começo do emaranhado engoliu Cameron — uma nuvem chiada e furiosa.

Cameron não havia escolhido Lucinda. Ela era mais radiosa que qualquer outra pessoa. E as coleções de Cameron — Lucinda as plantara, e elas o tornavam melhor. Ele gostava de seu corpo bronzeado, de seu nariz arrebitado como uma pista de salto de esqui. E Lucinda tinha aquele atrativo. Como se tivesse desenroscado os intestinos dele, amarrado ao mastro da cama dela e o estivesse puxando para lá, constante e dolorosamente, centímetro a centímetro.

Lucinda mantinha uma estatueta pousada em sua mesa de cabeceira, e Cameron adorava os dois juntos. Uma bailarina de tutu roxo, com uma perna estendida em arabesco — um termo que Cameron aprendeu com a mãe. A bailarina usava um colant rosa com decote V, seu cabelo louro puxado num coque de cerâmica. Ela tinha lábios vermelhos que não eram maiores que a mão de Cameron, da palma ao mindinho, se ele a flexionasse. Lucinda sentava com a estatueta antes de dormir, como se estivesse desafiando a bailarina a se mover.

Cameron adorava olhá-las durante suas Noites de Estátua. A pequena dançarina ficava de guarda enquanto Lucinda dormia, uma versão em brinquedo da menina — graciosa, esguia, tão controlada. A elegância fácil do *pas de deux*.



— Ei — Jade estava dizendo. — Oi, cara.

Cameron estava deitado no chão. Seu casaco de inverno estava coberto de poeira e sua cabeça doía. Devia ter batido na queda. Jade se ajoelhou a seu lado, embaçada sob a luz da única janela de vitral: uma pastora conduzindo seu rebanho a uma colina gramada.

— Desculpe. Meu Deus. Não tive a intenção de aborrecê-lo. Você está bem? Precisa ir pro hospital?

Cameron se sentou, tonto. O teto plano da capela acima dele não parecia sagrado.

— Não, nós temos que ir. O funeral.

— Ainda temos uma hora — avisou Jade. — Venha. Vamos sair daqui.

O homem da sorveteria Tasty's Ice Cream ficou olhando as pernas nuas de Jade e suas botas cobertas de serragem e gesso. Cameron pediu um copinho pequeno de chocolate com menta e puxou uma nota de cinco amassada do fundo da mochila. “Pode deixar”, disse a Jade, porque nunca tinha ido a uma sorveteria com uma menina e pareceu a coisa certa a fazer. Mas a conta deu 5,95 dólares, então, Jade remexeu os bolsos de sua jaqueta camuflada em busca do trocado, que ela contou na mão em concha.

Havia um banco do lado de fora, entre a loja de sorvete e a igreja. Eles se sentaram no frio. Jade pôs a língua para fora e lambeu o escorrido doce de sua colher. O sorvete era doce demais. Cameron pôs o copinho no banco e tentou não pensar nele derretendo em seu estômago.

— Você está bem? Você só ficou apagado um segundo. Mas eu lamento muito.

— Estou bem. Isso às vezes acontece.

— Só achei que o lugar o ajudaria a falar. Pra mim, sempre ajuda.

Cameron deu uma olhada furtiva para o relógio de plástico de Jade, cor-de-rosa da Hello Kitty. Ainda faltavam trinta minutos. *Você precisa ir*, dissera-lhe a mãe ontem à noite, quando colocou sua calça social pendurada na cadeira de sua escrivaninha. *Do contrário, as pessoas farão perguntas*. E isso, mais que qualquer coisa, enchia Cameron de um pavor terrível.

— Ma fala sobre seu pai — pediu Jade.

— Por favor, não quero falar sobre a polícia.

— Estou sendo insensível?

— Sim.

— Bem, também detesto a polícia. Principalmente aqui. É uma merda, todo esse sistema. Como seu pai se safou daquele jeito, como ele foi tecnicamente inocentado, quando todos sabiam que ele matou aquela garota.

— Por favor — disse Cameron.

— Você acha que ele a matou?

— Acho.

— E você ainda o ama, certo?

Ninguém jamais lhe fizera essa pergunta e isso fazia com que o coraçãozinho encurralado de Cameron quisesse se encolher ainda mais fundo em seu peito.

— Não sei.

— Está tudo bem, sabe? Quero dizer que está tudo bem em gostar de alguém que faz algo ruim. Só porque você faz algo ruim, não significa que não seja uma boa pessoa. Veja dessa forma: você não iria preferir ser uma boa pessoa que faz uma coisa horrível, do que ser uma pessoa ruim que faz uma coisa boa?

Então, Cameron pensou em Lucinda. Em como ele torcia os cantos de seu edredom formando um calombo parecido com um dorso e embrulhava seu corpo em volta. Apenas com força suficiente para sentir os contornos. No azul macio de seu quarto, ele se convenciu de que aquele edredom era quente, e o algodão pressionado junto a ele não era seu cobertor. Em vez disso, era uma calça lilás de pijama. E por baixo daquele pijama havia pele, quente, molhada, pele que dobrava em todos os lugares certos, que tinha cheiro de loção de baunilha, o tipo de pele que você só vê quando derrubou alguma barreira silenciosa. Menino-homem — em cada investida ele se aproximava mais dos cachos louros do cabelo que ele imaginava esparramado no travesseiro, como linhas finas de lã.

Jade posicionou seu corpo em ângulo no banco para ficar de frente para ele, as pernas nuas apontando para a rua, o abdômen dobrando por cima do cóis da cintura do vestido. Então, Cameron ficou com pena dela, sentada com sua bota de combate, sem nenhuma batalha de verdade para lutar. As espinhas em sua testa pareciam prestes a estourar, dúzias de pústulas agrupadas perto de seus cabelos. Uma linha grudenta de chocolate contornava sua boca, como o batom da vovó quando ela falava demais.

Ele ficou olhando Jade passando a colher de plástico no fundo do copinho de papel. Eles ficaram sentados assim. Às 11h31, Jade disse *É melhor irmos*

e Cameron disse *Sim*, e eles jogaram os copinhos de sorvete na lixeira da calçada.

Cameron se lembrou de quando o bebê Ollie nasceu, no último verão, e esse era o motivo para que ele soubesse que não era tão ruim quanto seu pai. Os Thornton tinham acabado de se mudar para Broomsville — sua mãe fez ziti assado e disse *Vamos dar as boas-vindas à pequenina*.

Sua mãe papeava com Eve Thornton junto à bancada da cozinha enquanto Cameron observava a bebê no cobertor, no chão da sala. A bebê só tinha seis dias, era uma bolinha rosada, com um narizinho enrugado, e um tufo de cabelo grudado em sua cabeça macia e redonda, e não era uma loucura que todo mundo começasse assim? Mãos de pudim. Inexpressivo e macio, e bem contidos em si mesmos? *Você quer segurá-la?*, perguntou a sra. Thornton e Cameron dissera *Não, tudo bem*. Mas ela parecia doente, a sra. Thornton, com um tom verde pálido em seu rosto e olhos inchados, como um desenho animado de alguém que não dormia há meses, então, Cameron disse *Tudo bem*. Elas o levaram até uma cadeira de balanço, embaixo de uma pintura de um girassol.

Cameron não queria segurar a bebê. Ele sabia o que podia dar errado. Ele poderia deixá-la cair. Poderia sacudi-la. Ele poderia espirrar com muita força.

Ele poderia querer machucá-la.

Ponha os braços assim, disse a sra. Thornton, e Cameron cruzou os braços e segurou os próprios cotovelos. Elas abaixaram a bebê em seus braços.

Foi quando Cameron soube que ele não era ruim. Ele entreouvira a mãe conversando ao telefone, depois que o pai se fora, contando a alguém como o pai nunca quisera segurar Cameron quando este era bebê. *Não é um bom sinal*. Todos esses anos depois que o pai se fora, Cameron segurou a bebê Ollie, e o resultado foi uma garantia pequena, mas necessária. Ele adorou as

extremidades de Ollie — as perninhas e os bracinhos. Tecnicamente, ele sabia que o corpo de Ollie era semelhante ao dele, só que em menor escala. Ela tinha veias de bebê e um fígado de bebê, e fêmur de bebê e um crânio de bebê, e até um coração de bebê. Dedos dos pés de bebê que algum dia iriam crescer e entrar em meias e sapatos, que dançariam balé e tocariam outros dedos de outros pés, embaixo de cobertores. Tudo isso estava sob os cuidados de Cameron, num batimento tão calmo e normal que ele sentiu vontade de dar um beijo na bebê — mas sabia que isso era contra as regras. Então, em vez disso, ele a embalou. Sabia de onde Ollie tinha vindo. *Quando duas pessoas se amam muito*, dissera a mãe. Ele queria amar muito alguém, ou, pelo menos, o bastante para fazer uma criaturinha dessas, com cheiro de almíscar e lã e talco de bebê. Ele queria esse peso em seus braços.

Depois disso, às terças, Cameron ficava olhando Lucinda e Ollie Thornton, enquanto elas existiam juntas, na casa de janelões. Isso o deixava triste e empolgado, sozinho e faminto, essas duas anatomias frágeis, através do vidro.

Russ

RUSS SEMPRE QUIS ANDAR armado, igual a seu pai.
Uma arma faz de você um homem, dizia o pai.

Russ tem poucas lembranças da infância. Seu pai era policial e a mãe, recepcionista num consultório médico. Agora, eles moram numa casa de repouso e sua irmã vive na Califórnia — ela queria ser pintora, mas também se tornou recepcionista num consultório médico. Quando Russ virou adulto, sua família se separou, mas não de um jeito turbulento, doloroso. Continentes que vão se afastando de modo letárgico, se distanciando uns dos outros. Nenhuma tragédia real. Russ tem algumas lembranças afetuosas. Viagens de pescaria no velho sedan da família, a irmã de Russ lendo um livro no banco de trás, a mãe bem branca, mordiscando batata chips, o pai focado nas faixas amarelas da estrada. Russ, um menino tal qual uma tela em branco. Esse momento tão inesperadamente áureo.

Russ sempre se pergunta por que essa lembrança, em particular, ficou tão marcada: seu pai afagando um cinto largo de policial, Russ olhando acima, quando ainda batia no umbigo dele.

Uma arma lhe dá poder. Uma arma mostra a todos quem é que manda.



Russ está perto da fonte, próximo da porta da delegacia, quando entra um garoto adolescente. A recepcionista está fora da mesa, então, ele fica um

pouquinho mais altivo.

Posso ajudar?, pergunta Russ, e passa os dedos sobre o bigode. Russ gosta de seu visual quando toca seu bigode. Ele ensaiou esse movimento no espelho.

Estamos procurando o detetive, diz o pai. O menino parece nervoso — ele está roendo a unha do polegar e a pele em volta da unha roída está brilhando. Russ teve acne quando era adolescente, mas nunca tão ruim como daquele jeito. O garoto é cístico. Há crateras que vão descascar e deixar seu rosto todo marcado.

Sentem-se, diz Russ. Vou ver se o detetive está livre. Qual é seu nome?

Ronnie, diz o garoto. Ronnie Weinberg.

O que o traz aqui?, pergunta Russ.

Vim contar algo que vi, diz Ronnie, conforme ele e o pai se ajeitam nas cadeiras plásticas da sala de espera. Ronnie suspira e seu pai lhe dá um tapinha nas costas, para incentivá-lo a prosseguir. Então, ele diz: acho que sei quem matou Lucinda.



Quatro meses antes da prisão, Russ e Lee estavam sentados na varanda de Lee. Final da primavera. Alguns dias antes, um calor súbito havia recaído sobre Broomsville, bem-vindo e promissor. Lá dentro, Cameron assistia a um desenho enquanto Cynthia limpava a cozinha após o jantar. Purê de batata instantâneo e carne moída de caixinha, Hamburger Helper.

Lee não tivera a intenção de contar a Russ sobre ter transado com Hilary Jameson. Saiu depois da terceira cerveja, uma gabação que escapou.

Onde a conheceu?, perguntou Russ.

Na farmácia, disse Lee. Ela trabalha no balcão.

Na farmácia do centro da cidade?

É, respondeu Lee. Nós conversamos. Quando fui pegar os remédios de ansiedade de Cynthia, sabe? De qualquer jeito, ficamos nos paquerando um tempinho. Ela me deu o número de telefone dela, grampeado ao saco com a

receita, como uma notinha. Liguei pra ela e nos vimos algumas vezes, nada sério, mas então, ontem à noite...

Então, você está traindo a Cynthia, disse Russ.

As palavras surpreenderam a ambos. Eles ficaram olhando para a rua como se ela talvez fosse mudar, revelar algo notável. Nada aconteceu. As roseiras que Cynthia havia plantado anos antes ainda estavam mortas. Não havia nada além da calçada lisa e branca, limpa porque a neve havia secado e a chuva não veio. E a sensação no peito de Russ: um aperto forte, um peso pulsante. Acometido.

Você está traindo, repetiu Russ.

A garrafa passou zunindo pela orelha de Russ, espatifando na lateral da casa. Lá em cima a voz de Cynthia. Os cacos da garrafa de Heineken estavam espalhados ao redor das botas de trabalho de Russ e Lee pôs o braço sobre os olhos. Ele se protegeu, com o braço em triângulo em volta do rosto, com uma criança contando, no meio de um jogo de pique-esconde.

Desculpe, disse Lee, ainda com o rosto escondido no braço. Apenas mantenha isso entre nós, está bem? Confio em você.

Russ foi embora sem se despedir de Cynthia ou de Cameron. Apropriado. Ao voltar caminhando para casa, ficou pensando se era garantida essa confiança desprezível e enorme. O que ele havia feito para merecê-la? Ao longo dos meses seguintes, Russ assentia incerto quando Cynthia perguntava sobre os drinques na Dixie Tavern, que nunca tinham acontecido, ou do turno extra, que Lee não havia trabalhado. Russ sentia que devia a verdade a Cynthia, como ser humano, amigo e quase parte de sua família que desmoronava. Mas ficou escravizado por aquelas palavras — Confio em você. Então, ele mentia por Lee, mesmo que a ausência deste deixasse o mundo de Russ bem mais sombrio. Nas noites em que Lee supostamente estaria na casa de Russ, ou numa viagem de pescaria, o próprio Russ sentava no sofá e pensava “O que sou eu, sem esse trapaceiro mentiroso amigo meu?”. A televisão não o consolava.

Mais tarde, Russ conheceu Hilary Jameson. Ela tinha a beleza de Broomsville. Usava jeans apertado nos quadris, boca larga e um pouquinho além da conta no comprimento. A bainha estava rasgada e suja de tanto

arrastar por baixo dos sapatos. Morena. Olhos grandes. Cabelo liso e dentes retinhos, mas faltava algo. Forma. Cor. Ela tinha uma tatuagem, essa foi a primeira coisa que Russ notou nela. Corações azuis em miniatura seguiam uns aos outros pelo pescoço acima, como patinhos arrependidos.

Quando a conheceu, Russ se sentiu constrangido por Cynthia. Cynthia: coxas dóceis e curvas que vinham envelhecendo, uma juba de cabelo grisalho na qual ela nunca pensava. E Hilary, com seios empinados e a xoxota depilada, que Russ imaginava que ela abria, com os dedos, como uma estrela pornô.

Russ detesta pensar em Lee agora, porque naquela noite, quando ele chutou os cacos de vidro verde no canteiro da beirada da varanda, ele deveria saber. Ele deveria ter prestado mais atenção ao modo como Lee se acovardou quando a garrafa bateu na casa, como se sua própria mão não tivesse acabado de arremessá-la. Uma profecia.

Após aquela noite na varanda, Lee se transformou em duas pessoas ao mesmo tempo. A primeira: um homem de família e com um emprego no cumprimento da lei. Lee suplementava sua decepção colossal com Hilary Jameson, de modo apressado e bagunçado, no carro na lateral da estrada. A segunda: um homem com um amigo que faria qualquer coisa para protegê-lo, cegamente, sem perguntas. A segunda: um homem capaz de ferir alguém. A segunda: herói de ninguém.

Apesar de tudo isso, Russ sente seriamente a falta dele.



Toda terça-feira à noite, Ines vai ao estudo da Bíblia. Ela volta tarde para casa, tão melancólica que quase nem fala. Você não deveria pensar tanto em pecado, aconselha Russ. Isso vai arrasá-la, sem motivo algum.

Às quintas, ela já está melhor. Às quintas, Ines beija a curva do pescoço de Russ quando o despertador toca, de manhã. *Levante, dorminhoco*. Até sexta, Ines já voltou a ser ela mesma. A quieta Ines é inevitável. Inês, sua

esposa séria, tão indecifrável quanto as paredes da casa deles, perpetuamente inacabada.

Russ não pergunta sobre a vida dela em Guadalajara, e ela não fala nada sobre isso. Ela foi atrás de Ivan em Broomsville, um ano depois de ele ter saído do país, porque Mamá a incentivara e Ivan lhe dissera que aqui era bom. Os Estados Unidos são bons, tudo era bom. Ele não contou a Ines sobre as drogas — um folga ocasional de seu trabalho clandestino na igreja, tarefas básicas para um dinheiro extra — até que ela chegasse, sozinha, com uma cópia de *Canciones*, de Lorca, enfiada no bolso, e um punhado de cartas escritas à mão pelo restante da família. Uma emissária.

Russ não perguntou sobre essas coisas e nem quer mais saber. Ele não consegue imaginar essa Ines e parece que ela não quer que ele o faça. A Ines de Russ vive em Broomsville, Colorado. Sua Ines tricota tão intensamente que encheu o armário de roupa de cama lá de cima com cobertas, suéteres e meias. Russ não precisa saber sobre frutas exóticas, ou a temperatura inigualável do sol do México — o mundo não falado de Ines, uma mulher que não foi esquecida, só foi dobrada e guardada. Russ e Ines estão bem assim. Eles estão se esquivando.

No dia em que percebeu que Ines estava infeliz, ele foi ao shopping decaído na periferia da cidade. Comprou-lhe um colar de diamantes que não podia pagar.

Então, Russ quase implorou — conte-me sobre a sua terra. Conte-me como você chegou aqui. Todas as histórias que Russ ouvira em seu trabalho sobre a fronteira — nenhuma delas pertencia, especificamente, a Ines, cuja jornada ele nunca tinha ouvido. Um avião, um trem, um carro, um ônibus? Ele queria perguntar o motivo, por que ela tinha abandonado o que conhecia? Talvez fosse o irmão. O tempo que Ines passava se preocupando com Ivan fez Russ pensar que talvez, sim — Ivan era o motivo para que ela tivesse se aprisionado neste país. Nesta casa.

Mas Russ sabia o que acontecia quando você expunha seu interior a alguém. Ele já havia passado por isso — talvez, ainda estivesse lá — na viatura, com Lee, compartilhando coisas que se debatiam, se contorciam. Desprotegidas. Ele não cometerá esse erro novamente. Então, Russ deu o

colar a ela e disse Eu quero fazê-la feliz, vou continuar tentando. Ines prendeu o colar em volta do pescoço. Sorriu.

Ela não parecia alguém que precisasse ser salva. Tão robusta. Uma edificação de portas trancadas. Eu amo você, disse a ele, mas a voz saiu muito aguda e alta, e bem distante, como se ela tivesse gritado de uma altura inalcançável.



Num sábado de outubro, apenas algumas semanas antes que seu visto de turista expirasse, Russ e Ines se casaram. Eles foram com a viatura até o cartório da cidade. Russ ligou a sirene, porque isso fazia Ines rir — ela encostou o rosto no vidro e ficou olhando os outros carros abrindo caminho. Russ imaginou que, naquele momento, ela se sentia americana. E talvez escrevesse pra casa, em Guadalajara, contando à família o quanto ela era sortuda, e o quão feliz estava, pois, às vezes, tudo que era preciso para ter sorte e ser feliz era a facilidade de dirigir mais depressa que todo mundo.

Ines trajava um vestido branco de verão, mas era um outubro frio, então, pôs um dos moletoms com zíper de Russ por cima. O moletom tinha buracos nas mangas, por onde ela enfiava os polegares.

Eles preencheram os papéis na mesa do escrevente e, quando ficou ao lado de Russ, Ines parecia uma garotinha, ou uma daquelas garotas de ensino médio, a quem ela lecionava. Um tom rosado nos lábios, uma flor branca no cabelo. Eles assinaram os papéis. Ines se aproximou e deu um beijo no rosto de Russ. Seu sorriso. Não era deslumbrante, mas raro.

A festa foi no parque onde eles haviam se conhecido, apenas alguns meses antes. Eles espalharam caixas de pizza, embaixo de um toldo que sacudia com o vento. O detetive Williams apareceu, assim como o restante dos caras da patrulha — todos, menos Lee, que, àquela altura, já tinha partido havia quatro anos. Eles compraram cerveja e riram como homens, debatendo se Bush mandaria ou não tropas para o Iraque. Ivan enviou uma

carta da prisão, com o desenho de um buquê de lírios, o único que deu algo que lembrasse um presente.

No parque, todos brindaram a Russ e Ines. A uma vida longa e feliz, juntos. O detetive Williams deu um cutucão nas costelas de Russ e disse É bom que você a faça feliz esta noite.

Será que essa que deve ser a sensação?, perguntou Russ a si mesmo, mas se recusou a se alongar na resposta. Ele soube, naquele dia de vento, no gramado, que seu amor com Ines não estremecia, de nenhum dos dois lados. Eles fizeram seus votos como se deve fazer, e isso era o amor, ou um subconjunto. Então, ele bebeu champanhe e observou as folhas farfalhando em direção ao inverno. Quando todos ecoaram “Beija, beija, beija”, eles se beijaram. Ines tinha um gosto amargo da champanhe. Russ segurou a cintura de Ines para a câmera, pensando em como depois eles fariam amor e Ines se sentaria em cima dele, como vinha acontecendo desde a viagem para San Diego. Mãos segurando firme em volta do pescoço dele. Ela sairia de cima, quando ele tivesse terminado, e daria boa noite — e, simplesmente assim, eles estariam casados. Ele a amaria da melhor forma que pudesse.

Na noite de seu casamento, Russ pensou em Lee Whitley do jeito que se pensa em alguém morto. Afetuosamente, com uma afeição excessiva, até que a ausência pega essa afeição e multiplica, estendendo até que ela se torne algo invasivo. Até que o engole inteiro.

Cameron

CAMERON ESTAVA DO LADO de fora do Memorial de Maplewood e pensava em quantos corpos haveria ali, e que nenhum deles seria o de Lucinda. Quantos polegares roxos e inflexíveis. Quantos corações gelatinosos.

— Vamos — disse Jade, e ela o puxou pelo cotovelo, com a mão suada de atravessar a cidade a pé.

No estacionamento, os colegas de turma de Cameron estavam sérios ao descerem do ônibus da escola. Eles se deslocavam em grupos parasíticos, chorando em grupos, as meninas puxando seus vestidos pretos, ajeitando os cabelos. Havia apenas um ônibus — a maioria dos pais havia ficado com os filhos em casa e agora caminhava com a mão em seus ombros, atravessando o estacionamento. Cameron contou três viaturas da polícia.

— Vejo você mais tarde — comentou Jade, dando uma piscada exagerada e inapropriada. Ela disparou em frente, na direção das grandes portas de vidro.

Cameron se juntou aos grupos de seus colegas, sentindo-se como se tivesse aterrissado em algum lugar distante e solitário.



Coisas que as pessoas diziam no funeral de Lucinda:

“Você está ótima. Quer dizer, as circunstâncias são terríveis, mas fez alguma coisa no cabelo?”

“Meio cedo para fazer o memorial, não? Faz só alguns dias. Acho que a família queria acabar logo com isso.”

“Aquela foto é linda. Uma menina tão bonita.”

“E a irmãzinha, isso é tão triste. Ela está só no sétimo ano. Tendo que passar por algo desse tipo, ainda tão nova — nem posso imaginar.”

“Estão dizendo que foi alguém da vizinhança, ainda não sabem o motivo...”

“Timmy Williams está empenhado no caso. Ouvi dizer que eles têm um novo suspeito — um ex-namorado, qual é o nome do garoto do Arnaud? Eles o soltaram.”

“Quebraram o pescoço dela — ouvi dizer que ela morreu na hora. Pelo menos, ela não sofreu, né?”

“Fico contente em saber que os negócios vão bem. Eu sabia que esse novo contrato traria mais clientes. Você escolheu o local perfeito, bem na Willow Square.”



O funeral foi um filme que Cameron não tivera a intenção de assistir.

Ele se sentou num banco no meio da massa e assistiu à cidade de Broomsville entrar e se aglomerar a seu redor. Foi um espetáculo, elétrico. As meninas da escola choravam em círculos, de mãos dadas. Os pais olhavam com olhos de águia, malignamente exultantes por seus filhos estarem vivos, máscaras de tristeza habilmente colocadas sobre seu alívio. Uma mulher perto do púlpito chorava um choro agudo, e houve uma bolha, perto do canto do salão, onde estava o governador, com sua escolta policial que ficou junto à parede.

Era tanto caos que Cameron fingiu não estar ali, e sim na casa amarela da rua, onde Lucinda estava bem viva — sentada num balanço de madeira pendurado numa laranjeira Valencia. Radiante e iluminada pelo sol.

Mas a realidade era: funeral. Gente pesarosa. Família triste sentada na frente. Uma fila de gente que serpenteava pelo corredor para dar os pêsames

aos Hayes, e o pai de Lucinda apertando a mão deles, murmurando baixinho seu agradecimento. Lex estava com um vestido lilás e balançava as pernas nodosas. A mãe de Lucinda olhava para frente. Ela estava sentada em cima das mãos. Ninguém tentou falar com ela.

As amigas de Lucinda ocupavam as duas fileiras seguintes de bancos — Beth, Kaylee e Ana estavam juntas. As meninas do futebol, com coxas grossas e esguias, e os meninos do time de basquete, todos olhavam para seus colos, levantando, intermitentes, para assinar os cartazes que cobriam todas as paredes. Bilhetes escritos com letras arredondadas.

E as flores. Havia centenas de flores, umas por cima das outras, em vasos espalhados por todo o salão. Flores batiam nas pernas das pessoas, pois não havia espaço para elas e tudo cheirava a pólen e antisséptico. Uma foto de Lucinda do tamanho de um pôster foi colocada num cavalete — embaixo, um cesto com sapatilhas de balé assinadas com bilhetes em caneta hidrocor, como oferendas de um ritual. Uma menina afagava o rosto pixelado da foto de Lucinda, chorando histericamente, enquanto suas amigas menos aflitas se mantinham em volta, sérias e lacrimosas.

— Cameron — disse o sr. O. Ele se sentou ao lado de Cameron no banco, trazendo o cheiro de cigarro e chiclete de menta para disfarçar. Ele tirou o casaco de inverno e pôs no colo. — Como você está?

— Estou bem.

— Olhe — disse o sr. O. — Sei que você está me evitando, mas precisamos falar sobre ontem.

Uma vez, o sr. O levou a mãe de Cameron para dançar num restaurante fajuto que oferecia aulas de salsa às terças-feiras. A mãe pôs um vestido vermelho — apertado em cima, parecendo um rio embaixo — e saltos altos. *Há anos não uso isso.* Os pés dela ficaram estufados para fora dos sapatos, como pão assado querendo sair da forma. O peito dela era enrugado, a pele manchada pelo sol, frouxa por cima do músculo peitoral, flácida no decote. *Ora, mas olhe só pra você,* disse o sr. O, à porta.

— Cameron, não vou dizer nada pra sua mãe, está bem? Ainda estou pensando num meio de fazer isso chegar à polícia sem implicar nenhum de nós. — O sr. O se aproximou mais. — Mas preciso que você me diga como

conseguiu aquele diário. Eu li uma parte e vou entregá-lo, mas, antes de fazê-lo, preciso ter certeza de que você não esteve envolvido na morte de Lucinda.

— Eu não sei.

— Você não sabe se esteve envolvido?

— Eu não sei como consegui o diário. E não li nada. Você tem que acreditar em mim.

A bebê dos Thornton estava chorando no banco atrás deles, estridente e incessante — os pais tentavam desesperadamente acalmá-la. Cameron olhava Ronnie, espremido entre as costas dos pais, flocos de caspa salpicando seus ombros rijos e abaixo, nas costas, por cima da camisa preta amassada. Havia um vaso com orquídeas ao lado da foto de Lucinda; as pétalas se abriam num único caule, depois arqueavam de volta ao chão, em rendição. E o miolo da flor — o estame, que abriga os ovários e os óvulos, onde o pólen é produzido — parecia um crânio humano feito de seda.

— Cameron, por favor. Preciso falar com você sobre isso, eu não posso... Olá.

A mãe se sentou no banco, no outro lado de Cameron. Ela estava com seu vestido preto favorito, o vestido que ela usava no Natal, quando assava salmão com raspas de laranja e eles tomavam suco de uva gaseificado em taças de vinho. Isso entristeceu Cameron, porque agora esse vestido lembraria a ambos do funeral de Lucinda, e era o favorito dela.

— Eu não deveria tê-lo deixado ir à escola hoje — disse a mãe, pousando os nós dos dedos sobre a testa de Cameron, como se quisesse verificar se ele estava com febre. — Isso aqui está uma loucura. Não posso acreditar que o deixei vir sozinho.

A mãe tirou três edições da Bíblia do bolso do banco. Enquanto eles folheavam as páginas, Cameron pensou na expressão “carne e unhas”, mas se lembrou de que a expressão era “carne e unha” e isso o fez se sentir solitário, então, fingiu estar extremamente interessado em Deuteronomio, o último livro do Pentateuco.

Cameron tinha começado a trabalhar no escritório do sr. O três meses antes, quando Beth DeCasio começou a se referir a ele como “psicopata americano”. Beth cortou um cacho do próprio cabelo e prendeu no cavalete de Cameron, enquanto Ana Sanchez e Kaylee Walker riam na mesa ao lado.

Nesse dia, o sr. O passou ao lado, bem na hora em que Cameron descobriu aquela coisa horrível. O professor pegou o cacho de cabelo e balançou no ar, examinou sob a luz da sala de aula de arte. Quando caminhou rapidamente até a mesa de Beth, a classe inteira se calou. Beth mexia nas unhas pintadas de vermelho-carmim.

— Isso lhe pertence, srta. DeCasio? — disse o sr. O.

Era amplamente sabido: Beth e todas as suas amigas tinham uma queda pelo sr. O. Quando ele se debruçava para fazer alguma crítica às pinturas delas, elas coravam e cruzavam os braços cobrindo os seios em desenvolvimento.

— Acho que vou ficar com isso — disse o sr. O. — Pode ser um bom acréscimo para uma escultura experimental na qual estou trabalhando. Vou me assegurar de que o diretor Barnes veja o produto final.

As garotas não falaram mais em aula pelo restante do dia e o sr. O ajudou Cameron a arrumar suas coisas e se mudar para o escritório no armário, onde o som da turma do nono ano era abafado pela porta grossa de alumínio.

— Avise-me se elas voltarem a incomodá-lo — pediu o sr. O.

Antes de deixar Cameron em sua deleitável solidão, o sr. O parou, com a mão na maçaneta. Alguém riu alto, mas Cameron duvidava que fosse Beth.

— Ah, e diga à sua mãe que eu mandei um oi.

Pelo resto do semestre, Cameron desenhava, apagava e desenhava de novo, em paz.

Pessoas que Cameron não esperava ver no funeral de Lucinda:

1. O zelador da noite. Ele ficou sentado com uma mulher de véu num banco dos fundos, usando um terno que parecia dar coceira. Conforme as pessoas iam entrando, elas encaravam e cochichavam. Boatos haviam se espalhado sobre o homem que encontrara o corpo.

Quando o zelador notou Cameron encarando, seus olhos eram fortes, mas amistosos. O estômago de Cameron embrulhou e ele se virou rapidamente, com as orelhas queimando. A mãe estava dizendo algo que ele não conseguia ouvir — a familiaridade do olhar do zelador o deixou tonto. Curioso e desfalecido. Ele se desafiou a virar de novo — ele o faria depois de dez segundos, nove... três, dois, um.

O zelador estava sorrindo para Cameron, reservado, uma mão erguida num aceno quase imperceptível.

Cameron nunca tinha tentado recriar Zumbido. Isso seria depreciá-lo — ele nunca conseguiria fazer pinceladas com um visual tão orgânico. O tronco em tom pastel da laranjeira Valencia. As janelas de persianas verdes. A estrada que mal passava na lateral da tela: você sabia que a estrada era longa, mas não tinha como saber o comprimento, e a visão dela desaparecendo num ponto minúsculo que havia sido intitulado, na mente de Cameron, como uma promessa que se faz cruzando os dedos mindinhos.

Zumbido era algo belo em toda sua fisicalidade, mas a melhor parte era a casa. Não dava para saber direito onde terminavam os fundos da casa, e as linhas eram apenas embaçadas o suficiente para que você não conseguisse contar as janelas.

Cameron olhou em volta, para todas as pessoas chorando, como elas se curvavam, como se partiam, e pensou *Eu lamento por sua perda*. Ele próprio não sentia o pesar delas, porque conhecia o lugar para onde Lucinda fora e o ar de lá era mais fácil.

Cameron não conseguia se lembrar da noite em que Lucinda morreu, mas ele esperava que quem tivesse mandado Lucinda para o Zumbido o tivesse feito com a melhor das intenções. Ele tentou ficar feliz por ela, aquela linda garota.

Portanto, não sentiu pesar por sentir sua falta (e ele sentia, sentia muita falta mesmo). Ele sentiu pesar porque ela não contribuiria mais para o equilíbrio das coisas — ao menos, não no espaço que ele ocupava. Se antes ela o amava ou não, ela não o amaria agora, naquele jeito cuidadoso e meigo dela, e ele se sentia tomado pela perda desse potencial. Havia menos uma pessoa em seu canto do mundo, uma pessoa a menos para ver as cores das tardes nevadas em Pine Ridge Point. Todo aquele cinza nebuloso.



Uma vez, Cameron esteve no quarto de Lucinda. Mais de um ano atrás, perto do começo da sua Coleção de Noites de Estátua. Ele tinha empurrado essa noite para tão fundo dentro dele que nunca teve certeza se de fato havia acontecido. Às vezes, ficava envergonhado e, às vezes, isso o amedrontava, então, ele só se lembrava dessa noite em seus momentos mais tranquilos.

Ele tinha ido até o armário da mãe para pegar um cortador de unha e se deparou com os sapatos do pai. Mocassins surrados de couro. Ele imaginou o pai em pé, usando aqueles sapatos, magricela e seguro de si. Os sapatos lhe davam repulsa. Ele se lembrou do pai sentado na beirada da cama. O pai calçando as meias e enfiando os pés nos sapatos. O pai descendo a escada como um raio. Beijando o topo da cabeça de Cameron e o rosto da mãe. *Não estarei em casa esta noite*. A mãe, colocando uma tigela de nuggets de frango com ketchup na frente de Cameron, na mesa da cozinha. *O papai voltará logo*.

Cameron tinha saído pela janela e corrido para a casa de Lucinda.

Naquela noite, ele se sentiu tão dentro de si mesmo — nadando no próprio DNA. Metade dele era o pai: ele não conseguia escapar daquilo. Ele só podia torcer para ter herdado a parte boa do pai, a parte que gostava de beisebol e cantava ópera no chuveiro e dava longas corridas de manhã.

Era tarde. Os Hayes tinham ido para cama, e tanto o quarto de Lex quanto o de Lucinda estavam mergulhados na escuridão. Cameron conseguia ver diretamente dentro da janela de Lucinda — o contorno de sua silhueta adormecida, respirando continuamente, embaixo de seu edredom. O chanfrado de seu cabelo louro no travesseiro.

Ele tirou as meias e os sapatos no primeiro degrau da varanda dos fundos. A madeira estava molhada, havia poças congeladas no deck. Ele repensou. Saiu de si mesmo e analisou. Ele detestava o que via: um garoto adolescente esquelético, descalço, do lado de fora da porta nevada, inocente, mas enamorado. Cameron não se deteve. Não conseguiu.

A porta de vidro abriu deslizando, rangendo quando ele a fechou atrás de si. A cozinha dos Hayes estava na escuridão, mas era familiar, todas as sombras e sua geometria resultante.

Cameron subiu os degraus, um a um, esperando trinta segundos inteiros entre um e outro. *Dedão, planta do pé, calcanhar. Pausa. Dedão, planta do pé, calcanhar. Pausa.* Ele imaginou que era um peixe respirando água, porque isso seria muito mais fluido que um humano respirando ar. Levou oito minutos para chegar ao topo da escada, mas, quando o fez, a porta do quarto de Lucinda estava encostada, com uma fresta aberta.

Do outro lado da porta, veio a onda flutuante da respiração dela, um ritmo delicado que o fazia se lembrar, com uma clareza serena, de que ele estava vivo. *Eu estou, eu estou, eu estou, dizia-lhe, inalando e exalando, inalando e exalando. Eu estou viva, assim como você, e isso não é paralisante?*

Cameron empurrou a porta, devagarzinho.

O quarto de Lucinda cheirava a perfume de baunilha e sono. Um sonho bom. Ela era um bebê, embrulhada em sua manta — numa estampa xadrez de violeta, com renda cor de creme nas bordas.

Dormindo, Lucinda era isenta de defeitos e limpa, um bolo de cobertas respirando — ele não se atreveu a tocá-la, por ela ser tão precisa e tão macia. Ele queria segurar sua curva, sentir todos os seus traços, pressionar a língua naquele ponto exato, entre seu pescoço e a clavícula. Ele queria fundir eles dois com suor. Ele queria ser o ar que escapava naturalmente dos pulmões dela, o punhado de tecido da colcha preso em seu punho fechado, queria engatinhar para dentro de um cantinho dela e viver ali, onde ninguém pudesse encontrá-lo.

Ele torcia para que todo mundo pudesse sentir um amor como esse ao menos uma vez na vida. Todas as pessoas mereciam isso. Ele imaginou todas as famílias, em todas as casas do quarteirão, os telhados de telhas vermelhas se estendendo em direção às montanhas, todas as pessoas desta triste cidadezinha, as boas, as más, as solitárias: ele gostaria de lhes dar isso.

Ele se tornou mais um dos mastros da cama de Lucinda, sólido e ereto.

Cameron não sabia quanto tempo ficara ali, mas só foi embora quando o céu estava tingido de rosa, a cor das bochechas dela, no começo do amanhecer — a simetria deles dois lhe dava certeza de que isso não tinha problema, que o que ele fez não tinha problema, que o amor deles era complexo, mas, meu Deus, isso não era extraordinário?

Jade



QUANDO AS PESSOAS MORREM, elas se transformam em caricaturas angelicais de si mesmas. Lucinda praticamente foi reprovada em inglês ano passado — agora ela é uma aluna estrelar, um exemplo para todos os seus colegas. Não consigo sentir nem uma tristeza hesitante. Somente uma inveja inapropriada. O fato é que: todos morrem. Pessoas boas morrem e pessoas ruins morrem — algumas, antes que outras.

Todos escrevem sobre Lucinda com canetas metálicas, em placas robustas no quadro de pôsteres. Longos epitáfios desconexos de todos da escola, assinados ao lado de corações inclinados para o lado.

Nós tivemos o prazer de conhecê-la ao longo dos dois últimos anos em que você tomou conta de nossa pequena Ollie. Nós contaremos à nossa filha, quando ela crescer, sobre o impacto que você teve em seus primeiros anos. Lucinda, acreditamos que sua luz e beleza brilharão em nossa pequenina para sempre.

— Chris, Eve, Ollie e Puddles Thornton

EU TE AMO, LUC! Vou sentir muito sua falta. Agora, você está num lugar melhor, doce anjo.

— Ana Sanchez

Lucinda, você foi minha melhor amiga desde o quarto ano. De verdade, minha melhor amiga. Quando me mudei pra cá, vindo da Califórnia, você foi tão legal comigo, mesmo eu sendo nova na escola e tendo, tipo, uns dentes bem estranhos. E quando quebrei meu dedo do pé durante as férias, no fundo da piscina, e você correu pra dentro do hotel e não conseguiu encontrar minha mãe, fez o concierge me tirar da água, lembra? Vou sentir falta de quando dormíamos uma na casa da outra, e das nossas guerras de travesseiro. Ainda estou com sua blusa azul, que você me

emprestou para o baile, e nunca vou usá-la, porque ainda tem o seu cheiro. Amo você. Certo. Tenho que ir agora.

— Beth DeCasio

Querida Lucinda — foi um imenso prazer tê-la em minha turma este ano. Sei que química nunca foi seu forte, mas você trabalhou duro e se superou. Fico de coração partido ao pensar em todo o potencial que o mundo perdeu esta semana. Falo em nome de todo o quadro docente da Jefferson High quando digo que você foi uma contribuição incrível ao nosso corpo estudantil e fará uma falta terrível.

— Sra. Hawthorne

Fico imaginando o que eles farão com os pôsteres depois que tudo terminar. Duvido que a família de Lucinda vá querer. Me pergunto se o homem que coleta o lixo vai olhar esses bilhetes escritos e pensar que ótima garota Lucinda Hayes deve ter sido. Que humilde. Que linda. Que inteligente. Que bondosa.



Ninguém se lembra dela como eu.

O churrasco anual da vizinhança, o verão antes do terceiro ano. Algumas semanas depois de toda aquela merda com Zap, pouco antes do ritual. Eu tinha começado a tomar banho com uma camiseta larga, para não precisar ficar olhando meu corpo. Eu não culpava Lucinda — pelo menos, não no começo.

Minha mãe me disse para usar um maiô para o churrasco, mas me recusei a me curvar a tamanha frivolidade. As garotas do meu quarteirão usavam os regadores automáticos de grama como desculpa para ficarem nuas, enquanto os pais repugnantes observavam. As crianças corriam com a boca melada de picolé, mas todos olhavam Beth e Lucinda. Barrigas chapadas, bronzeadas, pingando água dos regadores. O cabelo de Lucinda era castanho nas pontas, as mechas coladas em seus ombros nus. Elas pareciam orgulhosas de seus corpos firmes, ossudos, ousadas sob o olhar do sol.

Amy corria em volta com um maiô rosa-choque, junto com Lex. Lex parecia tão pequena naquele dia, com duas fivelinhas roxas prendendo seu

cabelo para não cair no rosto, como uma cortina aberta. A menina nunca foi bonita como Lucinda. O cabelo dela era cortado na altura do queixo. Enquanto Lucinda tinha a quantidade certa de sardas, Lex tinha sardas demais. Seu nariz era maior, mais bicudo, e sua barriga era estufadinha, como a de um bebê.

Fiquei no meu quarto até minha mãe me obrigar a descer. Ela tinha feito um penteado alto e estava bebericando uísque com Coca-Cola na entrada da garagem, embora ainda nem fosse meio-dia. Sentei na varanda, com um Sprite morno, e observei, enquanto Lucinda e Beth pressionavam seus peitinhos na frente da mesa de bebidas dos Hansen. O sr. Hansen olhou os biquínis delas. Ergueu um jarro de vodca do isopor junto aos seus pés e serviu em copos plásticos. Elas riram. Pressionaram os rostos, um ao lado do outro. Eu queria dizer para se vestirem — que ninguém estava interessado em vê-las nuas —, mas não era o caso.

Elas cambalearam se afastando da mesa, dando goles e fazendo caretas por conta do álcool amargo, até que Beth me avistou. Apontou e disse:

— Olhe quem é. — Ela titubeou até a metade da entrada de carros. — Eu me esqueci. Você está acima de tudo isso. Nem está usando maiô.

— Vai se foder — respondi.

— Pelo menos você tem um? — retrucou Beth.

Beth não me incomodava. Eu já tinha aturado coisa bem pior dela (cartas de amor falsas dirigidas a mim, pênis de borracha enfiados no meu armário). Beth não me amedrontava, com seu rímel todo borrado embaixo dos olhos.

— Vá se foder, Beth.

— Por que não vai você? Porque você não vai arrumar nada além disso.

Ela riu, ruidosamente. Cutucou Lucinda em busca de apoio.

Assim que sempre me lembrarei dela.

Lucinda ficou ali, vaga, radiante e eterna, com seu biquíni amarelo, o cabelo louro molhado e colado na pele, unhas dos pés pintadas de branco naqueles chinelos plásticos de dedo, sem ligar — sem sequer saber — para o que havia tirado de mim.

Foi pior do que qualquer coisa intencional. Com garotas como Beth, eu sabia lidar. Mas Lucinda era indiferente, tão imersa em seu mundo radioso e tranquilo, que a aversão por ela me tomou como jamais antes. O modo como ela se colocava, tão cintilante e alheia. Foi a centelha.

Eu a vi, me deu vontade de dizer. Eu vi suas pernas de palito enlaçadas ao redor dele, vi como as suas costas se arquearam, vi como vocês dois se debatiam e se mexiam, um par de enguias ondulatórias na sombra. Eu vi como ele a tocou. Faminto. Glutão. Pode ficar com ele, eu queria dizer.

Mas não pude, porque Lucinda estava em outro lugar. Ela estava sob o sol de agosto, com parte dos quadris projetada à frente, fora das provocações de Beth e da minha submissão, sua bela cabeça charmosamente inclinada à direita.

Lucinda Hayes não reconhecia a porcaria da minha cara. Ela não tinha a menor noção. O mundo é especial para garotas como ela. Isso foi o que mais me injuriou.



O funeral está quase no fim. Minha mãe e Amy pressionam lenços de papel no rosto e a maquiagem penetra o papel. O pastor prossegue falando da “luz” de Lucinda, de como ela “jamais será esquecida”, de como “durante uma tragédia como essa” temos que “apoiar e agradecer por nossos entes queridos”. O velho na minha frente está dormindo, os Hansen estão segurando uns aos outros, e Jimmy Kessler gruda um chiclete mastigado num cotonete e enfia numa fresta do banco.

Ei, eu diria a Zap, se esse fosse um mundo diferente. Você está bem?

Zap não teria que responder nada. Quando éramos pequenos, jogávamos um jogo chamado Telepatia. A gente deixava nossos pais muito assustados por lermos a mente um do outro — eu conseguia dizer o que ele estava pensando, em menos de três tentativas. Na realidade, tínhamos inventado um sistema complicado: palavras em conjuntos de três, um número incontável de conjuntos que decoramos e ditamos um ao outro. *Você está*

bem?, eu diria. A resposta seria *Rottweiler, bagel* ou *Gandalf*. Até a terceira tentativa, eu certamente acertaria.

Zap está sentado algumas fileiras a minha frente, entre seus pais. Ele olha a foto da Lucinda no altar como se torcesse para que ela começasse a se mexer, como se ela fosse saltar de sua moldura brilhosa e se sentar no banco ao lado dele.

Seus óculos estão com as hastes fechadas, em seu colo. Seu cabelo está achatados atrás. Não que eu deseje que ele me queira novamente como sua melhor amiga ou qualquer outra coisa. Não é nada disso. Acho que detesto essa sua aparência, essa versão murcha e chocha dele — por alguém que não eu.

O narcisismo ostensivo desse pensamento quase me faz dar uma gargalhada. Que autoindulgência. Eu me contenho e percebo que o funeral terminou.

As pessoas se levantam. Elas estão perambulando ao redor, se abraçando, fofocando em vozes sussurradas sobre a possibilidade de um toque de recolher na cidade caso a polícia não pegue o assassino. Amy segue direto até suas amigas da escola. Ela ignora Lex propositalmente: talvez não saiba o que dizer. Ou, talvez, todo o estardalhaço de Amy em relação a Lucinda, seja apenas um sinal de seu melodrama. Seu próprio pesar mentiroso.

Não sei o que fazer, então, desenrolo meus fones de ouvido e enfio nas orelhas. O som da capela fica abafado, filtrado pelas peças de plástico e espuma. Eu não ligo a música. Fico grata pela barreira entre meus ouvidos e a cena ao redor, então me sento, enquanto todos papeiam e vão saindo.

É quando eu a vejo: Querida. Ela está de braço dado com um homem que não é Madly. Um véu preto cobre seu rosto, mas eu reconheço o balanço de seu cabelo, o ligeiro volume de seus quadris por baixo do vestido preto justo. Parte de mim quer ir até ela e dizer oi. Mas como se caracteriza alguém desse tipo? Alguém que você só observou, a quem você só fez uma pergunta idiota uma vez, alguém em quem você gostaria de magicamente se transformar? A resposta: não se caracteriza. Então, quando minha mãe manda Amy vir me chamar, eu visto a minha jaqueta e sigo as duas lá para fora, ainda com os fones de ouvido.

Alguns passos adiante: Cameron e sua mãe. Ele não desviou os olhos dos próprios pés.

Quando chegamos ao lado de fora, o vento é brutal. Dois policiais estão saindo de uma viatura. Ambos são corpulentos, do jeito que se imagina que os policiais devem ser, com ombros largos e barrigas de cerveja. Um deles tem bigode — o tipo de bigode que você deixa crescer só de sacanagem — e o outro revira um palito no canto da boca. Eles vêm caminhando em nossa direção. Não... na direção de Cameron.

Prenderam o pai do Cameron no Dia do Trabalho. Quinto ano. Eu estava na casa de Zap, assistindo à maratona do Bob Esponja e comendo manteiga misturada com açúcar mascavo quando Terry tocou a campainha.

Minha mãe o mandou me buscar e levar para casa. *Você poderia ter ligado*, disse a sra. Arnaud. Terry era pequeno e estava agitado na varanda da frente, remexendo as mãos gorduchas. *Vocês não ouviram?*, perguntou. *Nosso vizinho policial acabou de ser preso. Jade, está na hora de ir para casa.*

Minha mãe estava sentada no sofá da sala, tomando chá frio. Com o telefone preso entre a orelha e o ombro, ela beliscava uma embalagem com restos de comida chinesa.

— Lee Whitley — disse ela ao telefone. — O policial que mora na esquina, sabe? Ao lado dos Hansen?

Um falatório baixinho do outro lado da linha.

— A polícia acabou de dar uma declaração. É horrível, simplesmente horrível. Ele a fez parar no acostamento da estrada. Alegou que ela estava correndo. Pobre garota, só tinha 23 anos. Foi arrastada pra uma vala na lateral da estrada e surrada quase até a morte. Ela está viva, no hospital.

Tinha um fio de macarrão instantâneo pendurado entre seus pauzinhos.

— É, eles têm certeza que foi ele. Eu sei, eu sei. Ele sempre foi tão legal, né? E a esposa? Mulher meiga, muito tímida. Eles têm aquele menino

também; ele é dois anos mais novo que Jay. Magrinho, miudinho. Nunca olha ninguém nos olhos.

Isso foi só o começo.

Foi o assunto da cidade durante semanas. Ninguém tentou esconder das crianças. Eu e Amy não tínhamos permissão para passar pela casa dos Whitley enquanto o pai de Cameron esperava pelo julgamento. Tínhamos que pegar o caminho mais longo, dando a volta pelo quintal dos fundos no caminho para a escola. Eu quebrava essa regra sempre que possível, andando bem devagar quando passava pela calçada da casa deles, tentando dar uma espiada na sala da família, para ver onde o homem malvado jantava e escovava os dentes. As cortinas estavam sempre fechadas.

Todas as manhãs, eu dava uma olhada nas manchetes antes que Terry levasse o jornal embora.

“WHITLEY SERÁ JULGADO; A VÍTIMA NÃO VAI TESTEMUNHAR.”

“DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE BROOMSVILLE NEGA SUPOSTO ATAQUE.”

Lee Whitley nunca pareceu particularmente ameaçador. Ele era magro como Cameron, com pés virados para fora e uma barba rala que nunca parecia encher. Tinha a pele clara e olhos também, algo entre verde e castanho. Eternamente suado. Não intimidava. Algumas vezes, eu o via em sua viatura, depois do trabalho, apenas sentado na entrada da garagem dos Whitley, bebericando café de um copo descartável, com os pés no painel.

As manchetes foram evoluindo conforme o julgamento avançava.

“PROVAS DO CASO DE ATAQUE SOMEM DAS DEPENDÊNCIAS DA POLÍCIA.”

“POLICIAL DE BROOMSVILLE TESTEMUNHA EM DEFESA.”

“WHITLEY JULGADO INOCENTE.”

— Os amigos o livraram — disse minha mãe, girando vinho branco no copo na mesa da cozinha, com as janelas abertas. — Asqueroso. Simplesmente asqueroso.

“POLICIAL LIBERTADO FOGE, DEIXANDO ESPOSA E FILHO.”

A vítima era uma morena magrinha com uma trilha de pequenos corações tatuados na lateral do pescoço. Hilary Jameson. Ela se mudou depois que o pai de Cameron sumiu. Uma vez que ambos se foram, todos pararam de falar a respeito. Algumas semanas depois, passei pela casa dos Whitley — as cortinas ainda estavam fechadas, mas alguém tinha plantado uma única tulipa num vaso na varanda. Era num tom violento de roxo, a cor de um hematoma.

O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

IGREJA, DE DIA

CELLY e AMIGO estão sentados na igreja, cercados por uma obra. Acima deles: um crucifixo torto. Amigo olha para Celly enquanto ela remexe no brinco, impressionando por seu comportamento sem conversa fiada.

CELLY

Você já se perguntou por que algumas pessoas têm rostos bonitos e outras não?

AMIGO

Genética?

As palavras dele ecoam pelo espaço cavernoso. Celly olha acima.

CELLY (cochichando)

Eu tenho a seguinte visão: talvez as pessoas feias existam pra que a gente possa entender o cérebro humano um pouquinho melhor. Se todo mundo fosse bonito, ninguém precisaria falar.

(um segundo se passa)

Eu já vi seus desenhos escondidos na sala de artes.

O amigo desvia o olhar.

CELLY (continua)

Você faz as pessoas mais bonitas do que elas realmente são. O jeito como você esfumaça o lápis. O jeito como formula seus rostos.

AMIGO

Eu desenho as pessoas exatamente como as vejo.

CELLY

Mas isso não é uma mentira, se não a fisionomia desenhada não é, de fato, a verdadeira fisionomia delas?

AMIGO

A arte pode ser uma mentira.

CELLY

Isso soa bem presunçoso.

AMIGO

Tudo é uma questão de percepção. O que eu vejo é a minha verdade, simplesmente porque eu vi. Eu interpretei daquela forma.

CELLY (a despeito de si mesma)

Justo.

Celly remexe no esmalte preto.

CELLY (continua)

O que você vê quando olha para mim?

Ele a observa.

AMIGO

Uma faca. Uma idealista. Uma rocha. Carne macia.

Russ

CYNTHIA FOI BAILARINA. ELA contou a Russ sobre os grandes testes dos quais participou na cidade de Nova York. Mostrou-lhe as antigas sapatilhas, quebradas e riscadas de preto por causa dos pisos pretos, fitas manchadas de suor, enroscadas em volta de tornozelos invisíveis. Calce-as, disse Russ, brincando. Cynthia as amarrou em seus tornozelos nus e ficou nas pontas dos pés, usando o braço do sofá para se equilibrar. Ela estava com uma bermuda matrona cáqui e uma velha camisa polo desbotada. Brincos de miçangas.

Lee veio da cozinha e caminhou constrangido até a esposa. Russ, tão pequeno, na outra ponta do sofá. Lee pressionou as mãos na barriga de Cynthia e ela se debruçou nele. O cheiro de Lee: desodorante roll-on e café de horas atrás. Enlaçado à esposa e sua apresentação de equilíbrio, Lee beijou as veias saltadas do pescoço dela.

Lábios rachados, pele enrugada.

Uma ferida boquiaberta.



No estacionamento, do lado de fora do funeral de Lucinda, o detetive Williams joga um joguinho em seu celular de abrir.

É óbvio que Russ não deveria estar ali. Mas Williams assentira para ele, conspirador, ao sair do prédio, gesticulando para que ele o seguisse, como

se estivesse concedendo a Russ alguma honra cósmica. Russ quase lembrou ao detetive que seu cunhado era um suspeito, mas ficou de boca fechada e o seguiu mesmo assim. Ele achava interessante o trabalho de detetive, de um modo temporário e provisional: você podia ficar sentado, durante horas, fascinando, depois podia regressar a seu mundo cotidiano. Sua casa e seu carpete manchado. Você não precisava viver dentro disso.

Há um problema, diz o detetive Williams, distraído de seu jogo de Tetris pelo êxodo de pesarosos que saem da capela.

E o que é?, pergunta Russ.

Não podemos chamá-lo de suspeito, mas ainda temos que parecer eficientes. Jogar uma merdinha no ventilador, explica o detetive. O chefe deixou claro: precisa parecer que estamos fazendo alguma coisa.

É um funeral, comentou Russ.

Já terminou, retrucou Williams, gesticulando para as pessoas que iam saindo.

Ines está lá dentro, com os enlutados, usando um vestido preto de algodão que comprou numa liquidação de garagem. Ela fez um penteado todo cacheado e bonito, preso na nuca. Russ suspira. E lamenta. Ele é melhor inalando.



Russ não via Cynthia há anos. A última vez havia sido só de relance, alguns verões atrás, quando ela empurrava um carrinho vermelho na Target da Elm Street. Cynthia olhava o corredor de cereal, virando caixas de cabeça para baixo, olhando as etiquetas de preço. Russ teve o ímpeto perverso de abordá-la, mas, em vez disso, comprou creme de barbear e uma caixa de Oreos para Ines. Pacotão duplo.

Então ele foi para casa. Parado no sinal da Elm Street, pensou nas mãos de Cynthia — como pareceram delicadas quando ela puxou a bolsa surrada no alto do ombro e colocou um vidro de molho de macarrão sem marca no carrinho. Será que elas sempre foram tão frágeis? Era de se esperar que

Russ se lembrasse de um detalhe como esse. Mas depois de tantas noites ao redor de mesas — comendo e bebendo, Russ acidentalmente esbarrando no âmago de lava do casamento de Lee e Cynthia — ainda se lembra do cheiro dela. Sachês costurados à mão, de lavanda e arroz, que ela aquecia no micro-ondas e pousava atrás do pescoço.

Agora, Cynthia sai do Memorial de Maplewood. Ela está usando um casaco de esqui grande demais. Um tom roxo-claro, amarronzado nas mangas pelos anos de uso, com uma colagem de tíquetes de esqui pendurados no zíper. A aparência de Cynthia: uma margarida murcha.

E é tarde demais. Russ viu o garoto. Cameron está naquele ponto crucial e horrível, o período de desastre adolescente, do qual você acha que nunca vai sair. Ele é comprido demais, cabelo alourado pendendo em mechas oleosas. Pele oleosa, aquele nariz de bico curvo. Olhos castanhos esverdeados, próximos demais um do outro. Russ desvia, mas seu coração já luta uma batalha — odiar ou proteger, abraçar ou ferir? A aparência de Cameron: igualzinho ao pai dele.

Quando Cynthia estava grávida de oito meses de Cameron, Russ e Lee foram para a Dixie's Tavern. Uma noite gélida entre o Natal e o Ano-Novo.

Eu disse a Cynthia que estava de serviço esta noite, disse Lee, depois que eles pediram duas cervejas e um prato de asas de frango apimentadas para dividirem.

Ela não aprovaria?, brincou Russ, tilintando seu copo gelado ao de Lee. Uma nuvem de espuma escorreu pela lateral e pingou na mesa grudenta.

Ela está grávida, disse Lee. Ninguém tem direito de se divertir.

Na Dixie's Tavern, Lee vestia um moletom azul com o logo dos Broncos no peito, um cavalo zangado, fumegando. Lee era engolido pelo capuz, um tamanho médio masculino; por baixo, Russ imaginou o cóis da calça do amigo embolada na cintura, o tecido preso por um cinto grosso de couro, no buraco mais apertado. Lee tinha se barbeado naquele dia, e seu rosto estava

liso. Nada de restolho. Apenas algumas espinhas ao redor da boca e dois ferimentos de gilete no queixo, onde Lee tinha se cortado. Russ imaginou o sangue fluindo num único pedaço de papel higiênico, pressionado na pele do maxilar do outro.

Lee pegou uma asa pelando no alto da cesta e segurou com cuidado, com os indicadores e polegares, como se fosse uma espiga inteira de milho. Cravou os dentes na comida e o molho alaranjado se acumulou nos lábios, enquanto ele puxava a carne do osso, com os dentes acavalados.

Em pouco tempo, aqueles dedos gordurosos estariam segurando um bebezinho. Russ não sabia se ria ou se mandava o amigo se limpar. Ele entregou um guardanapo a Lee do outro lado da mesa.

Faltam apenas quatro semanas, certo?, disse Russ, pegando uma coxinha.

Quatro semanas, repetiu Lee.

Você está nervoso?

Está brincando? Tente ter um filho. Nervoso é a palavra errada, tenho quatro semanas pra me situar.

Você ficará bem.

Russ deu uma golada na cerveja, engasgou, tossiu. Pegou um osso no prato e roeu todo.

Naquela noite, no chuveiro, Russ olhou para seus braços peludos, curvados como quem segura um bebê, desejando um milagre, uma vida se remexendo — algo de Lee que ele pudesse acalantar e ver crescer.



Aqui está ele, diz o detetive Williams, e Russ toma um susto. Ele tinha se esquecido de seus arredores: carro, estacionamento, funeral.

Williams está olhando as portas. Um olhar horrendo, faminto. Todo lobo.

Nós o pegamos. Está pronto?

Eles descem do carro e Russ fica alguns passos atrás de Williams, que caminha com ares de superior até a entrada da capela, tão confiante que Russ se pergunta se o detetive sempre parece ser assim.

Quando põe suas meias azul-marinho pela manhã. Quando está no telefone em espera, com a empresa do cartão de crédito. Depois de comer batata frita demais.

O detetive Williams segue sua marcha deliberada por entre a aglomeração. As pessoas olham e cochicham, e Russ o segue, hesitante.

Com licença, senhor, diz o detetive Williams, enquanto a massa se cala sob o sol. Gostaríamos que nos acompanhasse até a delegacia. Temos algumas perguntas para você.

O quê?, pergunta Cynthia, o pânico tomando seu rosto. Vocês estão prendendo ele?

Nada de prisão, senhora. Faremos apenas algumas perguntas.

O olhar dela é como uma lanterna.

Russ, por favor, implora Cynthia. Ora, vamos. Isso é ridículo.

Russ pensa nos pés de Cynthia, músculos retraídos nas sapatilhas de balé de seda cor-de-rosa. As veias de seu pescoço, os braços caniços de Lee. Ele dá um passo atrás, recuando da cena e é quando ele a vê: Ines, sua adorável esposa. Ela está ao lado de Ivan, uma das mãos sobre a boca. Ela está olhando, mas não como um potrinho — é como se olhasse uma cena de destroços. Sua respiração revolve no frio.

Russ está apenas a uns dois metros de distância, mas nunca se sentiu tão distante de Ines. O detetive Williams não escolheu Ivan e isso deve deixar Ines feliz. Agradecida. Mas eles poderiam muito bem ser estranhos, Ines é uma testemunha avessa a tamanha injustiça — uma cena do lado de fora do funeral, tragédia dentro da tragédia.

Uma vez, Russ ficou doente, com uma gripe, e Ines o pôs na cama e deixou um balde no chão, para caso ele precisasse. Ela segurou um pano fresco em sua testa e, quando ele ficou bastante tempo de olhos fechados, começou a cantar. Uma canção de ninar em espanhol. Então, enquanto ele implorava para que suas pálpebras não tremulassem, entendeu: o passado dela era aquinhoado como pequenos agrados a um cão, ela o guardava bem junto ao peito, garantindo que ele não lhe seria tirado.

O detetive Williams acompanha o suspeito desconcertado até o carro. Russ liga o motor. Conforme eles vão saindo, Russ olha para Ines pela

última vez.

Ela não é potro algum. Ela é uma mulher e Russ é um homem e é só. Isso é tudo que eles podem fazer.

Dois meses antes da prisão de Lee, Russ tentou contar para Cynthia sobre Hilary Jameson.

Lee tinha dado uma corrida até o posto de gasolina para mais um pack de latas de cerveja, e Cynthia estava cuidando da horta. Usava um chapéu desengonçado de palha e macacão. Cameron, com oito anos, estava sentado à mesa do pátio, colorindo um livro de desenho — ele tinha uma caixa inteira de lápis de cor, mas só usava o amarelo. Ele pintava com tanta força que só tinha um toquinho do lápis, e os dedinhos gorduchos do menino quase encostavam no papel. Por que você não tenta o roxo?, sugeriu Russ. Roxo é uma cor legal. O menino não respondeu. Só apertou o pedacinho amarelo com mais força.

Na horta, perto da cerca dos fundos, Cynthia segurava um punhado de hortaliças.

Venha ver, disse a Russ, e ele levou seu chá gelado sem açúcar até o trecho onde os legumes brotavam. Estamos nos livrando do veneno, comentou ela, limpando a testa com o punho da luva de couro.

Veneno?

Está vendo as raízes? Cynthia puxou uma plantinha da terra. Quando ela agachou, seus dois joelhos estalaram.

Estou vendo.

Não tem ciência. Mas acho que dá pra notar que capins estão envenenando essa horta, pela profundidade das raízes.

Eles olharam para o buraco raso que a planta havia deixado. Uma minhoca molenga circundou uma pedrinha e se espremeu para entrar em seu lar subterrâneo. Cynthia estreitou os olhos para Russ, o rosto suado pelo

sol estava tão próximo que ele via as folhas de menta frescas presas nos dentes dela.

Ele tentou imaginar Lee e Cynthia fazendo sexo em cima da colcha que Cynthia havia costurado à mão. Sentiu um nó no estômago, com uma sensação prazerosa que nada tinha a ver com a proximidade de Cynthia e tudo a ver com culpa. Ele a queria bem longe. Era um anseio muito forte que Russ sentia, mas não Cynthia. O tipo de anseio que penetra em você, com força.

Está vendo? Ela ergueu a planta e um naco de terra caiu na frente de seu macacão, como uma mancha de vinho. As raízes são profundas, explicou ela.

Russ deveria ter lhe contado ali. Ele queria. Todo o tempo que Lee vinha passando com Hilary Jameson — Cynthia achava que ele estava com Russ. E quanto a Russ? Russ, que passava a maioria das noites sozinho, nas sombras de sua casa grande demais, bebendo só para se fazer companhia. Ele deveria ter contado para Cynthia, deveria ter dividido o peso dessa súbita alienação.

Ele tentou contar, mas o que poderia dizer? Ah, pobre de você, mulher. Não tem ciência. Você está dormindo com o veneno. Seu menininho fica olhando enquanto você entrega copos com três dedos de uísque a esse veneno. Você chupa esse veneno, deixa esse veneno entrar em você, afaga a testa dele, depois, é meiga, quando a meiguice é esperada. Não merecida. Você deu à luz sua encarnação. Essas raízes... Elas estão bem inchadas e gordas.

Mais chá?, perguntou Cynthia.

Sim. Sim, por favor.

Só depois que ela foi lá para dentro e o deixou na horta, embaixo de um sol destemido, só então que Russ murmurou: cuide-se, está bem?

Fraco.

Russ é um homem que tende ao arrependimento, e esse fato o perturba a todo momento desde então.

Jade



—GOSTARÍAMOS QUE NOS ACOMPANHASSE até a delegacia — diz o policial.
— Temos algumas perguntas para você.

A multidão irrompe. Gente andando em todas as direções, tentando conseguir uma visão melhor do drama e só quando a massa se mexe que consigo enxergar: Cameron está agarrado ao braço da mãe, enquanto os policiais seguram a pessoa que está do lado direito dele.

Eu reconheceria o colete em qualquer lugar. Ele tem uma coleção de cinco coletes de lã que usa ao longo do ano letivo, independentemente da estação. Agora está com um preto, o casaco dobrado por cima do braço, os sapatos salpicados de gesso branco.

Tive aula de arte com o sr. O no ano passado. Ele sempre parava perto demais, olhando por cima de seu ombro, fazendo comentários como *Isso é só um pincel. Brinque um pouquinho com ele*. Ele era um daqueles professores estranhamente empenhados em seu emprego, que fica pessoalmente ofendido se você não está nem aí. As meninas sempre ficaram alvoroçadas e especulavam — o sr. O era um daqueles professores jovens, atraentes. Ele se vestia como um aluno de ensino médio, e era sempre muito amigável. Claro que havia boatos, mas sempre eram originados pelas garotas mais cruéis e imbecis. *Você ouviu o que o sr. O disse sobre o projeto de cerâmica da Lucinda? “Deslumbrante.”* Um monte de risadinhas.

O cenário é um caos. A mãe de Cameron está pleiteando com os policiais.
— Por favor — diz ela. Dá para notar que ela está constrangida com o som. — Por favor, não podem levá-lo. Russ, vamos, sou eu. Vocês não

podem levá-lo assim.

Eu capto fragmentos de conversas. O professor de arte. Ele era professor dela, de arte... Anos na Jefferson, nunca pensei que ele... Tão inapropriado para um funeral, deveriam ter esperado... Queriam fazer uma cena, faz com que pareçam eficientes...

Os dois policiais marcham levando o sr. O como um troféu. Ele se mantém de cabeça baixa, dá cada passo determinado. Seu cabelo grisalho brilha sob o sol.

A mãe de Cameron o abraça forte e os dois se olham, horrorizados, enquanto os policiais conduzem o sr. O até a viatura.

Sirenes ecoam. Portas batem. As pessoas vão atrás e algumas estão com seus celulares posicionados para tirarem fotos desfocadas. Mas a maioria fica ali, perplexa, ao redor de um drama que agora se foi, deixando um espaço vazio e pulsante no meio da multidão.



Eu já encontrei aquele policial, uma vez — o de bigode.

Howie morava na praça, na Willow Square. No inverno, ele botava seu saco de dormir na fonte vazia e balançava o copinho de moedas para quem passasse. A cidade reclamou e, um dia, quando Howie e eu estávamos jogando damas nos degraus da fonte, os policiais vieram para removê-lo. Eram dois — um deles era um tenente truculento e malvado. Um nojento que cuspiu em Howie enquanto me enxotava. Parei na frente de uma loja, enquanto o outro policial agachou diante de Howie. “Fletcher”, dizia seu crachá. Ele ajudou Howie a levantar, segurando seus braços, juntou suas coisas e pôs em seu carrinho de supermercado, enquanto o outro preenchia um relatório numa prancheta, resmungando baixinho, irritado.

Ao prender o sr. O, o olhar do policial Fletcher está em outro lugar. Quando eu sigo a direção de seu olhar, eu a vejo: Querida. Querida, com seu véu preto, agarrando o braço de um homem que poderia ser seu irmão,

lágrimas escorrendo por seu rosto, enquanto ela balança a cabeça, como quem diz *não, não, não*.

Querida repara em mim, mas só por um segundo. Ela rapidamente desvia o olhar, em pânico. Mas, naquele segundo, seus olhos escuros prendem os meus. Envergonhada. Eu também me vejo muito subitamente. É como olhar num espelho enquanto o vapor do chuveiro evapora: eu sou a linha ligando os pontos.

Isso faz você pensar, não faz — como é possível ser um personagem coadjuvante na própria história.

O sol é cegante. Carros parados no estacionamento, testemunhas silenciosas.

— Você foi da turma dele ano passado, não foi, Jay? — pergunta minha mãe. — Arte, não foi? Olaria?

— Cerâmica.

— Ele alguma vez lhe fez algo?

— O quê?

— Ele alguma vez a tocou?

— Meu Deus, não, mãe. Que nojento.

— Ele sempre me deu arrepios — comenta Amy. — Fica horas depois da aula, todos os dias, só olhando as pinturas e os troços.

— Eu não sei, Amy... ele é professor de *arte*, sabe?

— Pode parar, Jade — estrila minha mãe, remexendo na bolsa em busca da chave do carro.

As pessoas ficam em grupinhos espalhados pelo estacionamento, fofocando. Todo lugar para onde eu olho, escuto o nome do sr. O.

— Jade! — diz alguém, por trás de mim.

A sra. Arnaud está segurando sua longa saia preta, vindo apressada, do outro lado do estacionamento. Minha mãe já ligou o carro e Amy ajeita o cabelo olhando no espelho do lado do passageiro.

— Jade. — A sra. Arnaud para perto do para-choque do Subaru da minha mãe. Ela está com o cabelo preso numa renda preta, como uma viúva dos anos 1940, e ele cai em belos cachos ao redor de seu rosto. Os Arnaud são tecnicamente dois anos mais jovens que meus pais, mas é como se fossem impermeáveis ao tempo, o jeito que gente naturalmente bonita tende a ser. Eles correm, escalam, pedalam. A sra. Arnaud sempre parece ter acabado de regressar de uma viagem de férias tropicais.

Agora, ela estreita os olhos para mim, usando a mão bronzeada para proteger seus olhos do sol.

— É Édouard — diz ela. Logo que conheci os Arnaud, ambos tinham um sotaque francês bem forte, mas, ao longo dos anos, ficou praticamente imperceptível. — Ele está um caco. Não fala com ninguém. Não sabemos o que fazer.

Fico pensando se ela pode ter deixado de ler o memorando — se o ano passado encolheu e virou um pontinho em sua mente, uma lombadinha em minha amizade com Zap. Se ela sequer notou.

— Sei que faz um bom tempo que você não vai lá em casa. Mas, talvez, você pudesse dar uma passada lá essa tarde? Acho que ele iria gostar de vê-la.

Ela está errada, mas não digo isso. Só assinto e reluto com o ímpeto de puxá-la para perto e pousar minha cabeça cansada no ombro dela, que eu sei estará com cheiro de perfume da Burberry e sabão em pó de marca.

O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

ESTACIONAMENTO DO FUNERAL, DE DIA

CELLY e MÃE DO MENINO (43 anos, bronzeado radiante) estão lado a lado, contra o vento cortante. Celly está linda, com seu vestido branco de verão.

CELLY

Você o conhece. O menino. Seu filho.

MÃE DO MENINO

Sim, claro que conheço.

CELLY

Você pode me dizer para onde ele foi?

MÃE DO MENINO

Eu acabei de lhe dizer, ele está em casa.

Celly joga o peso do corpo na outra perna.

CELLY

Não foi isso que eu quis dizer.

Em princípio, não éramos amigos. Zap tinha aulas de piano às três e meia e eu, às quatro. Nossa professora se chamava Erin e tinha três gatos — eles se sentavam em cima do piano durante as aulas, o som reverberando em suas barrigas peludas.

Erin estava sempre atrasada, então minha mãe se sentava na sala e ficava conversando banalidades com a sra. Arnaud. Eles eram novos na cidade. Minha mãe os convidou para jantar, um dia, depois das aulas de piano.

Naquele verão, a gente andava de bicicleta. Dando voltas na rua sem saída, passando pelo pântano na periferia do bairro, onde o sistema de irrigação havia inundado um campo côncavo. A cidade não tinha recursos para mandar limpar. Nós catávamos gravetos e fingíamos que eram varas de pescar, mergulhando-as na água suja. Pegamos sapos em baldes e escondemos no quarto de Amy. Um deles morreu no armário dela. Fiquei de castigo por três semanas. Líamos romances tranquilos na rede de corda branca pendurada no quintal dos fundos de Zap, catando insetos no algodão da rede.

Eu passava a maior parte dos meus dias na casa limpa e bem decorada de Zap. Os Arnaud tinham um relógio do vovô que trouxeram da França, uma herança de família — eu me lembro de como achei aquilo legal. Tão genuíno. Minha família jamais faria algo assim. *Lixo*, diria minha mãe, dando uma tragada no cigarro.

No quinto ano, depois de uma excursão ao Museu de Natureza e Ciência de Denver, Zap ficou obcecado com astronomia. Eles tinham um planetário gigante e o guia nos bombardeou com fatos que Zap anotava no caderninho em miniatura que mantinha no bolso de trás da calça. *Há catorze buracos negros cuja existência é conhecida, e O Big Dipper é um asterismo, não uma constelação, e Você não consegue ouvir um grito no espaço.* Ele datilografou todos esses fatos no computador dos pais, em fonte Verdana tamanho 16, e pendurou na parede de seu quarto, acrescentando mais coisas à lista toda vez que descobria algo que valia a pena anotar. Em pouco tempo, o seu quarto estava coberto de gráficos e diagramas, fotografias de astronautas com roupas de marshmallow pulando pela superfície da lua. Ele ia ser astronauta e, embora fosse chato ficar fora por quatro anos a cada viagem espacial, prometeu que traria pedras para mim de todos os planetas que pudesse, para que eu acrescentasse à minha coleção.

Nossos pais jantavam — geralmente, na casa dos Arnaud — enquanto Zap e eu sumíamos no segundo andar. Jogávamos cartas Pokémon. Observávamos os vizinhos de binóculos. *Um dia, eles vão se casar*, diziam nossos pais.

No nono ano, uma semana antes do Natal, Louis Travelli cutucou Zap enquanto a gente descia a colina, na direção do meu bairro. *Você curte gordinhas, é?*, perguntou Louis, dando um chute embaixo da mochila de Zap. Zap olhou para mim com um rosto retorcido: uma ansiedade tão extrema que poderia ser repulsa. *É melhor eu ir pra casa*, disse ele depois que Louis foi embora. *Tenho muito trabalho pra fazer esta noite.*

Passamos dias sem nos falar. Foi como aquela sensação que você tem quando sem querer mergulha no lado fundo da piscina: você espera o chão de concreto sob seus pés, mas, em vez disso, só fica se debatendo, em pânico, e os pés só revolvem na água, e mais água.

Depois das férias de Natal, a maldição acabou. Ele me ligou num sábado. *Vamos fazer um forte?* Nós juntamos todos os cobertores e travesseiros da casa, reorganizamos os móveis da sala. Empurramos o sofá de encontro à parede, arrastamos todas as cadeiras da sala de jantar para frente da lareira. Construímos um castelo de lençóis floridos e edredons, forrando os vários cômodos com tapetes persa. Quando estava pronto, entramos no quarto máster — o maior cômodo, isolado com lençóis cor de creme, e deitamos lado a lado, olhando para cima, para o algodão branco.

— As pessoas andam falando, sabe? — disse Zap.

— Sobre o quê?

— A gente. Está ficando bem irritante. Como Louis, naquele dia. Estou sempre dizendo que não tem nada rolando, mas não acreditam em mim.

Fiquei pensando se eu iria vomitar. Não era uma coisa ruim o que eu estava sentindo naquele momento, quando ele fechou as hastes dos óculos e os colocou em cima da barriga. Os cotovelos de Zap estavam despontando, ganhando músculos e contornos que passei a reconhecer como os de um homem crescido. Eu olhava seus cotovelos sob a luz rosada do forte e pensei em como você pode conhecer alguém muito bem, saber tudo sobre a pessoa — como fica embolada nos lençóis, no meio da bagunça, de manhã. Como as pernas sangram de tanto correr pelo mato alto no verão. Você pode saber todas essas coisas, mas jamais saberá qual é a sensação de ser o outro: de habitar o seu espaço, de existir dentro de sua pele, de crescer em seus cotovelos.

Eu já tinha visto em filmes. Tinha visto as pessoas se beijando. Eu sabia como deveria ser, o beijo, mas sempre pareceu pouco natural para mim: pressionar partes de dois corpos, sentindo o molhado de outra pessoa no seu. A boca de Zap estava bem perto da minha e, pela primeira vez, a realidade era palpável. Os dentes de outra pessoa tão próximos, a língua. Eu queria. Seus lábios eram cheios, sob a luz fraca da luminária que passava através dos lençóis. Nossos corpos sob aquela penumbra bege, espessa por aquela sensação que eu não conhecia.

Ele também sentia. Quando penso no que perdi, não é ao fim que eu regresso. Mas nisso: o pescoço de Zap chegando mais perto do meu, o

espaço acima de sua clavícula, e a bainha de sua camiseta vermelha quase tocando a ponta do meu queixo. Ele também queria.

Zap se sentou tão depressa que bateu a cabeça no lençol, que o envolveu como um capuz. Ele era um fantasma. Uma parte do forte despencou, nos fazendo resfolegar, nos fazendo sentir bem mais velhos do que deveríamos.

Fui para casa. Não nos falamos por mais duas semanas. Durante alguns meses, nossa amizade prosseguiu como era, mas, até o verão chegar, ele tinha parado de me ligar de vez. Assim que acontece. As pessoas mudam, elas crescem, eu entendo. Mas, às vezes, é como se eu ainda pudesse sentir o calor dele, ainda pudesse sentir nossas mãos jovens e tolas se estendendo uma à outra, tremendo por algum tipo de amor desnorteado.

Cameron

CAMERON TINHA MENTIDO. ELE tinha lido uma página do diário de Lucinda antes de entregá-lo ao sr. O.

11 de janeiro:

*Para que serve uma janela
A não ser para olhar
Através do vidro, às vezes,
Eu sinto você
Você me apavora*

Ele não conseguiu ler mais nada.

Lucinda tinha desenhado estrelas de cinco pontas no alto da página, mas elas não eram cuidadosas — eram bagunçadas, a tinta estava manchada nos cantos. Além disso, ela fazia os pingos dos “i” com bolinhas redondas.

Você me apavora. Cameron não conseguia olhar as palavras, não conseguia pensar em vidro, não podia permitir que essa coisa existisse em lugar algum, exceto com ele. Então, ele arrancou a página do diário e a colocou no mesmo lugar que o havia encontrado: no vão entre sua cama e a parede, onde havia caído na poeira. Ele tentava desesperadamente se esquecer.

A escrita dela não era elegante; não era arredondada. As palavras de Lucinda não dançavam da forma como ele havia esperado. Elas não dançavam.

A van de sua mãe saiu do estacionamento do Memorial de Maplewood, e Cameron abaixou o vidro de sua janela, apesar de o painel indicar que fazia menos três graus. O dia não devia ser assim: tão descaradamente ensolarado, como se nem lamentasse. As árvores secas passavam num borrão de marrom nu, como se tivessem perdido suas camadas e estivessem reaprendendo a respirar. Isso era muito injusto.

A calma silenciosa do carro era esmagadora, interrompida somente pelo choro da mãe. Não era o tipo de choro que dava para esconder. Cameron queria consolá-la, mas ela estava chorando pelo sr. O e tudo era culpa de Cameron.

Eles seguiram em frente. Cameron sabia o que estava acontecendo em todos os outros carros: *o sr. O*, diziam os pais, uns aos outros, *o sr. O, professor de arte da Jefferson High; lembra dele, das reuniões de pais e professores?* As crianças estavam sentadas no banco de trás, de olhos arregalados, torcendo para que isso os livrasse do dever de casa.

Quando eles encostaram na porta de casa, a mãe se virou para Cameron.

— Entre — disse ela.

Seus olhos estavam miúdos e avermelhados. Ela pegou um guardanapo da cafeteria do porta-copo e usou para limpar o nariz.

— Pra onde você vai?

— Até a delegacia. Cameron, quero que entre em casa. Não saia até que eu volte, não atenda a porta, não fale com ninguém. Está entendendo?

— Sim — respondeu Cameron, ao girar as pernas para fora do carro e pousar no chão firme.

— Cam? — chamou a mãe antes que ele fechasse a porta.

— Sim?

— Eu sei o que você sentia.

— O quê?

— Em relação à Lucinda. Vi seus desenhos.

— Mãe, eu não...

— Eu sei que você a amava, é o que estou tentando dizer. Sei que você a amava, do seu jeito.

As mãos ossudas da mãe seguravam o volante.

— Quando eu voltar pra casa — disse ela —, preciso que me conte tudo. Sei que é difícil e que deve sentir muita falta dela, mas, querido, preciso saber o que você fez.

A mãe gesticulou para que ele fechasse a porta e, antes que Cameron pudesse lhe dizer que ele a amava e que gostaria que ela não fosse tão dura consigo mesma, a van já estava saindo e virando a esquina. Cameron deixou que essas palavras caíssem dele como se fossem pele de uma cobra, se reorganizando ao baterem no chão: *o que você fez?*



Cameron tinha estado no armário do pai duas vezes — ambas quando o pai já tinha partido, quando Cameron estava tão emaranhado que havia perdido toda noção do tempo, encolhido no carpete creme.

1. Quando Beth disse que ele era o tipo de garoto que levaria uma arma para a escola, ele veio para casa, abriu a caixa embaixo da cama da mãe. Ficou olhando o revólver calibre .22, imaginando: seria possível perder o controle do próprio corpo? Será que as suas mãos fariam coisas que sua cabeça não queria?
2. Quando ele leu o livro da prateleira da mãe sobre o homem que matou alguém, enquanto olhava diretamente para o sol. Albert Camus, *O Estrangeiro*. Cameron sonhou com raios ultravioleta queimando suas pupilas.

Agora, ele não acendeu luz alguma. Embora ainda fosse dia, as janelas da sala ficavam de frente para o sul, e a casa ficava na penumbra. Ele tirou os sapatos perto da porta da frente e a trancou, para que pudesse ouvir quando a mãe chegasse. Cameron foi caminhando cautelosamente até a sala.

Quando o pai foi embora, todos disseram que a mãe deveria se livrar das coisas dele. Em vez disso, ela tinha deixado tudo guardado numa tumba, no corredor, em frente a seu quarto.

Cameron abriu uma fresta da porta do armário e todos os cheiros do pai saíram, efusivamente. Uísque. Colônia pós-barba. Ele gostava dos sapatos de couro do pai, com lenços de papel dentro para manter a forma. Gostava de como os dois ternos elegantes do pai pendiam, rijos, nos cabides. Gostava dos cintos pendurados em ganchos na porta, os tons diferentes de marrom, preto e camurça. Apesar de, teoricamente, Cameron detestar todas essas coisas, ele estava tão emaranhado que a familiaridade delas era reconfortante. Ele acendeu a luz do teto, entrou e fechou a porta.

O alívio foi imediato. Ali, ele não pensaria no sr. O acorrentado à grade da sala onde eles mantinham os bandidos. Ele não pensaria na mãe, em pé, perto da cafeteira da delegacia, pedindo que Russ Fletcher *o soltasse; ele não fez nada de errado*. Ali, eram somente Cameron e o pai, jogando o jogo do silêncio, como sempre faziam.

O pai mantinha o uniforme de policial no canto dos fundos do armário quando o levava para casa para lavar. Ele tinha um conjunto de prateleiras só pra ele, embora pertencesse ao departamento de polícia de Broomsville e vivesse lá a maior parte do tempo — uma prateleira para as calças, uma para o cinto e uma para a jaqueta, que ele pendurava antes de passar a ferro, na mesa da lavanderia. Essas prateleiras estavam vazias desde a prisão, quando o chefe levou embora o uniforme do pai, para sempre. Cameron empurrou um punhado de casacos de frio para o lado e passou a mão na madeira fria. Em cima da prateleira onde o pai costumava guardar seu distintivo, a mão de Cameron encontrou uma folha de papel dobrada.

Cameron a pegou. Ela não estava empoeirada. Ele a segurou sob a luz.

Mesmo na névoa do armário, ele reconheceu os cantos do papel; a borda era serrilhada, feita especialmente para absorção extra. Era uma folha de papel para aquarela. Strathmore, onze por quinze polegadas. Tinha vindo do bloco que Cameron mantinha embaixo da cama, o bloco repleto dos olhos de Lucinda, das adoráveis mechas de seus cabelos, feitas em carvão tão fino que poderia ser lápis.

Cameron sentou no tapete, de pernas cruzadas, e desdobrou o pedaço de papel.

E imediatamente desejou que não o tivesse feito. Desejou que não tivesse entrado no armário do pai, desejou não morar naquela casa, naquele quarteirão, naquele estado com montanhas pontudas. Ele desejou nunca ter visto Lucinda Hayes, que ele nunca a tivesse amado da forma como amou: com olhos de raio x e um coração incontrolável.

Eles vieram buscar seu pai numa segunda-feira.

Sua mãe estava de calça de pijama com listras cor-de-rosa. Cameron se lembrava disso. Ele olhou para cima, para o pai, cujos próprios amigos o estavam prendendo com algemas e dizendo coisas como *Por que, Lee? Você não nos deixou alternativa*. E Russ Fletcher — que sempre vinha jantar e ria tão alto de tudo que o pai dizia — se acovardou num canto. Cameron não assistiu ao restante. Em vez disso, ele olhava além do caos, de seu canto na mesa da cozinha, a pintura que a mãe tinha pendurado acima da janela.

Mais tarde, ele viria a saber que a pintura era de Van Gogh. Ele saberia que aquela versão da cozinha era uma réplica, uma pintura digital em canvas plástico. A pintura se chamava *A Lane Near Arles*, e foi feita em 1888, mesmo ano em que Van Gogh decepou a própria orelha. Cameron gostava desse fato, porque — embora Van Gogh pudesse ficar emaranhado — quando ele estava pintando, ficava calmo. Van Gogh havia passado o mês de dezembro de 1888 em um sanatório, e Cameron gostava de pensar que *A Lane Near Arles* era a vista da janela que Van Gogh via ao tentar se sentir bem dentro de sua cabeça.

A última visão que Cameron teve de seu pai: dedos finos enlaçados atrás das costas, ao lado da pia da cozinha, mantidos firmes no lugar por algemas de metal. Cameron conhecia aqueles dedos — eles seguravam charutos na varanda dos fundos, sacudiam o jornal de manhã, passavam os botões do

uniforme azul-marinho e os prendiam nas casas frouxas. Eles arrumavam o cobertor de carrinhos de corrida de Cameron sobre seu corpinho antes que as luzes fossem apagadas. O cheiro de Johnson & Johnson, aqueles dedos passando em seu cabelo espetado na banheira, aqueles dedos segurando tacos de beisebol, *Está vendo, gire para direita, assim. Olho na bola.* Aquelas mãos pousadas no colo do pai quando passavam noites de cantigas de ninar juntos na sala, aquela introversão amigável. Os dedos do pai estavam entrelaçados dentro da restrição das algemas, virados para trás, palmas para fora, como um apelo envergonhado.

A mãe gritou. Os policiais gritaram. Cameron ficou sentado em seu lugar na mesa de jantar, e estudava a pintura. *A Lane Near Arles.* Havia uma casa amarela ao lado de uma imensa laranjeira, numa rua sinuosa perfilada de valencias. Era como um sonho. Cameron poderia viver naquela casa, onde as coisas não eram tristes, onde a mãe não suplicava, com a voz incerta — *Por favor, Russ, me diga o que está acontecendo.* Cameron se sentiu como se já estivesse estado ali, naquela casa na estrada, tão em paz sob o sol. A vovó Mary estava lá, junto com todas as pessoas boas que um dia estiveram no mundo e tinham partido: todas elas encontravam essas pinceladas suaves, essa calma amarela. Ele gostava de pensar assim.

As sirenes berravam do lado de fora, em vermelho e azul, no crepúsculo.

Levaram o pai dele embora.

Quando a mãe voltou para a cozinha, ela não falou nada. Ela mexeu uma panela de macarrão com queijo no fogão usando uma colher de metal, as costas curvas, como um galho. Água fervia.

Do lado de fora da janela, um beija-flor calliope parou no alimentador que Cameron tinha feito com uma garrafa de água. Era macho — Cameron soube por causa das penas em tom de vermelho queimado em seu pescoço. Eles tinham aprendido sobre os beija-flores na escola; o calliope era o menor pássaro da América do Norte, raro no Colorado. Ele revoou em volta, rápido e leve, como se nada de ruim jamais tivesse acontecido. No fim de uma das folhas informativas, Cameron leu a nota de rodapé: *O beija-flor é a criatura que abre o coração.*

Daquela noite, ele se lembraria da pintura acima da janela, da casa amarela calma, onde ele podia ter algum descanso, e da criatura tomando água açucarada de um galho do quintal. Ele se lembraria da mãe, do peso em seus cotovelos, curvada sobre o fogão, tentando não cair em prantos, e ele pensaria: esse lugar tranquilo, vou levar todos os que amo para esse lugar?

Vou chamá-lo de Zumbido.

No dia em que o pai de fato partiu — depois da denúncia, do julgamento e de ser declarado *inocente* —, as paredes começaram a respirar.

Começou na cozinha. Cameron checou o fogão, mas os botões estavam desligados e a chaleira, em cima da bancada de mármore falso. Então, ele checou as luzes fluorescentes acima da pia — acendeu e apagou, acendeu e apagou. Nada. Desligou a geladeira da tomada. O barulho do motor da máquina parou, mas ele ainda ouvia: um som quase imperceptível do ar sendo inspirado.

Quando dormia, o pai respirava pesado pelo nariz. Cameron costumava ficar deitado, acordado, em meio aos lençóis ásperos de hotel — em viagens à montanha, em casamentos, na noite da véspera do enterro de sua avó —, ouvindo o oxigênio lutar para abrir caminho em meio aos pelos das narinas do pai.

Cameron sabia que a mãe ficaria zangada se o leite estragasse, então, ligou novamente a tomada da geladeira e ficou em pé, com suas meias marrons, no meio da cozinha.

Primeiro, veio de trás, depois, do corredor, e então da direção da sala, e Cameron se sentiu imbecil, girando em círculos, tentando pegar algo que não queria ser pego.

Ele imaginou a mãe acordando, às quatro da tarde, com o som da respiração do pai. Pílulas para dormir e tigelas sujas a cumprimentariam da mesinha de cabeceira. Ela imaginaria seus braços grandes e terríveis em

volta dela. Ela sentiria falta dele. Cameron não podia suportar pensar na mãe sentindo falta dele.

— Pare — disse ele, com toda a autoridade que a voz de uma criança pode transmitir.

Mas as paredes não ouviam. Elas só continuavam ali, sendo paredes, ignorando seus pedidos de garotinho.

O martelo do pai estava no mesmo lugar que ele o havia deixado: pendurado num prego na garagem, encaixado entre o antigo triciclo de Cameron e os esquis empoeirados da mãe. Cameron tirou o martelo da parede e voltou marchando para dentro da cozinha.

A casa estava repleta de vestígios físicos do pai. Meias amassadas no cesto de roupa suja, garrafas suadas de cerveja perfilando a porta da geladeira. E, claro, sua respiração. Cameron tinha certeza de que estava em pé na cavidade do pulmão do pai, as paredes eram sua caixa torácica imunda e o oxigênio estava se deslocando acima, para sua traqueia, passando pela cavidade nasal, e adentrando o ar de uma casa, uma família, uma vida que ele não merecia.

Um dia, a traqueia de Cameron, sua cavidade nasal e seus pulmões seriam tão grandes quanto os de seu pai. Teriam o mesmo formato.

— Espero que eles o prendam. Espero que ele cumpra sua pena — dissera a mãe na manhã da prisão. A voz dela soou trêmula, um sapo. — Ele merece, Cameron. Um dia, juro que você vai entender.

Cameron não sabia de que parede vinha o som, mas concluiu que não importava. E começou a martelar.

Ele martelou e martelou até não conseguir ouvir mais nada, a não ser paredes desabando e a voz de pânico da mãe — vamos soltar o martelo, bom, isso, vamos botar seu pijama, você está cansando, meu benzinho, de manhã nós vemos isso, está tudo bem, tudo bem. E, claro, a indiferença vazia de uma casa com os buracos que ele tinha criado.

O primeiro amigo que Cameron machucou foi um bicho de estimação do sexto ano. Um pardal chamado Pauly. Antes era “Polly”, mas duas semanas depois de a sra. Macintosh tê-lo resgatado no estacionamento do lado de fora do playground, o veterinário o pronunciou macho. Pauly era cheio de tufos marrons. Suas asas eram cortadas, então, eles poderiam deixá-lo fora da gaiola quando a porta da sala estivesse fechada.

Pauly se empoleirava no braço estendido de Cameron, como se não soubesse a diferença entre a pele dele e a árvore de plástico que a sra. Macintosh tinha comprado na pet shop. Isso foi três anos depois de o pai ter ido embora, e a sra. Macintosh disse à mãe que Pauly era um meio para dar vazão aos sentimentos de Cameron, que um bicho de estimação em casa poderia ajudar com a ansiedade dele. Cameron não queria.

Na primavera, a sra. Macintosh levou a turma do sexto ano — incluindo Pauly — para uma viagem de acampamento nas montanhas.

Durante duas noites e três dias, eles ficaram em barracas espalhadas por um dos locais de camping mais conhecidos das Montanhas Rochosas. A sra. Macintosh lhes mostrou como identificar os hábitos de animais nativos baseados em excremento. *Esse é o nome científico para merda*, disse Ronnie. A turma andou de cavalo e observou pássaros com binóculos. A observação dos pássaros era o que Cameron mais gostava — ele aprendeu sobre as diferentes espécies nativas do Colorado. Seus habitats. Ele desenhou diagramas anatômicos por cima da pauta azul de seus cadernos e imagens das casas de pardais nos pés de álamos.

Na última noite do acampamento, os professores fizeram as malas e guardaram tudo no ônibus para a viagem de volta de três horas, e os pais acompanhantes foram dormir. O sr. Howard, professor de plantão, estava dormindo na frente da fogueira. *Venham quando eu der o sinal*, dissera Ronnie, mais cedo. *Tom tem uma garrafa de uísque*.

Ao sinal de Ronnie, Cameron abriu o zíper de sua barraca e saiu, sorrateiramente. Ele estava curioso para saber como os outros garotos infringiam as regras e qual era a diferença disso para sua rebelião noturna.

Ronnie estava esperando na entrada da floresta. Um riso abafado brotava do denso aglomerado de árvores e, ao ver Cameron, acenou e sumiu para

dentro da mata.

— Cale a boca — dizia Tom, de dentro das árvores, e Cameron seguiu o som de sua voz, apontando a lanterna metálica do pai pela trilha. — Você está querendo que a gente seja pego?

A turma do sexto ano estava sentada numa roda. Meninas de um lado, meninos do outro. Cameron se juntou ao lado dos meninos, ligeiramente fora da linha dos ombros deles, entre Ronnie e Brady Callahan. Ele ficou surpreso em ver como se entrosou, como suas pernas dobraram sob ele. Sentado no chão da floresta, ele quase parecia com todo mundo.

Tom tinha colocado a garrafa de uísque no meio da roda — o mesmo uísque que o pai costumava beber tarde da noite na poltrona da sala.

O menino deu uma golada direto do gargalo da garrafa e passou para Brady, que deu um gole, tossiu, e passou para Beth. Não demorou para Ronnie estar segurando a garrafa; sob a luz fraca da lua, Cameron viu o amigo cheirar a borda do gargalo, discreto, antes de levá-la aos lábios rachados. Engoliu. A saliva espirrou, e ele passou para Cameron.

No instante em que o líquido tocou sua língua, Cameron soube que ia vomitar. O gosto era tão familiar — estivera no ar em todas aquelas manhãs, enquanto Cameron se vestia para ir à escola, seco e grudento, na borda do copo do pai, na pia.

Ele não teve tempo de levantar, de virar, ou de direcionar o vômito, desviando de seu corpo. Ele vomitou no colo, por cima do jeans, com uma das mãos em concha catando o vômito e a outra ainda segurando a garrafa de uísque.

As meninas gritaram. Todos os outros começaram a rir. Até Ronnie ria. Cameron podia se sentar nas rodas deles. Podia cochichar para não acordar os professores, mas não conseguia rir daquele jeito.

Cameron levantou, soltando a garrafa, e saiu cambaleando.

— Pra onde você está indo, *viado*? — disse Tom, uma voz distante atrás de Cameron. — Achei que você estivesse acostumado a engolir.

Cameron deixou que a floresta o amparasse. Ele deixou a lanterna do pai no bolso, onde pesava como uma pedra, e imaginou que poderia se fundir ao mar de escuridão entre cada árvore solitária. Talvez ali, envolto na noite,

não teria que ser o garoto com o jeans coberto de bile e uísque. Ele deveria ter acendido a lanterna, porque a floresta estava um breu, mas não queria ver nada. Apenas foi seguindo em frente, a visão embaçada e salgada, cambaleando por cima de raízes que se erguiam do chão como membros dos mortos.

Tão sozinho. Ele era tão sozinho. Cameron encontrou um ponto da floresta e se encolheu ali, tentando não pensar no pai e como ele devia ser imenso, batendo naquela garota, várias vezes, com suas mãos suadas de pai. Então, Cameron foi cambaleando de volta ao acampamento, onde todos tinham ido dormir. Não sabia que horas eram, nem se as horas tinham passado, ou quantas. Ele via as barracas de todos como uma pequena vila sob o luar. Ao lado da barraca da sra. Macintosh, a gaiola de Pauly.

Por um tempo, Cameron ficou em pé ao lado da gaiola de Pauly, que dormia aninhado no próprio pescoço. Geralmente, Pauly fazia com que Cameron se sentisse em paz, mas ele nem podia imaginar paz essa noite.

Sua mãe sempre lhe disse que era importante que um homem fosse dócil. A raiva não era algo familiar para ele. Ele pegou uma pedra no chão perto de seu sapato e apertou com tanta força que as arestas pareciam afiadas junto aos ossos de sua mão. Isso não fez com que ele se sentisse melhor.

Silenciosamente, Cameron abriu o fecho da gaiola de Pauly. Os olhos do pássaro se abriram. Assim como já fizera tantas vezes, enfiou o braço do lado de dentro, deixando os dedos tão imóveis quanto possível, dedos de estátua de mármore. Ele esperou. As cigarras cantavam suas canções persistentes.

Pauly se ergueu e pulou sobre o braço estendido de Cameron.

Ocorreu a Cameron que o corpo de Pauly era igual a todos os outros do mundo: as mesmas coisas estúpidas o mantinham vivo. Ossos ligados e músculos e tecido, e sangue correndo por tudo. Essas coisas eram inconsequentes — efêmeras, transitórias, tão fáceis de tirar. Tão fáceis de perdoar.

Algo desmoronou dentro de Cameron. Ele estava segurando as costas de Pauly com a mão direita, pensando como esse mundo era nauseante. As

asas de Pauly começaram a bater, ele sentia que havia algo errado, mas Cameron as segurava junto ao corpo frágil do pássaro. Cameron estava repleto de algo que parecia velho demais para seu corpo — e foi aumentando, aumentando, aumentando e era mais profundo que tristeza ou ira, era uma fome e ele não conseguia se livrar daquela bolha, daquela agitação. Num movimento fácil, Cameron curvou a mão esquerda por cima do bico caótico do pássaro e a direita sobre o pescoço. E girou, só uma vez.

Mais tarde, Cameron viria a ler uma estatística dizendo que gatos domésticos de subúrbios matavam 3,7 bilhões de pássaros por ano e isso o fez se sentir melhor. Ele lia sobre pardais, membros da mesma família das aves passeriforme. Eles não precisavam de muita comida para sobreviver. Então, procurou no Google *Quantos pardais existem no mundo* e não encontrou a resposta, somente que havia bilhões, muitos, para contar. Ele encontraria uma citação bíblica. Mateus 10:31: Até os fios de cabelo de sua cabeça são contados. Portanto, não tema: você vale mais que muitos pardais. Ele pegaria a edição do pai de *O mapa da anatomia humana* e lia sobre um centímetro diferente do corpo, toda noite.

A sra. Macintosh fez o comunicado no dia seguinte, quando eles estavam desarmando as barracas. *Em algum momento durante a noite Pauly havia fugido*, disse ela. *Ele agora está de volta em seu habitat natural.*

Cameron se lembrou de fragmentos do restante da noite. De como o sol espiava nervosamente por cima dos picos das montanhas, depois se abriu sobre a terra, como um ovo, escorrendo amarelo por cima da manhã orvalhada. Ele se lembrou de cavar uma cova rasa na beira da floresta, fora de vista do acampamento, enquanto os outros garotos juntavam seus sacos de dormir. Lembrou-se da coluna vertebral de Pauly, fina como um palito de dente, estalando entre seus dedos, as penas oleosas e quentes em sua palma aberta, a sensação clara de leveza que se seguiu — como se ele tivesse se livrado do seu próprio corpo e do de Pauly, da doença que praguejava a floresta.

No desenho no fundo do armário do pai, os olhos de Lucinda estavam abertos.

Ela encarava o teto, olhos como os de uma casa abandonada. Cortes pretos e zangados traçavam suas bochechas. Seu cabelo estava encharcado — o carvão tinha sido violento no papel, embaraçando, em tufo, seu cabelo geralmente liso. Ela não estava sorrindo. Seu pescoço estava desalinhado, como num filme de terror. O fundo era preto, piscinas de pó de carvão espalhadas em volta de sua cabeça angelical e deformada. No canto superior direito, Cameron distinguia um pequeno calombo rígido. A plataforma do carrossel.

Duas asas borradas saíam dos cantos de seus cílios. Aqueles olhos sorridentes... eram a digital de Cameron. Sua assinatura.

Pela primeira vez em três anos e meio, Cameron começou a chorar. As lágrimas eram quentes. Elas pingavam no retrato, criando lagos onde antes só havia papel. Porque Cameron só conseguia fazer retratos tão realistas de coisas que ele tinha visto. Lucinda morta, no carrossel, era uma delas.

Russ

RONNIE WEINBERG LHEA DERA o diário de Lucinda.
Eu vi meu professor de arte com ele, disse Ronnie.

Seu professor de arte?

O Sr. O, disse Ronnie. Ele leciona na Jefferson High.

Você pode me contar exatamente o que viu?

O diário estava embrulhado num moletom, e ele o carregou para o estacionamento. Colocou no porta-luvas de seu carro.

Tem certeza?, perguntou Russ, embora já estivesse atrás do balcão da recepcionista, usando uma das mãos para ligar para o tenente.



O professor de arte dirigia um Honda Civic amassado. O detetive Williams mandou forçar a abertura da porta, no estacionamento do Memorial de Maplewood. Ele depois alegaria que o porta-luvas já estava aberto — dava para ver o livro de capa de camurça roxa no meio de um monte de manuais técnicos e dinheiro trocado.

Eles colocaram a prova num saco plástico lacrado. Tiraram as luvas emborrachadas, espalmaram as mãos para espanar o talco e o detetive Williams manchou de branco as calças pretas ao passar as mãos nelas.

Depois de darem uma olhada, viram que o diário estava escrito só até a metade, com poemas de garotinha inúteis em cada página. Não dizia nada a

eles. Porém, já mais para o fim, uma página havia sido arrancada. Eles haviam vasculhado o carro com atenção. Não encontraram nada.

De qualquer forma, levaram o professor de arte. Conduziram-no até a delegacia, onde as vans de notícias aguardavam, famintas, insistentes. Russ recusava cada flash, olhando nos recessos das luzes brancas, pensando: ele havia feito duas promessas. Uma, à sua esposa; a outra, a um fantasma. Ele prometera a ambos que protegeria as pessoas que eles mais amavam. Russ pensou em Cameron, em como o empurrara no balanço, no mesmo playground onde Lucinda foi encontrada — aquele olhar de criança, assustadoramente velho. Russ sabia qual suspeito entregaria nas mãos ávidas da polícia, caso chegasse a isso: Ivan. Ele se recusava a pensar no motivo com afinco.



Agora o professor de arte ocupava a mesma cadeira que Ivan havia ocupado na véspera. Uma sala de reunião árida. Vários conhecidos de Lucinda entram e saem da delegacia, cada um deles trazendo informações inúteis. Lá fora, as vans de notícias especulam.

Poderia explicar os bilhetes que foram encontrados no carro?, pergunta o detetive.

As meninas da minha turma do sexto ano, responde o professor. Elas acham engraçado ficar passando bilhetes sobre mim. Acho inapropriado e os confisquei.

Um dos bilhetes diz, abro aspas: “*Você acha que ele me pintaria, como a uma de suas garotas francesas?*” Pode explicar isso, senhor?

Eu já lhe disse. É um grupo de meninas. Beth DeCasio e suas amigas. Kaylee, Ana. Elas acham isso engraçado. Eu não.

Certo. Então... Lucinda Hayes era amiga dessas meninas?

Sim.

É possível que ela tenha participado desses joguinhos?

Sim, imagino que sim.

Ela alguma vez deu indiretas de um relacionamento inapropriado com você?

Não.

Tem certeza?

Quer dizer, poderia ser qualquer uma delas, não tem como saber.

Então está dizendo que Lucinda poderia ter escrito bilhetes sugestivos, os quais você pegou e guardou no seu carro, junto com o diário dela, que, por acaso, está com uma página faltando?

Eu não sabia que faltava uma página no diário. Eu ia trazê-lo pra cá. E quanto aos bilhetes, não sei, está bem? Eu não sei.

Espera que acreditemos nisso?

Eu não sei de nada.



Quando o julgamento de Lee começou a tomar forma, durante a troca de “disse me disse” — antes de saberem que Hilary se recusaria a testemunhar, antes de imaginar que o amigo fosse simplesmente dar o fora —, Russ confrontou Lee.

Lee foi liberado sob fiança. Na maior parte do tempo, ficava em casa, com as cortinas fechadas. Do lado de fora, ele era um pária. Um criminoso. Perigoso. Também era todas essas coisas do lado de dentro, mas a crueldade de Cynthia tomava uma forma diferente de todos os dedos apontados e os olhares lançados pela população de Broomsville enquanto afastava seus filhos. Cynthia era cruel da única forma que ela sabia ser. Desprezando.

Em meio a toda confusão do julgamento, ela arranhou um emprego de meio período na loja de artesanato da cidade. Podia ser vista através da janela da cafeteria, do outro lado da rua, escolhendo nos cestos de miçangas, procurando deformidades — tumores abaloando as superfícies lisas de vidro, bolhas no centro de órbitas salpicadas de dourado. Ela era vista no parque à tarde, durante horas, empurrando Cameron nos balanços, as mãozinhas dele gélidas e vermelhas, o nariz escorrendo, necessitando

desesperadamente de um banho quente. Ela era vista em qualquer lugar, menos na própria casa, onde um monstro fixara residência em sua cama, embaixo da colcha que sua avó tinha costurado à mão, cuja estampa Russ podia ditar de cabeça. A corporação tinha ordens expressas de não visitar Lee.

Russ tocou a campainha deles, como qualquer outro visitante. Ele tinha ficado sentado do lado de fora, no carro por vinte minutos, com as mãos no colo, esforçando-se para se lembrar. Todas aquelas tardes preguiçosas no penhasco, refeições em toalhas de mesa xadrez, intermináveis jogos de gin rummy. Como se pode abrir mão de tudo isso, mesmo diante de uma prova incriminadora? Não dá. Simplesmente, não dá.

Lee abriu a porta, escancarou-a. Não se surpreendeu em ver Russ, tímido, na varanda. Russ o seguiu para dentro e eles se sentaram na sala entulhada. Russ se sentou — gracioso, como uma mulher — no braço da poltrona de couro.

Seu coração estava disparado. Galopante. Um rugido.

Por favor, disse Lee do outro lado da sala. Você é meu melhor amigo, Russ. Tem que me ajudar. As provas precisam sumir. Eles estão tentando usar o mesmo tipo de terra dos sapatos dela pra me condenar. Por favor, pela Cynthia. Pelo Cameron. Você tem que me ajudar.

Lee caminhou até Russ. Foi se aproximando, se aproximando. O galope — aquele rugido —, Russ poderia matar esse homem. Mais velho e mais querido. Mas Russ continuou imóvel, até mesmo quando Lee pousou a palma da mão na bochecha dele, a barba por fazer. Deixou a mão ali.

Protegendo, sempre protegendo.



Russ chegou depois do expediente. Tarde da noite. Não era difícil entrar na sala de provas, uma das muitas falhas do Departamento de Polícia de Broomsville. Ele sabia a senha, por ter visto a recepcionista digitar, e ela

mantinha o cartão magnético num cofre, embaixo de sua mesa, que estava sempre destrancado.

Russ não demorou muito para encontrar a caixa. Ele só tirou os itens essenciais: a blusa ensanguentada (xadrez, com botões prateados); uma calcinha barata de algodão (sem manchas, porém, catalogada, mesmo assim); duas botas de salto alto (ambas cobertas da terra macia que cobria a extensão da estrada onde Lee patrulhava, sozinho, na noite em questão).

Russ ficou dirigindo sem rumo, com as provas do ataque a Hilary Jameson enfiadas em seu porta-malas, como um corpo. Broomsville era tão pequena à noite, enquanto Russ percorria as ruas do subúrbio. Todas as casas eram iguais; novas áreas construídas pelo mesmo empreiteiro. Ano após ano. No crepúsculo, os picos dos telhados das casas eram montanhas em miniatura. Ele dirigiu em círculos durante horas, até que, finalmente, parou atrás da biblioteca pública.

Deixou o carro ligado. Tirou as roupas dos sacos de provas e enfiou tudo no fundo de uma lixeira suja, perto de um poste de luz cheio de mariposas. Ao deixar as provas incriminadoras no fundo da lixeira pública, Russ pensou mais em Cynthia e em Cameron. Não parecia justo como amar alguém fazia com que as coisas preciosas daquela pessoa se tornassem suas coisas preciosas também.

No trajeto de volta à sua casa vazia, em sua rua branca e sonolenta, Russ se lembrou das câmeras de segurança da delegacia. Duas semanas depois, quando foi descoberto que as provas haviam desaparecido, Russ ligou dizendo que estava doente. Ele ficou embrulhado nas cobertas no sofá de sua sala, certo de que viriam buscá-lo, como foram buscar Lee. Algemas tilintando. Mas não. Se o tenente Gonzalez assistiu às gravações da segurança, nunca disse nada.



Agora, Russ está perto da cafeteira. Na sala de interrogatório, o professor de arte está com a cabeça apoiada nas mãos.

Intimidação antes da interrogação, diz o detetive Williams, embora Russ veja, através dessa acusação forçada, que ele não põe a culpa no professor de arte. O homem colaborou, mesmo que abalado, e ele tem um álibi — uma turma semanal noturna, para alunos de pintura. Ele não tinha saído do estúdio de arte da Faculdade Comunitária antes de 23h na noite em que Lucinda morreu, e as câmeras dos cruzamentos mostraram que ele foi direto para casa.

Encontrei o diário na minha sala de aula, afirma o professor — e parece dizer a verdade. Lucinda pode tê-lo deixado lá. Eu o levei pro meu carro para entregá-lo depois do funeral.

Williams bate na mesa quando faz perguntas. Tática de susto. Russ está acostumando ao clima frio — ele já viveu 36 invernos no Colorado —, mas, ao olhar para o professor do outro lado do vidro espelhado, Russ sente um frio que gela até os ossos.

Fletcher, diz alguém. Fletcher. Você está bem?

Russ cambaleia para trás.

Fletcher? Fletcher, aonde você vai?



Tudo acabou na noite da véspera em que Hilary Jameson foi atacada. Russ irá pensar naquela noite todos os dias pelo resto de sua vida e sentir, ao fazê-lo, uma mistura chocante de arrependimento e anseio.

A patrulha estava devagar. Russ e Lee bebericavam café preto. Eles vinham fazendo isso ultimamente — acompanhavam um ao outro, voluntariamente, para os plantões noturnos, a dupla da insônia máxima. Naquela noite, eles estavam à toa no carro, embaixo da sombra do penhasco, ambos cansados demais para fazer a escalada e ver o sol nascer, embora esse fosse o plano original, único motivo para Russ ter ido junto ao plantão sepulcral de Lee. As casas ao redor dormiam, tranquilas e estagnadas. Eles se mantinham acordados com um jogo de Você prefere.

Você prefere: ouvir a mesma música pelo resto da vida — “Eye of the Tiger” ou “Bohemian Rhapsody”?

Você prefere: fazer sexo com sua prima em segredo, ou nunca fazer sexo com sua prima, e todo mundo achar que você fez?

Você prefere: fazer sexo com o detetive Williams ou o tenente?

Mas que porra?, perguntou Russ.

Se você tivesse que escolher. Vida ou morte.

Morte, respondeu Russ, e os dois riram.

Esse jogo é muito bobo, disse Lee.

É mesmo, comentou Russ.

Então, ficaram ali, sentados. Nenhum dos dois ligou o rádio. Julho — as árvores dançavam numa brisa casual. As axilas do uniforme de Russ estavam molhadas, e ele abriu a janela do lado do passageiro. A noite havia recaído no mundo, um manto.

Lee se remexeu no banco do motorista, colocou a mão direita no console, onde eles mantinham cigarros, camisinhas e chiclete de menta. A mão de Russ também estava no console, e ele estava remexendo num copo descartável de isopor. Cravando meias-luas com a unha, marcando o isopor branco. Quando o copo caiu no chão, perto das botas sujas de Russ, a mão dele não acompanhou.

Russ e Lee já tinham tido dez anos de conversas naqueles bancos. Agora, o vento frenético de julho vinha soprando, o mesmo ar montanhoso que saía da boca de Russ entrava na de Lee, e vice-versa. Eles tiveram centenas, milhares de conversas no carro, mas, talvez, nenhuma tão importante quanto aquela.

O que Russ sabia sobre si mesmo antes dessa noite mudou dentro dele, se reorganizou, subiu e o sufocou. Ele poderia ter fechado o vidro, poderia ter ligado o rádio, poderia ter usado a mão do console para dar um gole no café frio. Ele não fez nenhuma dessas coisas.

Em vez disso, Russ deixou a mão. Do jeito que estava — a centímetros da mão de Lee, no meio do console. Os dois olhavam pelo vidro do para-brisa, vendo a paisagem, inteiramente conscientes de seus corações traidores, seus dedos de Judas.

Ele não consegue se lembrar de quem foi a culpa. Quem eliminou aqueles dois centímetros de espaço.

Borboleta: pele. O dedo mindinho de Lee se enroscou no mindinho de Russ. A menor digital por cima da menor digital. E aquele desejo desconhecido, ardente e determinado, o desejo de enroscar mais que mindinhos — os seres inteiros —, de enroscar corpo com corpo. O desejo de devorar alguém inteiro. Cheirar, saborear, engolir. Preencher. Era paralisante e perfeito, incapacitante em sua singularidade. Esse é o motivo para eu ter vivido todo esse tempo, pensou Russ. Esse toque.

Eles ficaram ali sentados, daquele jeito, rijos, nos bancos rangentes, fingindo contar os insetos mortos no vidro enquanto os segundos passavam, cada vez mais. Mindinho com mindinho, crianças fazendo promessas que jamais poderiam cumprir.

Minutos. Doze, treze. Tudo sacudindo por dentro.

Então, um chamado: uma picape Toyota em alta velocidade, na Interestadual-25. Quarenta acima do limite. Lee tirou a mão, Russ ligou o motor, e lá foram eles, se distanciando daquele ponto imperceptível. Quando o plantão terminou, o sol nasceu sobre as montanhas, sangrando uma tinta alaranjada pelo céu. Um não olhava para o outro.

E, na noite seguinte, Hilary Jameson. Quatro costelas quebradas numa valeta na lateral da estrada.

Russ não sabe nada de amor. A pegada letal: a tristeza de quem nasce morto.

Jade



OS ARNAUD REPINTARAM A casa. Agora tem um tom amarelo-pastel. Eles também refizeram o jardim da frente — um caminho de pedras leva até a varanda, onde ficam duas cadeiras de balanço de madeira, feitas à mão, ao lado de uma mesa rústica de madeira. Aposto que a sra. Arnaud passou horas olhando o catálogo do Pottery Barn, na ensolarada bancada da cozinha. *Cette couleur?*, deve ter perguntado ao sr. Arnaud, e ele pode ter respondido lhe beijando a testa, como costumava fazer. Aposto que os Arnaud falam baixinho, em francês, antes de se deitar, a sra. Arnaud com uma camisola de seda limpa, o cabelo caindo naturalmente em seu rosto.

Nacos de neve meio derretida estão salpicados por todo lado. Sigo outro caminho até a porta, mas hesito antes de tocar a campainha. A nostalgia me impede.

A nostalgia é meu sentimento favorito. É tipo: você pensa que sabe lidar com a passagem do tempo, mas ela prova que você está errado. Você vai encostar o rosto num velho moletom, vai olhar um tom de tinta familiar na porta da frente e será lembrado do tempo que fugiu de você. Se pudesse reviver tudo, você levaria longos segundos para olhar em volta, examinar joelhos com joelhos. A nostalgia o coloca nesse perigo de recriar algo que você nunca mais poderá ter. Ela é impiedosa e, na maior parte do tempo, imprecisa.

Sinto-me bem pequena no degrau da frente da casa do Zap, com meu vestido branco e meu casaco do exército. Isso não é algo ruim.

Quando toco a campainha, a sra. Arnaud atende imediatamente, ainda usando seu conjunto preto de alfaiate.

— Olá, querida. Por favor, entre.

O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

QUARTO, DE DIA (MAIS TARDE)

CELLY observa, da porta. MENINO está sentado na cama, pressionando os polegares nas têmporas. Ele ergue os olhos.

CELLY

Oi.

MENINO

O que você tá fazendo aqui?

CELLY

Eu vim ver se você tá bem.

MENINO

Valeu. Eu agradeço.

Os dois ficam se olhando, em silêncio.

CELLY (gesticulando para a cama)

Posso...?

Menino dá de ombros. Celly funga, escondendo a mágoa.

CELLY (continua)

Sei que há uma parte em você que gostaria que voltássemos à infância, que a gente não tivesse se afastado... Sei lá.

O menino fica olhando as linhas de suas palmas. Traçando. Evitando.

CELLY (continua)

Quero que se lembre como chegamos aqui, está bem? O amor que nos levou a ser as pessoas que somos. Isso significou alguma coisa.

(pausa)

Certo?

Menino ergue a cabeça. Ele olha para Celly, agora sinceramente.

MENINO

Significou tudo.

Zap costumava ser bagunceiro. Quando éramos pequenos, ele jogava os papéis em pilhas sobre a escrivaninha. Suas chuteiras de futebol deixavam nacos de terra no chão de seu armário e suas calças jeans estavam sempre espalhadas pelo chão, como se ele as tivesse tirado e elas continuassem ali, esperando, pacientes, que as pernas dele as preenchessem outra vez.

Penso na possibilidade de fazer nossa batida secreta na porta — dois conjuntos de batidas rápidas, um galope —, mas estamos velhos. Em vez disso, dou duas batidas firmes.

— Entre — diz.

Ele está sentado na beirada da cama. De braços cruzados, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Seu corpo forma um quadrado perfeito. Seus ombros formam um T angular e a cabeça está baixa e caída, no meio, os polegares apontados para cima, na direção do rosto.

— E aí? — digo. A voz sai alta demais. — Sou eu.

O quarto dele está impecável. Ele pintou as paredes — uma é vermelha, as outras três, brancas. Na parede vermelha, ele pendurou um quadro de avisos, que cobriu com fotos dele e de vários amigos. Os meninos do time de futebol, reunidos ao redor de uma fogueira. Debruçados para fora de jipes. Todos bem bronzeados, depois de um verão de bebidas preguiçosas em docas, diversão de bicicleta pela terra, pelas montanhas.

Ele tem uma colcha nova. É preta e parece áspera. Os lençóis e o edredom estão presos nos cantos.

— Meus pais ligaram pra você, não foi? — pergunta ele, sem erguer os olhos.

— Eles estão preocupados.

Ainda estou em pé na porta. Dou um passo à frente, hesitante, torcendo para que ele me convide para entrar. Ele não convida. Os segundos passam, terrivelmente lentos, como mel escorrendo de um vidro.

— Não sei o que eles querem de mim — diz ele, ainda com os olhos fixos nas mãos.

— Também não sei.

E me ocorre que Zap e eu não ficamos sozinhos no mesmo ambiente há quase dois anos. Também me ocorre que dois anos é um tempo bem longo para se evitar alguém — formar novas maneiras de falar, para beijar garotas com barrigas chapadas. Para limpar seu quarto.

Zap ergue a cabeça. Seus olhos estão estufados e com olheiras de cansaço. Sob seu olhar, eu me sinto gigantesca. Meu vestido fica justo em todos os lugares errados e cruzo os braços para esconder as cascas de machucados que andei arrancando.

— Desculpe — diz ele. — Não sei o que dizer.

— Tudo bem.

— Não quero parecer rude. Mas realmente gostaria de ficar sozinho.

Então, eu noto: no canto, onde ele costumava guardar sua coleção dos Hardy Boys, tem um avião de aerodelismo. É pintado à mão e está dentro de um estojo de vidro. Quando éramos pequenos, Zap nunca expressou interesse em aviões de montar, em nenhum tipo de avião.

Isso me parte o coração. Acho que essa é a diferença entre amar alguém — realmente amar alguém — e fazê-lo de longe. É como poder saber cada detalhe. Você pode memorizar como ele se senta na sala, com as pernas esparramadas para os lados. Pode contar as linhas da palma da mão que ele levanta na aula de matemática, e pode conhecer os nós daqueles dedos. Mas aquelas mãos criaram algo delicado, uma miniatura e uma combinação impecável de cola, tinta e varetas. Isso exigiu cuidado, precisão e certo nível de carinho — e você não viu nada disso.

Um ano e meio atrás. Dia 4 de Julho. Foi quando tudo acabou de verdade para mim.

Amy estava fora, com as amigas, e minha mãe me arrastou para ver os fogos de artifício — dava para notar que ela estava se sentindo mal por minha causa, mas não de um jeito que a incentivasse a ser legal. Ela passou a noite me dizendo como eu não deveria usar um short tão curto, pois não era lisonjeiro para uma garota do meu tamanho, e me perguntando quando eu começaria a usar a academia que ela pagava todo mês?

A noite estava infestada de mosquitos. As crianças corriam pela beirada do lago Windfall, abanando varas de centelhas e acendendo foguetes de garrafa — essa era uma parte pública da cidade, para onde você ia se não conhecesse ninguém rico. Minha mãe trouxe duas garrafas de champanhe para ela, e as enfiou num cooler na garagem. Quando se afastou para encontrar um banheiro público, despejei meu refrigerante na grama, enchi meu copo com uma bela dose de champanhe e escondi atrás da minha cadeira de praia. Se Terry viu, não ligou.

— Vou dar uma volta — avisei a minha mãe quando ela voltou.

Ela se sentou na cadeira de praia. Examinou as unhas.

Jenna Lindhauser estava dando uma festa. Eu não tinha sido convidada, claro, mas sabia onde ficava a casa dela por causa do rodízio dos carros, anos atrás. Se o lago fosse um relógio, a casa da Jenna seria no três — minha mãe e Terry estariam no seis. Eu fui contornando, seguindo meu caminho por entre as ruas arborizadas, dando tapas nos braços, de vez em quando, para espantar os mosquitos. Até chegar à casa de Jenna os fogos já tinham começado, estourando e explodindo acima do lago. O portão lateral estava aberto, preso por uma placa de concreto; dos fundos da casa, vinha uma música alta e riso. Cheirava a churrasco. Não tinha importância eu não ter sido convidada — ninguém ia notar. Nunca notavam. Talvez esse fosse o

motivo para eu ir. Para aquela sensação inquietante de sumir no pano de fundo. Ou, mais simples, masoquismo.

Os amigos de Zap estavam ao redor de uma mesa no deck. Ele deveria estar com a galera perto da água — os fogos estouravam em vermelho, azul e amarelo, as árvores curvas acima do lago duplicavam seus reflexos.

Virei a champanhe quente do meu copo num gole, grata pela calma que veio em seguida. Eu precisava de outra bebida. A casa de Jenna era toda iluminada, de mármore, e fui seguindo até a sala de jantar, depois a sala, em busca da cozinha.

No caminho, algo me deteve. Num corredor pequeno e pouco iluminado, que saía da sala de jantar, uns sons animais vinham de trás de uma porta entreaberta.

Eu sabia como era o som de sexo. Eu já tinha assistido à pornografia na internet (só um pouquinho). Em breve, eu mesma faria: apenas dois meses depois, eu faria sexo com um garoto de dezenove anos chamado Jason, que estava hospedado no mesmo hotel das nossas férias em família, em Ohio. Ia doer, mas não ia sangrar. Ele ia puxar meu cabelo. Ele me faria ir embora logo depois, porque seus pais estavam voltando do cassino. Nunca mais ouviria falar nele.

Eu não sabia o que iria encontrar no fim do corredor escuro, mas seria algo pessoal, íntimo. Algo que eu não deveria ver. Fui em frente mesmo assim, só de onda. Isso é o que eu faço. Eu forço as pessoas. Faço com que fiquem zangadas. Faço coisas que ninguém quer.

A porta tinha uma fresta aberta e espiei.

Eles estavam na cama.

Reconheci os dedos dos pés dele. O segundo dedo era maior que o dedão, nos dois pés. E os calos nas laterais de seus pés, dos anos correndo de chuteiras — lisos e brancos, ao longo dos ossos de Zap.

Lucinda estava por cima, só com um short jeans. Suas costas eram lisas. As omoplatas tinham contornos nos lugares certos, duas camadas cobriam sua pele lisa e macia, descendo à curva perfeita do pé de suas costas. Ela tinha a cintura bem fina, poucos dedos de largura no perfil. Ela jogou o

cabelo para o lado e estendeu a coluna, seus mamilos marrons rijos, os seios durinhos erguidos para o teto.

Lucinda curvou a cabeça sobre ele. Respirando depressa. Ofegos... um gemido. O cabelo dela era uma cortina de ouro, balançando para cima e para baixo, sua boca deslizava sobre a dele, as pernas dela abertas, uma de cada lado dele, como se ela fosse devorá-lo, consumir todo o seu ser. Era quase bonito de assistir. Como uma pintura absurda de uma cena de crime — horrenda e extraordinária, tanto de ambos, que você não consegue parar de olhar.

Enquanto Zap gemia sob o feitiço de Lucinda Hayes, eu estava atrás da porta, a champanhe revirando em minhas vísceras, e pensei: essa é a sensação. Isso aqui — os lábios carnudos dela molhados sobre ele, seus dentes certinhos, a língua quente —, essa é a sensação de perder alguém.



Agora, 45 minutos depois do funeral de Lucinda, Zap pressiona as palmas nos olhos e eu mudo o peso do corpo de um pé para o outro na porta. Há muitas coisas que eu gostaria de falar, mas a maioria é irrelevante.

— Você conhecia bem a Lucinda? — pergunto.

— Como assim?

— Quero dizer, você sabia, certo?

— Sabia o quê?

— Do segredo dela.

— Segredo?

— Sobre ela e o sr. O.

— Fala sério...

— Ela estava transando com o professor de arte.

— Pare com isso.

— Dá pra ver a janela do quarto dela da minha. Eu vejo tudo.

— Você está mentindo.

— Não estou.

Eu me arrependo na mesma hora. Em parte porque é mentira. Mas principalmente porque eu sinto um prazer doentio pela forma como o rosto dele se contorce.

Isso me dá uma onda de satisfação, misturada com decepção de mim mesma e, é óbvio, culpa. Minha mãe sempre diz que tenho sérias tendências ao sadismo e, pela primeira vez, compreendo o que ela quer dizer. Parte de mim fez isso para ver se ele me desmentiria. Se ele dissesse *Você está mentindo, Jade Dixon-Burns, porque eu a conheço. Eu te conheço. Eu me lembro de você e você é uma mentirosa.* Mas nos distanciamos muito — pela primeira vez, provavelmente a única, Zap acredita de cara. Ele acredita em mim.

— Você está errada — diz Zap, meio indiferente. — Foi aquele esquisito que sempre ficava do lado de fora da janela dela. Vi vocês dois hoje de manhã, chegando ao funeral. Você está tentando proteger aquele pervertido.

— Jade? — ouço uma voz baixinha, se aproximando por trás. Os braços da sra. Arnaud estão cruzados. — Obrigada por ter vindo hoje — diz ela, mas não de seu jeito habitual, com a voz doce. Ela me ouviu.

Eu calculo a distância entre Zap e eu. Não é mais que cinco palmos, mas, eu juro, nunca me senti mais distante de alguém. É como o que Zap comentava sobre Alpha Centauri, a estrela mais próxima do céu. Ela parece tão perto, dizia, mas sabia que ela está a 4,37 anos-luz da Terra?



Deveria ter terminado um mês antes daquele 4 de Julho. Fim de maio, no terceiro ano. O mesmo semestre em que construímos o forte.

Passava de meia-noite. Eu nunca tinha à casa de Zap assim, e a gente já estava começando a desmoronar, mas eu estava com uma mancha vermelha no rosto, o formato da palma da minha mãe, e a sensação aguda de que passar a noite sozinha iria causar um estrago irreparável dentro de mim. Um dos anéis grandes da minha mãe tinha cortado a pele, pouco abaixo do meu olho. Eu não chorei — o sal não ia ajudar.

Eu tinha cambaleado até a casa de Zap com um chinelo de dedo arreventado, me afogando em autopiedade e lembrando a voz da minha mãe, embargada de vodca. *Sua merdinha inútil*. Esfreguei o braço no lugar onde eu sabia que surgiria um hematoma. Eu li, em algum lugar, que se você apertar bem o local antes do hematoma se formar, isso poderia evitar que ele surgisse. Isso não dá certo para mim. Minha pele é fina demais. Tenho a circulação ruim.

Zap atendeu a porta de camiseta preta e um bermuda azul xadrez. Suas pernas magrinhas despontavam. Eu raramente via os joelhos dele; eles eram arredondados e nodosos, nus fora da familiaridade da calça. Ele não pareceu surpreso em me ver. Fez um gesto de silêncio, apontando lá para cima. O sr. e a sra. Arnaud estavam dormindo há muito tempo.

Subimos os degraus barulhentos, pé ante pé, e entramos no banheiro de visita, que tinha uma saboneteira dourada e toalhas bordadas. Zap fechou a porta e acendeu a luz — as lâmpadas eram fortes. Quentes em meu rosto.

— Meu Deus, Jay — sussurrou. — O que ela fez com você?

— Estou bem. Nem está doendo.

Encostei o dedo no pequeno corte embaixo do meu olho para mostrar a ele que não estava doendo, mas o meu dedo ficou ensanguentado. Quando chupei a unha, senti um gosto de ferro.

— Meu Deus — disse ele, puxando uma das toalhas bordadas da prateleira e molhando a ponta na torneira.

— Não — retruquei quando ele tentou levar a toalha branquinha até meu rosto. — Seus pais vão notar.

— Aqui. — Zap tirou a camiseta por cima da cabeça. A estática deixou seus cabelos de pé. — Tenho um milhão dessas. A gente joga fora depois, está bem?

Ele molhou a manga e pressionou na pele cortada. O tecido estava fresco.

— Foi por causa do controle remoto da TV — expliquei. — Comprei as pilhas erradas.

— O quê?

— Minha mãe teve um ataque. Disse que me deu as instruções específicas e se eu não conseguia comprar um par de pilhas A, como eu poderia fazer

alguma coisa? Eu disse pra ela enfiar as pilhas no vibrador.

Zap abriu a boca do jeito que ele fazia quando a gente ria muito, mas ele não estava rindo.

— Não preciso da sua pena — eu disse.

— Não é pena. Eu só estou preocupado.

Ficamos sob a luz diante do espelho do banheiro, à meia-noite, e ele pressionava o tecido em meu rosto. Eu tinha visto Zap sem camisa uma porção de vezes, na piscina, no verão. Ali, ele parecia mais nu. Eu nunca tinha notado o jeito como sua pele mudava de cor, do pescoço para o peito. Era como um pêssego amadurecendo.

— O que é isso?

As mãos dele passaram pelo meu braço.

Um risco vermelho em meu bíceps, já ficando roxo.

— O alambrado do segundo andar.

Zap passou um polegar na pele sensível, sacudindo a cabeça. Não era incredulidade — ele já esperava isso da minha mãe. Nós dois esperávamos.

— Você ainda quer ir embora daqui? — perguntei.

— Como assim?

— Lembra? Você disse que a gente podia se mudar pra longe. Ir pra Nova York.

— Lembro.

O polegar de Zap foi deslizando pelo meu braço, passando por cima da pele arrepiada, tão devagarzinho que olhei para baixo para ter certeza de que não estava imaginando aquilo. Eu não estava. Seu polegar estava ali, sua unha limpa e cuidadosamente cortada, o nó do dedo enrugado.

Zap tinha três pelos no peito. Eu nunca havia reparado neles. Sua barriga também era uma pedra e o dorso, um triângulo. Uma trilha de penugem hesitante subia, vinda de baixo do cós de sua bermuda, traçando uma linha reta até seu umbigo. Pela primeira vez, reconheci Zap pelo que ele era: um homem.

Nós dois ficamos olhando a mão dele subindo pelo meu braço. O calor, a superfície de seus dedos escorregando por meu ombro e minha clavícula, na curva do meu pescoço, subindo pela base do meu crânio, até que ele estava

segurando meu queixo com as mãos curvas, sem saber para onde ir. Seus dedos tremiam. Pequenos terremotos.

Eu nunca tinha tocado alguém daquele jeito. Passei a mão no cóis da bermuda, hesitante. Ele encostou em minha barriga, com partes de seu corpo que eu sabia que existiam, mas nunca tinha pensado. Então, éramos só mãos, tudo em movimento, respirando rápido demais, sem saber como seguir adiante ou recuar. Arranquei a blusa pela cabeça. Desabotoei meu sutiã. Fiquei ali de jeans e chinelo, deixando que Zap visse todas as partes que eu mal podia ver em mim. O espelho do banheiro me provocava, mas eu não olhava, por medo de começar a chorar. Coloquei a mão dentro da bermuda dele e o segurei, rijo e pesado, seda em minha mão.

Zap parou. Ele abriu a boca como se não conseguisse descobrir como nos levar de volta a um momento antes disso, um momento antes de ficarmos sem roupa no banheiro e ele ficar de pau duro em sua bermuda de algodão — ele não conseguia descobrir como me contar que não tivera a intenção que isso acontecesse.

Eu também não tive a intenção. Ele não me deu a chance de dizer.

— Jay, não podemos.

— Por quê?

— Eu não...

— O quê?

— Eu não quero.

Bastou.

Depois disso, por séculos a fio, eu repetiria essas palavras para todo mundo que eu pudesse, nem que fosse apenas para ouvi-las, tirar delas o significado. Leve o lixo lá para fora. Eu não quero. Srta. Dixon-Burns, por que não escreve sua resposta no quadro? Eu não quero. Leve sua irmã para escola. Eu não quero. Por favor, fale comigo, Jade, só estou tentando entender você. Eu não quero.

E naquela noite, antes que eu saísse como um raio pela porta da frente, com meu sutiã desabotoado. Por favor, apenas ponha as suas roupas de novo. Eu não quero. Você não entende? Eu não quero. Eu não. Eu não quero.

Cameron

COISAS QUE CAMERON PENSAVA enquanto estava de pé, do lado de fora da casa dos Hayes, às 15h37.

1. Como você sabe se merece a compaixão do mundo?



Em sua lembrança, Lucinda estava junto à pia da cozinha dos Thornton.

Da localização de Cameron, atrás do carvalho, ela estava emoldurada pela janela oval. Ela observava o próprio reflexo enquanto lavava a louça, a bebê Ollie engatinhando pelo chão da cozinha, chupando um cubo plástico enquanto o velho cão cinzento mordida um brinquedo baboso no canto. Lucinda estava com uma camiseta atlética justa: suas costelas estavam aparentes, como um par de asas discretamente costuradas ao corpo de uma lagarta. Uma vez, Cameron leu que não havia duas asas de borboletas iguais e isso fez com que ele desejasse sentir os contornos raros de Lucinda.

A ideia o deixou enrijecido dentro de sua calça jeans. Ele enfiou a mão para arrumar sua ereção e sua mão esbarrou no galho mais baixo do carvalho — a árvore fez um som tilintado tão alto que a barriga de Cameron deu um tranco com o susto.

Um conjunto de sinos pendia do galho que ele tinha esbarrado. Eles tilintaram ruidosamente, um som ensurdecidor. Cameron tentou agarrá-los, para abafar o som com sua pele, mas era tarde demais.

Lucinda puxou a cortina com estampa de cerejas acima da pia da cozinha. Ela pôs as mãos em concha na janela, para olhar a escuridão. Cameron ficou imóvel. Ele imaginou seus ossos derretendo, depois novamente enrijecendo, imaginou que ele era uma estatueta feita de vidro deformado.

O rosto de Lucinda desapareceu da janela e Cameron contou até seis, antes que a porta de correr deslizasse aberta. Lucinda saiu descalça na varanda dos fundos, uma silhueta igual a uma ampulheta, os braços cruzados junto ao corpo.

— Olá? — chamou.

Cameron se encolheu atrás do carvalho, desejando que pudesse se entranhar no casco esculpido da árvore. Os sinos metálicos estavam frios na mão dele, se beijando, silenciosamente. Uma televisão tagarelava, amortecida, ao fundo, enquanto as luzes da sala iluminavam a silhueta de Lucinda.

O espaço entre Cameron e Lucinda era tenso e palpável, uma corda esticada. Eles poderiam ter caminhado nela, descalços. Não o fizeram. Em vez disso, Lucinda virou e entrou na casa, fechando a porta atrás dela.

Os grilos esfregavam suas perninhas num som estridente de sua linguagem de grilo.



Havia uma recepção acontecendo na casa dos Hayes.

Cameron estava em pé na rua, vendo a multidão pulsante de corpos vestidos de preto, ponderando, ao redor do lar dos Hayes. Eles erguiam o papel-alumínio de travessas, limpavam os olhos lacrimosos. Ele não conseguia enxergar a família de Lucinda da calçada; imaginava que eles estariam no centro da aglomeração, retorcendo as mãos, desejando estarem sozinhos consigo mesmos, mas com muito medo do silêncio. Cameron ficou imaginando quem limparia a casa depois que todos deixassem de marchar por ali. Uma tia talvez, ou uma prima fidedigna, passaria o

aspirador em volta dos pés dos Hayes, tragando a lama e a neve derretida que os pesarosos tivessem arrastado para dentro.

Havia um carro da polícia estacionado na frente da casa e uma silhueta alta, ereta, sentada dentro, observando as pessoas entrando e saindo. Então, determinado, Cameron caminhou pela entrada da garagem.

Ele não sabia o que pretendia procurar lá dentro da casa de Lucinda, mas o rosto dela borrado de carvão estava marcado na visão dele. Ele precisava de provas de que não o imaginara.

Quando entrou, a aglomeração estava tão densa que ninguém olhou em sua direção. Ele nunca estivera na casa de Lucinda com o dia claro. As pessoas comiam macarrão com garfos de plástico e o lugar tinha um leve cheiro de atum. Perto do banheiro, duas mulheres falavam dos pais de Lucinda.

— Sim, eles estão lá na sala. Estão falando, mas não muito.

Cameron não reconhecia ninguém. Pela primeira vez, ele ficou aliviado em estar numa multidão tão grande. Antes que alguém o avistasse — antes que alguém da escola pusesse os olhos nele e começasse a cochichar —, ele passou pelo corredor e subiu a escada, deixando o caos para trás.

Havia uma calma opressora no andar de cima, um vazio determinado e intruso que se alojara no carpete verde áspero e nas bordas das fotografias. Sufocante. Geralmente, Cameron gostava do silêncio, mas aquele era insuportável, comparado ao barulho lá de baixo. Malicioso.

Cameron queria examinar a parte intocada da casa, documentar de maneiras que ele não pudera fazer lá de fora. Foi quando se deu conta — de uma forma doce e explosiva — de que Lucinda havia respirado o ar ali de cima e aquele mesmo ar estava sendo reciclado para dentro dos pulmões dele, um ar sagrado que deixaria de existir depois que a família Hayes abrisse as portas e janelas muitas vezes.

Quando chegou à porta do quarto de Lucinda, ele a abriu depressa, para garantir que não daria meia-volta.

Sob a luz branca de 15h39, o quarto de Lucinda era apenas um quarto. Quatro paredes lilases e um carpete bege, no qual a empregada doméstica

tinha deixado marcas de aspirador. O computador de Lucinda não estava mais lá e havia uma marca perfeita de poeira onde ele ficava.

Alguém havia feito a cama dela. Lucinda nunca afofava os travesseiros — não, ela sempre deixava as marcas do sono, onde o peso da cabeça havia deixado a marca de seu crânio.

A bailarina de porcelana se equilibrava na beirada de sua cômoda.

Cameron já vira a bailarina de perto, apenas uma vez, quando Lucinda abriu o zíper de sua mochila no corredor do colégio, perto de seu armário — a bailarina estava no bolso da frente, inexplicavelmente acompanhando-a à escola. As estimativas de proporção de Cameron se provaram precisas: a estatueta não era maior que a mão dele. Sua perna esquerda fazia um triângulo de espaço vazio, em conjunção com a perna direita, mantida num ângulo perfeito de noventa graus, enquanto ela se equilibrava na ponta de uma sapatilha de louça.

A bailarina de Lucinda era leve na mão de Cameron.

A cama poderia ser de qualquer pessoa, a escrivaninha poderia ser de qualquer pessoa, a cômoda, idem. As canetas ali estavam, entediadas, num copo em cima da mesinha de cabeceira. Cameron segurava a bailarina, desesperado por alguma coisa que fosse inconfundivelmente de Lucinda. Ele era um continente em pé naquele quarto anônimo. Ele era um continente e Lucinda era um veleiro, circulando, circulando. Ele não podia se mexer; só podia vê-la se afastando.

Ele precisava de mais.

A porta do armário de Lucinda estava aberta. Ali estava a calça jeans preferida dela, que ela usava com sapatilhas baixas, acentuando seus tornozelos de pássaro azulão. Uma velha camiseta rosa com a palavra “AMOR” gravada na frente. O vestido que ela havia usado na festa de Halloween do ano passado. Veludo verde.

Cameron passou os dedos no vestido de veludo — era líquido, escorrendo pelos nós dos dedos e por suas mãos, tão familiar que ele jurava que podia sentir seu gosto. Sal. O perfume químico na clavícula. Amargo em sua língua.

Ele puxou o vestido do cabide. Pressionou a boca no tecido.

O banheiro de cima dos Hayes era brilhoso e arrumado. Cameron pendurou o vestido de Lucinda na borda da banheira.

Cortinas de renda branca não conseguiam manter a luz do dia lá fora — ela entrava através delas, negligente. A cortina do chuveiro tinha uma estampa listrada, de menina, e o forro da tampa do vaso era de lã rosa felpuda. Duas escovas de dente com marca de pasta branca ficavam dentro de um copo plástico, e as vozes lá embaixo passavam através do chão, abafadas, um murmúrio distante.

No espelho, Cameron parecia oco. As três lâmpadas que perfilavam o teto deixavam seu rosto branco empalidecido, com olheiras grossas, como uma pessoa doente num filme. Seu cabelo estava bagunçado, mil lugares engraçados, e uma folha estava grudada na gola de sua camisa de abotoar. Bordo. Ele tirou a folha e soltou na pia, onde ela ficou morosa, com todas as suas veias.

Ele tirou o cinto dos passadores e o soltou no tapete do banheiro. Desabotoou a camisa — pedaços de pele se revelaram como segredos. Algum dia, seu peito teria pelos como o do pai, mas agora era branco, liso e nu, com mamilos interrompendo, como uma pontuação inesperada.

Sua camisa se amontoou no chão. Cameron tirou a calça social, embolando cada perna em volta do tornozelo, depois saindo desajeitado de dentro delas.

Ele examinava a si mesmo. Cameron era um menino vestido com uma cueca branca simples, comprada na farmácia — o tipo que vem em pacotes com três. Ele era um corpo humano. Só isso. O que se passava por dentro

era irrelevante. Ele não se odiava. Ele só investigava um corpo com todas as suas partes anatômicas, todos os pedacinhos relativos, um corpo que sabia o que dava uma sensação boa e o que dava uma sensação ruim.

O vestido verde de veludo de Lucinda tinha um zíper nas costas e uma etiqueta na costura. *Oitenta por cento algodão. PP. Lavável na máquina.*

Ela tinha usado o vestido na festa de Halloween do ano passado. Cameron não tinha sido convidado, mas, a julgar pelas fotos coladas no armário de Beth, ele sabia que Lucinda e as amigas tinham se fantasiado de os sete pecados capitais. Sete garotas com rostos em formato de coração sorriam para a câmera, agachadas, uma fileira de bonecas de papel com cabelo liso e olhos de vodca. Lucinda foi como a inveja.

Cameron enfiou primeiro os pés. Ele se deleitava com o veludo, na forma como ele o deixou entrar. O cercou. Escorregadio. Seus ombros eram mais largos que os de Lucinda — quando ele puxou o vestido para passar pelo peito, abriu um rasgo na lateral. O vestido não passava por cima de seus braços. As mangas eram apertadas demais e os ombros embolaram, depois pararam em seus cotovelos.

O vestido era um horizonte verde no peito de Cameron.

Lançava calor. Um mergulho. O mesmo calor que ele sentia quando olhava o encarte do meio da revista com Rayna Era, ou quando Nicole Hartley se sentava bem perto dele na aula de ciências, o cabelo preto e sedoso dela roçava nas costas das mãos dele quando eles escreviam nos cadernos. Cameron pegava fogo. Programado para explodir.

Ele agarrou a beirada da pia com tanta força que ficou com marcas retas nas palmas das mãos. Seu reflexo no espelho pulsava para dentro e para fora. Para dentro. Para fora. Ele estava tonto. Sentou-se no forro tricotado do assento e pressionou o nariz no antebraço — ele estava com o cheiro do armário de Lucinda, aquele cheiro de baunilha mofada.

Cameron estava preocupado, com medo de vomitar. Tirou o vestido e o chutou, formando um bolo no chão, cambaleando ao vestir novamente sua calça, cinto e camisa. A estatueta da bailarina continuava em cima da bancada, testemunha da cena toda.

Ele precisava ir embora.

Enfiando a bailarina no bolso, Cameron ficou pensando no vestido caído embolado e rasgado, nos ladrilhos — parecia errado colocá-lo de volta no armário de Lucinda, então o enfiou embaixo da pia do banheiro, dobrando, morbidamente, sobre um cano enferrujado e úmido.

Os ângulos da casa dos Hayes eram todos errados. A escada era íngreme demais. O andar de cima era encharcado com aquele vazio esmagador, lá embaixo fervilhava com o show que se desenrolava.

Ele ansiava pela luz do sol, por um espaço que não pertencesse a esse amor desolado.



A Coleção de Noites de Estátua de Cameron tinha documentado muitas tardes, anoiteceres e noites, mas ele só viu Lucinda se tocar uma vez.

Ele soube que seria uma noite diferente de todas as outras de sua coleção quando Lucinda pressionou uma orelha na porta de seu quarto. Ela murmurava ao telefone. Estava vestindo uma camiseta larga e um short de algodão com pequenas flores bordadas nas costuras, como botões que abriam nas rachaduras das calçadas.

Ela deitou na cama, de barriga para cima, e dobrou os joelhos, batendo os pés descalços no edredom, rindo e balançando a cabeça que *não* para a pessoa que estava do outro lado da linha. Depois de quatro minutos e doze segundos, Lucinda pôs a mão dentro do short do pijama.

Ela puxou o short até a metade da perna. Cameron via o V de seus quadris, onde eles se fundiam com o morrinho de seu osso pélvico. Ele não tinha como saber que calcinha ela estava vestindo, mas tinha renda preta. Um pequeno punhado de pelos chocantemente escuros espetavam para fora da palma de sua mão.

Cameron tentou olhar para outra coisa, qualquer coisa, quando Lucinda começou a mexer; primeiro, devagar, a mão girando em círculos delicados. Porém, na vizinhança inteira, Lucinda era a única luz e o único movimento.

A mão de Lucinda se movia em círculos. Ela arqueou as costas. Estava começando um fogo em algum lugar onde ele não conseguia ver, uma centelha azul que ia subindo. Seus dedos dos pés, longos e finos, se curvaram, as pernas se abriam na cama, como uma borboleta. Cameron ficou pensando em que ponto duas pessoas deixam de ser duas pessoas — quando você se torna uma entidade, uma coisa ligada que pulsa, em união? Quando você se torna um movimento, ganhando alcance, indo além? Ele não sabia a resposta, mas queria ser isso com Lucinda, enquanto ela se dobrava ao calor dos próprios dedos, seus pulmões expandido e contraindo, a cabeça encostada com força no travesseiro, o pescoço delicado tão nu e tão vulnerável. Se Cameron tivesse tido a chance de perguntar qualquer coisa a ela bem naquele momento, não seria com quem ela estava falando, ou por que ela fazia aquilo para a voz do outro lado da linha.

Ele perguntaria: para onde isso a leva, minha querida — posso segurá-la pelo pescoço, ser parte dessa coisa criatura?



Em toda sua vida, Cameron só fizera uma pintura de paisagem, e foi em Pine Ridge Point.

Dali, tudo acima parecia maior e tudo abaixo parecia menor, e Cameron achou que assim que o mundo deveria ter sido moldado. As coisas boas vinham de cima. Por esse motivo, ele não podia imaginar um lugar melhor para ir quando era hora das coisas terminarem. Havia um lugar assim no Zumbido, sem dúvidas, e ele passaria todos os anoiteceres ali, vendo o sol se curvar e se recolher. Lucinda se sentaria a seu lado, com sua saia roxa favorita, em plena exuberância.

Olhe, diria Cameron. Vê quão leves nós somos?

Jade



—**C**OMO FOI? — PERGUNTA minha mãe quando eu tiro as botas na porta da frente. — Você está horrível.

No meu quarto, empurro uma montanha de roupa suja para o lado e me jogo no bolo da minha coberta, enfiada entre meu colchão e a parede. Deito por cima. O tempo paira sobre mim, incerto quanto a si mesmo.

— E aí?

Amy está do lado de fora da minha porta. Ela trocou de roupa, está com uma saia lisa de flanela — parece mais nova, como não a vejo há anos. Tirou toda aquela maquiagem da missa e, pela primeira vez, dá para ver as sardas. Seu cabelo alaranjado está preso num coque desganhado, e ela vem caminhando pelo meu tapete, descalça. Quando éramos pequenas, eu lia um livro para ela antes de dormir. Ela subia na minha cama com sua camisolinha da Pequena Sereia, com o polegar na boca, e se enfiava embaixo do meu braço. Agora, sem delineador e com o cabelo preso na nuca, ela quase parece como naquela época.

— Vá embora — digo. — Eu disse que você podia entrar aqui?

Amy me ignora. Ela se senta no pé da minha cama, cruza as pernas sob ela.

— Estou triste — comenta.

O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

QUARTO DA CELLY, DE DIA

A IRMÃ se senta na beirada da cama de CELLY, encostada à cabeceira.

IRMÃ

Estou triste.

CELLY (farta)

Meu Deus.

IRMÃ

O quê?

CELLY

Você acha que a tristeza é algo atrás do qual você pode se esconder. Estou cansada disso.

Os olhos da irmã se enchem de lágrimas.

CELLY (continua)

Não é só você. É todo mundo. Todos estão pesarosos. Você não pode sentir pesar por alguém que você não entendia, irmã. Nenhum de vocês pode. E eu não vou. Portanto, por favor, não me peça isso.

— Eu estou triste.

— Lamento.

— Ora, vamos. Você não lamenta.

— Tudo bem, não lamento.

Ela dá uma olhada para a mariposa morta no parapeito da minha janela — está ali há meses e todos os dias ela vai ficando mais clara, conforme o sol lentamente a transforma em pó.

— Você acha que foi ele? O professor de arte? Você teve aula com ele na escola. Você o conhece.

— Eu não sei, Amy. Por que está me fazendo todas essas perguntas?

— Só estou buscando a verdade.

— Foda-se a verdade.

— Você não entende, não é? Não pode dizer “foda-se a verdade” e ficar aí sentada, como se não ligasse. Lucinda foi assassinada. Isso é gigantesco.

— Talvez...

— Então, por isso que a verdade é importante. E é por isso que estou triste.

Por uma fração de segundo, me dá vontade de contar a ela sobre Zap. Quero descarregar os dois últimos anos em cima de Amy, a irmã bonita, a que tem passos leves, a que tem amigos, a irmã isenta de rompantes violentos decorrentes de insegurança. Quero que ela carregue um pouco do peso, que me ajude a manter minha cabeça infeliz de pé. Mas Amy e eu não somos mais assim.

Ela puxa uma cutícula.

Eu estendo a mão e pego meu aparelho de som na mesinha de cabeceira, e ligo “Morte na Escada Rolante”. Pronto. Amy me dá aquela olhada clássica e, com o vocal ensurdecido, ela sai do meu quarto. A música está tão alta que não sei se ela bateu a porta com força.

Estou muito sozinha.

Abro uma das cortinas.

Geralmente, quando observo a janela de Lucinda, é com um misto de fascinação, ódio e inveja. Há três dias, Lucinda estava escovando o cabelo na frente do espelho e desenrolando as fitas de suas sapatilhas de balé, e agora seu corpo está sendo preparado no porão do Hospital Municipal de Broomsville. Penso em quão solitário deve ser lá embaixo, e se, de onde quer que ela esteja agora, pode sentir o quanto todos a amam.

Abro bem a cortina e observo a recepção se desenrolando no andar de baixo. As pessoas circulam no piso principal da casa dos Hayes e, lá em cima, Lex está deitada sozinha em sua cama. A porta está fechada e uma toalha listrada está colocada, embaixo. Ela está com um braço por cima dos

olhos. Ao lado do quarto de Lex, o quarto de Lucinda deveria estar vazio, mas não está. Uma silhueta surge, desajeitada.

Eu conheço a gola amassada daquela camisa. E seu modo de andar — cauteloso e curvo, como se não se achasse merecedor de estar de pé.

O relógio marca 15h41. Antes que eu possa questionar o motivo para Cameron estar no quarto de Lucinda, em vez de lá embaixo — ou, por que ele sequer foi a essa recepção —, ele some numa parte do quarto dela que não consigo ver da minha janela. Ele só reaparece dez minutos depois, quando eu o vejo andando depressa, saindo pela entrada de carros, o capuz do moletom puxado por cima da testa, braços cruzados, como se estivesse segurando algo pesado.

Pela primeira vez desde que tudo isso começou, a tristeza me invade. Penso em Zap e em seus ombros crescidos e desconhecidos, no sr. O, trancado numa cela, em Lucinda saindo escondida pela janela de seu quarto naquela noite. E em Cameron. Como ele esperou — calculou aquele minuto inteiro, antes de sair correndo atrás dela, na noite. Acho que ele a amava, de verdade.

Todos estão buscando a verdade. Tenho muito receio de que eu precise arrombar a sua tumba.



— Jade. — Minha mãe entra no meu quarto instantes depois, enquanto estou descascando o esmalte das unhas. Arranco lascas brilhosas de preto cintilante. — Vamos ajudar na venda de garagem para arrecadar fundos para a família de Lucinda.

Ela segura uma caixa plástica gigante, cheia das minhas coisas velhas, tiradas dos confins do porão.

— Agora?

— Agora — responde. — Vamos levar lá essa noite. Última chance pra ver se há algo que queira guardar.

Ela deixa a caixa aberta ao lado da minha cama.

Roupas velhas, do sétimo e oitavo anos. Jeans boca de sino ultrapassado, um bicho de pelúcia. Reviro a tralha — não quero me lembrar daquela época da minha vida, ou, na verdade, de nenhuma época da minha vida.

Então, no fundo da caixa: o terceiro sinal de Lucinda Hayes.

O Sinal.

É uma caixinha de presente, de um par de brincos baratos, de uma loja de departamento. Rosa perolada, forrada com espuma. Quando tiro a caixinha, eu me recuso a chorar. *Não, não, não.*

A concha tem exatamente a mesma sensação, graciosamente curvada na palma da minha mão. A concha que Zap me deu há tantos anos, aquela que vivia embaixo do meu travesseiro, com suas curvas memorizadas, que eu só tocava para me lembrar. *Um dia, vamos embora juntos. Um dia, vamos dar o fora daqui. Um dia.* Agora é menor na minha mão e apenas ligeiramente menos bonita. Essa tarde, a concha é somente uma concha de uma praia da França. Uma orelha de boneca. Uma promessa sussurrada e perdida no vento.

O Sinal.

Você deve agir após os três sinais. Você tem de fazê-lo. Um terceiro sinal é a última chance.



Em minha bicicleta, Broomsville é tão limitadora, tão constritiva. Apenas um canto do mundo, com gente branquela e montanhas soltando fumaça. As casas correm de trás para a frente, uma esteira rolante suburbana, até que chego à estrada sinuosa que leva à base das montanhas.

Eu me lembro de todas aquelas tarde de brincadeiras com Lex e Lucinda. Lucinda nunca foi cruel comigo — apenas indiferente. E quem sou eu para desgostar de alguém só porque a pessoa não dá a mínima para mim? Conforme Broomsville passa voando, eu me lembro de sorrisos tímidos e ofertas vagas de limonada, Lucinda me entregando o controle remoto para que eu escolhesse o canal na última meia hora, antes que minha mãe fosse

nos buscar. Pequenas coisas que não contam como amizade, mas têm de contar para alguma coisa.

E eu me lembro do que Cameron disse, sobre lugares para onde você vai quando se sente trancado dentro de si mesmo, e vou até lá — não por mim, nem pelo Zap, nem mesmo por Cameron. Por ela. Essa garota imbecil e perfeita, com o infortúnio inexplicável de estar morta. Vou porque estou viva e ela não, e tem de haver algum motivo cósmico para isso.

É um penhasco, lá nas montanhas. É muito calmo.

Russ

QUANDO RUSS CHEGA EM casa da delegacia, Ines está em pé, na frente da geladeira. A porta enferrujada está aberta, única luz na casa. A folha de *O amor nos tempos do cólera* ainda está presa embaixo de um ímã, desbotada, com os cantos cheios de orelhas. Por trás, Ines poderia ser qualquer pessoa. Seu cabelo pende como uma cortina em suas costas.

Ele tinha saído no meio do interrogatório com o professor de arte — sem explicação. Uma necessidade frenética de sair de debaixo das luzes da delegacia.

Ines?, pergunta Russ baixinho.

Quando ela se vira, as lágrimas se acumulam em seus cílios. Algo está errado. Ela olha muito triste para Russ, que segura a chave do carro com força no punho fechado. A cozinha está toda na sombra.

O que foi?, pergunta ele.

Russ, diz ela, com a voz trêmula. Tem uma coisa que preciso contar.

Ines recosta na porta da geladeira, ao lado de um frasco grudento de mostarda e um litro de Pepsi sem gás. Russ, diz novamente, mas dessa vez com um tom de pedido de desculpas, uma palavra que ela entendeu macia, só para ele. Atrás dela, um pimentão solitário e murcho na gaveta de legumes.

Eles haviam começado a se encontrar meses atrás, no bar do hotel Hilton Ranch, para falar sobre Ivan. Marco acabara de iniciar seu programa na faculdade comunitária e sabia tudo a respeito de empréstimos estudantis e inscrições — talvez, esse fosse o passo seguinte para Ivan. Ele poderia colocar toda a sua filosofia em prática. Marco sugeriu serviço social.

A partir dali, simplesmente aconteceu, diz Ines. Peço desculpas.

Russ pega a chave, a carteira, a jaqueta. Antes de sair, pergunta uma coisa.

Você o ama?

Mas Russ sabe a resposta. Talvez, em vez disso, ele deveria ter perguntado Você me ama? Mas Ines está chorando, com o rosto nas mãos.

Você ama Marco?, repete Russ, uma das mãos na porta.

Uma estranha me perguntou isso ontem à noite, diz Ines. Até então, eu não sabia, mas, sim, acho que sim. Acho que amo.



Russ levou Ines ao penhasco, nas montanhas. Aniversário de Lee, cinco anos depois de ele partir.

Eles desceram do carro em meio ao vento na estrada sinuosa, na floresta, e Ines estava tremendo. Russ lhe deu a jaqueta de seu uniforme. Eles fizeram a caminhada acima de mãos dadas. Quando chegaram ao topo, Ines resfolegou. Russ quase tinha se esquecido da beleza do lugar, da reserva se estendendo abaixo do penhasco, vitrificada e esperançosa. Do outro lado, a cidade e um aglomerado inexpressivo de casas beges.

É lindo, comentou Ines.

Eu sei, disse Russ. Esse era meu lugar favorito.

Era?, perguntou Ines.

Russ assentiu e não falou mais nada. Passou os braços em volta da cintura da esposa e inalou seu aroma familiar. O topo do couro cabeludo. Ines, tão morna junto ao seu dorso, carnuda e maleável. Era fim de tarde, e o sol

furava o céu como uma ferida aberta. Fazia um mês que não chovia e a reserva estava lentamente se transformando numa cratera rachada e seca.

Russ tentou não pensar em Lee enquanto Ines o beijava no pescoço. Mas aquele lugar trazia lembranças. Ele deitou Ines numa faixa empoeirada de terra e depois se deitou por cima dela. Ela riu, presa embaixo dele. Bem aqui? Assim, a céu aberto?

Só se você quiser, disse Russ, e ele tracejou a lateral do rosto dela com o polegar.

Eu quero.

Russ deu uma parte de si mesmo a ela, o mesmo músculo láctico que já havia amado e estourado. Ines aceitou aquela coisa frágil, doída. Beijou-o levemente. Quando gozou, Russ chorou. Despencou em cima dela. Ines segurou o rosto dele com as mãos e sugou suas lágrimas dos cantos dos olhos.

Eles nunca mais falaram sobre aquele dia e nunca mais voltaram ao penhasco. Ines não perguntou a Russ o que o fizera se expor daquela forma. Ela movera sua peça no longo jogo que eles jogavam, essa retenção de informações cruciais. Russ ficou grato por ela não ter perguntado, por ela ter deixado aquela vasta distância de buraco negro entre eles. Segredos ainda eram segredos. Esposa continuava esposa. Algum dia, ele lhe contaria, jurou Russ enquanto desciam pela montanha, grudentos, com olhos lacrimosos e perplexos. Ele pensou naquela noite, na Califórnia. Conte-me sobre as pessoas que você já amou. Algum dia, Russ contaria, e quando a levasse ao penhasco da montanha novamente, seria só por eles mesmos — Ines e Russ e o vento acima do lago. Nada de fantasmas.



Na noite em que fugiu, Lee não foi direto do revendedor de carros para a estrada. Não, ele encostou na garagem de Russ com o gorro puxado sobre a testa. Camiseta verde, bermuda de brim. Chinelos de dedo.

Eles ficaram no hall da frente da casa de Russ. Isso foi antes de Ines, é óbvio. Russ não limpava a cozinha fazia meses e os ratos circulavam por paredes e armários.

Pra onde você vai?, perguntou Russ quando o silêncio se estendeu entre eles e fechou a garganta dos dois. Nada de ar.

Oeste, disse Lee. Isso faz diferença?

Não fazia.

Cuida do meu menino?, pediu Lee.

Está bem. Está bem.

Não havia mais o que dizer. Um abraço teria sido insuportável, um aperto de mão, distante demais, então Lee apenas deu de ombros.

Está certo, então, disse Lee.

E lá foi ele.

Somente quando o carro de Lee rugiu ao deixar a entrada da garagem que a casa de Russ voltou a ser a velha casa imunda de novo. Então, quis perguntar Russ. Como pôde fazer isso? Não era uma pergunta em relação a Lee ter cometido o crime. Não. Ele queria perguntar: como pôde fazer isso comigo?

Ele queria saber como Lee havia escondido uma escuridão tão devastadora, como havia permitido que essa escuridão tivesse escapado de seu controle brevemente. Como, nesse novo mundo, Russ poderia entender a natureza da violência. Porque a violência específica de Lee — fútil e desnecessária — era algo que Russ não poderia perdoar.



Agora, Russ faz a única coisa que lhe traz calma: ele entra em sua viatura. Liga o motor que tosse no ar frio. Muda a estação para uma rádio FM local, no qual o noticiário relata a investigação — pistas substanciais, e ainda sem prisão.

O telefone de Russ toca quatro vezes seguidas. Seu bip vibra no painel. Russ deve voltar à delegacia, mas, em vez disso, vira em direção à estrada

que vai levá-lo às montanhas.

É em Ivan que Russ está pensando, Ivan e seu sermão sobre o mal. Se o mal não existe, como explicar aquela pombinha quebrada no carrossel do playground — como explicar Lee Whitley?

As montanhas estão frescas e angulares à distância. Russ pega a rota da rodovia — ele não passa pela delegacia. Em vez disso, passa pela antiga casa de seus pais, logo após a saída 265.

Pensa em Ines e no lar que eles hesitantemente tentaram construir: nos cantos de sua casa, com bolos de poeira e cabelos que se acumularam onde o aspirador, desanimado, se recusa a alcançar. Nas camisetas surradas que Ines usa para dormir, mesmo depois que Russ lhe deu uma camisola de seda como presente de Natal. Ao abrir a caixa, ela a afagou delicadamente, disse obrigada e colocou de volta na caixa. Russ nunca mais a viu. Ines, e como ela come a comida sem erguer os olhos, colocando a mesma quantidade de comida em cada garfada. Ines e seus mundos separados, vividos em conjunto, no sofá à noite, num silêncio distante, mas companheiro — Russ, porque ele quer um corpo perto do seu; Ines, por causa de seu irmão. Ambos, porque é fácil. As mãos e os pés de Russ o levam adiante. Passam pela reserva. Sobem pelas colinas.

As montanhas ajoelham, implorando para que ele volte para casa.

Cameron

A MÃE ESTAVA NA COZINHA. Através da janela dos fundos, ela parecia uma pessoa qualquer: outra vizinha tirando folhas de um pé de manjeriço. Através do vidro, ela nem parecia tão triste. Apenas velha e muito cansada.

Cameron pegou a rota habitual até seu quarto: ergueu-se do canteiro abaixo da janela até segurar na borda, com as duas mãos, como alguém pendurado de um penhasco. Impulsionou as pernas contra a lateral da casa, para ter mais tração, e se ergueu passando pela moldura da janela.

Ele tirou os sapatos enlameados sob a janela. Seguindo sorrateiramente pelo corredor com as meias amareladas, ficou ouvindo, para ter certeza de que a mãe ainda estava na cozinha. Ela tinha ligado o rádio, um jazz suave, e o som profundo do saxofone ecoava pelo corredor. Ela não cantarolava de boca fechada. Não ficava zunindo.

O quarto da mãe estava uma bagunça. Lençóis floridos embolados no pé da cama e canecas com saquinhos endurecidos de chá se acumulavam em sua mesa de cabeceira, onde ela mantinha seus livros atuais: *O segredo do pensamento positivo* e *Psicologia e Desenvolvimento infantil para burros*. Cameron se ajoelhou ao lado da cama e puxou a caixa de madeira que ficava lá embaixo.

O revólver calibre .22 estava em seu esconderijo. Continuava em sua caixa com fecho quebrado, um tesouro enterrado.

Cameron o pegou com cuidado para não tocar nas partes perigosas. A mãe tinha guardado uma caixa de balas Aguila revestidas em cobre no pequeno compartimento embaixo do espaço principal da caixa. Cameron

não as pegou — a julgar pelo peso da arma e a tensão do gatilho, ela ainda estava carregada.

Com cautela, ele colocou a arma atrás do cós da calça jeans. A .22 estaria segura ali, entre a calça e sua cueca samba-canção. Ele ainda conseguia sentir o metal frio através do algodão.

Antes de sair, checkou o banheiro da mãe. Se Lucinda algum dia voltasse para ele, torcia para que acontecesse naquele momento. Mas o banheiro era só o banheiro, com limo acumulado na pia e um sabonete amarelo rachado em sua saboneteira de plástico.



Não entendo como você desenha a partir da memória, disse a mãe uma vez, quando Cameron espalhou seu material de arte no chão da sala. Ele vinha trabalhando no retrato de uma dançarina. *Como consegue guardar todos os detalhes?*

Cameron deu de ombros e disse: *Acho que não consigo descobrir como me livrar deles.*



Agora, a mãe estava sentada à mesa da cozinha, a luz de fim de inverno recaindo sobre ela em belos raios amarelados. Ela olhava uma folha retangular de papel. Uma das mãos leves estava sobre a boca. Ela tinha desligado o som e estava curvada sobre a versão de Lucinda esmagada sobre o carrossel.

A pintura do Zumbido pendia bem acima da mãe e de Lucinda — a confiança renovada.

Cameron puxou uma cadeira do lado esquerdo da mesa, arrastando-a no chão de madeira. Sentou-se ao lado da mãe e, juntos, eles examinaram aquele retrato.

Mesmo naquela situação, Lucinda continuava bonita. A mãe dele também achava. Dava para notar pela forma como os olhos dela percorriam os trechos escuros, lugares onde Cameron tinha passado o carvão com tanta força que criou cavidades na pele da menina real, viva. E as partes brancas, onde o sol da janela da cozinha batia em sua pele clara de papel, onde seus contornos se preenchiam, onde o maxilar se salientava para fora, acima do pescoço. Com aqueles olhos fixos, mesmo no retrato, cegos e gelados, Lucinda era uma visão. Ela era uma combinação brilhante de luz e escuridão. A sombra e seu contraponto resultante. Ela era luminescente.

— Cameron, me diga o que é isso. Por favor, querido. Preciso ouvir de você.

— Eu sinto muito — respondeu Cameron, porque era de verdade o que ele estava sentindo. — Preciso ficar sozinho no meu quarto um pouquinho.

A mãe não respondeu, só sacudiu a cabeça para a Lucinda arruinada. Seu queixo estava tremendo e suas mãos enlaçavam uma caneca de chá com força, para não tremerem.

Cameron não gostava de tocar, mas estendeu o braço em volta da mãe. Ele tentou segurá-la, mas os braços sinuosos, o pescoço e as clavículas da mãe mergulharam na direção da mesa. Ao toque do filho, os olhos da mãe se encheram de lágrimas. Cameron recuou. Ele não queria fazê-la chorar.

Queria se despedir dela, dizer que a amava, porém, em vez disso, apenas observou seu perfil desolado. Cameron se lembrou de como o pai costumava observá-la e tentou ver a mesma coisa. A mãe tinha traços tão graciosos.

O menino pôs a palma da mão atrás do pescoço dela, como se segura um bebê, depois a deixou sentada à mesa com sua tristeza.



A periferia de Broomsville era plana e aberta. Casas decaídas brotavam junto à estrada, com seus caminhos dilapidados e celeiros despencando, bandeiras americanas esfarrapadas acenando no espaço vazio. As pessoas

dali viviam de modo diferente: elas se sentavam em sofás velhos e assistiam a televisores granulados e tomavam chá gelado feito em casa. As casas sumiam na paisagem. As pessoas sumiam junto.

Cameron passou por essas ruas para chegar à base de Pine Ridge Point. Meia hora, pouco mais de um quilômetro e meio. Ele usava a jaqueta preta de esqui por cima do moletom, por cima da arma.

Ele subiu sem pensar. Recusava-se a olhar para trás conforme subia a lateral da colina com a calça social engomada, os sapatos pretos que usou no funeral derrapando pelas rochas. Pedrinhas rolavam montanha abaixo atrás dele, miniaturas de deslizamentos.

Eram só 16h45 quando Cameron chegou. Queria assistir ao sol se fundindo ao preto, mas ainda haveria meia hora de um azul implacável. Ele tinha aquela sensação sagrada nos ossos — uma sensação que só se tem no topo de uma montanha, quando o vento está soprando e você está sozinho.

Se Cameron pudesse responder a Janine, lhe diria que sim, ele ficava muito mais feliz sozinho do que com outras pessoas. Com elas, você não podia se sentir assim — como parte do lago esparramado lá embaixo. Imóvel como uma fotografia. Você só podia ficar imaginando qual era a sensação de ser uma montanha. De se manter tão firme, tão convicto, daquele jeito.

Na outra direção, telhados vermelhos estavam salpicados de neve branca de modo que parecia caspa. Isso era Broomsville: um conjunto de peças de banco imobiliário cuidadosamente colocados em grupinhos ao redor de planícies extensas. Ao além, ele não conhecia. O mar, em algum lugar. Mais gente. Ele pensou no pai, mas não por muito tempo.

Cameron cambaleava, ofegante, na beirada do penhasco. A queda só tinha seis metros — abaixo disso, um platô atrás do outro, até chegar a água. Cameron se sentou numa pedra pequena, perto de onde a terra se transformava em ar, e tirou a bailarina de louça do bolso. Ela tinha sobrevivido à escalada. Imaculada. Ele equilibrou a bailarina na palma de sua mão, que estava suja de terra vermelha, e pensou em como, em algum lugar por aí, além dessa cidade pustulenta, outras pessoas haviam matado.

Ele ficou pensando nos motivos para que elas matassem. Compulsão, talvez. Ou como no cinema: as pessoas matavam por sexo ou por dinheiro.

Cameron ficou aliviado em pensar que se, de fato, ele tivesse matado — teria sido por um amor monstruoso.

Dois dias antes de morrer, Lucinda o amara, no quintal.

Fazia só vinte minutos que ele estava parado como estátua, quando ela abriu a janela do quarto e tirou a tela.

Cameron sempre acreditou que é possível sentir quando as coisas terminam. Dentro de você. No ar ao redor. Agora, as luzes da rua estavam zunindo e Cameron tinha a sensação nítida de que, após esse momento, ele passaria a existir numa era diferente.

Lucinda ergueu a mão direita e a manteve assim, num aceno solene. Seus lábios se curvaram num sorriso destinado somente a ele.

Cameron nunca havia se sentido tão completo. Eles estavam conectados, eram inegáveis.

Ela era um pássaro, pousado e curioso. Ele estendeu o braço. E esperou.

Pine Ridge Point era como uma parte de sua canção predileta — entre o meio e o refrão, onde você ficava na expectativa, aguardando o rompante musical inevitável levá-lo. O vento soprava em meio aos galhos dos pinheiros, como mãos macias em agulhas. Tudo convergia numa agitação, uma combinação de melodias consoantes, uma série de canções para Lucinda.

Cameron podia ouvir todas as palavras que ela não diria. Os ombros que ela não tocaria. Os morangos que ela não comeria. As inúmeras vezes ao dia em que ela não piscaria. Os copos de limonada que ela não tomaria, o esmalte branco que não se espalharia em suas unhas, as milhões de

tonalidades de vermelhos e laranjas e rosas que ela não veria, se deitando silenciosamente na cama, por trás das montanhas.

Coisas que Cameron perguntava a si mesmo:

Como se explica a maldade dentro de você?

Com a chama branca solar em suas pupilas, Cameron puxou a .22 da cintura. Ele jurou que, se sobrevivesse a esse dia, ele nunca mais diria uma palavra a outro humano, pelo resto da vida, nem mesmo se essa palavra fosse “perdão”.

Jade



OS GAROTOS DA ESCOLA se referem ao penhasco casualmente. É um ponto conhecido para pegações — o penhasco é alto, mas não perigoso. De lá se tem uma vista da reserva e, à noite, a lua paira sobre a água como uma lâmpada acesa. Ano passado, fui lá com Jimmy Kessler. Sua boca parecia um sugador e ele tinha gosto de leite azedo. Quando a gente voltou para casa, tomei um banho bem demorado — a água escorria fria e minha mãe esmurrava a porta.

Agora é a *golden hour*. O sol se derrete feito açúcar. As íris ganham mais camadas. Majestosas montanhas roxas.

Quando chego à base do penhasco, encosto minha bicicleta num álamo. Minhas pernas estão queimando quando dou os primeiros passos para subir a trilha seca e íngreme. Poeira vermelha cobre minhas botas pesadas.

Quando chego ao topo, o sol já está se pondo, com raios tão densos que quase dá pra pegar um punhado com a mão. Eles se filtram em meio aos galhos nus, espalhando sombras pelos platôs.

Cameron está sentado na beirada, os pés balançando no abismo. Ele não tem uma aparência específica. Suas costas estão rijas, não de um jeito natural, e ele olha para o espaço desconhecido abaixo, o capuz do casaco de inverno caído por cima da testa, engolindo-o.

Eu imagino, só por um segundo, como seria ficar com ele.

Cameron faria as coisas de outra maneira. Ainda iria doer. Mas ele não diria, *Olha, é melhor você ir; meus pais logo estarão de volta*. Ele ficaria trêmulo. Nervoso. E, depois, passaria os braços em volta de você e beijaria

sua testa, e vocês ficariam deitados até que não estivessem mais ofegantes. Cameron sabe observar. Por esse motivo, imagino que ele seja muito diferente de Jason, de Ohio, ou Jimmy Kessler, ou até de Zap. Cameron a olharia como se fosse uma pintura que ele não quer entender, e estudaria cada pincelada. Ele veria algo constrangido e algo sensível e rachado e frágil, e tracejaria essas coisas com suas mãos de artista.

Cameron nunca vai me olhar dessa forma. Eu não quero que olhe. Mas é engraçado poder imaginar isso, conhecer alguém tão minimamente. É tangível.

— E aí? — digo.

Cameron está quase invisível por trás da cortina de seu capuz. Uma das mãos está dentro do bolso.

Eu me sento a seu lado, balançando meus pés no mesmo ritmo que os dele. Minhas botas batem na parede do penhasco e algumas pedrinhas caem atrás de outras, beirada abaixo.

— E aí? — responde ele.

— Vi você naquela noite. Antes e depois. Vi você voltar sem ela.

— Por favor, vá embora.

— Você a seguiu até o parque. Voltou cambaleando. Parecia bêbado. Vomitou nos arbustos da frente da casa dos Hansen. Lembra?

Ele está chorando. As lágrimas caem velozes, mas ele não se mexe, nem um músculo.

— Quer saber de uma coisa? — pergunto.

— Claro.

— Eu queria que ela morresse.

— Isso é algo terrível de se dizer.

— Eu sei. Então, não contei para ninguém o que vi.

— Você não me deve nada.

— A você, não. A ela. Vim até aqui por ela. De qualquer forma, não somos tão diferentes, você e eu. Quer saber de outra coisa?

— Claro.

— Só dá pra ver 59% da lua, da superfície da terra. Não importa aonde vá, no mundo inteiro. Você verá a mesma face. Esses 59%.

— Por que está me dizendo isso?

— Só estou dizendo. Nós sabemos disso, mas isso não nos impede de continuar olhando.



Na noite em que voltei para casa, depois daquela cena horripilante na casa de Zap — *Eu não quero* —, fiquei diante do espelho do meu banheiro. E me estudei, com minha camisa rasgada, minha calça jeans apertada demais nos quadris e a pele que pulava para fora, como o topo de um cupcake. Foi um ódio ardente. Um desprezo completo e incapacitante pelas próprias células que me compunham, pela forma como aquelas células replicavam sem permissão, como os ossos cresciam sem meu conhecimento e a pele consentia, dobrando por cima, dessa maneira intolerável.

Peguei um alfinete da caixa de costura da minha mãe no armário de roupa de cama. Levantei a blusa e furei minhas costelas 815 vezes, não com força para tirar sangue, mas o bastante para deixar uma linha de “ligue os pontos” em cada costela flácida, um poema em braile que eu jamais aprenderia a ler.

Não pode ser isso, pensei. Isso não pode ser amor.

Esse amor podre estava grudado em minha pele, úmido, orvalhado. Naquela noite, no banheiro, eu não conseguia imaginar a possibilidade de arrancá-lo, permitindo que uma nova pele rosada respirasse. Então, durante anos, eu o vesti como um manto, esse amor deteriorado. Uma desculpa.

Agora, no penhasco, descubro que não há desculpas a serem inventadas.



Cameron tira um pequeno objeto do bolso.

A coisa parece deslocada na mão dele. É uma menininha feita de porcelana, deitada de lado sobre a linha da vida avermelhada na palma dele. Uma bailarina. Eu reconheceria aquela estatueta em qualquer lugar. Ela tinha o rosto mais artificial e um sorriso horrendo — o tipo de sorriso que você sabe que é um disfarce para outra coisa.

— Onde você pegou isso? — pergunto. — Na casa dos Thornton?

— O quê?

— Essa bailarina. Ela pertencia à bebê que Lucinda e eu costumávamos cuidar. Ollie Thornton.

Quando vou tocar a estatueta, examiná-la, ele ergue a outra mão. Ela está pousada com a palma para cima, sobre uma pedra, entre os nossos dois corpos.

Seu dedo indicador está preguiçosamente enlaçado no gatilho de uma pequena arma preta.

Eu nunca tinha visto uma arma. Então, me ocorre que somos apenas crianças.

Cameron

A ESTATUETA DE BAILARINA ERA de Ollie Thornton.

Conforme o dia 15 de fevereiro veio se despejando por cima de Cameron — a última vez que ele viveria sua Coleção de Noites de Estátua, e mesmo diante do choque do reconhecimento —, ele desejou poder parar a onda da lembrança, o naco perdido de tempo que ele havia passado os últimos três dias relutantemente tentando recuperar.

Ao se lembrar de 15 de fevereiro, ele se permitiu pensar somente no Zumbido. Lucinda estaria sentada na beirada da cama. Os lençóis seriam brancos e limpos. Ela prenderia o cabelo atrás da orelha, com uma de suas mãos finas e deslumbrantes. As mãos favoritas de Cameron, no mundo inteiro. Lá fora, os pássaros cantariam as boas-vindas.

Finalmente, imaginou Lucinda dizendo. Ela iria sorrir. Um fantasma. Sublime. *Você está em casa.*



No dia em que morreu, Lucinda deixou seu diário em cima do bebedouro no corredor da sala de artes.

O livro de capa de camurça roxa estava em cima do metal frio e vibrante. Quando Cameron o encontrou, sentiu-se em êxtase e terrivelmente mediano. Em êxtase porque aquilo era a chave para entendê-la, e mediano

porque ele sabia que não iria abri-lo. O diário pertencia somente a ela — ele não lhe tiraria isso.

Quase todo mundo já tinha ido embora da escola, exceto alguns professores que estavam corrigindo testes em salas vazias. Um grupo de garotas virou no fim do corredor e sumiu de vista — elas riam como meninas, vozes estridentes ecoando pelo chão de linóleo e vitrines de troféus.

Duas noites antes, Lucinda o vira no quintal e erguera uma de suas mãos esguias, em solidariedade. Por mais de um ano, Cameron tinha observado, uma presença que não participava da existência dela. Observador imperturbável, espectador dedicado. Mas o diário mudaria isso — ela o deixara de propósito. Cameron tinha certeza disso. Ela havia erguido a mão para ele. Dessa vez, ela o estava chamando, convidando para entrar.

Ele enfiou o diário em sua mochila e caminhou para casa, como sempre.



— Ora, mas você parece bem feliz — disse a mãe naquela noite, sorrindo para Cameron, curiosa, mas prudente. Ela havia feito o jantar de um saco lacrado, uma daquelas massas prontas que você joga na água fervendo. — Algum motivo em especial?

Cameron não podia dizer a ela qual era a sensação de ter seu amor correspondido.

Era como ser uma semente plantada num vaso.

Era como o tom certo de amarelo.

A última pincelada numa obra-prima extraordinária.



Às 21h15 daquela noite, Lucinda tinha se encolhido em posição fetal em sua cama, as costas viradas para Cameron. Ele segurava firme o diário. Não o abria. Ele não iria traí-la.

A família de Lucinda assistia à televisão na sala — Lex estava esparramada no chão com uma tigela de sorvete. A casa estava na penumbra.

Ele havia ensaiado o que diria quando a mãe dela atendesse à porta, *Lucinda está? Estou com uma coisa dela*. Lucinda desceria a escada descalça e recostaria no portal. Eles seriam duas pessoas se encarando, numa conversa trêmula, imprevisível.

Cameron odiava a ideia. Ele queria deixá-la assim, perfeita sobre as cobertas, com uma folha de vidro entre eles. Segurava o diário grudado à barriga, pensando que ele a amava mais quando ela estava distante o suficiente para existir ternamente, sem saber de sua plateia. Ele a adorava mais nessas tranquilas Noites de Estátua.

Essa noite foi diferente. Lucinda desenredou seus membros. Desceu rapidamente de sua cama. Vestiu seu casaco de inverno (amarelo, como um edredom) e caminhou até a janela.

Ela abriu a janela, olhou para Cameron, lá fora, com seus olhos verdes amendoados. Tirou a tela e passou uma perna. Respirava ofegante — a cinquenta metros, podia estar chorando ou resfolegando. Passou da janela do quarto para o telhado da varanda. Retorceu as mãos. Juntou coragem. Pulou.

Lucinda aterrissou no chão gélido com uma batida delicada, a alguns metros de distância de Cameron. Mais de perto, ela parecia diferente. Muito mais velha que quinze anos. Ela tinha um caminhar bem mais velho que quinze anos, com um balanço de dançarina profissional, rebolando os quadris.

Ele poderia ter estendido os braços. Poderia tê-la tocado. Ele poderia ter dito *venha comigo*.

Mas Lucinda deslizou pelo gramado e pelo portão dos fundos, e o fechou com cuidado. Cameron contava, o mais devagar que podia, soprando as mãos para aquecê-las. *Sessenta e três, sessenta e quatro*. Ela não virava. Ela não estava vindo a seu encontro.

Ele a seguiu.

Cameron a seguiu até o final do quarteirão: uma fada, sob as luzes ocasionais da rua. O brilho da luz de seu celular era azulado em suas mãos.

Lucinda estava usando sua saia favorita com um par de leggings em preto e prata. A saia era roxa — aquela do dia da foto do álbum escolar. O cabelo dourado pendia em suas costas, balançando e dançando com Cameron. Ele a seguiu até que eles chegaram ao playground vazio da escola primária.

Cameron parou na beirada do playground, mas Lucinda continuou andando, até a cerca dos fundos, perto do quintal dos Thornton. Ela olhou para o alto. Parou embaixo do grande carvalho onde Cameron ficava, às terças-feiras, observando-a embalar a pequena Ollie, fazendo-a dormir.

Cameron ficou perto das quadras de tênis, segurando o diário, enquanto Lucinda estendia a mão e balançava os sinos num galho baixo.

Os sinos de vento.

Os sinos de vento nos quais Cameron acidentalmente havia esbarrado — eles tilintaram na noite fria. Dessa vez, de propósito.

Uma porta dos fundos foi aberta, depois fechada. Uma silhueta vinha, nas pontas dos pés, saindo da luz. Cameron tentou mergulhar bem fundo, em si mesmo, tornar-se uma Estátua. Ele nunca se sentira tão mortificado.

Cameron se lembraria desse momento como prova: Lucinda deu meia-volta, olhou de volta para ele, na sombra. Diretamente em seus olhos. Aquele olhar marcante, alpino. *Testemunhe*, parecia dizer.

Um homem feito estava pulando a cerca dos Thornton, se encontrando com Lucinda embaixo do carvalho. Ele a puxava pelos quadris para bem perto e afastava o cabelo de seu rosto com mãos de adulto. Ele a beijava na boca, sob o luar, e os sinos de vento cantavam sua melodia metálica.

O sr. Thornton. Ele estava com um casaco de lã, o zíper aberto. Sapatos brilhosos. Uma camisa de botões, sem gravata, com alguns botões abertos, revelando um punhado de pelos no peito. O sr. Thornton estava beijando Lucinda na boca, encostando a testa na testa dela e passando suas mãos de pai nos quadris esguios de Lucinda.

E saiu com o cachorrinho manco. O sr. Thornton soltou a coleira, e o cachorro ficou feliz de estar lá fora e livre, fungando letárgico ao redor do tronco da árvore com os sinos de vento. O sr. Thornton apertou a corda extensora, como se fosse uma trena, segurando um quadrado azul de plástico pela alça. Essa era a volta que o sr. Thornton dava, às 22h — Cameron sempre ia para casa, quando ele levava o cachorro para passear, temendo compartilhar seu espaço noturno.

Cameron ficou atrás da árvore. O casco do tronco tinha desenhos que ele podia ter moldado com as próprias mãos — rostos encarando, rostos julgando e alguns que observavam, previsivelmente, enquanto Lucinda retribuía os beijos do sr. Thornton.

Eles sussurravam coisas que Cameron não conseguia ouvir. Ocorreu-lhe como se pode observar as pessoas por uma vida inteira. Você pode observar enquanto elas cantam junto com a música, mas você nunca saberá qual é a canção. Pode observá-las tomando uma caneca de chá antes de dormir, mas não saberá do amargor que elas sentirão em suas línguas. Pode observá-las falando ao telefone, mas elas podem estar apaixonadas pela pessoa do outro lado da linha. A visão era útil e também bela — mas não era necessariamente a verdade. A verdade era uma rocha alojada no fundo das vísceras de Cameron e, antes que ele pudesse dar meia-volta, antes que pudesse deixar o diário dela no chão, perto das quadras de tênis, para que o frio o congelasse, Lucinda e o sr. Thornton começaram a gritar.



Cameron só ouvia as palavras mais altas.

— Você não faria isso — disse o sr. Thornton. — Sei que não faria.

Aconteceu num instante, tão banal e aparentemente tão sem importância, que Cameron não entenderia como a morte já havia aparecido.

O sr. Thornton estava cravando seus dedos de homem nos ombros de Lucinda. Ela estava se soltando e o sr. Thornton a pegava. Ela cambaleava para trás, dando passos rápidos pela grama. Ela virou e correu para o playground e o sr. Thornton correu atrás dela.

Ele a alcançou no carrossel. Num golpe veloz, o braço dele, pesado com a trava da coleira daquele pobre cachorrinho — um lampejo de plástico azul na palma de sua mão —, bateu na lateral da cabeça dela.

Um pequeno grito enquanto ela caía. Rapidamente silenciado.

Cameron queria gritar. Não: ele queria que Lucinda chamasse por ele. Queria que ela mostrasse que sabia que ele estava ali, observando, sempre observando. Que Cameron a amava e ajudaria. Mas Lucinda só ficou deitada de bruços no carrossel, a parte de trás da saia levantada com a força da queda.

De jeito nenhum parecia morte. O sr. Thornton estava ajoelhado, sacudindo-a, implorando, mas ela estava mole. Apagada. Minutos se passaram e o sr. Thornton saiu correndo, em pânico, de volta até a cerca, onde o cachorro cheirava calmamente as moitas, e depois entrou em casa. Os rostos no tronco da árvore faziam cara feia para Cameron conforme a cena girava ao seu redor — caos, meia-noite, cabelo dourado encharcado.

Cameron ficou na sombra, com o diário, enquanto Lucinda continuava deitada, com a cabeça virada de lado, num ângulo grotesco. Pela primeira vez em sua vida, Cameron tinha o que desejou: ele estava invisível.

Milagrosamente, a neve. O modo mais bondoso de luto do céu. Cameron deixou os flocos caírem e ficarem em suas mãos, seu pescoço. Implorou

para que não derretessem.

Quando não conseguia mais sentir a pele, quando a neve tinha deixado uma cobertura em seu corpo inteiro e sua jaqueta estava ensopada, quando sua boca estava cheia de coriza escorrida do nariz, Cameron se atreveu a se mexer novamente. A deixá-la. Não era Lucinda, deitada, de olhos abertos, no carrossel: apenas uma garota num manto branco sangrando.

Enquanto se afastava, ele ouviu um clique, depois a batida de uma porta. O zelador da noite. O único amigo que Cameron tinha no mundo. De seu ângulo, perto da porta, o zelador noturno só veria Lucinda depois que atravessasse o estacionamento, de manhã, ao final de seu turno. Então, Cameron parou em seu ponto habitual da rua — essa noite, ele estava emaranhado, então não assentiu. O zelador deu de ombros, como sempre. Ergueu as palmas para o céu, tipo, *Sim, sim, sei que é cruel*.

Cameron o deixou para a descoberta.



Agora, no penhasco, com Jade aterrorizada olhando o revólver a seu lado, Cameron se lembrava de lampejos do resto daquela noite: o chão do armário do pai, com o diário de Lucinda guardado, molhado e sagrado entre a sua camisa e seu cinto. Ele se lembrou de fazer traços terríveis com o carvão. *O realismo é feito daquilo que você vê*, o sr. O sempre dizia, e Cameron o detestava por isso.

Então, com as pernas penduradas sobre a formação rochosa brutal, Cameron se lembrou da lateral do rosto de Lucinda e odiou as mãos imensas do sr. Thornton, estranhas e inesperadas, por cima dela. Ele estava triste, muito triste, porque Lucinda não estava viva e não o amava. Ela não amava ninguém — mas, principalmente, ela não o amava. Ele não sabia o que mais o deixava arrasado: que Lucinda tivesse partido, ou que ela tivesse partido e o motivo nada tivesse a ver com ele.

Jade



UMA VEZ, MINHA MÃE me disse que tenho um coração de pedra. Nunca me esqueci disso. Sempre imagino meu coração pesado no peito, uma rocha mergulhada no fundo de um lago lamacento.

Cameron ergue o pequeno revólver preto e tenho a ideia imbecil de que meu coração de pedra vai me salvar. Não dá para ferir alguém feito de minerais.

Não faço a menor ideia do que acabou de acontecer. Mas sinto, de forma evidente e elétrica: perigo. Estou em perigo.

A cabeça de Cameron está jogada para trás, como se ele estivesse começando a dar uma gargalhada. Ele remexe o revólver com as mãos no colo, as unhas roídas no cilindro, no gatilho. A arma é pequena, tem menos de dez centímetros, mas parece imensa em suas mãos. O ar tem cheiro de ferro. Urina.

O vento aumenta e meu cabelo revoa em meus ombros. Diante do movimento súbito, Cameron volta a se sentar ereto. Enlaça o dedo no gatilho.

O que você quer? Tento perguntar a mim mesma, porque acho que talvez seja o fim da linha. Quero ver Nova York. Quero escrever algo como lava, como gravidade. Há coisas além da divisa de Broomsville e quero saber que gosto elas têm. Em algum lugar, tem uma pessoa que vai ficar comigo, embaixo das luzes fluorescentes do banheiro e, quando disser *Eu quero você*, será para valer.

Quero ser destemida em relação à morte, mas meu coração não é feito de pedra, ele é feito da mesma coisa que o coração de todo mundo. Quero ser destemida quanto à lembrança.

Pela primeira vez, meu futuro é manifesto, material — pairando apenas alguns palmos de mim, nas mãos de um menino que mal compreende o que possui. Eu poderia estender a mão e tocar.

— O sr. Thornton — diz Cameron. — Eu me lembro. Foi o sr. Thornton.

A primeira vez que vi a bailarina foi na cômoda de Eve Thornton. Ela sempre pareceu deslocada — o objeto é delicado demais para parecer natural em qualquer lugar da casa dos Thornton, que ainda está cheia de caixas fechadas de mudança, de dois anos atrás.

Por um breve período — talvez um mês —, eles mudaram a estatueta para a mesa ao lado do berço de Ollie. Foi por volta dessa época que Eve ficou muito doente: ela passava os dias trancada no quarto, com as cortinas fechadas, deixando a mim ou a Lucinda com a bebê.

Uma vez, durante essas primeiras semanas, o sr. Thornton voltou bêbado para casa. Notei pela forma como ele assoviava baixinho, desafinado, e irritantemente alegre. Eu estava na sala com Ollie quando ele entrou, a gravata desfeita, os três primeiros botões da camisa desabotoados. Ele cantava para si mesmo, na porta, de olhos fechados, os braços dobrados como se segurasse uma garota invisível, dançando uma valsa, enquanto Puddles corria todo ouriçado, em círculos, em volta das pernas dele.

Ollie chorava. Alto. Todos os dias. Eve foi ficando cada vez mais doente, até que ficava sumida a maior parte do tempo, apenas uma porta trancada no fim do corredor, lá em cima.

Alguns dias depois da valsa, a estatueta desapareceu.

Eu não dei importância a isso.

Agora, os sinais dos mortos. Nada de sinais. Apenas o mundo girando, como sempre.

— Cameron — digo, tomando cuidado para manter a voz estável. — Não acho que você seja uma pessoa ruim.

Na mão dele, como uma oferta de paz ou um peixe fresco: a arma. Mais algumas palavras de explicação: *Eu vi*, disse Cameron. *Ele bateu nela e ela ficou imóvel.*

Num movimento exageradamente lento, deslizo a mão sobre a arma. Quando Cameron me olha, parece a rendição: ele não reclama. A arma é mais pesada do que eu esperava, o metal está morno por ficar encostado à pele dele.

— Venha — digo, pensando nas vezes que nem percebi, quando o sr. Thornton pediu que Lucinda ficasse de babá, em vez de mim. — Vamos pra casa.

É como todas aquelas noites com minha mãe. Seus dentes roxos de vinho, o frio da parede atrás de mim, a espera interminável pela chegada de um tabefe. Às vezes vem, às vezes, não — mas, nesses momentos de espera, sempre há o medo. O medo. E faço uma dança bem familiar. Mesmo essa noite. Porém, agora, ajudo Cameron a levantar e não me sinto como sempre, acovardada num canto, esperando um soco ou um tapa, ou um empurrão para acabar com o medo. Não. Eu sou maior. Sou eu quem está amparando.

Meus hematomas se estendem pelas minhas pernas e eu os aperto, nus, no frio.

Dor. Suportável.

Cambaleantes, descemos a montanha derretida. Cameron mal consegue andar: ele cheira a terra molhada e urina. Encharcou sua calça e desceu pela perna. Eu seguro a arma, Cameron se apoia em mim.

Somos um acidente. Estranhos. Ambos falhos, teoricamente. Na verdade, a ironia faz minhas mãos tremerem. Cameron não percebe. Ele está respirando depressa, como um cão ofegante, e seu cabelo está grudado na testa. Seu hálito é ruim, e eu viro o rosto.

É quase engraçado: você acha que tem importância para alguém. Eles são o centro de seu universo, o sol que você orbita. Você daria qualquer coisa por seus detalhes. Você vai chegando mais perto, mais perto, dando pequenos passos. Você pode andar o quanto quiser, mas não terá importância. Você nem está perto deles.

Não somos assassinos. Somos jovens tolos. Vítimas.

Russ

RUSS SE ESPREGUIÇA DO lado de fora do carro. Faz tempo demais que ele está ali, à beira do penhasco, com a testa encostada ao volante, contando os batimentos cardíacos. Suas pernas estão doloridas de tanto ficar sentado — depois de sair, volta a sentir as coxas. Ele enfia a chave no bolso, bate a porta e ergue os braços acima da cabeça. O alongamento dos músculos o faz despertar. O anoitecer está muito frio — ele deveria ter trazido suas luvas, talvez um gorro. Uma picape passa ruidosa e Russ tosse com a fumaça do carburador.

O sol já começou a se pôr. A cor: tangerina nevada.

Russ vai subindo a colina. Ele queria ver a paisagem — o lago, sua serenidade fantasmagórica e as luzes minúsculas de Broomsville atrás dele. Mas faz muito tempo que Russ não subia a montanha e, depois de alguns metros, já está ofegante. Ele gostaria de ter trazido um pouco de água. O ar gélido machuca sua garganta. Ele sente sua respiração acelerada.

Um som. Vozes.

Russ está apenas na metade da subida quando surgem duas silhuetas, lá no alto. Uma delas está mancando e a outra ampara. Um menino e uma menina — jovens. Ei!, chama Russ, mas nenhum dos dois responde.

O menino está com um moletom de capuz. Suas calças estão molhadas na virilha. A menina está segurando um revólver.

Quando vê Russ, a menina acena para que ele se aproxime. Ele segue de encontro a eles, na ladeira, com as mãos erguidas, praticamente em rendição. Não atire. A garota está segurando a arma na lateral, quase um

palmo de distância de seu corpo, com o punho fechado em volta do cilindro, num esforço visível de evitar o gatilho.

Seus rostos ficam mais nítidos: por um segundo, Russ vê Lee. Lee, com aquelas mãos de mulher, o jeito como ele tragava a cerveja no gargalo de uma garrafa e as gotas de suor que escorriam por trás de seu pescoço vermelho queimado. Antes que Russ possa pensar que Lee voltou por ele, o menino se aproxima. Cameron, é óbvio. Uma mancha escura em seu jeans — ele parece estar meio em coma.

A menina entrega o revólver a Russ, que rapidamente o esvazia e põe as balas no bolso. Ninguém fala.

Russ pega Cameron como uma filha que adormeceu no carro. O menino não é pesado, mas está molhado com a própria urina, que vaza pelas mangas do casaco de Russ e por seus braços fortes, conforme eles vão descendo a montanha em passos minúsculos.



Não foi ele, diz a menina. Jade. Ela está com as mãos enlaçadas no colo, conforme eles descem a base da montanha, passando pelo estádio e o posto de gasolina decaído. Ela está com o esmalte descascando, há uma moldura preta ao redor de cada unha. Há uma marca escura atravessando o lado interno de seu punho. Cameron, no banco de trás com a bicicleta de Jade, olha pela janela. Russ pensou em colocar a lona do porta-malas embaixo da calça molhada de Cameron. O rapaz não merecia essa humilhação.

Você me ouviu?, pergunta a garota. Cameron não matou Lucinda. Foi o vizinho dela.

Eu acredito em você, diz Russ.

Conforme eles se aproximam da estação, ele abre seu celular. Os dedos de Russ se lembram do número. Uma antiga coreografia.

Cynthia?, diz quando ela atende. Estou com ele. Ele está bem.

No final, depois de ouvirem toda a história de Cameron, que fala com uma voz trêmula e lágrimas correndo pelo rosto, Cynthia vai até Russ perto do bebedouro.

Russ, diz ela, arrasada pela batalha, sob as luzes fluorescentes. Obrigada por trazê-lo para casa.

Russ dá um passo à frente e a abraça. O cheiro de Cynthia — lavanda e capim-limão. Depois de tantos anos.

Eles ficam assim por alguns minutos, absorvendo a tristeza gêmea mútua, e Russ deseja, com todas as suas forças, ser possível voltar no tempo, até aquele dia na horta, segurar o rosto suado de Cynthia, e ajudá-la a arrancar todas as plantas do chão.

Russ fica até tarde providenciando a papelada, enquanto o detetive Williams lida com o vizinho e o chefe cuida das vans de notícias. Depois de uma rodada de cumprimentos e parabéns, todos os outros foram para casa. Russ está exausto — ele entra na sala de descanso para tomar um copo de café velho.

A sala é exatamente como era há dezessete anos. Russ imagina Lee sentado de frente para ele na mesa dobrável, segurando uma mão de ases e sorrindo, se fingindo de inocente. Lee colocaria as cartas na mesa — eles dois cairiam na gargalhada. Vamos, diria Lee. Revanche. Sei que você pode fazer melhor que isso. Russ sacudiria a cabeça, fingindo estar zangado. Em seu peito, gansos da primavera voando rumo ao norte, para o verão. Voando para casa.

Essa noite, pensar naquilo parece menos com uma facada e mais como uma lembrança. Distante e imutável. Uma reprimenda suspirante. Russ está

junto à cafeteira e agradece os anos entre aquela época e agora, uma estrada com a extensão do país que o separa daquele seu eu tão tolo.

Jade



TUDO ACONTECE POR UM *motivo*, dizia a sra. Arnaud. Zap respondia que aquilo era tolice. *Essa frase não leva ninguém a lugar algum*, comentava ele. É uma falácia lógica. É como acreditar em fada madrinha porque você se sente seguro na própria existência. Dizeres como esse são mantos de segurança, explicava. São pretextos.

Eu discordo, em parte. Não acho que tudo aconteça por um motivo. Algumas coisas sim, é claro. Há um motivo para que Lucinda tenha morrido. Eu não sei qual. Cameron também não. Pensar assim é uma consolação impossível.

Enquanto esperamos pela mãe de Cameron na delegacia, a recepcionista dá a ele uma calça limpa, de uniforme. Ele sai do banheiro confuso demais para se sentir constrangido e se senta ao meu lado num banco frio, na sala de espera.

A tristeza de Cameron é uma coisa palpável, irradiando de sua coluna curvada, das sombras por baixo do capuz de seu moletom largo.

Pego a mão dele e entrelaço nossos dedos. Suor frio. Não falamos. Quando a mãe de Cameron irrompe na sala, descabelada e com o rosto molhado de lágrimas, a mão dele solta a minha e tenho a sensação de acordar de uma longa noite de sono satisfatório. Uma separação que eu

reconheço — pela primeira vez, desde que Lucinda morreu —, um tipo de pesar.

Minha mãe vai me buscar na delegacia.

Estou esperando do lado de fora com minha bicicleta. Ela não diz nada, só coloca minha bicicleta no porta-malas do carro, fazendo uma força física que eu não a via fazer há anos. Ela bate a porta da mala. Espalma a sujeira das mãos. Os carros passam apressados pela delegacia e nós estamos ali no vento, silhuetas irreconhecíveis tentando ignorar a brisa da noite que cai. Minha mãe está sem casaco.

— O policial Fletcher ligou — disse ela. — Você estava com o menino Whitley, não é?

— É.

— Você deveria ter me ligado primeiro. Eu a teria trazido de carro até aqui.

— Não, não teria.

— Não me venha com esse tom.

Estou prestes a mandar ela se foder, quando ela dá um passo à frente. Então, nos abraçamos. Não consigo me lembrar da última vez que eu e minha mãe nos tocamos dessa forma. Ela está com cheiro de cigarro velho e TicTac de laranja. Eu passo os braços em volta dela — as alças plásticas do sutiã estão apertadas em suas costas, fazendo bolos de gordura que dá para encher a mão.

Logo termina. Eu caminho até a lateral do carro e vejo Amy sentada no banco de trás. Ela deixou o banco do passageiro para mim. Quando entro, Amy revira os olhos e tamborila as unhas compridas na maçaneta do lado de dentro. Ela tenta esticar o pescoço para ver dentro da delegacia, sem parecer interessada demais.

— Depois te conto — aviso. Essa noite, vamos nos encolher embaixo do meu edredom e vou contar a história toda. Vou contar sobre Zap, o ritual, o

revólver e o céu ao pôr do sol. Amy vai ouvir, enroscando aquele cabelo ruivo em volta dos dedos. Quando eu tiver terminado, ela vai encostar o peito nas minhas costas e vamos ficar ali deitadas, nossas mágoas diferentes, mas usando roupas que combinam.

Depois que liguei para minha mãe ir me buscar, o policial Fletcher me puxou de lado e disse: *Você deve saber... você foi a heroína dessa história.*

Depois que minha mãe vai deitar, eu saio escondida pela porta dos fundos.

Terry assumiu sua posição habitual no sofá. Eles estão transmitindo as mesmas coisas nos noticiários, repetidamente. *Um dos vizinhos da vítima, ainda não identificado, agora está detido como principal suspeito. Segundo fontes, a vítima mantinha um relacionamento ilícito com um vizinho mais velho.* Eles dão um close no tenente Gonzalez, que tosse na manga de seu uniforme e diz coisas como: *Estamos fazendo tudo que está a nosso alcance para trazer justiça à família Hayes.* Viaturas da polícia se aglomeram na rua, em frente à casa dos Thornton. Os vizinhos de frente para nós se reuniram na entrada da garagem, vestidos de pijamas e curiosos, fofocando perto das caixas de correio, enquanto as luzes vermelhas e azuis piscam em seus rostos.

Saio sorrateiramente do bairro, indo na direção oposta. Primeiro, vou ver Howie.

Seu fedor se dissipa no inverno. No verão, piscinas de urina ficam expostas ao calor e as roupas fermentadas grudam na pele suja dele. Mas em fevereiro não é tão ruim. Howie está amuado junto à sua parede de costume, por cima de um cobertor sarnento. Seu rosto está muito queimado pelo sol, transformado num vermelho brilhoso e rachado. Sua mão direita está estendida com a palma para cima: até em seu sono, ele sabe como pedir ajuda.

— Howie? — digo, não alto o suficiente para acordá-lo. — Sou eu. A Celly.

Eu me agacho, segurando minha parka bem junto ao corpo para me abrigar do vento.

— Tenho que lhe dizer uma coisa — continuo, mas é inútil. Ele não consegue me ouvir. — Meu nome é Jade Dixon-Burns.

Uma fila de formigas atravessa o concreto, marchando, organizadas, uma a uma, de alguma forma, vivas mesmo nesse frio. Eu amasso uma formiga com o polegar dentro da luva de tricô e depois me arrependo, esfregando os restos numa folha de papel amassada.

— Tenho dezessete anos. Não vou me mudar pra Paris. Também não estou apaixonada. É bom que você saiba: realmente não estou apaixonada.

Howie não responde. Só fica ali deitado, inconsciente, preso no torpor do uísque da noite anterior.

Achei que talvez fosse me sentir mais leve, ou uma pessoa melhor. Na realidade, eu sou só eu.

Volto para casa seguindo lentamente por todo o caminho, fazendo o trajeto mais longo, pelo campo atrás da minha casa, que se tornou uma parede da noite. Estou com calça flanelada de moletom e um par de botas térmicas para neve. As luvas têm buracos nos dois polegares. Está terrivelmente frio.

Quando chego ao meio do campo, me sinto muito velha.

Esse lugar parecia muito maior. Infinito, na verdade. Quando Zap e eu vínhamos aqui para observar o céu, era como olhar para a borda do mundo. Agora, dá para ver as luzes tremulantes das casas do outro lado do campo, gente entediante vivendo suas vidas entediantes. Embora eu não saiba descrever essa escuridão, ela certamente não é infinita.

Cameron

DEPOIS DE IR PARA casa e tomar banho, Cameron, já com uma calça limpa de moletom, pensou em como ficou sentado diante dos amigos do pai. O único alívio veio quando Russ Fletcher perguntou: *Cameron, você a observou todas as noites. Como pôde deixar de ver esses sinais? Como não percebeu esse relacionamento?*

A única explicação: Lucinda havia escondido até não poder mais esconder. Ela sabia que Cameron estava ali, contando todas as vezes que respirava na grama. Nesse sentido, ele só encontrou um pequeno consolo. *Você me apavora.* Ela tinha escrito sobre janelas, vidro, e não necessariamente sobre Cameron.

Cameron pensou no último agosto. Lucinda no banheiro da casa dele, passando o perfume de gardênia da mãe dele nos punhos, da risada animal do sr. Thornton ecoando da garagem.

Russ

QUANDO RUSS CHEGA EM casa, depois de um dia tão longo, não espera encontrar Ines. Ela está tricotando na cama, com os olhos inchados e rosados.

A princípio, ele fica zangado. Depois, só cansado. Russ se senta ao lado dela e o colchão afunda.

Você está bem?, pergunta Ines.

Eu também menti pra você, diz Russ.

Quando?

Naquele dia, na Califórnia. Quando lhe disse que nunca tinha amado ninguém.

Ines joga as pernas para fora do edredom e pega um maço de cigarros na mesinha de cabeceira. Russ nunca a viu fumar. Eles se debruçam para fora da janela do quarto e ela acende um cigarro para cada um. Ines está com sua camisa de dormir, Russ está com seu uniforme engomado.

Começou há dezessete anos, diz a ela, e, a partir desse ponto, ele despeja tudo. Conta a Ines todas as coisas sobre as quais nunca falou, dedos mindinhos e como um gesto tão pequeno pode parecer tão explosivo. Quando chegam em Cameron, muitas horas já passaram e ambos estão amuados junto à parede abaixo da janela do quarto.

Ines não fala por um tempo. Russ fica imaginando se ela está com raiva. Se talvez ela sempre tenha estado zangada e ele tenha interpretado mal, como passividade, complacência. Não há como saber. Russ sempre foi

quem portava o distintivo, quem tinha a arma. A única arma dela: o silêncio.

Vamos, diz Ines. Acho que precisamos de um pouco de ar.

Ela o leva para o banheiro. Abra a janela e tira a tela, gesticulando para o maço de cigarros. Russ percebe, patético, que nunca tinha estado em seu próprio telhado.

Eles sentam em cima das telhas. O edredom do quarto os mantém aquecidos. Ines conta a Russ suas histórias: de como chegou aos Estados Unidos. Dirigindo sozinha um Camry usado que venderia para um dos amigos de Ivan, e um policial da fronteira que olhou de modo fulminante e acenou para que ela passasse. Ela conta novamente como Ivan nunca teve uma ficha criminal em seu país, mas que ele não conseguia arranjar um emprego aqui, depois que seu visto de turista havia expirado, e precisava do dinheiro para trabalhar com a igreja. Ivan tinha acabado de começar, quando Russ e seus amigos estouraram a casa da Fulcrum Street.

Ela lhe conta o que fazia durante os dias, esses últimos anos de casada. Ligando para casa pelo Skype, planejando uma viagem de volta, discutindo com Ivan e fazendo petições pela cidadania dele, esse homem que tanto amava o país que o encarcerara, que tinha ideias brilhantes de como consertá-lo. Ela ficaria pela igreja, prometera a Ivan. Eles estavam ajudando as pessoas. Estavam tentando arranjar o dinheiro para um espaço melhor, e já tinham doações dos pais de crianças para quem ela lecionava. Uma nova igreja já estava sendo construída, onde antes funcionava o Rite Aid, e Ines vinha fazendo campanha para que o espaço fosse compartilhado com os proprietários. Ines já tinha dito a Marco tudo isso — e ele ouvira. Ouvira, perguntara mais coisas, ouvira, tivera empatia, ouvira, e a conhecera.

Você me odeia?, perguntou Russ.

Um pouquinho. Mas talvez você também deva me odiar.

Imagino que sim.

Vou embora. Entendeu?

Eu sei.

Você achou mesmo que Ivan estava envolvido nisso? Achou mesmo que ele poderia ter matado Lucinda?

Acho que não.

Eu gosto de pensar que você nunca achou. Você fez dele um monstro.
Provavelmente.

Eles fumam um maço inteiro de cigarros, conforme o sol se ergue das planícies, banhando tudo em dourado. Do telhado, Russ consegue enxergar tudo, até o contorno sem saída, onde os loteamentos residenciais se transformam em campos abertos. Embora ele saiba que Ines vai embora, e que isso vai magoá-lo, ele pega a mãozinha dela e a pousa em seu abdômen, por baixo de sua camisa, que fede ao cheiro do dia. Ela não reclama. A tranquilidade da mão dela — a suavidade — bem no lugar onde um segredo podre ficava sepultado.



Russ acorda às três da tarde. Faz tempo que Ines partiu — ela não foi dormir com ele.

Quando desce para tomar café, ele a encontra por toda parte. Lã: uma trilha de Ines. Lá em cima, pelo hall da frente, uma montanha emaranhada cobrindo a mesa de jantar, como musgo. Ines, em cores como fúcsia e mostarda e verde-floresta. Russ passa em cada cômodo, abrindo todas as persianas da casa, para ver melhor.

Anos de tricô cuidadoso desfeitos e sem forma, um último ato de rebeldia. Ela desfez tudo, o armário inteiro de suéteres tricotados à mão, cobertas, gorros, meias. Pelo menos, nesse sentido, Russ conhece a esposa — esse é seu perdão e sua vingança.

SEMANAS DEPOIS

Jade



VEJO ZAP NO REFEITÓRIO.

Ele quase me atropela quando estou levando meu saquinho com o lanche rumo à porta do pátio. Ele murmura *desculpe*, envergonhado. Respondo *tudo bem*. Zap não está de óculos. Ele fica quase cego sem eles — agora deve estar usando lente de contato. Seu rosto fica bem menor sem óculos. Nu. Ele está vestindo uma camisa do time de futebol com seu nome em letras maiúsculas de um ombro ao outro.



O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO - REFEITÓRIO

CELLY

Eu lamento. Pelo que aconteceu.

(passa um segundo.)

Depois do funeral.

MENINO

Tudo bem.

CELLY

Só me diga uma coisa: você algum dia me conheceu?

MENINO

É óbvio. Claro que conheci.

CELLY

Então, como chegamos a esse ponto?

Menino passa a mão pelo cabelo. Pensa.

MENINO

Nós crescemos e nos transformamos em coisas diferentes.

Celly abaixa a cabeça. Aceitação. Menino dá um pequeno aceno e vai embora.

— Espere — digo, porque Zap já está indo embora apressado. — Desculpe — continuo, para as costas dele. — Pelo que aconteceu depois do funeral. Na sua casa.

— Tudo bem — responde por sobre o ombro. — Eles pegaram o verdadeiro culpado.

— Eu sei.

Nós dois assentimos, duas pessoas presas a lugares distintos, ao mesmo tempo.

— Eu te vejo por aí — diz.

Ele ergue o queixo para mim da maneira como os garotos fazem quando estão tentando parecer informais. Isso me faz rir, mas ele não vê porque já foi embora, absorvido num grupo de garotos esportistas que estão perto das janelas.

Há um milhão de tipos de amor no mundo. Eu penso naquela noite, no banheiro, de como o polegar de Zap deslizou pelos meus hematomas. Como se classifica esse tipo de amor? Jovem, passageiro? Continuo tentando destilar a diferença entre amizade e amor — no empenho de descobrir como você pode perder os dois, de uma só vez —, mas talvez isso não importe.

Foi amor. Estava ali. Era o suficiente.

Deixo meu saquinho de papel no parapeito, perto do pátio, e passo pelos grupinhos da hora do almoço, em direção à ala musical.

A sala de ensaio cheira a cobre e linóleo. Se você gritar ali, faz eco. As baterias perfilam a parede, o piano está com as teclas expostas no centro da sala.

O trombone de Zap está junto com todos os outros estojos de trombones. Uma etiqueta perto do sino, está escrito “ARNAUD”.

A concha, no meu bolso, tem as bordas chanfradas.

Eu a pego e a seguro sob a luz. Ela é perolada e transparente. Fóssil. Eu deixo a concha no nicho onde Zap guarda suas partituras. A concha fica pousada numa folha surrada, parecendo tão insignificante. Distante da costa.

Ao deixar a porta bater atrás de mim, tento me perguntar como me sinto. Isso é tolice, eu sei. Os sentimentos não deveriam ter nomes. Eu estou cansada de me incomodar com eles.

Eu me sinto mais para desengaiolada.



— Ela nos deixou uma coisa — avisa tia Nellie ao me ver entrando no Hilton Ranch.

— Quem?

— Nossa amante de terça-feira. Melissa encontrou isso no quarto 304. Achamos que você talvez soubesse o que significa.

Tia Nellie me entrega um pedaço dobrado de papel e, antes que eu abra, ela diz — Alguém vomitou no 101. É melhor você se apressar.

Eu espero até estar no elevador. O bilhete não é maior que a palma da minha mão, apenas o canto de uma folha de caderno. Nele, Querida rabiscou em lápis.

*yo me perdí de noche sin luz bajo tus párpados
y cuando me envolvió la claridad
nacé de nuevo, dueño de mi propia tiniebla.*

— Neruda

O Google traduziu para mim:

*Eu me perdi numa noite sem luz, sob as suas pálpebras
E conforme a lucidez me envolveu,
Eu nasci de novo, mestre de minha própria escuridão.*

— Neruda

Cameron abre a porta vestindo um moletom da Jefferson High que bate dois centímetros acima de seus tornozelos e uma camisa cinza manchada no pescoço. Ele está com a aparência que eu esperava. Esquelético. Olhos disparando em todas as direções.

— Venha — digo, do degrau da frente. — Quero lhe mostrar uma coisa.

— Agora?

— Agora.

Ele veste a mesma jaqueta que usava no penhasco, embora agora esteja mais quente lá fora, e o velcro que cobre o zíper está com uma porção de bolinhas grudadas. Sua mãe está atrás dele, com um suéter largo, de braços cruzados. Ela parece alguém que está sempre com frio.

— Jade — diz ela. — É bom vê-la de novo.

— Olá, sra. Whitley.

— Tenho algo para você. Espere um instante.

Cameron e eu nos sentamos, os dois sem jeito, enquanto ele amarra os cadarços. Eu só vim aqui uma vez, depois que a verdade veio à tona e, nesse dia, nos sentamos no sofá e assistimos a seis episódios de *Três é demais*, até que eu disse *Está ficando tarde, é melhor eu ir*. Cameron me olhou com seus olhos arregalados e estranhos e disse *Volte logo, está bem?*

Quando a mãe de Cameron volta, ela coloca um panfleto roxo na minha mão.

— Dê uma olhada nisso — diz. — É só uma ideia. É um programa de verão que fiz quando estudava balé, por volta da sua idade. Cameron me contou que você quer ser escritora e ouvi dizer que o programa deles é bom. Eles custeiam as bolsas, quando é necessário.

O folheto é para um programa de arte na Universidade de Nova York. *Um verão de artes e diversidade no coração da cidade de Nova York*. Somente as palavras já me dão um negócio na garganta, então eu dobro o folheto e enfio no bolso da minha jaqueta, para que ela não veja como isso me tocou.

— Obrigada — respondo.

— Quando vocês vão voltar? — pergunta.

— Uma hora. Duas, no máximo.

Estou com o carro da minha mãe. Assim que entramos, ligo o rádio no volume máximo. Eu queria que os Crucibles estivessem tocando, mas não estão — é só uma música pop que não reconheço. Cameron encosta a testa na janela e seguimos para a estrada. Os faróis passam velozes como cometas.

Manobro para entrar no estacionamento do Hilton Ranch e tiro minha chave de acesso do bolso do casaco do exército que estou usando. Cameron vem atrás, arrastando os pés. Então passamos pela porta giratória e entramos no elevador.

Quando a gente chega ao quarto, Cameron olha para trás, furtivo.

Sei que esse quarto vai estar limpo porque eu mesma limpei e, desde então, ninguém reservou. Chequei as reservas três vezes. Os sacos plásticos estão amarrados em volta das lixeiras, a cama está feita, caprichosamente presa nos cantos. As fronhas foram afofadas. Até passei Vidrex nos espelhos e dobrei uma toalha em formato de elefante no pé da cama kingsize.

— Sinta o cheiro — comento quando Cameron entra, me seguindo.

— O cheiro?

— De limpo, não é?

— Muito limpo.

Eu me sento na beirada da cama e dou um tapinha no edredom florido.

— Senta.

Ele obedece. Suas botas de neve são grossas e emborrachadas, destacando-se na estampa xadrez do carpete.

Esse é o negócio com quartos de hotel. Eles equilibram o mundo. Todos são iguais e, ali dentro, você pode se tornar quem quiser. Todo mundo dorme nos mesmos lençóis ásperos, todos ficam embaixo dos mesmos chuveiros com pouca pressurização, todos secam as pernas com as mesmas toalhas engomadas. Não importa quem você seja. Num hotel, você se torna ninguém e todos, ao mesmo tempo.

Cameron se deita, esticado, e eu também. O abajur de luz esverdeada na mesinha de cabeceira é a única luz do quarto. Juntos, observamos o teto branco amorfo como se fôssemos observadores de estrelas deslumbrados, encontrando constelações nas rachaduras assimétricas, nacos de gesso empelotado. Ficamos assim, deitados, até passar uma hora e 45 minutos que saímos da casa dele.

— É melhor nós irmos — digo.

— É.

E eu o levo de carro para casa.

O QUE VOCÊ QUER DIZER, MAS NÃO CONSEGUE SEM SER ESCROTA

Roteiro de Jade Dixon-Burns

QUARTO DE HOTEL - NOITE

CELLY e AMIGO se sentam na cama recém-arrumada. As fronhas estão afofadas. Uma toalha está dobrada em forma de elefante, ao pé da cama kingsize.

CELLY

Eu tenho uma pergunta.

AMIGO

Sim?

CELLY

Você está zangado com ela? Com a Lucinda?

AMIGO

Não. Zangado, não.

Amigo a observa por um momento. Ela hesita sob seu olhar.

CELLY

Todo mundo tem muito mais acontecendo por dentro do que você jamais saberá. Você não poderia ter notado isso, por mais que se esforçasse.

AMIGO

Então, parece meio sem sentido, não é?

CELLY

Talvez esse seja o sentido.

AMIGO

Você acha?

Ela olha para ele, resoluta.

CELLY

Todos estão correndo de um lado para o outro, tentando entender a si mesmos e aos outros. Mas há momentos como esse. Momentos quando nossas pequenas bolhas humanas colidem. Nossas fronteiras se esbarram. Nós criamos fricção.

AMIGO

E depois?

CELLY

Nós nos distanciamos de novo. Sempre sentiremos a forma das pessoas que tocamos. Mas, ainda assim, nos distanciamos.

AMIGO

Isso é triste.

CELLY

Não é triste. É simplesmente a vida. É como as coisas são, às vezes.

Russ

RUSS ENTRA NA DELEGACIA de jeans e camisa do time de futebol que ele abandonou, sete anos atrás.

Ele segue marchando até o escritório dos fundos, onde uma placa dourada na porta diz “tenente Gonzalez”. Ele não bate. O tenente está debruçado sobre uma pilha de papéis — pego de surpresa, ele parece dez anos mais velho. As bolsas sob seus olhos estão num tom azul arroxeadado. Russ conclui que não odeia o tenente. Só tem pena dele.

Fletcher, diz o tenente. Não lhe dei a semana de folga?

Estou indo embora.

Ele coloca um saco de mercado na beirada da mesa do tenente. Uma pilha de papéis desliza conforme o tenente puxa os pertences de Russ: calça, cinto, jaqueta. Seu distintivo. RUSSELL FLETCHER. Sua arma, as balas embaladas, separadamente, num saco Ziplock. O tenente põe as coisas de Russ em cima da mesa, depois sacode a cabeça.

Tem certeza de que quer fazer isso?

No canto da boca, uma ligeira menção de um sorriso esperto.

Acho que sim, responde Russ.

Sabe, você tem potencial, Fletcher. Mesmo depois de toda aquela lambança com Lee Whitley.

Obrigado, diz Russ, depois mente. Foi um prazer.

Depois, Russ segue de carro montanha adentro. As estradas vão se estreitando perto da área florestal. São precárias. Serpenteiam pelos penhascos — penhascos de verdade, no coração das Montanhas Rochosas. Nada de platôs.

Russ abre as janelas, embora seja fevereiro. As árvores estão nuas, exceto os pinheiros. Suas agulhas se mantêm eretas depois de soltarem aquela camada fina de neve enganadora. Russ liga o rádio. “Eye of the Tiger”.

Ele começa a cantar junto, primeiro baixinho, depois mais alto, mais alto, até começar a gritar — ele está berrando — “and the last known survivor stalks his prey in the night”. O sol radiante é um simples acalento em sua pele.

Quando a canção termina, Russ encosta no acostamento da estrada sinuosa da montanha. Desce do carro e respira profundamente o ar alpino. Olha para baixo, para suas mãos, que estão vermelhas e dormentes de frio, mas são suas mãos.

Ao final da Fulcrum Street, Ivan está sentado na varanda da frente. Está lendo um livro, uma garrafa de Coca-Cola no canto do braço. Russ encosta com seu carro novo, um Subaru sem sirenes ou luzes.

Achei que você acabaria aparecendo, diz Ivan.

Russ se aproxima e Ivan gesticula para que ele suba os degraus. Russ se senta, sem jeito, numa cadeira de vime que range com seu peso. A almofada florida está puindo.

Eu me demiti, conta a Ivan.

Sim. Ines me disse que você estava pensando nisso. Bom pra você.

Fico pensando no que você falou. Há muito tempo, se lembra? Você estava certo. Eu me sentia um fantoche.

Às vezes, você precisa fazer algo novo.

Já encontrei uma opção. Lecionar segurança com armas, num curso de seis semanas. Com esse trabalho, precisarei viajar por todo o estado.

Isso parece ótimo pra você, diz Ivan — e parece sincero.

Eles ficam sentados. Uma despedida meditativa.

Vim lhe pedir desculpas, conta Russ. Vim pedir desculpas por tudo.

Eu agradeço.

Quando Russ entra de novo em seu carro, lhe ocorre que, apesar de todo esse calvário — Ines e Marco, Lucinda Hayes, Lee Whitley voltando dos mortos — e de toda a religião desajeitada e sua compreensão assustadora e tranquila do próprio ser, Ivan era o único que dizia a verdade.

Mesmo depois de recolher toda a lã, Russ ainda encontra vestígios de Ines por toda parte. Longos fios de cabelo preto na bancada do banheiro. Uma camisa velha caída atrás de uma prateleira, coberta de poeira. Um único pé de meia na gaveta. Pedacos de unha cortada perto do cesto de lixo do quarto — frágeis fatias que pareciam luas.

Russ corre. Ele arranca pelas ruas improdutivas de Broomsville. Nas semanas depois da partida de Ines, ele comprou uma geladeira nova. Leu um romance inteiro. Inscreveu-se para o cargo de instrutor de segurança com armas.

Agora, tudo que ele pode fazer é forçar — mover seu corpo, suar tudo, continuar seguindo em frente. Por ora, foca nos próprios membros e nas maneiras milagrosas como eles o servem. A liberdade do céu aberto do Colorado.

Uma violeta no crepúsculo. Sem limites.

Quando Cynthia abre a porta, ela instintivamente dá um passo atrás.

Russ, diz, se recompondo. Entre.

Agora a casa parece diferente — tem as cores e aromas de Cynthia. Nenhum resquício de Lee. Desde que o ex-marido foi embora, Cynthia mudou a sala. O sofá está na parede oposta, com estofamento novo. Ela gastou um bom dinheiro num novo piso de tábuas corridas.

Chá?, oferece ela. E põe a água para ferver antes que Russ possa responder.

Ele lhe diz que a casa está ótima e Cynthia agradece. Eles ficam ali, perto da mesa da cozinha. Russ pega um porta-retrato do parapeito da janela. Nele, Cameron está magrelo — tem dez anos, talvez onze. Está na frente do Museu de Arte de Denver com os braços erguidos, triunfante.

Bela foto, não?, comenta Cynthia. Essa foi a primeira viagem do Cameron. Ele sempre adorou aquela pintura, perto da janela, e eles abriram uma exposição de Van Gogh. Cameron passou horas olhando.

Ela põe o chá na frente de Russ e o convida: sente-se. Ele queima um pedaço da língua com o líquido quente.

Eu trouxe uma coisa, avisa Russ.

Do bolso do moletom, ele tira o velho baralho de Lee. As cartas estão gastas, amareladas.

Isso é...?, a voz de Cynthia vai sumindo.

Pensei em ensinar Cameron a jogar gin rummy.

Por um breve momento, Cynthia fecha os olhos bem apertados. Ela inclina a cabeça para a luz. Russ observa, enquanto ela se levanta, trêmula, e grita na direção do corredor, chamando seu menino.

Cameron

CAMERON ESTAVA SENTADO NO escritório do sr. O, tentando fazer com que a haste da maçã parecesse tridimensional.

— Está ficando bom — comenta o sr. O. — Você está chegando lá.

Depois deu dois tapinhas no ombro de Cameron e foi checar o restante da turma.

O menino desenhava uma maçã numa tigela. *Por que você não experimenta natureza morta?*, sugerira o sr. O quando Cameron voltou à escola. O professor vinha passando a maioria das noites na casa de Cameron, no quarto da mãe. Embora isso tivesse sido estranho e constrangedor no começo, ele se sentia melhor com o sr. O no fim do corredor à noite. Mais seguro. Russ Fletcher também vinha, em algumas noites, e, quando a mãe estava em outro cômodo, lhe contava histórias sobre o pai, histórias que faziam com que o pai fosse alguém que Cameron poderia sentir falta sem problemas.

Cameron tinha passado duas semanas em casa com a mãe, indo meia hora de carro, todos os dias, para ver uma psiquiatra — uma mulher legal chamada Maura, com cabelo ruivo encaracolado e óculos de armação de tartaruga. Ela lhe fazia perguntas do tipo *Como você se sente logo que acorda, de manhã?* — o tipo de pergunta que ele sempre quis fazer a alguém, mas nunca soubera como. A planta no vaso atrás da cabeça dela apontava para o alto, parecendo o cabelo de um alienígena.

Ronnie tinha medo de Cameron, mas tudo bem. Cameron não sentia falta dele. Todos na escola o olhavam meio esquisito quando ele passava pelo

corredor, embora o detetive Williams tivesse encontrado a coleira ensanguentada numa bolsa de ginástica que o sr. Thornton tinha jogado numa lixeira em seu escritório, em Denver, junto com o celular de Lucinda. A sra. Thornton estava de volta no hospital. A bebê Ollie estava com os avós, em Longmont. Algumas pessoas diziam que Cameron tinha pegado um assassino, algumas ainda juravam que o sr. O tinha cometido o crime, embora ele nunca tenha sido acusado e o distrito escolar estivesse ameaçando processar o departamento de polícia em nome dele.

A cada dia que passava, Cameron ouvia menos o nome de Lucinda.

Agora, ele desenhava a maçã numa tigela. Era legal, pensava ele, poder ver o que você estava desenhando. Embora ela não respirasse, a maçã era difícil de reproduzir. Com contornos próprios, pedacinhos de sobe e desce, de maneiras adoráveis. Ele achava revigorante desenhar algo que de fato estivesse à sua frente. Algo com peso.



Coisas que Cameron não se atrevia a voltar a tocar:

1. Os desenhos de Lucinda. O sr. O os levava para casa, para mantê-los num lugar seguro, onde não deixassem ninguém emaranhado.
2. A sua Coleção de Noites de Estátua: ele guardou essa coleção numa parte de sua cabeça que só visitava quando era seguro. Quando estava na cama, sozinho, com seus pensamentos. Só para prevenir, em caso de sonambulismo, a mãe colocara uma trava de segurança infantil na gaveta que guardava as facas, na cozinha.
3. O revólver calibre .22. Os policiais o haviam confiscado, a pedido da mãe.
4. A Árvore. Cameron decidiu se esquecer daquele lugar onde adorava ir, embora a terra e os gravetos tivessem formado uma estampa e essa estampa estivesse gravada em seu cérebro.

Ele torcia para que chovesse.

Cameron sentia falta de seu amigo, o zelador da noite. Ele pôs fim nas suas voltas noturnas e, ao deitar na cama, com a janela fechada e trancada, sempre pensava no homem de macacão. Se pudesse voltar à Elm Street, iria direto ao zelador. Cameron não perguntaria por que o homem nunca mencionou que o viu na noite de 15 de fevereiro do outro lado da rua. Para isso que são os amigos e Cameron via um verdadeiro amigo no zelador noturno.

À noite, ele imaginava contar ao zelador uma pequena lição de cada dia. Hoje: desemaranhar nem sempre era a resposta. Seu interior é um labirinto e não fazia sentido tentar destrinchar tudo. O emaranhado era um modo natural de ser, e tudo o que você podia fazer era tentar entender esse nó interno — como ele havia se formado e onde era mais frouxo, aqueles centímetros mais folgados, onde você podia encontrar algum alívio.

Era começo de março, com raros 26°C. O Colorado era assim, mudava rapidamente de temperatura do inverno para o verão, sem que você mal conseguisse recuperar o fôlego. A mãe estava tirando as ervas daninhas da horta, com as mãos nos quadris e luvas de couro surradas. No segundo andar, o sr. O estava pintando no estúdio que montara no sótão, para ele e Cameron compartilharem.

— Podemos fazer uma viagem? — perguntou Cameron, à mesa do pátio.
— Pra onde você quer ir?
— Algum lugar que não seja tão seco.
— Nós iremos à praia — disse a mãe, olhando para ele por baixo do chapéu de palha. Cameron pensou no sal, em como ele esteriliza uma ferida aberta.

Todos os dias, Cameron e a mãe se sentavam para conversar, conforme a psiquiatra havia recomendado. Alguns dias, tinham muito a dizer; em outros, simplesmente existiam juntos.

Como você se sente logo que acorda, pela manhã?

Às vezes, Cameron pensava em Lucinda. Quando o sol se derramava em cima de seu edredom, com raios angulares, quando ele ainda estava meio sonolento: Lucinda estaria sentada no chão do quarto dela, com o diário roxo aberto em seu colo. Balançando e tamborilando a caneta, dançando no ritmo de uma música que só ela podia ouvir. Cameron se sentia bem ao se lembrar dela assim — perdida na melodia, aumentando como um corpo de água transbordante. Algum dia, Cameron faria dezesseis anos, dezessete, dezoito, e Lucinda ainda estaria ali, presa atrás do vidro de sua janela. Luminosa, aos quinze anos, movendo-se como um galho ao vento do verão.

Até que Cameron terminasse de escovar os dentes, Lucinda teria sumido.

Uma coleção de lembranças.

Uma imaginação terna e sonolenta, sorrindo, mesmo que seu rosto se transformasse no reflexo do próprio Cameron no vidro da janela. Como se dissesse: *sim, é óbvio... um dia, você me conheceu.*

Agradecimientos

ESTE LIVRO NÃO EXISTIRIA sem meus pais, Arielle e David Kukafka. Mãe, obrigada por sua sabedoria e otimismo, sua certeza sobre meu caminho. Pai, obrigada por sua orientação, seu bom senso e seu orgulho desenfreado. Obrigada a vocês dois, por seus investimentos na minha educação, pelos sacrifícios e apoio absoluto. Eu amo vocês.

Agradeço a Dana Murphy, por ser a agente dos sonhos, uma fada madrinha, confidente, orientadora de vida e uma incrível amiga. Sua paixão por este livro pulsa ferozmente no que ele é. E às adoráveis moças do The Book Group — Brettne Bloom, Elisabeth Weed, Julie Barer, Faye Bender —, obrigada por nos ajudar a crescer.

Imensa gratidão a Marysue Rucci, por sua incrível perspicácia, entusiasmo sem igual e profundo entendimento desta história, no formato e no coração. Alguns dias, eu me belisco de tanta sorte por ter você. Obrigada a Zack Knoll pelas edições atenciosas e astutas, e pelo trabalho incansável nos bastidores. Obrigada aos editores e copidesques, Jonathan Evan e Molly Lindley Pisani, e a todos na Simon & Schuster — Jonathan Karp, Cary Goldstein, Richard Rhorer, Ebony LaDelle, Sarah Reidy —, por acreditarem no meu trabalho.

Agradeço a Sarah McGrath, minha mentora generosa e imperturbável, por me ensinar a ler de verdade (e, em contrapartida, a escrever de verdade). A Barbara Jones, por ser a primeira pessoa a me dizer que eu estava “entrando pro jogo”, e Stuart Krichevsky, por me empurrar em minha bicicleta

metafórica de gente grande. Obrigada a minha família de Riverhead, por me animar a seguir em frente — às vezes, até fisicamente.

Agradeço a *Gallatin Review*, da NYU, por publicar trechos deste livro no conto “Zap”. Créditos e agradecimentos a Kevin Oliver pela tradução do poema de Pablo Neruda, “Soneto LVII”.

Obrigada, é claro, a meus irmãos — Laurel e Joshua Kukafka, Talia e Zachary Zalesne. Agradeço a Avi Rocklin e Jim Wright; Shannon Duffy, Pete Weiland e Maddy Weiland; Lisa Kaye e Aiden Kaye.

A alguns amigos maravilhosos: Steph Bow, Chris DiNardo, Ellen Kobori, Kaitlyn Lundebly (fã número 1!), Emily McDermott, Lauren Milburn, Tae Naqvi, Alissa Newman e Raka Sen.

Um agradecimento especial a Hannah Neff, por crescer comigo, por tantos anos, de tantas maneiras. Obrigada a Tory Kamen, por entender.

E, obrigada a Liam Weiland, por ser exatamente a pessoa que você é. As palavras mais ternas que eu escrevo sempre são para você.

Por fim, a cada leitor deste livro — obrigada. Vocês me deixam profundamente orgulhosa.



© ELLIOT ROSS

DANYA KUKAFKA cresceu no Colorado e se mudou para Nova York, onde seu amor pela leitura e pela escrita a levaram ao mercado editorial. Depois de estagiar em diversas agências literárias, ela trabalhou como assistente editorial na Riverhead Books para autores como Brit Bennett, Paula Hawkins e Emma Straub.

A garota na neve, seu primeiro livro, foi traduzido para mais de doze idiomas. Ela trabalha na agência literária Aevitas Creative Management.



Quando
Nietzsche
chorou

IRVIN D.
YALOM



Quando Nietzsche chorou

Yalom, Irvin D.

9788595085008

376 páginas

[Compre agora e leia](#)

Josef Breuer, um dos pais da psicanálise, está prestes a se deparar com um grande desafio: tratar do filósofo Friedrich Nietzsche, atormentado por uma crise existencial e por uma depressão suicida. Mentor de Freud, Breuer, entretanto, vive também um momento de angústia, obcecado pelas fantasias sexuais com Anna O., jovem de quem tratou com seu novo método terapêutico. O encontro destes dois homens extraordinários resulta numa profunda amizade, criada pela imaginação poderosa de Irvin D. Yalom, conhecido psiquiatra e escritor renomado. Tomando como pano de fundo a Viena do final do século XIX, ele constrói um romance apaixonante, em que realidade e ficção se misturam, assim como literatura, filosofia e psicanálise. Poucas vezes se viu na história da literatura uma obra que traçasse paralelo tão fantástico entre ficção e realidade como esta de Irvin D. Yalom. Nela o leitor é convidado a participar de uma série de encontros que não aconteceram na vida real, mas que expõem visões filosóficas, discussões sobre a psicanálise e as dores da alma. Os personagens são irresistíveis: o doutor Josef Breuer, o filósofo Friedrich Nietzsche e o jovem médico Sigmund Freud. No final do século XIX, Josef Breuer está envolvido numa atmosfera de glórias, após curar uma paciente por meio de seu novo método de tratamento, a "terapia através da conversa". O que deveria ser o auge de sua carreira se revela um grande tormento – ele tem obsessivas

fantasias sexuais com Anna O., uma paciente recém-curada, e, por isso, sofre de insônia e pesadelos. De férias em Veneza, Breuer encontra a jovem russa Lou Salomé, que lhe pede um favor: tratar da depressão suicida de seu amigo Friedrich Nietzsche. O filósofo alemão já tentou tratamento com dezenas de médicos em toda a Europa e quase sempre o orgulho e a natureza de seu sofrimento se configuraram em obstáculos intransponíveis.

[Compre agora e leia](#)

**NELSON
RODRIGUES**

ESCRAVAS
DO AMOR



SOB O PSEUDÔNIMO DE
**SUZANA
FLAG**

Escravas do Amor

Rodrigues, Nelson

9786555112535

528 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escravas do amor é o segundo romance-folhetim de Nelson Rodrigues, publicado, como o primeiro — *Meu destino é pecar* —, em 1944, sob o pseudônimo de Suzana Flag.

Crimes, mistérios, personagens pouco confiáveis e intensas tramas de amor formam esta história, que, criada com o objetivo de aumentar a venda de exemplares de *O Jornal*, onde era publicada, e primando por despertar nos leitores a curiosidade pelo próximo capítulo, não abandona o olhar social crítico que marca as obras que Nelson assinou com o próprio nome.

Se a trama principal traz paixões arrebatadoras, acontecimentos estranhos e planos diabólicos que buscam vingança por um amor perdido, encontramos em seus personagens a representação de uma classe social para a qual nada no mundo é tão importante quanto a própria aparência, a própria reputação. Esta edição conta com texto de apoio da atriz e roteirista Dadá Coelho.

[Compre agora e leia](#)

THIAGO NIGRO

CRIADOR DO CANAL O PRIMO RICO

DO MIL AO
MILHÃO

SEM CORTAR O CAFEZINHO

GASTAR BEM | INVESTIR MELHOR | GANHAR MAIS

 Harper
Collins

Do mil ao milhão

Nigro, Thiago

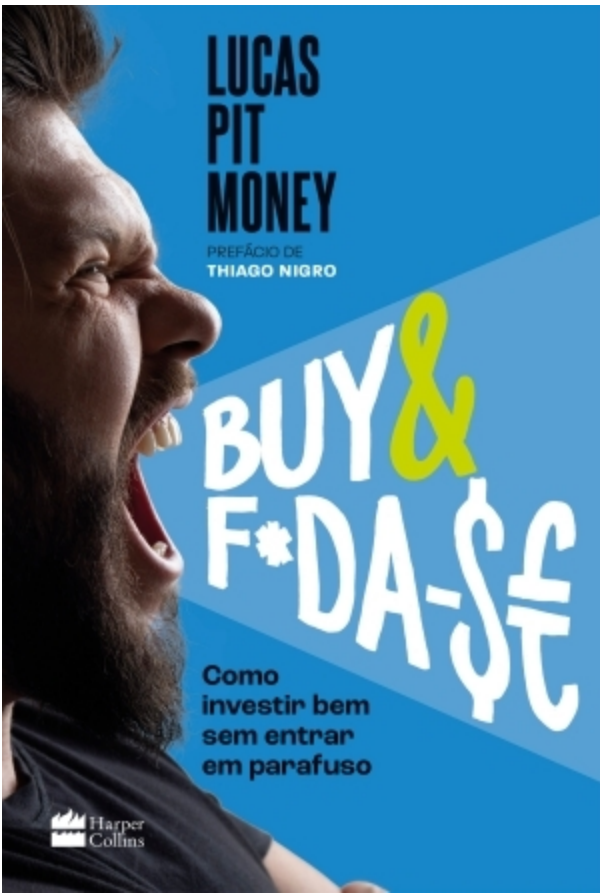
9788595084421

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em seu primeiro livro, Thiago Nigro, criador da plataforma *O Primo Rico*, ensina aos leitores os três pilares para atingir a independência financeira: gastar bem, investir melhor e ganhar mais. Por meio de dados e de sua própria experiência como investidor e assessor, Nigro mostra que a riqueza é possível para todos – basta estar disposto a aprender e se dedicar.

[Compre agora e leia](#)



Buy & f*da-\$e

Money, Lucas Pit

9786555112580

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tá todo mundo careca de saber que dá pra ganhar muito dinheiro investindo em renda variável. Mas também que dá pra perder tudo...

Então, o que faz alguém que não quer arriscar demais? Fica só no Tesouro Direto? Sem essa!

A resposta está no método de investimento dos maiores bilionários do mundo, como Warren Buffett: Buy and Hold, que Lucas Pit Money, o economista mais irreverente do YouTube, chama de Buy & F*da-\$€. Nele, você compra ações e deixa elas lá, quietinhas, sem pirlar a cabeça quando o mercado dá suas osciladas.

Mas também não é só sair comprando tudo e nunca mais olhar pra carteira. Existe um jeito certo de fazer isso. É o que o mestre Pit ensina aqui, com um passo a passo completaço pra investir com tranquilidade e garantir uma independência financeira da hora.

[Compre agora e leia](#)



Cordialmente Cruel

Johnson, Maureen

9788595085978

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Instituto Ellingham é um famoso colégio privado em Vermont. Fundado por Albert Ellingham, um magnata do início do século XX, é um local maravilhoso, repleto de charadas, caminhos mirabolantes e jardins. "Um lugar", nas palavras de seu criador, "onde aprender é um jogo."

Porém, em 1936, logo após a abertura da escola, a esposa e a filha de Ellingham são sequestradas. A única pista digna de ser seguida é uma debochada carta listando métodos para cometer um assassinato, assinada com o pseudônimo "Cordialmente, Cruel". A polícia não consegue resolver o crime, que se torna um dos grandes enigmas da história dos Estados Unidos. Algo como aquilo jamais poderia acontecer novamente, é claro.

Anos depois, Stevie Bell, aluna e detetive amadora, está pronta para começar seu primeiro ano no Instituto Ellingham, e tem um plano ambicioso: solucionar esse antigo caso. Isto é, depois de lidar com sua exigente vida escolar, seus deveres de casa e seus excêntricos colegas de classe. Mas algo estranho acontece. Cordialmente Cruel faz um retorno surpresa e a morte revisita a escola. O passado ressurge das cinzas. Alguém que se safou de um assassinato ainda está vivo. Será que Stevie e seus amigos vão conseguir desvendar a identidade do dono da assinatura?

Primeiro livro de uma trilogia, Cordialmente Cruel mostra todo o talento e o amor que a escritora Maureen Johnson tem pela literatura policial, mas sem

esquecer do seu público fiel, o que torna este livro uma obra rara, que mistura dois gêneros de maneira inesquecível.

[Compre agora e leia](#)